



A VERDADEIRA COMPANHHEIRA DO ALFA

JAYMIN SNOW

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A VERDADEIRA COMPANHHEIRA DO ALFA

JAYMIN SNOW

A Verdadeira Companheira do Alfa

Companheira Rejeitada · Bebê Secreto · Inimigos a
Amantes Romance de Lobisomem Paranormal

(Série Laços Eternos)

Jaymin Snow

Copyright © 2024 by Jaymin Snow

All rights reserved.

No portion of this book may be reproduced in any form without written permission from the publisher or author, except as permitted by U.S. copyright law.

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 1

Aisha

“Aqui está, Ricky.” Deslizo o copo frio de chope para o homem de cabelos escuros sentado no final do bar. Ele o pega com agilidade antes de levantá-lo e virar metade do copo.

Não fico mais impressionada com a capacidade de Ricky de ingerir qualquer bebida alcoólica na velocidade da luz. Ele é frequentador assíduo do bar Silver Brawl há seis meses. O homem quase não conversa, mas se você mencionar sua ex-mulher, ele vai te encher o saco por horas. Eu ainda era novata quando comecei aqui, e meu primeiro erro foi perguntar se ele estava bem.

Ele matraqueou por uma hora e meia sobre o divórcio desagradável pelo qual, e eu cito, sua “puta de uma esposa” estava fazendo ele passar e como ela não merecia nada do dinheiro dele. Com uma boca como essa, não é de se espantar que ela pediu o divórcio. Seu temperamento é o segundo motivo mais próximo, na minha opinião.

“Todos prontos, galera?!”

A voz alta do alto-falante me faz estremecer e olho na direção da banda, que está prestes a começar a tocar no palco. A Blue Boyz é uma banda popular nesse bar, tudo porque o vocalista é amigo do filho do dono. Talvez seja por isso que seus sons vagabundos sejam tão populares nesse barzinho desprezível. Ou talvez seja porque, depois de dois drinques, mais da metade dos clientes fica surda.

Bond, o vocalista, olha para mim e dá uma piscadela quando me vê olhando para ele. Um arrepio de repulsa percorre minha espinha. Quando conheci Bond, com seus cabelos dourados e olhos azuis profundos, ele parecia charmoso e simpático. Demorou uma hora para eu voltar atrás na minha opinião.

Ele é a pessoa mais desprezível deste lugar.

Quando a banda começa a tocar, os vocais de Bond atacam meus ouvidos sensíveis e tenho de lutar contra a vontade de choramingar. Os bares que atendem seres sobrenaturais como eu costumam ter música baixa e suave ao fundo, *quando* tem. Para uma metamorfa loba

como eu, essa música alta é dolorosa. Hoje esqueci meus protetores de ouvido, então é ainda pior do que o normal.

“Oi, moça bonita.” O cliente regular sorri para mim enquanto desliza para um banco vazio.

“Oi, Derek.” Pouso o copo que estava prestes a limpar. “Cadê a Sheila?”

“Terminou comigo.” Derek me lança um olhar triste. “*De novo.*”

Levanto uma sobrancelha para ele: “você pediu ela em casamento?”

“Pedi,” Derek enfia a mão no bolso e tira uma pequena caixa de anel, “mas ela achou que não era caro o suficiente.”

Eu pressiono meus lábios juntos, “Bem...”

Ele abre a caixa para me mostrar um lindo anel de diamante, e eu lhe dou um pequeno sorriso. “É lindo. Ela devia ter aceitado.”

“Talvez seja eu,” suspira Derek. “Talvez eu não seja bom o suficiente.”

Pego uma cerveja na geladeira e a abro, colocando-a diante dele. “Ou talvez sua namorada seja uma piranha que só quer saber de ouro.”

“Ah, ela é,” Derek diz simplesmente. “Foi por isso que me apaixonei por ela. A piranhice foi só a cereja do bolo.”

Fico olhando para ele. “Você já pensou em vender esse anel e pagar uma terapia?”

Derek sorri para mim. “Eu tenho você, não tenho? O que eu faria com um terapeuta?”

“Como é que eu não pensei nisso?” digo secamente.

Derek toma um gole de sua cerveja. “Como vai o Harry?”

“Vai indo bem,” concordo com a cabeça. “Maddie está cuidando dele. Eu me ofereci para pagar, mas acho que ela gosta de ter alguém jovem por perto, e ele a ajuda sempre que eu deixo ele lá, então ela também está feliz.”

Derek apoia o queixo na palma da mão. “Nós devíamos sair todos para jantar um dia desses. O tempo está bom. Vamos fazer um piquenique.”

“Em fevereiro?” Fico olhando para ele. “Você está bem? Ainda está nevando dia sim, dia não. E temos exames até sexta-feira, e o próximo

semestre começa na segunda.”

“Ah, sim,” Derek faz uma careta. “*Exames.*”

Minhas sobrancelhas quase desaparecem na linha do cabelo. “*Essa é a parte em que você quer se concentrar?*”

“Como estão seus estudos para os Princípios de Contabilidade? Você acha que podia me dar uma aula particular depois da aula de amanhã? Ainda não entendi o capítulo sete do livro. Não consigo pegar os números.”

“Não,” digo rapidamente. “Tenho que pegar o Harry na escola e fazer o almoço para ele, e depois tenho meu turno da noite aqui, então preciso dormir um pouco. Peça para a Irene. Ela está dando aulas particulares para outras pessoas, mas está cobrando caro.”

Derek vira sua cerveja. “Não posso me dar ao luxo de ser reprovado de novo.” Ele me olha de lado. “Não que você tenha que se preocupar com isso, Srta. Nota Dez.”

“Reclame o quanto quiser, Derek,” digo, acenando para um dos ajudantes da cozinha que trouxe uma caixa cheia de copos limpos recém-saídos da máquina de lavar louça. “Nem todos nós temos pais ricos que nos pagam a faculdade e alugam uma bela cobertura para nós.”

“Amarga você, hein?” Derek aponta sua garrafa de cerveja vazia para mim.

Meus lábios se contraem: “sempre.”

Ele sorri de volta para mim

Não há nada de malicioso na nossa conversa. Derek foi meu primeiro amigo quando me mudei de Jacksonville para Portland. Harry e eu estávamos dormindo no abrigo local quando fui na Faculdade Red Rock para me registrar, já tendo recebido minha bolsa de estudos em Jacksonville. Foi Derek quem me ajudou a me firmar, quem me conseguiu entrevistas de emprego e até mesmo me colocou em contato com proprietários que me deixaram alugar a preços super baratos. Já faz quase um ano e somos grandes amigos desde então.

“Então, sobre o piquenique,” começou Derek.

“Não,” eu o interrompo. “Você sabe que eu só tenho um dia de folga aqui e tenho que gastá-lo estudando os cursos da semana inteira.”

Derek me lança um olhar irônico: “quando nos formarmos, vamos sair para aquele jantar que estamos sempre adiando.”

“Desde que seja por sua conta!” Limpo um copo antes de colocá-lo de cabeça para baixo com os demais.

Derek estende sua garrafa vazia para mim enquanto uma pessoa desliza para o assento ao lado dele. “Oi, boneca.”

Eu me enrijeço, meu sorriso sumindo. “*Bond*. O que posso te oferecer?”

“Uma cerveja gelada e você na sala dos fundos,” diz Bond, sorrindo.

Lanço um olhar de repulsa para ele e vejo Derek abrir a boca, mas sacudo a cabeça discretamente. Não posso me dar ao luxo de ser demitida desse emprego. Randall e Bond são muito próximos. Já vi o Bond apalpar uma garçonne que estava claramente trabalhando com uma identidade falsa. Ela parecia ter quinze anos. Quando a garota reclamou com o Randall, ele a demitiu.

A atenção de Bond tem se voltado para mim ultimamente, e não estou muito feliz com isso. O cantor é como uma sanguessuga. Na prática, eu podia levá-lo para um beco, arrancar seus intestinos e enfiá-los em sua bunda, mas tenho tentado ser discreta aqui, e as leis humanas são diferentes das leis das alcateias. Assassinato por assédio simplesmente não é permitido no mundo humano.

Estou só esperando o dia em que Bond vai tentar me encurralar. Planejo quebrar aquele pintinho pequeno dele. Ou torcê-lo. Seja o que for, hoje estou muito a fim de tentar.

“Aqui,” eu sirvo uma cerveja e a coloco na frente dele. “Tenho outros clientes.”

Mas antes que eu possa sair, ele agarra meu pulso em um aperto quase doloroso, com seus olhos astutos, mas sua voz dura. “E a rapidinha no quarto dos fundos?”

Derek já está de pé, pronto para intervir, mas eu me inclino para Bond, minha voz baixa. “Eu não quero dormir com um zé-ninguém patético.”

O rosto dele esquenta e ele parece estar prestes a responder quando eu dou um sorriso frio. “O quê? Você vai chorar para o Randall agora? O que você vai dizer? Que eu não quis dormir com você? Ou que eu te chamei de zé-ninguém?”

A expressão de humilhação no rosto de Bond é divertida.

Randall não vai me demitir, não se eu não fizer uma cena ou apresentar uma queixa oficial contra Bond. Mas ele não se importa se eu for discreta. Sou uma das bartenders mais antigas e duvido que ele queira que eu vá embora.

Quando Derek ri, Bond vira a cabeça e olha feio para ele. “Você quer dizer alguma coisa?”

Derek sorri: “acho que ela disse tudo o que tinha que ser dito.”

Bond estreita os olhos: “você quer ir lá fora?”

Derek bebe sua cerveja. “Não, obrigado cara. Eu não sou dessas.”

Pequenas explosões de riso ecoam ao nosso redor e a expressão de Bond se enrijece de raiva quando ele olha para Derek. “Vou cuidar de você mais tarde.”

Para mim, ele faz uma careta: “você tem uma boca e tanto. Eu ainda vou fazer bom uso dela.”

Nem me dou ao trabalho de olhar para ele, minha voz casual: “cuidado com o que você deseja. Eu mordo.”

Quando ele se afasta, meus olhos se erguem e o seguem até o escritório de Randall. Meu olhar é frio.

Ele não vai me deixar em paz.

Eu sei disso.

Talvez eu tenha de fazer alguma coisa.

*** **

Por volta das duas da manhã, a uma hora do fechamento, Randall se aproxima de mim. Tensa, mantenho minha expressão neutra enquanto pego os copos vazios e os coloco na bandeja.

“Você tem um minuto, Aisha?”

Ao contrário de Bond, Randall é uma pessoa educada. Ou é assim que ele se apresenta. Randall gosta muito de manter as aparências. Ele tem uma foto da esposa e dos dois filhos em sua mesa e alguns outros retratos da família ao redor. Todos o consideram um homem de família. Mas tem um traço de crueldade nele, uma insensibilidade que

não me agrada.

Ele é humano, mas me lembra do meu pai. Eu imagino que Randall não hesita em usar os punhos em vez das palavras quando está em casa.

Concordo com a cabeça para Randall: “algum problema?”

Eu já sei o que é.

Randall me estuda. “Aconteceu alguma coisa entre você e o Bond hoje?”

Dou de ombros: “ele tentou dar em cima de mim e queria que eu fizesse sexo oral nele. Eu disse que podia acabar mordendo o pênis dele. Ele não gostou disso.”

Randall não parece muito feliz, e eu levanto as sobrancelhas. “Eu não fiz uma cena. Falei em voz baixa. Foi ele quem ficou tentando começar uma briga.”

Randall franze a testa: “se ele está interessado em você, então—”

“Eu *trabalho* para você, Randall,” solto meu pano, lançando um olhar frio para ele. “Não sou a prostituta do bar que abre as pernas quando você pede. Estou fazendo um bom trabalho aqui. Não causo confusão. Vamos continuar assim.”

Randall fica em silêncio e depois diz: “vou dizer para o Bond manear.”

“Obrigada.”

Quando ele se afasta, minhas pernas tremem e eu me inclino, como se precisasse pegar alguma coisa, mas acabo sentando no chão. Foi uma atitude corajosa dizer isso para o meu chefe. Se Randall decidisse me demitir, eu nunca ia encontrar um emprego que me pagasse tanto dinheiro. Não é um risco que eu devia ter corrido.

Minhas mãos estão tremendo por chegar assim tão perto de ser demitida.

Mas eu também não posso dormir com Bond só porque meu chefe acha que o amigo deve ter quem e o que ele quer. Umedeço meus lábios, tentando me acalmar. Meu trabalho está seguro. Não fui demitida.

Levantando, despejo os últimos drinques antes de ir para a cozinha e

tirar meu intervalo de cinco minutos.

“Tudo bem, docinho?” Vem a pergunta de Layla, a cozinheira. Ela está limpando a área da cozinha, e eu concordo com a cabeça.

“Você tem alguma coisa para comer?”

“Jojo!” Layla grita. “Pegue um prato de batatas fritas para a garota. Você quer levar alguma coisa para casa, benzinho? Temos um pouco de frango frito sobrando e algumas sobremesas que não vão durar até amanhã.”

“Obrigada, Layla.” Dou à mulher mais velha um sorriso agradecido antes de aceitar o prato que seu ajudante de cozinha, Jojo, me entrega.

O rapaz me dá um sorriso tímido: “vou deixar a sacola com as outras coisas para você na geladeira antes de irmos embora.”

“Obrigada.”

Eu como as batatas fritas, e Layla me repreende: “mastigue antes de engolir.”

“Desculpe,” eu lhe dou um sorriso fraco. “Tenho que voltar para o bar.”

“Mesmo assim,” ela parece preocupada.

Eu apenas sorrio e tento comer mais devagar.

Mesmo com o valor baixo do aluguel, Harry está no fundamental. Ele tem atividades escolares que precisam de materiais extras, e esses materiais custam dinheiro. Além disso, ele é um garoto em crescimento e os jovens metamorfos lobos sugam a comida como um vácuo. Como seus corpos estão aprendendo a se transformar para a forma de lobo, eles gastam muita energia, então são como mini buracos negros. Você dá o máximo de comida possível e, mesmo assim, nunca é suficiente.

Se ainda estivéssemos vivendo com a nossa alcateia, nosso pai ou um de nossos muitos tios estaria ajudando Harry com a transição. A alcateia inteira cozinhava junto, então sempre havia comida para os mais jovens que precisavam. Mas tudo isso tinha um custo, um custo que minha mãe pagou, eu paguei e Harry teria pago se eu não tivesse tirado ele de lá.

Hoje em dia, só consigo comer aqui, e aceito o que a Layla me dá. O

resto eu levo para casa, para o Harry. Ele tem só onze anos. Devia estar aproveitando a infância e passando pela transição. Quero que ele tenha a vida que eu nunca tive.

Depois que o semestre universitário terminar, vou poder trabalhar em mais um emprego durante as férias de verão e talvez até consiga economizar algum dinheiro.

Terminando minha refeição, saio e começo a fechar as contas. Normalmente, é o Randall quem fecha, mas uma ou duas vezes por semana, ele deixa essa responsabilidade para mim. Hoje é um desses dias. Suspirando, conto as notas e deixo os recibos e a caixa de dinheiro na gaveta da mesa dele antes de voltar para o salão principal. Levantando as cadeiras, eu começo a esfregar, todos os outros já tendo indo embora, quando noto que a luz vermelha da câmera de segurança está desligada.

Minhas sobrancelhas se unem enquanto estudo a câmera. Virando a cabeça para a que está do outro lado da sala, percebo que ela também não está funcionando.

Apoiada no esfregão, fico olhando para elas. “Estavam todas normais antes.”

Penso em ligar para o Randall e avisá-lo, mas quando olho para o meu celular, os pelos da minha nuca se arrepiam e imediatamente percebo que não estou mais sozinha. Olho por cima do ombro e vejo Bond parado a alguns metros de mim.

“Você?”

Quando ele só rosna para mim, eu olho para as câmeras de segurança e depois de volta para ele. “Isso foi obra sua, não foi?”

Bond apenas sorri. “Nem todo mundo precisa me ver te dar uma lição.”

Apoio o esfregão na mesa com calma. “Então, deixa eu ver se eu entendi. Você desligou as câmeras de segurança e depois veio aqui me atacar para que não houvesse testemunhas?”

Ele zomba. “Você pode pagar de durona o quanto quiser, mas quando eu te quebrar, você vai implorar por perdão. Vou fazer você lambar a sola do meu sapato enquanto eu—”

Levanto um dedo, aproximando meu telefone da boca: “oi, Randall.”

Bond endurece e eu continuo: “olha, estou só te deixando uma mensagem de voz. Deixei o dinheiro onde você me disse para guardar, tranquei tudo e estou indo para casa. Só queria te avisar que um par de clientes ficaram meio agitados e quebraram algumas das mesas e cadeiras. As câmeras de segurança não estavam funcionando por qualquer motivo. Coloquei as peças quebradas contra a parede para você cuidar delas quando entrar.”

Bond parece confuso com minha afirmação calma.

Depois que a mensagem de voz é enviada, coloco o telefone em uma das mesas e arregaço as mangas, sorrindo para Bond. “Você dizia?”

“Que diabos foi isso?” ele rosna.

Meus lábios se curvam ainda mais: “bem, você estava certo sobre uma coisa. Não *vai* ter nenhuma testemunha por perto.”

Vejo o lampejo de incerteza nos olhos de Bond, mas ainda há uma camada de confiança. Ele acha que pode me atacar e que não vou poder fazer nada a respeito. Já vi muitos homens como ele. Meu pai era como Bond, confiante em sua força, um valentão até o osso. Ele encurralava minha mãe e a espancava até o limite da vida, usava ela e a jogava tremendo e chorando para o lado, como se ela não fosse sua companheira, a mãe de seus filhos.

Ela nunca me ensinou a revidar quando alguém me atacava.

Ela me ensinou a me enrolar em uma bola e implorar por misericórdia.

Eu *me* ensinei a lutar e a me proteger.

Toda a minha vida, especialmente depois que escapei do inferno em que nasci e fui criada, jurei a mim mesma que nunca seria uma vítima.

Observo quando Bond avança para mim, mas não me mexo. Não vou tocá-lo até ele cometer seu primeiro erro, que será me tocar.

Posso ver o suor escorrendo pela testa dele com toda essa minha calma misteriosa. Mas seu ego já foi ferido uma vez e ele não vai tolerar uma segunda. Sua mão pousa no meu peito e seus dedos se curvam para rasgar minha blusa. É nesse momento que agarro seu pulso e torço.

Eu não sou idiota. Metamorfs lobos, como o restante dos seres sobrenaturais que vivem ao lado dos humanos, não têm permissão

para se revelar ao mundo humano. Então eu não mostro meus dentes, nem rasgo eles em pedaços com minhas garras, não importa o quanto meu lobo esteja salivando por dentro. Não. Eu o levanto e o jogo direto nas cadeiras e mesas ao longo da parede.

Ele solta um grito de dor antes de cair no chão, inconsciente.

Eu pisco os olhos.

Só isso?

Só precisei disso para ele desmaiar?

Avanço para ele para me certificar que ele não morreu. Inclinando-me, verifico seu pulso. Está normal.

Não posso deixar ele aqui.

A menos que... um sorriso perverso curva meus lábios. Eu tiro toda a roupa do pretenso estuprador e arrasto seu corpo mole até a porta. Como já são quatro da manhã, não tem ninguém por perto. Eu o atiro sobre a própria bunda pelada e tranco as portas. Empurrando os detritos para um canto do cômodo, pego uma perna de cadeira quebrada, mas congelo. Um calor estranho cresce dentro de mim e quase caio de joelhos.

Com a mão no peito, eu me esforço para respirar. O calor está me tomando em ondas.

O que está acontecendo? penso freneticamente, tentando me livrar da névoa que envolve minha cabeça. Meu abdômen está latejando.

Minha outra mão ainda está na cadeira, e eu jogo ela longe por instinto.

A bola de calor dentro de mim relaxa, e eu afundo no chão, meu corpo tremendo com pontadas de excitação.

Arrastando-me para a parede mais próxima para me apoiar, seguro uma mão contra o peito, os olhos correndo ao redor, em pânico.

“Que diabos foi isso?!” eu respiro, apavorada.

CAPÍTULO 2

Aisha

Não sei como cheguei em casa, mas estou me sentindo um pouco melhor, o suficiente para meu cérebro funcionar normalmente. Harry está dormindo profundamente e Maddie sorri quando eu pego ele no colo com cuidado para não acordá-lo. Para um pré-adolescente, Harry ainda é muito baixinho. Meu coração dói ao ver como ele é subdesenvolvido. Isso só aconteceu porque ele não está comendo o suficiente.

“Obrigada, Maddie.” Eu lanço um olhar de agradecimento enquanto Harry afunda o rosto no meu pescoço, onde meu cheiro é mais forte. “Desculpe por te acordar todos os dias a essa hora estranha.”

“É um sacrifício pequeno, Aisha.” A senhora idosa me olha com seus olhos cansados. “O seu irmão ilumina minha casa. Venha tomar café da manhã comigo amanhã antes de sair.”

Abro a boca para recusar, mas ela me interrompe. “Você está magra demais. Nenhuma garota da sua idade devia ser pele e osso.”

Bocejo antes que eu consiga me segurar. “Tudo bem. Obrigada.”

Ela espera na porta até eu atravessar o corredor e abrir a porta do meu apartamento. O som de sua porta se fechando me dá vontade de sorrir.

Fechando minha própria porta, levo Harry para o quarto dele. Deito ele na cama, puxo o cobertor e acaricio seus cabelos, com o coração doendo ao ver uma criança que precisa desesperadamente de uma alcateia.

“Não podemos voltar, Harry,” sussurro baixinho. “Não vou deixar que eles te transformem em um monstro também.”

Ele murmura alguma coisa enquanto dorme, antes de soltar um ronco. Limpo meus olhos molhados e acaricio seu cabelo mais uma vez. Acendo a luz noturna e saio do quarto dele. Entrando no meu próprio quarto, pego meu laptop e o ligo. Demora alguns minutos, mas já estou acostumada com a demora. Eu ganhei de uma colega de classe. Ela ficou feliz em me dar o laptop em vez de se desfazer dele. Sempre

fui boa com tecnologia, então consegui trocar a placa-mãe e fazê-lo funcionar de novo.

Verificando o site da universidade, fico aliviada que as inscrições para o próximo semestre já começaram, e estou entre os primeiros alunos online. Não tem nenhum intervalo entre esses dois semestres e temos só três dias para escolher nossas aulas e fazer a inscrição pelo site. Tem vários cursos para escolher, mas meu objetivo é Análise de Dados como especialização e quero fazer um curso mais avançado para poder fazer um estágio durante o verão, que vai me pagar mais do que ser bartender. Depois de me inscrever nas aulas obrigatórias, volto minha atenção para os cursos avançados que terei de fazer no próximo ano. Felizmente, como tenho uma bolsa de estudos, posso me inscrever em cursos avançados como júnior. A faculdade prefere que eu me forme o mais rápido possível. Só tenho de entregar um formulário no escritório da administração para ser aprovada.

Meus olhos se fixam em um dos cursos e fico olhando a descrição antes de abrir o programa de estudos. É um bom curso. Verifico quem é o professor: Morris Wolfguard. Ele é conhecido por sua rigidez. Supostamente, também é super gostoso, mas suas aulas são uma câmara de tortura. Ele é implacável.

Eu nunca o conheci, mas isso é porque ele estava lecionando em uma faculdade parceira nos últimos dois anos.

Pressiono meus lábios juntos.

Eu aguento ele.

Não vou ficar batendo as pestanas para ele e vou me esforçar para ficar em dia com o curso. Não deve ser um problema.

Meu mouse hesita sobre a opção “registrar.”

Em breve, vai ser primavera e o bar vai ficar lotado com mais pessoas. Talvez eu tenha que fazer horas extras.

Minha mandíbula se contrai. “Vai ficar tudo bem. O que é o pior que pode acontecer?”

Pressiono o botão.

*** **

Não vejo sinal de Bond nos próximos dias. Escuto sussurros sobre como ele foi encontrado nu do lado de fora, e várias das funcionárias

riem da situação.

Quando Randall me perguntou o que aconteceu, fingi ignorância.

Ele me deixou em paz.

Ele não tem provas de que tive algo a ver com isso e, pelo que sei, Bond não disse nada. Por que ele diria? Admitir que uma mulher o espancou e deixou ele pelado do lado de fora? Seu ego não vai aguentar.

No geral, foi uma boa semana, com meu último exame concluído. Mas tem uma coisa que está me incomodando.

Aquela sensação estranha que eu senti.

Nem tudo desapareceu.

Já acordei algumas vezes pela manhã, minha excitação enchendo o quarto. Não tenho ninguém para quem perguntar, então o único outro lugar é um dos sites que os metamorfos como eu visitam. Estamos todos registrados nele e temos de usar nossa identidade da alcateia para acessá-lo. É por isso que eu não queria acessar. Ninguém veio atrás de mim e do Harry, mas se nossa identificação alertar alguém, é bem provável que venham.

Verifico o relógio de parede.

“Três minutos,” murmuro. “Só três minutos. Entrar e sair. Ninguém vai saber.”

Respiro fundo. Rapidamente, faço o login e coloco meus sintomas na barra de pesquisa, meus olhos verificando o relógio a cada poucos segundos.

O fórum carrega e eu faço uma captura de tela de conversas semelhantes sem nem mesmo lê-las. Com o coração acelerado, faço o logout rapidamente, assim que os três minutos se esgotam, e volto a me recostar na cadeira, soltando um suspiro trêmulo.

“Foi por pouco.”

“O que foi?” pergunta Harry, olhando por cima do ombro para mim de onde está assistindo a desenhos animados na pequena TV que tirei de uma lixeira há dois meses. Não temos TV a cabo, mas baixei alguns desenhos animados para ele no meu celular e consegui conectá-lo à TV.

“Nada,” sorrio para ele. “Vamos almoçar em uma hora e depois vamos no parque. Podemos patinar no gelo.”

Seus olhos se iluminam. Como os meus, os olhos dele são verdes claros com manchas douradas. Mas ele herdou o cabelo castanho encaracolado do nosso pai, enquanto o meu é longo, liso e preto, como o da nossa mãe. Minha boca é um pouco larga, com uma verruga logo acima do lábio superior, e toda a minha gordura de bebê desapareceu há muito tempo. Harry ainda tem as bochechas rechonchudas e um sorriso contagiante que me faz querer afogar seu rosto em beijos.

Eu o criei desde que ele nasceu.

Minha mãe estava ocupada demais tentando conquistar o amor do meu pai para nos dar atenção. Era eu quem o alimentava, vestia e cuidava dele. Mamãe nunca estava por perto.

Solto um longo suspiro. “Você está indo bem, garoto? A escola vai bem?”

“Eu fiz uns amigos!” Harry sorri para mim antes de voltar para a televisão.

“Você fez?” Eu sorrio para ele. “E quando vou conhecê-los?”

“Nunca,” meu irmão mais novo me olha por cima do ombro com olhos estreitos. “Você sempre me faz passar vergonha na frente dos meus amigos!”

Eu sorrio: “esse é o meu trabalho. E vou ficar cada vez melhor nisso, então é melhor você tomar cuidado.”

Harry me mostra a língua antes de voltar para os desenhos animados.

Eu deixo ele em paz, voltando minha atenção para as capturas de tela que acabei de tirar.

Eu analiso as respostas e cerro os dentes quando a palavra feromônios continua aparecendo. Mas isso não faz sentido. Os feromônios em nós, metamorfos, geralmente se atizam quando um parceiro em potencial cruza nosso caminho. E se isso tivesse acontecido, eu saberia. Se o homem que é para ser meu companheiro entrasse no bar em que eu trabalho, não teria como eu não perceber.

Todo metamorfo lobo tem companheiros em potencial que podem ser uma boa opção para nós, e produzimos feromônios quando um desses companheiros está próximo. Eles levam os dois metamorfos um ao

outro. Às vezes, um companheiro em potencial pode se tornar seu companheiro destinado. Todo mundo quer um desses.

Sinto-me desconfortável, sem nem um sinal de alegria em mim.

Quando saí de casa para vir para o Oregon, cruzei as fronteiras estaduais, entrando no território de outra alcateia de lobos. A alcateia dominante em Portland é uma família aristocrática. Como o Oregon é enorme, eu nunca esperei encontrar um lobo da alcateia deles, especialmente em um barzinho decadente como o Silver Brawl. Mas se um deles aparecer, pode ser um problema. Eles podem não gostar de me ver vivendo em seu território. Acho que isso depende de como são territoriais.

Afundo meus dentes no meu lábio inferior.

Isso não é bom.

Não é nada bom.

“Aisha?” Quase pulo de susto quando percebo que Harry está ao meu lado.

“Sim?” gaguejo, com uma mão sobre meu coração acelerado.

Meu irmão me olha com estranheza. “Já podemos almoçar? Estou morrendo de fome.”

Eu me levanto e digo: “tudo bem.”

Ele me observa enquanto eu mexo na cozinha, fervendo batatas. “Por que não podemos comer carne?”

Na superfície, a reclamação parece infantil. Mas sei que o corpo dele precisa de carne.

Olho pela janela e me sinto desesperada. Já pensei em caçar de vez em quando, mas me aventurar na região selvagem ao redor da cidade pode ser perigoso. Seria mais provável encontrar um metamorfo lobo por lá. Não posso comprar carne no supermercado e a única outra opção é caçar.

Meus dedos tremem quando tiro as batatas cozidas e forço minha voz a ser firme. “Logo. Vamos comer carne *logo*.”

Não sei quantos mais trabalhos eu posso ter. Até meu corpo tem seus limites. Minha caixa torácica está começando a aparecer e isso me preocupa. Se eu ficar fraca, não vou poder proteger o Harry. Talvez eu

devesse tentar caçar alguns coelhos ou algo do tipo para nós, nos arredores da floresta.

A ansiedade me invade.

Se alguma coisa acontecer comigo, Harry vai ficar sozinho.

Estou tentando não correr nenhum risco necessário.

Eu coloco um pouco de carne moída crua nas batatas antes de fritá-las. Pego uma enquanto Harry devora o resto. Quando ele tenta me dar um pouco da dele, eu balanço a cabeça.

“Por que você come tão pouco, Aisha?” ele pergunta com curiosidade.

Eu me inclino e belisco sua bochecha. “Porque quando você come, eu me sinto cheia.”

“Isso não faz sentido nenhum,” ele faz uma careta.

Dou uma risada leve: “para mim, faz.”

“Você é esquisita.”

“Tudo bem,” eu me levanto. “Só por isso, você vai lavar a louça. *Toda louça.*”

Eu escuto ele gemer enquanto me afasto e meus lábios se contraem.

Depois do parque, vou dormir até o início do meu turno. Pelo menos, esse é o meu plano. No entanto, meu telefone começa a tocar e vejo o nome de Randall na tela. Relutantemente, respondo: “oi, Randall.”

“Aisha, escuta. O Tom não vem para o turno da tarde. Ele teve uma emergência familiar. Não tem muito trabalho à tarde, e eu tenho que ir no aeroporto buscar meu filho. Você pode assumir o turno do Tom?”

Passo os dedos agitados pelo meu cabelo. “Meu novo semestre começa amanhã, Randall. E eu ainda tenho o turno da noite. Preciso dormir agora.”

Apesar de minhas desculpas válidas, Randall se recusa a desistir. “Eu te pago o dobro da hora extra. Ou o triplo. Temos poucos bebedores diurnos, Aisha, mas eles pagam bem, então não posso deixar o bar vazio.”

Deixo escapar um suspiro: “quanto fica o triplo?”

Quando ele diz a quantia, meus olhos se arregalam. “Estou indo para aí.”

Eu escuto ele rir: “nunca vi ninguém tão motivado por dinheiro. Tudo bem. Tenho que sair em uma hora. Vejo você em breve.”

Desligo a chamada e olho para a cozinha, onde posso ouvir Harry ainda comendo. Ele vai ficar tão bravo.

Antes de dizer qualquer coisa a ele, atravesso o corredor e bato na porta da Maddie. Ela a abre depois de um minuto. “Como eu sabia que era você, Aisha?”

“Maddie,” eu lanço um olhar suplicante. “Preciso de um favor. Um enorme.”

Maddie abre mais a porta: “é claro que ele pode ficar aqui.”

Não sei como ela sabia, mas eu a abraço com força. “Nunca vou poder te agradecer o suficiente!”

Quando volto correndo para embalar o almoço do Harry, para ele comer na casa da Maddie, ela diz: “sim, pode sim. Colocando um pouco de carne nesses seus ossos!”

Harry resmunga, reclama, lamenta e até se agarra à minha perna, mas consigo levá-lo ao apartamento da Maddie. Felizmente, embora ele pareça infeliz com a interrupção do nosso domingo juntos, Maddie consegue suborná-lo com biscoitos, e seu humor melhora.

Mesmo assim, a expressão de tristeza em seu rosto quando saio fica gravada na minha memória enquanto me dirijo ao trabalho. Eu tinha prometido a mim mesma que daria uma vida melhor ao Harry, mas será que esse tipo de vida é melhor do que a que tínhamos? Não consigo alimentá-lo direito, não consigo dar a atenção que ele precisa e não consigo fazê-lo feliz.

Posso sentir sua solidão.

Eu sempre tento me assegurar de que é só por mais um ano, no máximo. As coisas vão mudar. Quando eu tiver um emprego decente, vou ser mais presente e ele vai poder comer toda a carne que quiser. Mas um ano é muito tempo. E cada vez que ele me lança aquele olhar cheio de tristeza, meu coração se parte um pouco mais.

Saio de meus pensamentos quando chego ao bar. Respiro fundo e entro.

A única vez que estive aqui à tarde foi quando vim para minha entrevista de emprego. Tinha algumas pessoas pelo salão, mas não muitas. O local está pouco iluminado, com um jogo passando na tela grande da TV. Algumas das mesas estão ocupadas com pessoas almoçando, algumas assistindo à reprise do jogo, enquanto outras estão em seus celulares ou lendo um jornal. Também tem clientes sentados no bar, alguns deles bêbados.

Correndo para a sala dos fundos, deixo minhas coisas no armário antes de me dirigir ao bar.

Randall já está lá e parece estar com pressa. “Certo, você cuida das coisas aqui. Eu chamei outra pessoa para te ajudar, por precaução.”

Franzo a testa, sem entender, mas antes que eu possa perguntar, ele já saiu pela porta.

Ele tinha outras opções e preferiu me ligar?

Apesar da minha leve irritação, pego uma garrafa de tequila e me sirvo de uma dose. “Quem se importa? Vou comprar uma tonelada de carne amanhã.”

Sentindo-me um pouco melhor, tomo a dose, aproveitando o zumbido temporário.

A primeira metade da tarde é bastante entediante, mas quando meu turno começa, por volta das nove da noite, começo a me sentir cansada à medida que mais e mais pessoas entram. Para minha surpresa, às nove em ponto, Tom também aparece.

“Olá,” eu o cumprimento. “Pensei que você tivesse tido uma emergência familiar.”

“Hã?” Tom me lança um olhar estranho. “Que emergência familiar?”

Eu o encaro: “se você não tinha uma emergência, por que não compareceu ao seu turno? Por que está aparecendo agora?”

“Porque o Randall me pediu?” Ele pega uma garrafa de água na geladeira atrás de nós. “Ele me disse que eu tinha que trocar de turno com você. O que você ainda está fazendo aqui?”

“Espera, o quê?” Eu olho para ele em confusão. “Ele disse que você teve uma emergência familiar. O que está acontecendo?”

Tom me olha de volta. “Você não ouviu de mim, mas o Randall tem andado meio perdido ultimamente. Tem cheirado muito açúcar, se é

que me entende?”

Demoro um pouco para entender o que ele quer dizer. Lobos não se envolvem com drogas, porque elas têm um efeito péssimo no nosso sistema. Às vezes, elas podem nos deixar em um estado de meia-transformação, o que é bem perigoso.

“Hum, bem,” tento pensar na coisa certa a dizer, e ele dá uma piscadela para mim.

“Eu vi ele na semana passada, no escritório, cheirando linhas de cocaína.”

“Bem,” digo com firmeza. “Espero que ele tenha falado sério quando disse que eu ia receber horas extras.”

Tom me lança um olhar rápido: “você pode ir para casa se quiser. Eu cuido do bar.”

Meus pés estão doendo e eu realmente quero ir embora, mas a ideia do dinheiro me faz hesitar, e eu lhe dou um sorriso rápido. “Eu preciso mesmo do dinheiro das horas extras. Eu vou aguentar.”

Ainda bem que eu fiquei, porque Tom não está acostumado com o bar agitado e acaba precisando de ajuda. Essas últimas noites, uma banda diferente tocou no bar, então congelo quando vejo Bond entrar com sua equipe. Meus olhos se estreitam quando vejo ele olhando ao redor.

Quando seu olhar encontra o meu, ele me dá um pequeno sorriso, que parece ter a intenção de ser educado, mas que me dá arrepios.

Eu não sorrio de volta. Só um idiota ia tentar de novo.

Espero que Bond não seja um idiota.

Ele vai diretamente para o palco, onde ele e sua banda começam a se preparar. Eles cantam duas músicas antes de fazer uma pausa e virem pegar suas bebidas.

Felizmente, é mais ou menos o mesmo horário do meu intervalo, e eu dou um tapinha no ombro do Tom: “são todos seus.”

Vou até a cozinha com uma garrafa de água, na esperança de conseguir algo para comer. Layla gentilmente me dá um hambúrguer e eu me sento no banco perto da porta, devorando-o. Ainda estou comendo quando a porta se abre e Bond entra.

“Só funcionários aqui atrás,” digo com frieza.

“Tom está te chamando,” ele zomba.

Eu o encaro. “E você se ofereceu para vir aqui e me dizer isso?”

Ele dá de ombros: “sou um cara legal.”

“Você é um porco,” murmuro baixinho, mas não pretendo começar nada aqui. O jeito como ele está falando comigo, tão casual, me faz pensar se ele acabou tendo amnésia. Tenho certeza de que não joguei ele com tanta força.

Deixando meu hambúrguer pela metade, saio para ver o que Tom quer. Mas meu colega nega ter me chamado.

“Desgraçado,” sibilo enquanto volto para a cozinha, só para ver que Bond não está mais lá e que o hambúrguer que sobrou está na lixeira.

Eu resmungo baixinho, e Layla olha para mim: “está tudo bem, querida?”

“Não,” resmungo, desejando ter batido em Bond com mais força, e causado dano cerebral.

“Onde está seu hambúrguer?” Layla se aproxima. “Você tinha deixado bem ali.”

Quando ela olha para a lixeira, sua expressão se endurece: “vou fazer outro para você.”

“Não precisa,” dou um tapinha no braço dela. “Meu intervalo acabou de qualquer jeito.”

Coloco a tampa na minha garrafa de água e volto para a luta.

Vejo Bond do lado de fora e, quando ele sorri para mim, eu mostro o dedo do meio.

Continuo bebendo a água, porque o ar-condicionado defeituoso está me deixando com sede. Mas, à medida que a hora seguinte passa, começo a me sentir um pouco estranha. Minha cabeça está zonzinha e me pergunto se vou conseguir terminar o meu turno. Parece que a exaustão está me vencendo.

“Ei, Tom,” abro a porta do bar, com minha visão embaçada agora, “vou respirar um pouco. Não estou me sentindo muito bem.”

Tom me lança um olhar alarmado. “Você está meio vermelha. Por que não vai para casa?”

Eu quero desesperadamente aceitar. Cada grama do meu ser quer ir para casa e descansar, mas não posso.

“Eu vou ficar bem,” resmungo, com a cabeça estalando. “Eu tenho que... tenho que ir...”

Cambaleio para o corredor, navegando pelo mar de pessoas como um cego. Conseguindo chegar à porta que dá para o beco dos fundos, eu a abro, deixando o ar frio me dar um tapa no rosto. Isso clareia um pouco minha cabeça, mas meu corpo ainda está quente. É uma sensação diferente da do outro dia. Essa sensação não é natural e é desconfortável. Meu lobo quer me rasgar para poder sair.

Com a mão contra a parede, tento me apoiar, mas parece que minha cabeça está cheia de algodão e minha língua está grossa na boca. Meu lobo está mais do que agitado, e não sei o que fazer. Nunca estive em uma situação dessas.

Escuto o som de uma porta se abrindo e, em seguida, uma voz familiar e irritante chega aos meus ouvidos.

“Está se divertindo?”

É a voz de Bond.

Antes que eu possa reagir, ele agarra um punhado do meu cabelo e me joga no chão, sibilando: “você acha que foi muito esperta daquela vez? Então se enganou. Devia ter chupado meu pau como uma prostituta agradecida. Agora, vou fazer você pagar pelo que fez comigo. A droga que coloquei na sua água ainda nem chegou ao mercado. Vou te dar uma lição que você nunca vai se esquecer. *Rapazes?*”

Escuto passos na abertura do beco. Não consigo distinguir seus rostos, meu corpo está queimando e meu lobo está rosnando.

“Podem mandar ver,” Bond zomba, “e depois larguem ela na sua faculdade preciosa. Deixem que todos a vejam como a vagabunda que ela realmente é.”

Sinto minhas garras se abrirem com suas palavras.

Não posso deixar que isso aconteça.

Minhas presas se estendem e eu as afundo no meu lábio inferior, quebrando a pele. A dor me concentra o suficiente para eu agarrar o pé da pessoa mais próxima a mim e puxar, fazendo ele cair. Com seu grito furioso, todos estão rasgando minhas roupas.

É então que sinto o cheiro do outro dia.

É cru e terroso, como madeira recém-cortada pela manhã. Mal tenho tempo de absorvê-lo quando um calor diferente preenche meu corpo.

Feromônios.

Eles explodem dentro de mim, quase uma sensação física, e posso sentir minha calcinha ficar molhada com a minha excitação.

Mas a névoa na minha cabeça ainda não se dissipou.

Com a névoa e os feromônios densos no ar, contra a minha vontade, meus olhos estão se fechando.

Escuto um rugido furioso e uivos de dor.

E então, alguém está me carregando.

Não sei o que está acontecendo, mas me sinto segura.

Me sinto segura nos braços de quem quer que seja.

Deixo que a escuridão me arraste para baixo.

CAPÍTULO 3

Aisha

Minhas pálpebras se abrem e eu olho para o teto, atordoadas.

“Onde estou?”

Não conheço este lugar. Só o teto já me diz que não é o meu apartamento. Meu teto é escuro e manchado. Este foi pintado com um azul vibrante.

Ao me sentar, meus olhos absorvem o cômodo. Minha cabeça está rachando e meu corpo está pesado. Demoro alguns minutos para perceber que é um quarto de motel. O aparelho de TV pré-histórico do outro lado do cômodo é inconfundível.

Meus dedos passam pelos meus cabelos, agitados. “Como vim parar aqui?”

Minha memória está fragmentada. Não tem nenhum cheiro nesse quarto, exceto o meu.

Sei que não vim até aqui com meus próprios pés. Mesmo que eu estivesse bêbada, não viria para um motel desconhecido só por diversão. Não, alguém me trouxe aqui. Tensa, me levanto, sentindo todo o meu corpo como se tivesse levado uma surra selvagem. Usando a cama como apoio, procuro minhas coisas no quarto, mas não as encontro. Meu coração afunda.

Então, meus olhos se deparam com um pequeno pedaço de tecido preto saindo de uma almofada no sofá de dois lugares. Corro para pegar, esperando que ele me dê uma pista sobre a identidade da pessoa que me trouxe até aqui. Assim que minha mão entra em contato com o tecido, sou dominada por aquele cheiro familiar, aquele que fez meus feromônios entrarem em ação. Meu companheiro em potencial. Eu largo imediatamente, tremendo.

É uma luva preta.

Ele estava lá.

Ontem à noite.

Minha memória vem à tona quando me lembro de como Bond drogou minha água e depois o que ele e seus “rapazes” tentaram fazer. Lembro-me de me sentir fraca e indefesa, meu corpo consumido por um calor anormal. Os gritos. Alguém me carregando.

Fico olhando para a luva, desconfortável. Por que me resgatar e depois me deixar em um hotel? E por que o cheiro está tão bem escondido?

Estudo o ambiente ao meu redor. Por que esse quarto está todo destruído? Com exceção da cama, onde eu estava desmaiada, todo o resto parece que uma criança teve um ataque de birra e saiu jogando coisas. Não vejo danos de longo prazo, mas o suficiente para o gerente me cobrar.

Minha mão cobre minha boca.

Será que esse metamorfo que me trouxe aqui pagou pelo quarto?

Não posso ficar aqui. E não posso sair pela porta da frente. Não tenho como pagar por esse quarto.

Talvez seja por isso que ele tenha indo embora.

Ele queria evitar pagar. É claro que o destino quer me ligar a um avaro. Olho em volta, ignorando minha dor de cabeça latejante e tentando pensar em uma estratégia de fuga. Felizmente, tem uma janela que dá para a escada de incêndio.

Desço rapidamente, verificando que meu celular está comigo.

É a única coisa que está comigo.

Com pressa, verifico a hora e meu coração afunda em desânimo. São sete e meia. Minha primeira aula é com o professor Morris, que é extremamente pontual. Mas a faculdade fica a vinte minutos de distância, e todas as minhas coisas ainda estão no meu armário no trabalho, e eu não quero ir para lá. Mas não posso ir para a aula sem minha identificação da faculdade, e a identificação está na minha mochila, que está no meu armário.

Pego meu telefone e ligo para Jojo.

Ele atende no segundo toque, com uma voz sonolenta: “alô?”

“Jojo,” digo rapidamente. “É a Aisha. Preciso de um favor enorme.”

Escuto um rangido antes de ele perguntar, com a voz mais alerta: “o que foi?”

“Você pode ir no bar e pegar minhas coisas no armário? Posso mandar uma mensagem com a minha senha.”

“Ah, claro,” escuto um farfalhar do outro lado, como se ele estivesse se vestindo. “Mas não vai ser fácil. A polícia encontrou um corpo em frangalhos no beco hoje de manhã. Eles fecharam a área. Randall não deixou eles fecharem o bar, mas—”

“Espera aí.” Eu pauso. “O corpo de quem? Era o Bond?”

Uma pequena pausa do outro lado da linha antes de ele continuar. “Hum, não. Mas é estranho que você tenha falado do Bond. Randall está tentado entrar em contato com ele, sem sucesso, e está ficando um pouco em pânico. Tem alguma coisa acontecendo, com certeza.”

Fecho meus olhos.

Uma parte de mim gostaria que a polícia tivesse encontrado o corpo de Bond. Mas não importa. Vou me vingar dele de uma forma ou de outra. Meu sangue está queimando pelo que ele tentou fazer comigo. E não sei se Randall não estava ciente desse plano. A mudança repentina de turnos. Mesmo que ele estivesse virado nas drogas, isso é um pouco preciso demais para o meu gosto.

“Tudo bem.” Volto para Jojo. “Encontro você na esquina da Berwick Street, ok? E se você tiver um caderno e uma caneta, pode trazer também, por favor?”

“Claro,” Jojo não faz uma única reclamação. “Eu chego lá em dez minutos.”

Ainda vou me atrasar, mas depois de uma noite tão horrível e de uma manhã aterrorizante, a bondade inerente de Jojo me faz sorrir um pouco.

*** **

Jojo já está esperando por mim e, quando vê o estado em que me encontro, meu cabelo comprido despenteado e em um coque solto e bagunçado, minha maquiagem leve de ontem à noite borrada, ele me passa um lenço umedecido: “é melhor você cuidar disso.”

Aceito o lenço com gratidão e limpo todo o excesso de maquiagem do meu rosto. “Está tão ruim assim?”

“Você sempre está bonita, Aisha,” Jojo me dá um sorriso doce.

Não posso deixar de sorrir. “Obrigada. Não é verdade, mas eu

precisava disso.”

Ele me entrega minha mochila. “Pronto. Sei que você está atrasada. Boa sorte. Comprei um sanduíche e uma garrafa de suco para o almoço.”

Meus lábios tremem antes de colocar os braços em volta do pescoço do jovem de dezessete anos. “Você é um anjo, sabia? Sua namorada deve ser louca por você.”

Todo o rosto de Jojo fica vermelho. “Ela gosta bastante de mim. Melhor você ir.”

Concordo com a cabeça, correndo para o ônibus que está estacionando no ponto.

“Obrigada!” eu grito de volta para ele, e Jojo apenas acena com a mão para mim, com um grande sorriso.

Consigo pegar o ônibus e a sorte deve estar do meu lado, porque chego à faculdade com um minuto de sobra. Corro para a sala de aula, já sem fôlego de tanto correr pelo campus. Ao abrir a porta, olho para cima e vejo uma classe quase cheia. Na frente, ao lado do quadro branco, está um homem alto, de ombros largos, cabelos escuros ondulados, pele cor de oliva e olhos castanhos escuros. Ele tem uma mandíbula forte e características incrivelmente atraentes, todas elas distorcidas em uma expressão estranha que pode ou não ser de desaprovação.

“Sinto muito,” eu ofego. “Perdi o segundo ônibus. Tive que correr para cá.”

Pelo menos é uma desculpa melhor do que “eu estava prestes a ser agredida por um grupo de caras, fui salva por um estranho e depois largada em um quarto de motel esquisito que estava todo destruído.”

O professor Morris me olha fixamente e, quando fala, sua voz é agradável aos meus ouvidos, fazendo meu lobo ronronar. É um barítono rouco com o tenor certo. “Você está atrasada.”

Verifico meu relógio: “só cinco minutos. Eu disse—”

“Sei, o ônibus,” a voz dele é desdenhosa, e tem uma raiva em seus olhos que não faz sentido. “Já ouvi essa desculpa várias vezes.”

Alguns dos alunos riem e sinto meu rosto corar de humilhação.

“Tenho certeza de que vou ver muitos alunos do seu tipo entrando

pela porta a qualquer momento. Então, deixe-me fazer de você um exemplo. Não gosto de atrasos. Já que você não se dá ao trabalho de chegar à minha aula no horário, não me darei ao trabalho de te dar mais do que uma nota de aprovação, se é que você é capaz de alcançar uma dessas.”

A sala de aula cai no silêncio.

“Você não pode,” gaguejo, com o estômago apertado de medo. “Minha bolsa de estudos—”

“—*não é problema meu,*” a fúria em seus olhos é excessiva. Ele está olhando para mim como se eu tivesse atropelado seu gato a caminho da aula. “Talvez, da próxima vez, *você faça escolhas mais inteligentes.*”

Fico olhando para ele, minha mente correndo. Preciso desistir dessa aula. Preciso desistir. Não posso colocar minha bolsa de estudos em risco. Se eu perder essa bolsa, tudo pelo que trabalhei tão arduamente, a vida que quero dar a Harry, não vou poder fazer nada disso.

“Sente-se,” diz o professor com severidade. “Ou pretende ficar de pé o dia todo, de queixo caído?”

Minha mandíbula se contrai, a raiva se acendendo dentro de mim. Vou para o fundo da classe, resmungando baixinho: “desalmado, sem coração, cretino frígido.”

“O que foi isso?” o professor Morris responde, e eu olho para ele por cima do ombro.

Meus próprios olhos se estreitam. É impossível que ele tenha me ouvido.

“Nada,” digo com firmeza.

Pela expressão de seus olhos, tenho uma forte suspeita de que ele talvez tenha ouvido o que eu disse. Mas não me importo. A primeira coisa que vou fazer é largar a classe dele.

*** **

“Espera, como assim eu *não posso?!* ” Olho em desespero para a administradora, que me dá um olhar entediado. Vim no escritório da administração assim que a aula terminou, mas ela não me ajudou em absolutamente nada.

“Todas as outras turmas estão com a capacidade total. Você pode desistir da aula, mas não vai atingir a cota de créditos exigida para a

bolsa de estudos.”

“Mas o professor Morris vai garantir que eu perca minha bolsa de estudos de qualquer jeito!” argumento, frustrada. “Cheguei cinco minutos atrasada e ele jurou que só me daria uma nota de aprovação!”

A administradora, Sharon, me olha por cima dos óculos. “Por que você chegou cinco minutos atrasada?”

“Eu perdi o segundo ônibus!”

Ela franze a testa: “não precisa gritar. Olhe, fale com ele ou com o Reitor. Eu não posso ajudar. Tenho certeza de que, se você esclarecer a situação, ele não fará nada que comprometa sua bolsa de estudos.”

Solto um longo suspiro para controlar meu temperamento, que está a segundos de explodir. Como é fácil para essas pessoas serem tão insensíveis com o futuro dos outros. Minha vida inteira está desmoronando ao meu redor e não posso fazer nada a respeito.

Sharon deve ter percebido o desespero em meus olhos, pois sua voz se suaviza. “*Fale com ele.* Explique o que aconteceu. Ele vai entender.”

Tenho um mau pressentimento de que ele não vai. O homem cheira a um ego superinflado e arrogância. Homens como ele se divertem com o sofrimento dos outros.

Mas não tenho mais escolha.

Terei que falar com essa criatura sem alma.

Felizmente, ele ainda vai estar no escritório por mais meia hora depois da minha reunião com Sharon. Sigo para o escritório dele e bato na porta.

“Entre.”

Quando abro a porta, ele olha para cima instantaneamente e uma expressão furiosa se espalha por seu rosto. “*Você tem muita coragem.*”

“Desculpe?” Fico olhando para ele sem entender nada. Olho por cima do ombro para ver se ele está falando com outra pessoa atrás de mim, mas não vejo ninguém.

Ele já está contornando a mesa na minha direção, e eu dou um passo para trás assustada, mas ele agarra meu pulso e me puxa para dentro do escritório, batendo a porta atrás de si.

Eu congelo, e seu toque acende as chamas dentro de mim.

Seu cheiro está mascarado. Não sei como, mas assim que ele me toca, eu sei quem ele é.

O choque me preenche quando meu corpo começa a se contrair em uma necessidade frenética. Eu empurro ele para longe, mas ele é sólido como uma parede de aço. Ele se vira e me bate contra a porta, pressionando minhas duas mãos de cada lado da minha cabeça, sua expressão furiosa. “Que diabos você acha que está fazendo? Você não tem vergonha na cara!”

“O quê?” Estou tentando pensar direito, mas essa proximidade não é boa para mim. Meu lobo está me cortando com suas garras, desesperado pelo calor, precisando estar ainda mais perto dele. Quero as mãos dele em mim. Eu quero ele dentro de mim.

“Quem te contratou?” exige o professor Morris. “Meu pai? O assistente dele? *Quanto te pagaram para abrir as pernas para mim?*”

Talvez seja o choque que me permite afastar essa nuvem de excitação que está me sufocando.

Me livro das mãos dele e me afasto. “De que diabos você está falando? E eu não sou uma *prostituta!*”

O professor Morris zomba: “claro que não. Você espera que eu acredite que foi só uma coincidência termos nos conhecido? Que você não encenou aquela cena de ontem à noite—”

Minha mão voa antes que eu possa me conter e, quando ela acerta a bochecha dele, ele parece atônito.

“Você—”

Levanto a mão, cortando seu avanço, meus olhos brilhando de raiva. “O que está acontecendo? Você sai por aí acusando toda mulher que você salva de tentar transar com você? Isso é patético. Não estou interessada em dormir *com meu professor*. A única coisa que me interessa é a minha *bolsa de estudos*, que você está tentando tirar de mim. E lembre-se, a *única* razão pela qual me atrasei para a sua aula estúpida foi porque você me deixou em um hotel *do outro lado da cidade!*”

Morris me encara: “você espera que eu acredite em uma palavra sua?”

“Eu acho,” digo com severidade, “que você precisa de um balde de

água fria. Não sei qual é o seu problema com o seu pai ou por que acha que ele está tentando te cafetinar, mas eu nunca o conheci. Eu *trabalho* no bar do lado do beco onde você me encontrou. Não foi um plano elaborado! Nós nos encontramos por acaso e agora eu queria *nunca ter te conhecido*.”

Os olhos de Morris se apertam com minhas últimas palavras, e eu acrescento: “você não pode me ferrar porque está paranoico que sua família quer bancar de casamenteira. Você é a última pessoa com quem eu *pensaria* em dormir. Tenho problemas mais sérios na minha vida. Por favor, pare de tentar piorá-los.”

Ignoro a expressão insultada em seus olhos. “Tudo bem. Vamos supor por um momento que meu pai não te enviou. Mesmo assim, você chegou atrasada à minha aula.”

“*Por sua causa!*” eu sibilo. “O quê? Você achou que eu ia criar asas e aparecer na sua preciosa aula na hora certa depois que você me deixou *do outro lado da cidade*? Eu estava drogada e desmaiada! E ainda por cima, tive que sair escondida pela escada de incêndio porque não tinha dinheiro para pagar o quarto. Você devia ter me deixado na rua onde me encontrou! Pelo menos assim eu teria conseguido chegar em casa.”

“O quarto foi pago,” diz Morris calmamente, enquanto me encara.

Fecho os olhos com remorso antes de abri-los. “Tanto faz. Mesmo assim, a culpa foi sua. Você só está me punindo porque tem autoridade para isso e está sendo um cretino. Você acha que só porque tem poder, pode abusar dele?”

Meu corpo está formigando e posso ver como Morris está ciente da excitação que ainda persiste entre nós.

“Isso não é jeito de falar com seu professor,” ele finalmente murmura, se acalmando.

“Sério?” Meu corpo está tremendo enquanto tento me controlar. “Você está tentando arruinar minha vida por causa da porra da *sua* estupidez e agora quer que eu seja *boazinha* com você?”

“Talvez pare de usar esse tipo de linguagem chula, e podemos começar daí,” sugere Morris. Mas quanto mais calmo ele fica, mais irritada eu fico.

“Vai se foder!” eu rosno, meu corpo inteiro tremendo loucamente enquanto tento conter meus feromônios que estão me deixando louca.

Preciso de toda a minha força de vontade para manter meu corpo imóvel e não me atirar contra o homem à minha frente. “Tentei desistir do seu curso, mas não posso, porque vou perder minha bolsa de estudos se não fizer um número mínimo de créditos. E você— *you* quer que eu a perca. Deve ser bom poder destruir a vida dos outros só porque você tem todo esse poder.”

Sei que estou me afundando, mas esse homem não vai ceder, nem mesmo se eu me degradar. Meu coração está tremendo ao ver minhas últimas esperanças sendo destruídas.

Sinto-me entorpecida agora, olhando para ele, murmurando: “nunca fez diferença, tentar sair da vida que eu costumava ter. Pessoas como você sempre vão bloquear meu caminho e me lembrar de que não mereço nada. Meu Deus, *eu queria que você não tivesse me salvado.*”

Morris abre a boca, mas sinto minha garganta se contrair e sei que não vou conseguir me conter. Passo correndo por ele e abro a porta. Felizmente, ele não me impede.

Por que ia impedir? Ele conseguiu o que queria.

E eu? Acho que acabei de perder tudo.

*** **

Pego Harry na escola e ele fica surpreso quando vê que não estamos indo para casa.

“Hoje é um dia especial?” ele pergunta quando paro em frente à barraca de cachorro-quente e compro dois cachorros-quentes para nós.

“É quase isso,” murmuro, sentindo meu peito vazio. “Vamos lá. Vamos comer no parque. Mais tarde, vamos tomar chocolate quente para nos aquecer.”

“É o aniversário de alguém?” Harry me lança um olhar encantado.

“Não,” passo as mãos pelo seu cabelo enquanto o guio até o banco do parque do outro lado da rua. “Eu só queria que você tivesse um dia legal hoje. Eu não vou trabalhar, então podemos passar o dia inteiro juntos.”

A empolgação do meu irmão não tem limites, e fico feliz em ver como ele está feliz. Enquanto ele mastiga os cachorros-quentes, eu o observo. Depois de alguns minutos, pergunto: “você gosta da sua escola, Harry?”

“Mhm,” ele concorda com a cabeça, com a boca cheia. Ele engole e então diz animado: “fui nomeado presidente de classe hoje.”

“Foi mesmo?” murmuro, sorrindo vagamente para ele.

Ele não sente minha dor e eu não quero que sinta.

Eu vejo ele correr depois, brincando nos balanços, e me sinto sem esperança. Se eu perder essa bolsa de estudos, não vou poder pagar as taxas da faculdade comunitária. Com só meu GED, não posso fazer nada. Não posso dar estabilidade ao Harry nem construir uma vida melhor para nós. Mas o que mais posso fazer?

Se eu desistir e começar a trabalhar em dois empregos, talvez eu consiga economizar algum dinheiro e, em alguns anos, possa tentar fazer cursos noturnos na faculdade comunitária daqui. Não sei que outra opção eu tenho. Eu me esforcei tanto, mas o Morris não consegue ver além de seu ego. Isso ficou claro em seu rosto.

Solto um suspiro trêmulo, com os olhos úmidos.

O que eu vou fazer?

Para quem eu posso pedir ajuda?

Quero arrancar meus cabelos e gritar. Mas isso também não vai ajudar. Tenho que ser prática. Não é o fim do mundo. Muitas pessoas não vão para a faculdade. Olho para o outro lado da rua, para uma papelaria.

Essa área é um distrito comercial rico. Talvez eu possa deixar meu currículo em alguns lugares.

“Harry!” eu grito. “Fique aí. Vou atravessar a rua.”

Não estou preocupada que meu irmão vai sair andando com um estranho. Ele é mais esperto do que isso.

Correndo para a loja, faço algumas cópias do meu currículo antes de voltar para buscar Harry. Compro o chocolate quente dele enquanto deixo meu currículo em todos os cafés e restaurantes que vejo. Um deles deve estar contratando.

Em nosso caminho de volta, decido parar no bar e agradecer ao Jojo. Harry espera feliz na cozinha com Layla, que parece encantada com seu novo colega.

“Vamos te engordar, pequenino.” Layla belisca as bochechas dele. “O

que você acha de um grande e gordo hambúrguer de carne?”

“Posso comer dois?” Harry ergue dois dedos enquanto eu saio da cozinha, com um rugido de riso me seguindo.

“É claro que pode, docinho!”

Sigo para o escritório do Randall para avisá-lo que vou tirar um dia de folga quando escuto vozes por trás da porta fechada. Uma é a voz irritada do Randall e a outra é a do Bond!

“Eu te dei a oportunidade,” diz Randall.

“Eu te paguei dinheiro para pegar ela sozinha!” Bond rosna. “Você não me disse que o namorado dela era um psicopata maluco que estaria esperando por nós!”

“Eu te disse,” diz Randall com firmeza, “que ela não tem namorado. E se ela apresentar uma queixa contra você, vou ter que demiti-la. E lá se vai uma funcionária perfeitamente boa.”

Fico olhando para a porta, chocada.

Eu já suspeitava que Randall sabia de alguma coisa, pelo jeito como ele me forçou a vir para o turno da tarde, me subornando com mais horas extras. Ele sabe como minha situação financeira é ruim.

“Traga ela aqui!” Bond parece furioso. “Hoje à noite, quando ela chegar, eu quero ela no seu escritório!”

Randall suspira: “por que você está dificultando as coisas, Bond? Você tentou e não conseguiu. Aisha é trabalhadora. Não quero perdê-la.”

“Eu te disse,” a voz de Bond está irritada, “assim que eu terminar com ela, vamos tirar umas fotos. Ela vai ser nossa escrava pessoal. Vamos esmagar essa arrogância dela sob nossos pés.”

Meu corpo fica frio quando Randall dá uma risadinha, admitindo: “seria bem legal me livrar dessa atitude dela. Se eu disser para ela abrir as pernas, quem ela pensa que é para me negar? Quando você terminar, talvez eu queira experimentar também. Já faz tempo que não tenho uma mulher me servindo sob comando. Marlene é uma cadela frígida. Uma escrava sexual quebrada seria uma bela novidade.”

Ouvir Randall, que normalmente fala tão bem da esposa, insultá-la de forma tão casual não é mais surpreendente. Meus dentes rangem em uma fúria crescente. Isso é pior do que eu pensava.

Não posso mais trabalhar aqui, penso comigo mesma, cansada, minha raiva se dissipando. Eles não vão desistir e, se eu ficar por aqui, posso acabar matando os dois enquanto tento me defender de uma agressão. E, fraca do jeito que eu estou com a falta de carne, talvez nem consiga enfrentar os dois ao mesmo tempo.

Virando nos calcanhares, vou até meu armário e o esvazio.

Colocando meus pertences na mochila, vou para a cozinha, onde Layla e Jojo estão.

Harry vem correndo na minha direção: “você já terminou?”

Olho para ele e gostaria de saber como explicar como as próximas semanas vão ser difíceis. Parece que não consigo me agarrar a nada. Minha mão envolve a dele e olho para Layla e Jojo. “Eu não vou voltar.”

Antes que eles possam me perguntar o motivo, a porta atrás de mim se abre e Randall entra. “Lay— Aisha?”

Ele parece surpreso de me ver ali, e minha mão aperta a mão de Harry enquanto me lembro que não posso estripar o homem com tantas testemunhas por perto. Meu lobo está rosnando, pronto para se transformar e rasgar as entranhas dele por nos enganar.

Vejo a surpresa nos olhos de Randall se transformar em um olhar astuto quando ele diz: “você pode vir no meu escritório?” Então, ele olha para o meu irmão: “ãh, deixe ele aqui.”

“Não,” digo com firmeza. “Sei que Bond está lá. E sei que vocês dois planejam me agredir, como você ajudou Bond a fazer na noite passada.”

O ofego de Layla chega aos meus ouvidos e a expressão de Randall se intensifica: “do que você está me acusando—”

“Eu ouvi sua conversa com Bond,” digo em voz alta quando algumas das garçonetes entram. “Ontem à noite, ele me drogou e trouxe um grupo de homens para me estuprar. Eu escapei. Mas acabei de ouvir você admitir que fez parte desse plano. Você quer uma escrava sexual? Quer tirar fotos e fazer vídeos de mim para me chantagear e controlar? Será que alguma das suas funcionárias está segura?”

Vejo o olhar de pânico de Randall pousar sobre as funcionárias que agora estão olhando para ele com olhares horrorizados. “Ela está mentindo!”

“Gravei a conversa de vocês,” digo friamente, segurando meu telefone.

“Isso é um crime!” Sua expressão de repente se distorce quando ele tenta pegar meu telefone. “Você não pode levar isso para a polícia!”

“Não,” dou de ombros, “mas posso mandar para sua esposa. E para as funcionárias que trabalham aqui.”

“Dê-me isso aqui!” ele rosna, correndo para a frente, mas eu dou uma joelhada na virilha dele e empurro ele para trás.

“Se já não é óbvio,” eu zombo, “eu me demito.”

Com essas palavras, pego a mão de Harry e saio, deixando meu ex-chefe gemendo no chão.

Vou arranjar outro emprego.

Não tenho escolha.

CAPÍTULO 4

Morris

Eu não frequento barzinhos decadentes, a menos que seja absolutamente necessário.

Mas alguém está traficando drogas bem debaixo do nariz da Alcateia Wolfguard. Normalmente, o tráfico de drogas é feito por humanos. Às vezes nossa espécie se envolve, mas meu pai é um Alfa rígido. A Wolfguard é uma das alcateias mais dominantes do Oregon. É permitido fazer negócios no nosso território, mas não quando esses negócios podem chamar a atenção para nós ou prejudicar nossa espécie.

No entanto, ultimamente, uma droga especial chegou ao mercado e entrou nos clubes clandestinos onde metamorfos e outros não humanos gostam de se divertir. Uma droga que é extremamente perigosa para os metamorfos em geral.

Não interfiro nos negócios de outras alcateias, mas alguns dos meus homens foram drogados sorrateiramente. O incidente me causou danos demais e é por isso que não tive escolha a não ser intervir. Eu posso ser só um professor, mas ainda sou o próximo Alfa na linha sucessória, um fardo que tenho que carregar.

Fui no Silver Brawl para me encontrar com um dos meus informantes que tinha uma pista. Mas ele não apareceu. Então, durante a minha espera de meia hora, senti aquele primeiro lampejo de cheiro que deixou meu lobo ansioso.

Foi só mais tarde, quando me deparei com aqueles homens atacando uma mulher drogada no beco, que os feromônios realmente me atingiram. Metamorfo lobos escolhem seus companheiros por feromônios. Nós somos atraídos pela liberação desse odor terrível que nos leva a acasalar. Quanto mais dois metamorfos compartilham intimidade física, mais próximos ficam até decidirem entrar na dança de acasalamento. Alguns metamorfos optam por não seguir seus instintos e preferem bloqueadores de feromônios produzidos por empresas que pertencem à nossa espécie. Mas essas pílulas não funcionam para todos e tendem a ter efeitos colaterais.

É por isso que eu não as tomo.

Você é a última pessoa com quem eu pensaria em dormir. Tenho problemas mais sérios na minha vida. Por favor, pare de tentar piorá-los.

Olhos claros brilhando ferozmente, lábios finos que não deviam ser tão atraentes e cabelos escuros e elegantes que refletiam a luz elétrica. Aisha Hart não devia estar tão magnífica ao me encarar com aquela raiva furiosa nos olhos.

Mesmo quando acreditei que ela tinha sido enviada pelo meu pai, não consegui deixá-la sozinha na rua. Em seu estado de inconsciência, ela parecia tão inocente. Paguei pelo quarto e fiquei cuidando dela por algumas horas, incapaz de me mover, como que congelado no lugar. Foi preciso muita força de vontade para não deixar que meus instintos e os feromônios dela me controlassem. Meus próprios feromônios estavam reagindo aos dela e, quando finalmente não aguentei mais, fui embora.

Eu não esperava vê-la na minha sala de aula, ainda usando as mesmas roupas, com o rosto sem maquiagem, suor pingando da nuca, o cheiro doce me penetrando. Enquanto para outros ela parecia ter acabado de rolar da cama, para mim ela parecia uma tentação. Tem essa inocência nos olhos dela e, ao mesmo tempo, uma dureza em sua mandíbula, como se ela estivesse se preparando para levar um soco.

Minha própria reação me irritou. Isso não era mais uma coincidência.

Meu pai não escondeu o fato de que quer me amarrar aos negócios da família. Aisha não foi a primeira mulher que ele mandou. Ele faz isso desde que escolhi outra carreira, uma que me afastou dos negócios da família. Se ele encontrar uma mulher capaz de me influenciar, tudo o que ele precisa fazer é controlá-la para me controlar.

É o que eu estive tentando evitar esse tempo todo.

Mas, até agora, as mulheres que ele enviou eram de famílias poderosas, atraídas pela promessa de mais poder. Aisha foi uma anomalia.

É claro que nem me cheguei a considerar que era uma coincidência genuína, até pesquisar o histórico dela.

Ela está listada como humana, mas é uma metamorfa, e não consta em nenhum dos registros daqui, o que significa que não se registrou com a nossa alcateia. Qualquer lobo que entre no Oregon, especialmente

Portland, onde a família principal reside, tem que se anunciar e receber permissão para ficar. Aisha não fez isso. Só tem duas razões para um metamorfo não anunciar sua presença: ou ele é um criminoso ou está fugindo de alguém.

Meus dedos batem na mesa enquanto olho em volta do bar lotado. Estou aqui há horas, mas ainda não vi a Aisha. Também não vi nenhuma garçonete. O lugar parece estar com uma equipe pequena hoje. Meus olhos se voltam para a banda que está tocando no palco. Reconheço o vocalista. Ele é um dos homens que atacaram Aisha.

Meu maxilar se contrai.

Ele não me notou.

“—ou vou te denunciar para a polícia!”

Meus ouvidos aguçados captam os sons de uma conversa vinda de um corredor adjacente ao bar.

“Eu não peguei o arquivo dela!”

A pessoa parece aterrorizada, mas teimosa: “por que eu ia pegar o arquivo da Aisha?!”

Aisha?

Estou de pé, indo na direção de onde as vozes estão vindo.

“Preciso do endereço dela!”

A pessoa que pelo jeito sumiu com o arquivo de Aisha parece desconfiada: “por quê? Ela não trabalha mais aqui.”

“Não é da sua conta! Me dê o arquivo.”

Entro no corredor e vejo um homem mais velho, com cabelos escuros e feições rechonchudas, que pareceriam amigáveis e simpáticas se não estivessem distorcidas pela raiva. Seu oponente é um jovem que não deve ter mais de dezessete anos.

“Você só quer o arquivo dela porque você e Bond querem ir na casa dela e machucá-la!” o garoto levanta a voz. Posso sentir o cheiro de medo que emana dele, mas tenho de admirar sua coragem.

O homem mais velho levanta a mão para golpear o garoto e é nesse momento que decido intervir. Minha mão pega a dele no ar, minha voz perigosa: “eu não faria isso se fosse você.”

O homem se encolhe e dá um pulo para trás. “Quem diabos é você?! Esta área é exclusiva para funcionários!”

O garoto está tremendo, mas seu maxilar está firme e, de repente, ele grita: “eu também me demito!”

Com isso, ele sai como se o próprio diabo o estivesse perseguindo.

“Você—”

“Vou cuidar de você mais tarde,” resmungo, seguindo o garoto.

Não preciso correr. Sigo o cheiro dele até o parque, duas quadras abaixo. Ele está jogando papel em uma lixeira que tem um fogo aceso dentro. Com as mãos nos bolsos do casaco, eu o observo por alguns minutos antes de decidir me aproximar.

Ele dá um pulo ao me ver e começa a jogar os dois papéis restantes para dentro, com pressa. “O que você quer? Quem é você? Você também estava lá atrás.”

Ignoro suas perguntas. “Ouvi você dizer que a Aisha não trabalha mais no bar.”

“Foi,” o garoto me olha com desconfiança. “Como você conhece a Aisha?”

“Eu sou o professor dela.”

“Oh,” seus ombros relaxam. Corajoso, mas também um pouco ingênuo. “É, ela se demitiu ontem, junto com todas as funcionárias.”

“Por que você queimou o arquivo dela?” Aceno com a cabeça para a lixeira que ainda está queimando.

A expressão do rapaz ficou tensa. “A Aisha é muito legal e cuida do irmão sozinho. Ela não pode se dar ao luxo de mudar para outro apartamento. Randall e Bond estavam planejando ir no apartamento dela e machucá-la.”

Pelo jeito como ele diz “machucá-la,” com a expressão sombria e a voz estranha, eu sei quais eram os planos deles.

“Por que eles fariam isso?”

O garoto me olha de soslaio: “não sei se devo te contar.”

Então talvez não seja tão ingênuo assim.

“Eu quero ajudar, mas não posso se não souber qual a situação dela,” eu o tranquilizo.

Ele hesita: “eu não sei a história toda. A Layla sabe. Bond atacou Aisha porque ela o rejeitou e depois o Randall e ele estavam planejando um plano para agredi-la e tirar fotos para— para—”

Seu rosto fica vermelho, e ele não consegue dizer as palavras.

Ele não precisa.

“Entendi. Esse Bond também drogou ela?”

“Foi,” o garoto concorda com a cabeça. “Aisha parecia que queria matá-los, mas não matou. Eu também queria ir embora, mas tive um mau pressentimento. E se eles quisessem se vingar? Ouvi Randall e Bond falando do apartamento dela, então entrei sorrateiramente e peguei o arquivo.”

Percebo que ele tem outro papel na mão. Está um pouco amassado.

Ele olha para baixo antes de levantar o papel: “o currículo da Aisha.”

Estendo minha mão: “dê para mim.”

Ele aperta o papel junto ao peito, com os olhos instantaneamente desconfiados. “Por que você precisa ver o currículo dela?”

Não me preocupo mais com gentilezas. Minha paciência está se esgotando. Inclinando-me, arranco o papel de suas mãos: “obrigado.”

“Você não pode—”

“Presumo que você também vai precisar de um emprego?” Levanto uma sobrancelha.

Ele se enrijece: “é, bem—”

“Qual é o seu nome?”

“Joseph Brown. Meus amigos me chamam de Jojo.”

“Tudo bem, Joseph,” enfio a mão no bolso e pego uma caneta e um bloco. “Por que não anota seu número para mim?”

Ele hesita, mas o desemprego pode ser ainda mais assustador. Ele anota seu número e, quando entrega para mim, pergunta: “qual é o seu nome?”

Coloco a caneta e o bloco de volta no bolso, junto com o currículo de Aisha. “Você não precisa saber.”

Estou prestes a me virar e ir embora quando me pego hesitando. “A Aisha tem um emprego novo alinhado?”

Vejo os olhos de Joseph ficarem úmidos e ele os enxuga. “Não.”

Quero saber por que ele está à beira das lágrimas; claro, deve ter algo a ver com Aisha, mas tenho a impressão que ele não vai me contar. E eu não devia me intrometer demais na vida dessa mulher. Minha curiosidade só foi aguçada quando vi que ela não apareceu na aula de hoje.

Meus olhos estavam no relógio de parede enquanto os alunos entravam pela manhã, todos cautelosos após o incidente de ontem. Mas Aisha não estava entre eles. Quando o relógio marcou oito horas e eu comecei a aula, meus olhos se desviaram para a porta, esperando que ela entrasse correndo. Uma parte de mim ficou imaginando que desculpa ela daria dessa vez para se atrasar. No entanto, com o passar dos minutos, a porta nunca se abriu.

Depois descobri que ela nunca compareceu a nenhuma de suas aulas.

Eu só apareci nesse bar porque me lembrei do incidente daquela noite. Eu só queria ter certeza de que ela estava bem. Foi só isso.

Então, por que me sinto tão desconfortável?

Ao me afastar de Joseph, me pergunto por que peguei o currículo. Também quero entender por que a ausência dela na faculdade me incomodou tanto. Certo de que a verei amanhã, volto para a minha cobertura. No caminho para casa, ligo para um velho amigo.

“Finn, o que acontece se um lobo não registrado estiver vivendo no nosso território?”

Meu amigo de infância boceja: “você sabe que é meia-noite, não sabe? Você podia ter me mandado mensagem. Nem toda conversa merece uma ligação e eu estava dormindo.”

“E agora você não está,” respondo secamente.

Ele diz algo desagradável em voz baixa, e eu finjo não ter percebido. Depois de um momento, escuto a cama ranger. “Tudo bem, quem é esse Foragido?”

Pressiono meus lábios. “Não tenho certeza absoluta de que é uma

Foragida. Ela não apresenta nenhum dos sinais.”

“Então, é uma mulher.” Finn parece intrigado. “Desde quando você se envolve com mulheres metamorfas, Morris? Pensei que você tivesse jurado praticar o celibato.”

Ao contrário de mim, Finn passou anos tentando encontrar sua companheira. O sonho de se acasalar e construir sua própria família é muito atraente para ele. Mas também, ele veio de uma unidade familiar feliz onde era amado. As pessoas que se dizem minha família são abutres sedentos de poder, e meu pai é o pior de todos. Ele arruinou uma vida inocente para obter poder e controle, derramando sangue que nunca devia ter sido derramado.

Eu engulo em seco, olhando pela janela, forçando essas lembranças para longe.

Não. Nunca vou dar a marca de acasalamento a uma fêmea. Nunca vou me casar com uma mulher escolhida pelo meu pai, para me tornar um dos fantoches dele. Nunca vou ser como ele.

“É uma das minhas alunas,” murmuro finalmente.

“Ah,” Finn quase parece desapontado. “Bem, se ela não é uma Foragida e está só estudando aqui, ela ainda tem que se registrar no nosso território. Tem um determinado período de tempo para fazer o registro. Se ela ultrapassar esse limite, então a lei da alcateia se aplica e ela se torna uma ameaça.”

Minha mão se fecha em um punho.

Execução. Ela vai ser executada.

Não acredito mais que meu pai tenha tido algo a ver com o nosso encontro. Mas se ela está em nosso território como uma metamorfa não registrada, isso é um problema.

“E se alguém a patrocinar?”

Finn fica em silêncio: “tipo um patrocínio de emprego? Quer dizer, acho que pode funcionar. Nós recebemos pedidos para patrocinar metamorfos de outros territórios, para trabalhar em empresas aqui. Mas tem uma taxa bem alta.”

Fico olhando para a paisagem, dizendo a mim mesmo para encerrar a ligação e deixar o assunto de lado.

Você acha que só porque tem poder, pode abusar dele? Deve ser bom

poder destruir a vida dos outros só porque você tem todo esse poder.

A desesperança e a fúria ardente em seus olhos, seu corpo rígido como uma tábua enquanto ela me encarava.

E, ainda assim, ela se recusou a recuar.

Aisha Hart tinha os olhos de uma sobrevivente.

“O que você teve que fazer para sobreviver?” murmuro para mim mesmo.

“Morris?” Finn parece curioso. “Está tudo bem?”

“Sim,” digo devagar. “Esqueça que eu perguntei.”

“Tudo bem,” meu amigo boceja. “Posso ir dormir agora ou você vai me acordar de novo?”

Encerro a ligação.

Meu humor é sombrio e fico olhando para fora, para o tráfego que passa. Finn tem razão. Eu não me envolvo com fêmeas. Então, por que estou me interessando tanto por essa?

*** **

Aisha parou de comparecer às aulas.

No quarto dia de ausência, acabo entrando no escritório da administração. “Sharon, preciso de informações sobre uma aluna. Ela não está mais comparecendo às minhas aulas.”

“Claro, professor Wolfguard.” Sharon se endireita, olhando para mim por trás de seus óculos. “Qual delas?”

“Aisha Hart.”

Vejo seus dedos voarem no teclado antes de ela fazer uma pausa, olhando para a tela. “Eu me lembro dela. Sim, ela estava bem chateada.”

Franzo a testa: “como assim?”

“Bem,” Sharon olha para mim, “ela queria desistir do seu curso e fazer outro. Ela está só no segundo ano, e seu curso é do terceiro, então não entendi por que ela se inscreveu para começo de conversa. Mas todas as outras aulas estavam lotadas e, se ela desistisse, não ia atingir a quantidade de créditos exigidos. E me disse alguma coisa sobre você

querer tirar a bolsa de estudos dela. Ela parecia bem nervosa, então eu disse para ela falar com você. Não falou?”

Posso ver o olhar de acusação em seus olhos e admito: “falou. Mas eu não reagi como deveria.”

Sharon suspira, tirando os óculos. “Nem todo aluno é uma maçã podre, professor. Alguns deles só estão presos em situações ruins. A Srta. Hart é uma delas. Você não precisava fazer dela um exemplo.”

Quando ergo os olhos, ela só levanta uma sobrancelha. “Você achou que eu não ia ficar sabendo do que aconteceu na sua sala de aula? Estou nesta faculdade há quarenta anos, professor. Tenho olhos e ouvidos em toda parte. Depois do que aconteceu, a Srta. Hart parou de comparecer a todas as aulas. O que você disse para deixar ela tão abalada?”

Meu maxilar se contrai: “eu—”

“Ela entregou o formulário de desistência hoje de manhã,” diz Sharon com frieza.

Fico imóvel, o choque me preenchendo.

“Amelia quem recebeu. Ela tentou pedir para a Srta. Hart reconsiderar, mas ela não quis conversa. De acordo com Amelia, parecia que o peso do mundo estava nos ombros dela. Como você quebra uma aluna desse jeito, professor Wolfguard? E como vive consigo mesmo depois de ter forçado uma pessoa a esse ponto?”

Se fosse qualquer outra pessoa, eu ia retrucar, mas Sharon é uma pessoa que eu respeito. Foi ela que me ajudou a conseguir esse emprego e se tornou uma espécie de amiga. Então só abaixo a cabeça, envergonhado.

“Tenho que processar o formulário amanhã,” diz Sharon depois de alguns momentos de tensão.

“Não faça isso,” digo de repente.

Quando ela olha para mim, eu me encolho. “Olha, só espere o máximo que puder.”

“Presumo que você vá tentar consertar as coisas?”

Eu não digo nada. Não quero ser arrastado para a vida dessa garota ainda mais do que já fui, mas...

“Só alguns dias,” murmuro.

Sharon me estuda por alguns segundos antes de dar de ombros.
“Muito bem. Para sua sorte, perdi o formulário. Vai demorar um pouco para encontrá-lo.”

Eu dou um pequeno sorriso para ela.

Ao me afastar, não sei o que vou fazer, mas me sinto responsável.
Solto um longo suspiro.

Talvez eu me arrependa disso.

*** **

Encontrar Aisha não é tão difícil.

Com os feromônios dela espalhados por toda parte, é muito fácil seguir o cheiro. O único problema é que quanto mais feromônios dela eu respiro, mais difícil é me controlar. Quanto mais exposto, mais cresce o desejo do meu lobo por ela. Para minha surpresa, eles deviam ser ainda mais fortes, como no outro dia. Consigo sentir os feromônios dela, mas estão cada vez mais fracos, desaparecendo, mas ainda persistindo.

Sigo o cheiro até um parque local à noite. Do outro lado da rua, eu vejo ela sentada em um banco do parque, observando alguém. Meu olhar se fixa nela. Seu casaco é velho e, de onde estou, meus olhos conseguem distinguir as bordas esfarrapadas das mangas. Tem círculos sob seus olhos e seu cabelo está em um coque solto, com mechas soltas.

Apesar de tudo isso, ela está linda. Tem algo de etéreo na Aisha. Uma beleza trágica, uma figura inabalável que não se entrega nas piores tempestades. É o suficiente para mexer com o coração.

Pisco os olhos e, de repente, ela é só uma loba comum sentada em um banco de praça.

“Pare com isso,” resmungo para mim mesmo. Mas acho estranho como os feromônios dela estão fracos. E mesmo nesse estado enfraquecido ainda estão me forçando a usar cada grama de autocontrole.

Isso é uma péssima ideia.

Se ela sair da faculdade, não vou ser exposto a esses feromônios. Muita exposição não é boa para mim, não se eu não quiser arrastá-la para a minha cama. Não, assim é melhor. Ela vai se virar de algum

jeito.

Dou um passo e vejo um garotinho correndo na sua direção. A expressão mal-humorada de Aisha muda e um sorriso surge em seus lábios. Se antes eu achava que ela era uma beldade taciturna, agora ela brilha como o sol, seus olhos vivos quando ela envolve a criança com um braço.

É assim que ela fica quando ama alguém? Eu me pergunto, com meus olhos fixos em suas expressões.

Dou mais alguns passos e suas vozes fracas chegam aos meus ouvidos.

“Nós vamos no parque todos os dias, Aisha?”

A voz de Aisha está tensa, mesmo quando ela sorri para ele: “não todo dia. Só até eu encontrar um emprego.”

Aperto meus lábios em uma linha fina. Ela vai largar a faculdade para procurar um emprego? Isso não é um pouco exagerado? Ela nem tentou falar comigo de novo. Simplesmente desistiu. Por que jogar tudo fora?

Fico ali, observando.

Quando o garoto sai correndo de novo, vejo ela enfiar a mão no bolso. Ela tira um frasco escuro. Deslizando um comprimido na mão, ela joga ele na boca e engole.

Meus olhos se estreitam.

O que ela está tomando?

Metamorfos lobos não precisam de medicamentos humanos. Eles não funcionam para nós.

Nesse momento, o vento muda de direção, levando meu cheiro até Aisha.

Ela se enrijece na hora, mas quando vira a cabeça para olhar na minha direção, já estou longe.

CAPÍTULO 5

Aisha

Olho para a entrada do restaurante.

O Lótus Branco.

Não me lembro de ter me candidatado aqui, mas a ligação que recebi ontem à noite está me fazendo duvidar da minha memória. Deixei meu currículo em um centro de empregos. Talvez eles tenham passado para esse lugar.

Respirando fundo, abro a porta e entro.

O Lótus Branco é um daqueles restaurantes luxuosos que só os ricos frequentam. Ao entrar, sou lançada em um mundo glamouroso de lustres dourados com um interior de bom gosto em vermelho, dourado e preto. O piso é coberto de carpete macio e, onde o carpete termina, começa o mármore elegante. Estou tão ocupada admirando o lugar que não noto a mulher atrás de mim até que ela limpa a garganta.

Eu me viro e me deparo com uma mulher de cabelos loiros e belos olhos azuis. “Posso ajudá-la, senhorita?”

Sua voz é educada, sem um pinga de desdém nos olhos por eu estar tão mais mal vestida do que ela.

“Recebi uma ligação para uma entrevista de emprego,” digo. “Meu nome é—”

“—*Aisha Hart*,” diz uma voz alta do interior do restaurante e, assim que me viro, sou atacada por um cheiro forte, um cheiro que só pertence à nossa espécie.

Lobos, percebo consternada.

Não posso ser pega!

“Não importa,” digo com pressa. “Acabei de perceber que estou no lugar errado.”

Tento correr para a porta, mas alguém me agarra pela parte de trás do

colarinho e uma voz divertida diz: “você está exatamente no lugar certo. Vamos lá.”

O restaurante ainda não abriu e a única testemunha de que estou sendo arrastada à força é a mulher que acabou de me conhecer.

“Rachel,” diz o metamorfo que está segurando a minha gola com um punho de aço. “Ninguém entra no meu escritório por dez minutos. Vou conduzir uma entrevista.”

“Claro,” Rachel parece não se incomodar nem um pouco que estou sendo arrastada a plena luz do dia.

“Solte-me!” eu sibilo enquanto o metamorfo me arrasta para uma sala.

Minha mente está imaginando só os piores cenários possíveis e estou me preparando para lutar contra ele. Mas então ele me empurra para uma cadeira diante de uma escrivaninha e caminha ao redor dela para se sentar em outra cadeira, de couro dessa vez.

Minha boca fica seca: “você não pode me arrastar por aí desse jeito. Isso é—”

“Relaxa, tampinha,” diz o homem com aspereza, pegando um papel da escrivaninha.

Tampinha?!

Fico olhando para ele, indignada com o insulto, mas percebo que, diante de sua estatura de urso, provavelmente pareço um ratinho. Nunca vi um homem tão grande na minha vida. Músculos que se esticam contra sua camisa azul, um pescoço grosso e um conjunto de feições pesadas. Ele não é feio, mas é um pouco assustador.

“Então,” ele resmunga, “parece que você tem experiência como garçone de um ano atrás.”

“Eu—” Ele não disse nada sobre eu ser uma metamorfa, então eu relaxo. “Eu trabalhava como bartender até alguns dias atrás.”

“Sim,” ele não parece muito interessado, “foi o que me disseram.”

“Está no meu currículo.”

“Não nesse aqui.”

Franzo a testa: “deixe eu ver—”

Ele dobra o papel em quatro pedaços e o coloca no bolso do paletó, se inclinando para a frente. “Você vai fazer um período de teste de uma semana. Não quebre nenhuma louça. A Rachel vai te ajudar a organizar seu horário de trabalho de acordo com suas aulas na faculdade.”

“E-espera, o quê?” pergunto, confusa. “Estou procurando um emprego em tempo integral. Não tenho mais aulas—”

“Sim, tem sim,” o homem late. “Não vou contratar uma desistente. Volte às aulas amanhã.”

Minha boca se move enquanto tento formar as palavras certas. “Como você sabe que eu desisti do curso?”

“Da mesma forma que sei que você precisa de um emprego,” ele rosna para mim e, vagamente, eu me pergunto se é assim que ele sempre fala ou se está levantando a voz só para mim.

“Olha só, tampinha,” a voz dele é áspera, mas um pouco mais agradável, “passe no seu período de experiência e eu vou processar um pedido de patrocínio.”

“Patrocínio?” Eu lanço um olhar atordoado para ele.

“Você não sabe o que é patrocínio?” Ele me lança um olhar duvidoso em resposta.

“N-não,” estou ficando meio tonta agora. “Por que você— por que você quer me patrocinar? E como você sabe da minha faculdade e—”

“Sabe,” ele parece um pouco divertido agora, “cavalo dado não se olha os dentes, não é? Ouvi dizer que você tem um dependente?”

Eu me pego concordando, tentando compreender tudo isso.

“Dê o nome do seu irmão para Rachel. Ela vai pedir que você preencha um formulário para o patrocínio.”

Eu hesito: “minha alcateia vai descobrir onde estou?”

Ele pausa, com os olhos sombrios agora. “Eles vão vir atrás de você?”

Desvio o olhar.

Ele se levanta e vem ficar ao meu lado, com a mão no meu ombro. “Eles não vão ouvir nada disso. Você não precisa incluir o nome da sua alcateia, só do seu território. E lembre-se, se você faltar na

faculdade, todo esse acordo está cancelado.”

Ele anda para a porta antes de se virar rapidamente para mencionar: “a maioria dos meus funcionários são lobos. Eles vão se comportar.”

Do mesmo jeito que ele me arrastou para cá como uma força da natureza, ele me deixa para trás, confusa e ansiosa.

Não foi uma coincidência.

Nunca deixei meu currículo aqui.

Meu currículo não menciona minha faculdade e definitivamente tem minha última experiência como bartender. Como esse homem sabia quem eu era e onde eu estudo? Quem é ele?

Não tenho tempo de descobrir as respostas porque, um momento depois de ele sair, Rachel abre a porta. “Por que você não vem ao meu escritório, Aisha?”

Eu a sigo até um escritório menor, onde ela faz sinal para eu me sentar à sua frente na mesa. “Você pode revisar esse contrato e também deixar seus horários de aula. George deve ter dito que vai ser um cargo de tempo integral, mas você pode compensar as horas que perder no fim de semana ou trabalhando até tarde nas sextas-feiras. Isso me lembra, você tem o fim de semana livre, normalmente. Temos uma equipe de atendimento diferente para o fim de semana. Seu salário durante o período de experiência está listado acima do salário mensal que vai receber se for contratada em tempo integral. Assine aqui e preencha este outro formulário, e vamos entrar em contato com você no final da tarde de hoje.”

O salário é o dobro do que eu ganhava como bartender e, como esse lugar é mais perto do campus, só vou perder algumas horas de trabalho.

Meu coração está batendo forte enquanto assino o contrato.

Não sei o que está acontecendo, mas parece uma chance, a maior chance que eu podia ter pedido.

Infelizmente, ao sair, percebo que ainda vou perder minha bolsa de estudos. Meu coração se afunda.

Mas minhas mãos se fecham em punhos apertados. Isso significa que tenho de me rebaixar com o professor Wolfgang?

Eu não quero.

Cada fibra do meu ser está gritando contra isso. Mas será que tenho escolha?

Solto um longo suspiro. Se eu quiser esse emprego, preciso assistir às aulas e deixar meu orgulho de lado. Detesto a ideia de implorar a esse homem por qualquer coisa. Mas, pelo Harry, eu faço qualquer coisa. Ao dar mais um passo, sinto uma onda de náusea me invadir. Correndo para a lixeira ao lado do beco aberto, me agarro a ela, engasgando.

Felizmente, não tem nada no meu estômago. O jantar de ontem já foi bem digerido, mas os bloqueadores de feromônios que comprei me deixam enjoada como um cachorro. Também está acabando com o pouco apetite que tenho. Agarrando-me à lateral da lixeira, me certifico que estou fora da vista da estrada principal antes de afundar no chão, com o corpo doendo. Tremendo, eu me pergunto se esses efeitos colaterais vão passar.

Eu não posso comprar a pílula de verdade, então estou usando uma imitação barata. O mercado negro as vende em caixas e eu comprei duas delas. A única vantagem dessas pílulas é que consigo dormir à noite sem acordar, meu corpo se contorcendo de desejo e o suor encharcando meu colchão. O vendedor me garantiu que os efeitos colaterais seriam temporários, e prefiro acreditar nele, principalmente porque não tenho muita escolha.

A única outra maneira de lidar com os feromônios é dormir com Morris Wolfguard. E eu preferiria arrancar meus olhos com uma colher.

Eu jamais iria para a cama com aquele idiota detestável, egoísta e arrogante.

“O idiota a quem tenho que pedir desculpas,” resmungo, meu corpo se esvaziando só de pensar nisso.

Com a náusea passando, me esforço para ficar de pé. Posso sentir o começo de uma febre e suspiro. De jeito nenhum vou descansar em um beco.

Ao chegar em casa, estou tão febril que não tenho forças nem para dizer à Maddie que voltei e buscar o Harry. Mal consigo entrar em casa e desmaio.

Todo o resto é um borrão.

Alguém me pegando, me carregando.

Uma toalha fria na minha testa e uma voz familiar murmurando algo para mim.

É a Maddie?

O toque na minha bochecha é suave, fazendo meu coração tremer de dor.

Alguém acaricia meu cabelo enquanto eu gemo sob o efeito da febre.

A sensação do carinho faz o vazio dentro de mim pulsar.

Quando acordo, é de manhã cedo e Harry está dormindo ao meu lado, enrolado em uma bola. Sinto-me um pouco melhor. Com cuidado para não acordá-lo, vou até a cozinha e vejo Maddie parada em frente ao fogão.

“Maddie,” me assusto. Demoro um instante para lembrar que não peguei o Harry ontem à noite. “Ah, droga! Oh, não! Sinto muito—”

“Sente-se,” diz Maddie com firmeza. Surpresa por ser repreendida com tanta severidade, acabo obedecendo e me sento à mesa da cozinha.

Ela pega duas xícaras e despeja algo que parece café, mas tem um cheiro diferente.

Trazendo as xícaras, ela se senta à minha frente antes de tirar algo do bolso e colocá-lo sobre a mesa para mim.

Minhas pílulas.

“Como você—?”

“Isso é veneno para você, Aisha.”

Meus olhos se arregalam com suas palavras e eu pego as pílulas, dizendo rapidamente: “são só pílulas prescritas para— ãh, são como vitaminas—”

“São bloqueadores de feromônios,” diz Maddie categoricamente, “e não são bons. Vão destruir seu sistema nervoso.”

Eu a encaro: “eu— eu não sei do que você está falando. Estou dizendo —”

O olhar firme de Maddie me faz vacilar, e eu fecho a boca. Não entendo como ela sabe o que são as pílulas. Ela tem cheiro humano. Dou outra cheirada discreta, e ela estreita os olhos.

“Beba,” ela diz, mas agora olho para a xícara com um pouco de desconfiança.

“Não é veneno,” ela me repreende. “É um chá de ervas para sua febre.”

Pego a xícara e cheiro o conteúdo. Ela não está mentindo. Tem um aroma agradável. Olho para ela com cautela antes de tomar um gole. Tem um sabor refrescante, forte e um pouco adocicado. No primeiro gole, fecho os olhos e um estranho alívio me invade, fluindo até os membros. Meu corpo relaxa.

“Eu te disse,” murmura Maddie.

“Obrigada,” respondo fracamente, meus olhos se abrindo. “Isso é muito bom.”

Aos poucos, sinto que um pouco de força começa a voltar. “Como você sabia sobre os bloqueadores? Você é humana.”

“Eu sou,” ela concorda. “Mas cresci cercada de metamorfos. Minha mãe era fitoterapeuta. Ela costumava ajudar o curandeiro da alcateia onde eu cresci. É por isso que eu te aconselho a parar de tomar essas pílulas.”

Olho para o frasco de comprimidos antes de voltar a olhar para Maddie. “Eu queria não precisar, mas se eu não tomar, estou ferrada.” Pego o frasco e o coloco de volta no bolso. “E eu queria poder explicar toda a situação, mas não posso. É que é complicado. Saiba só que não estou tentando me prejudicar deliberadamente. Não consigo funcionar sem isso.”

“Você pode dormir com o homem que ativou seus feromônios.”

“Ele não me quer.”

Os olhos de Maddie se apertam: “eu sei como os lobos funcionam, Aisha. Quando se trata de feromônios, os metamorfos são escravos de seus instintos. Você precisa ter intimidade, pelo menos uma vez, para poder se libertar.”

Abro minha boca: “não é possível. Se acabarmos sendo companheiros destinados, a situação vai piorar para nós dois. Mesmo se formos destinados, não significa que temos de aceitar um ao outro. Mas se dormirmos juntos e nossos lobos se aceitarem, vamos ficar presos. Ele não me quer *mesmo*. E não é tão afetado pelos feromônios quanto eu.”

Maddie me lança um olhar incrédulo, mas não diz nada. E ainda parece preocupada.

“Quanto mais tempo você tomar esses medicamentos, piores serão os efeitos colaterais, Aisha. Espero que você entenda como as consequências são duradouras. Algumas coisas não podem ser revertidas.”

“Como assim?” Olho para ela, alarmada agora.

Ela só balança a cabeça: “eu já falei demais. Pegue um pouco mais de chá comigo quando for trabalhar. Vai ajudar a combater a febre. Isso é tudo o que posso fazer por você. Minha espécie não tem permissão para interferir demais.”

Suas palavras não fazem sentido para mim e dá para ver que ela não tem intenção de explicar mais nada.

“Volte para cama. Vou deixar um pouco de comida para vocês dois na geladeira.”

Eu só concordo com a cabeça, meu corpo ainda cansado. Amanhã vai ser um novo inferno, e preciso me preparar mentalmente.

Quando saio da cozinha, me pego olhando por cima do ombro.

Maddie está olhando para a mesa, com uma expressão perturbada.

Eu simplesmente me afasto.

*** **

A primeira coisa que faço quando volto ao campus é ir ao escritório da administração, onde encontro Sharon sentada atrás de sua mesa.

“Bom dia, Sharon.”

A administradora, normalmente severa, parece surpresa quando me vê. “Aisha.”

Eu pisco para ela.

Eu não sabia que ela sabia meu nome. Mas, por outro lado, ando passando por aqui com frequência.

“Queria saber se meu pedido de cancelamento de matrícula já foi processado. Eu entreguei uns dias atrás.”

“Não.”

“Não?” repito, confusa e um pouco aliviada. “Não foi processado?”

“Seu formulário de desistência, certo?” Sharon me lança um olhar incisivo. “Eu perdi.”

Por que tenho a sensação de que ela perdeu de propósito? Ou talvez eu esteja interpretando demais o tom dela.

“Ok,” tento pensar no meu próximo passo.

“Tem certeza de que quer desistir?” Sharon me questiona.

“Foi meio que por isso que eu vim aqui,” confesso. “Eu ia perguntar se é possível reverter o formulário de desistência. Mas se você o perdeu, é melhor assim. Se encontrar de novo, pode simplesmente rasgá-lo? Mudei de ideia.”

“Mudou, foi?” ela parece surpresa e, de repente, seus lábios se curvam. “Que bom. Agora vá para a aula.”

Não entendo por que ela parece tão satisfeita, mas fico feliz que meu formulário tenha se perdido.

Minha primeira aula é com o professor Morris, mas cheguei meia hora mais cedo, então me dirijo à sala dele. É melhor tirar a humilhação do caminho primeiro. Mas ele já está com outro aluno e, quando entro depois de bater na porta, ele me olha: “estou ocupado.”

Meus olhos se voltam para a outra pessoa à sua frente. É um moço de cabelos escuros com olhos azuis brilhantes e, quando sorri, uma pequena covinha aparece em sua bochecha direita.

Fecho a porta e me sento em um banco do lado de fora do escritório dele, nervosa.

O que é que eu vou dizer?

Pelo que estou me desculpando?

Meus dedos arrancam fios soltos da minha calça jeans e eu pressiono os lábios, tentando encontrar as palavras certas. Odeio estar nessa posição, tendo que abaixar a cabeça diante de um homem tão arrogante, mas não sei mais o que fazer. Tenho que implorar. Apesar do que Maddie disse, por enquanto o bloqueador foi eficaz até certo ponto. Meus impulsos são mais fáceis de controlar e acho que não estou liberando tantos feromônios.

A porta se abre e eu me levanto enquanto o outro aluno sai. Mas antes

que eu possa entrar, ele me impede. “O professor me pediu para te dizer para não se atrasar para a aula. Ele está em uma ligação.”

Olho de relance para a porta antes de esfregar as têmporas e perguntar: “ele está *mesmo* em uma ligação?”

O cara sorri e admite: “não. Mas achei que podia poupar seus sentimentos.”

“Ele só gosta de me ver sofrer,” murmuro. “Cretino arrogante.”

O cara ri, exibindo a covinha, e estende a mão. “Acho que somos da mesma turma. Clyde Lowenstein. Fui transferido do Hale College hoje.”

“Prazer em te conhecer. Aisha Hart,” aceito sua mão, e ele me dá um largo sorriso.

“Você é muito bonita, Aisha.”

Meus olhos se arregalam diante de seu elogio direto e não consigo evitar o rubor nas minhas bochechas. “Ah, obrigada, eu acho. Pode soltar minha mão agora?”

Ele solta minha mão, sorrindo: “desculpe.”

Quando me viro para ir embora, ele começa a andar ao meu lado. “Vamos nos sentar juntos na sala de aula. Quero copiar seu caderno.”

“Você não tem filtro mesmo, não é?” pergunto, divertida.

“Não,” ele sorri.

Enquanto caminhamos juntos, por um momento, os pelos da minha nuca se arrepiam. Parece que alguém está me observando, e eu me viro para verificar. Não tem ninguém. Clyde não parece ter notado nada quando olho de volta para ele, porque está conversando alegremente sobre todos os cursos em que se inscreveu. Perguntando-me se eu estava só imaginando coisas, sacudo a cabeça e volto a me concentrar no que ele está dizendo.

Quando chegamos à sala de aula, acabo escolhendo a última fileira. Quanto mais longe do Morris, melhor. Clyde e eu acabamos de nos sentar quando Morris entra de rompante, com uma expressão sombria e estrondosa no rosto. Ele bate o laptop na mesa e, quando seu olhar cai em mim como um laser, tenho de me segurar para não tremer.

“O que se enfiou na bunda dele?” murmuro baixinho.

Clyde me escuta e solta uma risadinha e vejo o olhar de Morris se voltar para ele. “Alguma coisa engraçada que você queira compartilhar com a classe, Sr. Lowenstein?”

Clyde aperta os lábios antes de dar uma resposta fácil. “Não, senhor.”

Talvez o Morris esteja com raiva porque eu voltei para a classe dele. Olho para o meu caderno, sem querer entrar em uma batalha de vontades com ele.

“Temos um projeto de classe para a semana que vem!” Morris diz de repente. “Os detalhes serão enviados por e-mail. O projeto vai utilizar o conteúdo do curso que abordamos nos últimos dias. Vai incluir um relatório. Vocês trabalharão em duplas. Lydia, você vai designar os parceiros.”

Eu me pergunto quem é Lydia até meus olhos se voltarem para uma morena sentada na primeira fileira.

“Todos trabalham em duplas. Se alguém ficar sobrando, que pena, ainda assim terão de enviar o relatório. Agora, peguem seus laptops. Enviei o material de referência de hoje por e-mail.”

Meu laptop é lento, e acabo olhando para a tela do Clyde enquanto a minha ainda está carregando.

“Tem algo interessante na tela do Sr. Lowenstein, Srta. Hart?” A voz de Morris está perigosamente baixa, e meus olhos se arregalam quando olho para cima e o vejo me encarando.

“Ah,” sinto meu rosto corar quando todos olham para mim. Quando não respondo rápido o suficiente, ele começa a subir os degraus na minha direção, e eu fico paralisada, com os olhos arregalados. Nesse momento, a garota sentada ao meu lado olha para o meu laptop e anuncia em voz alta: “o laptop dela é muito antigo, professor. Tipo, pré-histórico. Ele ainda está carregando o e-mail.”

Uma onda de risos corre pela sala.

Sinto a humilhação me apunhalando e desejo que o chão se abra e me engula por inteiro. Não abaixo a cabeça, minha mandíbula tensa enquanto a classe ri. Meus olhos encontram os do Morris e mordo a língua para impedir que as lágrimas subam aos meus olhos. Ele não diz nada, e eu também não espero que diga. Na verdade, pela expressão em seu rosto, talvez ele também esteja tentando conter o riso.

A mão de Clyde envolve a minha em um aperto firme e sua voz é como um chicote. “Você deve saber tudo da era pré-histórica, considerando que se veste como uma vovó dos anos cinquenta.”

O rosto da garota fica vermelho.

“Chega!” Morris rosna.

Ele retoma a aula, e eu dou um sorriso para Clyde: “você é rápido no gatilho.”

“E não era nem mentira,” ele ressalta alegremente.

A aula termina sem mais interrupções e, ao final dela, apesar dos meus sentimentos pessoais por Morris Wolfguard, tenho de admitir que ele é um bom professor. Ele transmite o material do curso de forma compreensível e detalhada. E é óbvio que tem paixão pela área.

Os problemas começam quando abordo a Lydia para perguntar o nome do meu parceiro. Ela me dá um olhar irritado quando me aproximo. “Ah, é você. Aisha, certo?”

“Sim,” fico um pouco intrigada com sua hostilidade. “Eu queria saber quem vai ser meu parceiro.”

Ela passa a caneta pela lista de nomes e depois me dá um sorriso doce: “ninguém.”

“O quê?”

Os olhos dela se arregalaram: “desculpe, será que você é meio surda? Ninguém quer fazer par com a perdedora da turma que vai ferrar com a nota deles.”

“Eu quero,” diz Clyde, vindo de trás de mim.

“E você é?”

“Clyde Lowenstein.”

Lydia sorri para ele: “você vai trabalhar com a Suzanne ali.”

“Quero trabalhar com a Aisha.”

O sorriso de Lydia endurece. “Não, não quer e, além disso, não é você quem tem que decidir. Sou eu. Ninguém vai trabalhar com a Aisha.”

Fico olhando para a garota, imaginando o que fiz para irritá-la.

“Tudo bem,” digo lentamente.

Quando me viro para sair, Lydia sussurra: “conheço seu tipo, Aisha. Encenqueiras que querem chamar a atenção e só assistem às aulas dos professores bonitos para serem aprovada com um pouco de flerte, ou talvez mais. Uma nota ruim e você já aparece na sala deles com as pernas abertas—”

Eu paro com suas palavras, meu sangue fervendo.

Virando-me, olho para ela. “O que é isso? Insegurança?”

“Desculpe?”

“Você tem uma quedinha pelo professor Morris e por isso não aguenta ver nenhuma outra garota falando com ele, ou é porque *you* quer transar com ele e está projetando em mim?”

Quando seu rosto fica vermelho, sei que acertei o alvo.

Quando ela pula da cadeira, levanto a sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito: “o quê? Você não gostou do que eu disse? Estou errada?”

Algumas garotas ao nosso redor zombam, e Lydia cerra os dentes e sai correndo, com lágrimas nos olhos.

Quando Clyde olha para mim com uma sobrancelha levantada, eu me recuso a me sentir culpada. “Foi ela quem começou.”

Seus lábios se curvam: “isso foi *tão sexy*.”

Não posso deixar de dar uma risadinha: “você é tão esquisito.”

Mas quando olho por cima de seu ombro, vejo Morris parado no corredor do lado de fora, olhando para nós.

CAPÍTULO 6

Aisha

O Lótus Branco é um restaurante luxuoso e, como funcionários, espera-se que sejamos impecáveis em todos os nossos gestos. Nem um fio de cabelo pode estar fora do lugar, nem uma carranca no nosso rosto. Estou trabalhando aqui há quase uma semana e parece que estou absorvendo como as coisas funcionam. Os clientes dão boas gorjetas e podemos ficar com todas elas, o que é novidade para mim.

O único problema é que, embora a maior parte da equipe tenha me aceitado, nem todos estão na mesma página. Alguns dos funcionários me consideram uma intrusa e não hesitam em demonstrar. Eu evito essa turma, mas eles também não gostam disso. Tem gente que só não sabe ser feliz.

No meu intervalo para o almoço, trabalho do meu laptop, tentando terminar o relatório que preciso entregar amanhã para a aula do Morris. Andei passando todo o meu tempo livre recuperando as três aulas que perdi e tentando aprender o básico de programação. Ou seja, passo a maior parte da noite acordada.

Esse relatório é uma oportunidade, e não posso me dar ao luxo de perdê-la. Se eu conseguir mostrar ao Morris que sou competente, talvez não precise me desculpar. Já é ruim o suficiente que ele não quer falar comigo. Já tentei enviar e-mails, deixar recados e até mesmo sentar do lado de fora do escritório dele. Mas ele me evita como a peste, e está começando a ficar irritante. Como posso pedir para ele não rebaixar minha nota quando ele me evita abertamente? A essa altura, parece deliberado.

A maioria das minhas anotações está pronta e estou só compilando o relatório agora. Mas não vai dar tempo de terminar à noite se eu não começar a escrever no tempo livre do meu turno.

“Aisha,” uma das garçonetes me chama, “o intervalo acabou. Tem um cliente na mesa dez.”

“Obrigada, CeeCee,” sorrio para ela antes de olhar para Jojo, que está limpando os copos. “Você se importa de vigiar meu laptop, Jojo?”

Jojo é outra adição ao restaurante. Ele começou a trabalhar aqui há dois dias como ajudante de garçom, limpando as mesas. Como eu, ele também disse ter recebido uma ligação para uma entrevista. Não quis me intrometer demais. Só fico feliz por ter outro rosto conhecido por aqui.

Ele concorda com a cabeça.

Pego meu bloco e minha caneta, dois dos elegantes livros de cardápio e corro para a mesa dez. Quase chegando lá, sinto um aperto doloroso no abdômen.

Ah, droga!

Merda!

Posso sentir minha excitação crescendo conforme meus feromônios reagem à proximidade do único homem que os tem ativado recentemente.

Fico imóvel, meu corpo inteiro tremendo de medo de que alguém cheire minha excitação.

Felizmente, uma das garçonetes, Amanda, passa por mim como se estivesse com pressa, quase gritando: “Sr. Wolfguard! Bem-vindo de volta!”

Posso ver a parte de trás da cabeça do Morris.

Quando Amanda faz uma careta para mim, eu lanço um olhar inexpressivo de volta, concentrada na minha própria situação.

Pensamentos chatos! Chatos e sem graça! Eu me ordeno enquanto me viro, sem abrir as pernas um milímetro. Se eu der um passo, o cheiro ao meu redor também vai se mover, e isso é mais do que eu posso suportar.

Não entendo por que os bloqueadores não estão funcionando, mas assim que começo a sentir meu corpo relaxar, corro para a sala dos fundos, para os armários, ignorando uma CeeCee surpresa.

Abrindo meu armário, vasculho minha bolsa freneticamente, procurando os comprimidos bloqueadores. Quando os encontro, tomo dois ao mesmo tempo, assim que JoJo entra.

“Aisha, você está— *o que é isso?*”

“Nada,” eu digo enquanto enfio o frasco de volta na bolsa, tentando

manter minha voz des preocupada. “Só pílulas prescritas.”

“Oh,” ele franze a testa. “Tudo bem. A CeeCee está te chamando.”

“Já estou indo. Fique de olho no meu laptop, por favor. Estou carregando uns relatórios.”

Ele concorda com a cabeça e sai apressado.

Eu o sigo até onde a CeeCee está esperando na estação de serviço, irritada: “para onde você fugiu? Eu te disse que você tem que cuidar da mesa dez.”

Pisco os olhos: “Amanda já estava lá.”

Um espasmo de irritação passa pelo rosto de CeeCee, e sua voz é severa. “Bem, o Sr. Wolfguard solicitou você especificamente antes de chegar. Então vá lá e assuma a mesa.”

Ele me solicitou especificamente? Quando ele descobriu que eu estava trabalhando aqui? Isso é algum tipo de tática para me torturar?

Minha mão se fecha em um punho. Ele me quer fora da classe dele, fora da faculdade, e agora está tentando sabotar meu trabalho? Que prova ele precisa de que não sou uma prostituta que seu pai contratou para atraí-lo para qualquer coisa? Não me importa se ele fez um voto de celibato ou se é péssimo na cama, seja lá porque, e precisa acreditar que o pai está jogando mulheres em cima dele. Morris não tem o direito de me atacar por causa de seus problemas pessoais.

Se ele acha que vai me assustar e me fazer perder meu emprego, vou lhe dar o melhor atendimento que ele já recebeu em um restaurante, e então ele pode pegar um menu e enfiar na sua bunda frígida. Satisfeita comigo mesmo por essa decisão estimulante, olho para a CeeCee. “Ok. Eu vou lá.”

Olho para a mesa e vejo Amanda inclinada sobre ela, com os dois botões superiores abertos. A posição revela seu decote abundante, com seu lindo cabelo loiro caindo para a frente em uma cascata dourada, enquanto ela ostenta uma expressão recatada no rosto.

“Eu recomendo a lagosta hoje, Sr. Wolfguard. Eu mesma supervisionei o preparo. E fui ousada o suficiente para selecionar seu vinho favorito para o senhor. É—”

Não consigo ver a expressão de Morris, mas me arrepio com o showzinho que Amanda está fazendo. Ela é uma das poucas

garçonetes que não foi muito receptiva com a minha chegada.

Estou me sentindo mais normal agora que os comprimidos estão fazendo efeito e, embora não queira encarar o Morris, também não quero perder o emprego, então me aproximo da mesa. “Amanda, a CeeCee quer falar com você.”

Amanda simplesmente me ignora e continua olhando para Morris.

Se fosse em qualquer outro lugar, eu teria brigado com ela, mas tenho de engolir minha irritação. Meus olhos brilham, mas eu sorrio educadamente, minha voz um pouco mais alta: “Amanda? Está me escutando?”

Vejo seus ombros enrijecerem e, quando ela vira a cabeça para mim, seus olhos estão cheios de raiva e sua voz é cortante. “Como você pode ver, estou com um cliente muito importante no momento. Seja o que for, você pode resolver.”

Quando ela olha de volta para Morris, seu sorriso está de volta aos lábios e ela suspira delicadamente: “minhas desculpas pela interrupção. Ela é temporária, meio devagar. Espero que o senhor não se importe.”

Pisco os olhos lentamente, dizendo a mim mesma que não posso arrastá-la pelos cabelos.

Olho por cima do ombro para os olhos da CeeCee, que agora estão fixos em mim e na Amanda. Por que ela está com raiva de mim? Não é como se eu pudesse arrastar a Amanda para longe da mesa.

“Não gosto que as pessoas tomem decisões por mim,” Morris parece irritado, “e quero outra garçonete, uma que não esteja tentando esfregar o peito inteiro no meu braço. Seu cheiro é repulsivo.”

Meus olhos se arregalam com toda essa franqueza. Vejo o rosto de Amanda ficar com um tom de vermelho surpreendente, e ela cambaleia para trás.

“Você,” Morris olha por cima do ombro para mim, os olhos escuros perfurando minha alma. “O que está esperando?”

Colo um sorriso insincero nos lábios. Cliented como ele acabam com cuspe na comida. Apesar dos meus problemas com Amanda, ele não precisava ser grosso ao ponto de lágrimas. Ela passa por mim, com os olhos brilhando, e eu me preparo mentalmente para ser despedaçada por ela depois que ele for embora.

Eu me aproximo da mesa, com caneta e bloco de anotações na mão. “O que posso lhe oferecer?”

Morris olha para mim e sinto meu coração disparar.

Feromônios estúpidos!

O homem é extraordinariamente bonito, mas só porque meu corpo anseia por seu toque, não significa que eu queira mesmo tocar. Sendo tão bonito assim, sua personalidade deve ser uma merda. Eu me recuso a me sentir culpada por pensar assim. Se ele pode implicar comigo o dia todo, então posso implicar com ele nos meus pensamentos.

Ele só me observa e eu o vejo dar uma cheirada discreta na minha direção. Meus olhos se estreitam, meu sorriso se endurece. “Devo ir colocar mais desodorante? Não quero empestear o lugar para você.”

Por um momento, acho que seus lábios se contraem, mas depois ele desvia o olhar. “Não precisa. Seu cheiro é normal.” Mas tem um traço de confusão em sua voz, como se algo o estivesse incomodando.

“Quero uma taça do Chateau Margaux 2009, um bife mal passado e uma salada.”

Anoto tudo e, ao fazê-lo, sinto uma pontada de dor na parte inferior do abdômen. Meu sorriso se torna rígido enquanto fico imóvel, tentando me impedir de me dobrar.

“Isso é tudo?” Minha voz está sem fôlego enquanto tento respirar entre as pontadas de agonia.

Morris me lança um olhar de escanteio e, quando ele concorda com a cabeça, eu me viro rapidamente.

Meu rosto está branco como um lençol quando entrego o pedido à GeeGee.

“Você está bem?”

“P-passe o pedido para a cozinha,” eu ofego, me agarrando ao balcão. “Eu tenho que— eu—”

As palavras não me vêm, e eu corro para a cozinha, irrompendo no beco. Batendo a porta, eu me encosto nela, tentando respirar entre a dor. Maddie estava certa. Quanto mais comprimidos eu tomo, mais me sinto mal. Mas ainda não tenho dinheiro para comprar os que são mais seguros.

Demoro alguns minutos longos e agonizantes para conseguir controlar a dor. Estou acostumada com ela. Não é novidade para mim. Toda a minha infância, com os abusos que eu sofri, não importava o quanto nosso pai me batesse ou se quebrasse algum membro, eu não tinha permissão para ver um curandeiro até sua raiva se acalmar, o que podia levar dias. Eu tinha de ir à escola e fazer as tarefas domésticas, mesmo que estivesse com um braço ou uma perna quebrada. Sei como viver quando meu corpo está gritando por misericórdia. Mas essas pontadas de dor são diferentes. Elas vêm e vão em ondas.

Usando a maçaneta da porta para me levantar, acalmo minha respiração para que eu possa, pelo menos, funcionar. Abrindo a porta, entro, ignorando os olhares curiosos da equipe da cozinha. Minha voz é calma, mais suave por causa da rédea curta que estou usando para poder trabalhar com a dor. “Vocês receberam o pedido da mesa dez?”

“A CeeCee passou,” o subchefe concorda com a cabeça, olhando para mim. “Você está bem?”

“Dor de estômago,” eu consigo dizer. “Das bravas. Quanto tempo vai demorar?”

“Quinze minutos.”

“Vou pegar o vinho.”

Certifico-me que escolhi o vinho certo antes de voltar à mesa de Morris, apresentando a garrafa antes de servir. Percebo que ele está me observando, mas o trato como se fosse um estranho. Minha mão não está firme quando sirvo o vinho. O jeito como ele está me encarando não facilita o meu trabalho. Além disso, tenho de suportar os espasmos de agonia em meu abdômen. Quando um pouco do vinho espirra na toalha da mesa, fico congelada.

Espero que ele me critique, mas ele só suspira e cobre o local com um guardanapo antes que eu possa dizer qualquer coisa. Quando ele levanta uma sobralalha, encontrando meu olhar, eu o ignoro. Será que ele espera que eu agradeça? De jeito nenhum!

“Aproveite seu vinho,” murmuro antes de me afastar com a garrafa.

O resto do almoço é semelhante, conduzido em silêncio. Não suporto o jeito como ele me olha, como se quisesse que eu dissesse alguma coisa. Quando ele termina de almoçar, já estou meio convencida de que foi só uma tática de intimidação. É óbvio que ele é um frequentador assíduo do local, então, não posso arranjar encrenca. Meus movimentos são mais lentos do que o normal enquanto sirvo a

comida dele, tomando cuidado para não me curvar demais, pois até o menor movimento me faz querer gritar.

O alívio é uma sensação quente e reconfortante quando finalmente entrego a conta.

Eu realmente não esperava que Morris deixasse uma gorjeta, mas quando ele sai com um último olhar para mim, pego o caderno para contar o dinheiro e percebo que ele deixou duzentos a mais. Confusa, fico olhando para ele, pensando se devo dizer que ele esqueceu o troco. Porque não é possível que Morris Wolfguard tenha me deixado uma gorjeta.

CeeCee se aproxima e sorri: “o Sr. Wolfguard sempre dá boas gorjetas. Bom trabalho. Ele deve ter ficado feliz com seu serviço.”

Eu dou um sorriso forçado: “derramei um pouco de vinho.”

“Não tem problema,” CeeCee dá um tapinha no meu ombro. “Um pouco de vinho não vai arruinar suas chances de ficar aqui no longo termo.”

Quando ela se afasta com o pagamento, fico olhando para os duzentos dólares na minha mão antes de guardá-los lentamente no bolso. Olho para o lado e vejo Amanda com Roger, outro dos garçons que não é meu maior fã. Eles estão de pé perto do bar. Por mais que eu não me importe particularmente se alguém me odeia ou gosta de mim, os dois podem afetar minha avaliação de desempenho hoje à noite. Além disso, Morris foi desnecessariamente duro com Amanda. Lembro-me das lágrimas em seus olhos quando ela fugiu. Talvez eu deva dizer alguma coisa.

Quando chego até eles, Amanda zomba: “sempre soube que vocês estrangeiras são umas vagabundas desesperadas. É por isso que sua alcateia é a sua alcateia. Você roubou meu cliente!”

“Eu não roubei ninguém,” eu franzo a testa, “a CeeCee me disse para atender ele.”

“Ah, cale a boca,” diz Roger. “Você estava praticamente babando no ombro dele.”

“Eu só fiz meu trabalho e ele não queria que a Amanda o atendesse,” digo calmamente. “Se você quer culpar alguém, culpe ele.”

“Essa gorjeta é minha,” diz Amanda, de repente vendo o dinheiro no meu bolso e agarrando ele todo.

“Ei!” eu digo, tentando pegar de volta, mas ela o segura longe de mim, contando as notas.

“Quinhentos dólares!” Os olhos dela se arregalaram: “ele foi generoso hoje!”

“A gorjeta foi de duzentos!” eu rosno. “O resto do dinheiro é meu. Agora, devolva.”

Se eu tivesse força física para empurrá-la e arrancar o dinheiro, eu teria arrancado, mas os comprimidos que estou tomando me deixaram com uma grave falta de apetite e força.

Roger zomba: “acho que trezentos dólares é uma boa compensação por ter roubado seu cliente, Amanda. O que você acha?”

“Eu concordo,” Amanda ri maliciosamente.

Minha mandíbula se contrai. Esses trezentos são para o meu aluguel!

“Devolva,” é uma luta para manter minha voz firme. “Ou vamos ter um problema.”

“Olha só essa atitude,” zomba Roger. “Você sabe que podemos te jogar na rua, certo? É melhor você se lembrar do seu lugar.”

JoJo, que estava observando o tempo todo, fala: “você não pode fazer isso! Isso é roubo!”

“Cala a boca, moleque!” Roger rosna para ele. “Ninguém te perguntou. É melhor você ficar de boca fechada se sabe o que é bom para você.”

“Não fale assim com ele!” eu digo furiosamente.

“Por quê?” O lábio superior de Roger se enrola. “O que você vai fazer?”

“Ela não está ficando um pouco desbocada?” pergunta Amanda de repente e, pelo brilho em seus olhos, sei que ela está tramando alguma coisa. “Vamos dar uma lição nela, Roger.”

Ela pega uma das garrafas de água que estão alinhadas sob o balcão, logo atrás de onde está meu laptop. Ela a abre e, por um momento, não entendo o que ela está tentando fazer. Então, fico horrorizada quando ela vira a garrafa inteira em cima do meu laptop.

“Não!” eu grito em choque, empurrando ela para longe. Mas o estrago já foi feito.

Roger está rindo, mas Amanda parece furiosa. “Você me empurrou?! Sua vadia! Quem você pensa que é?!”

Ela vem para cima de mim, mas alguém segura a mão dela antes que suas garras possam cortar minha bochecha.

“Já chega,” diz uma voz fria.

“R-Rachel,” Amanda parece irritada, mas quando Rachel abaixa a mão, Amanda não me ataca.

“O que está acontecendo aqui?”

Não consigo falar, principalmente por puro choque. Minha mente está entorpecida enquanto olho para meu laptop arruinado. A tela já escureceu. É então que vejo a água se espalhando pelas minhas anotações, manchando e espalhando a tinta. Correndo, começo a recolhê-las: “JoJo!”

JoJo não precisa de mais nada. Ele pega um guardanapo e começa a esfregar, mas a maior parte do trabalho já está manchada. Minha respiração fica entrecortada enquanto olho para todo o trabalho árduo que fiz, sem dormir, doente como um cão.

O desespero aperta meu coração com força, e minhas mãos tremem. Todo o meu trabalho. O que vou fazer agora? Como faço para consertar isso? O que eu faço?

Não consigo pensar em uma solução. Parece que quando algo começa a dar um pouco certo, é só para me dar um gostinho. E então alguém tira outra coisa de mim, tentando me dizer que eu não mereço nada.

Não sou uma pessoa que se irrita em público, mas não consigo falar. Meu coração está batendo tão forte que não consigo acompanhar.

“Ela foi grosseira comigo,” diz Amanda com arrogância. “E depois derramou água no próprio laptop. Olha só para ela. O quê? Você vai chorar agora?”

“Ela está mentindo!” JoJo levanta a voz, chateado. “Eles roubaram a gorjeta da Aisha e mais trezentos dólares dela, e quando ela disse para devolverem, eles esvaziaram a garrafa no laptop dela. Ela estava escrevendo um relatório para a faculdade. E é para amanhã!”

“Isso é verdade?” Rachel exige, sua voz furiosa. “Você roubou da Aisha?”

Amanda e Roger trocam um olhar. “Claro que não, Rachel! Em quem

você vai acreditar? Em dois recém-chegados ou em nós? Estamos aqui há dois anos! Você não pode—”

“Vou acreditar nas imagens de segurança,” diz Rachel, com frieza. “Vamos lá. Vamos esclarecer esse assunto.”

Mas quando ela se move, Amanda bloqueia seu caminho. “Não precisamos fazer isso. Somos da mesma alcateia. Você devia acreditar em mim em vez de humanos e forasteiros.”

Suas palavras são baixas o suficiente para chegar aos meus ouvidos, mas não aos do JoJo.

Rachel dá um passo para Amanda, sua voz como um chicote. “Tente me intimidar de novo, e você vai sofrer de um jeito que nem consegue imaginar. E espero que isso seja um mal-entendido, porque George e eu não toleramos ladrões mesquinhos no nosso restaurante.”

Roger intervém imediatamente, tentando rir da situação. “Foi só uma brincadeira entre amigos, certo Aisha?”

Seu olhar é duro, e consigo me recompor o suficiente para lançar um olhar de ódio. “Você acabou de me custar a bolsa de estudos. Isso é uma piada para você? E esse dinheiro é o dinheiro do meu aluguel. Eu quero ele de volta.”

Os olhos de Rachel estão gelados: “você escutou.”

Vejo o rubor no rosto de Amanda quando ela é forçada a devolver o dinheiro.

“E quanto a vocês dois, vou conversar com George. Aisha, minha sala, por favor?”

Com meus papéis ainda nas mãos, ando atrás dela como uma cega, meu coração tremendo a cada passo, minha mente se esforçando para encontrar soluções e falhando.

Uma vez em seu escritório, os olhos de Rachel se suavizam. “Sinto muito pelo seu laptop. Posso falar com George e garantir que esses dois paguem pelo conserto.”

“Eu—” Quero dizer alguma coisa, mas tem um nós grosso na minha garganta e fecho a boca, com os olhos ardendo.

“Eles vão pagar pelo conserto,” sua voz é firme, “e se o laptop não puder ser consertado, eles vão comprar um novo para você. Você pode tirar o resto do dia de folga para fazer seu relatório.”

Só posso concordar com a cabeça

Amanda e Roger têm expressões sombrias no rosto quando pego minhas coisas e saio alguns minutos depois. A CeeCee está conversando com eles, com uma expressão dura.

Eu não fico esperando.

Corro para o campus da faculdade, sabendo que a biblioteca fica aberta vinte e quatro horas. Mas, assim que chego, a primeira coisa que descubro é que os sistemas de computador estão fora do ar.

Fecho meus olhos.

Como esse dia está indo de mal a pior?

CAPÍTULO 7

Aisha

Está ficando tarde enquanto me sento em uma das mesas desocupadas, tentando escrever meu relatório à mão. A biblioteca da faculdade é a única que fica aberta durante a noite, e preciso acessar os livros que peguei emprestados enquanto fazia minhas anotações.

Olho para Harry, que está com a cabeça na mesa, dormindo profundamente.

Maddie não estava em casa e não atendeu o telefone. Não havia nenhum lugar onde eu pudesse deixar meu irmão. Felizmente, Harry pareceu entender que eu estava estressada e não reclamou. Comprei uns sanduíches e lanches para mantê-lo ocupado e deixei ele escolher alguns livros para ler depois de terminar a lição de casa.

Mas já se passaram horas e não estou nem perto de terminar. Meus dedos estão começando a doer e não comi nada desde o café da manhã. Harry continua me oferecendo a comida dele, mas ele precisa mais do que eu. A exaustão está se aproximando e tenho vontade de gritar. Quero quebrar alguma coisa e gritar a plenos pulmões. Estou lutando para juntar os pedaços da minha vida, mas eles continuam escorregando pelas minhas mãos. Por que não posso me agarrar a alguma coisa de uma vez por todas?

Uma onda de náusea me faz cobrir a boca. Levantando-me, corro para os banheiros e vomito ácido, me agarrando ao vaso sanitário. Mas não sai mais nada, porque meu estômago está vazio. Quando a náusea começa a desaparecer, continuo caída no chão, apoiada na parede de azulejos, sem me importar com a sujeira do chão. Não pode ser pior do que a minha vida.

“Será que tudo isso vale a pena?” murmuro para mim mesma, sentindo que estou perdendo os últimos resquícios de esperança. Uma risada amarga sai da minha garganta enquanto olho para o teto. “O que eu estava pensando? Talvez o papai estivesse certo. Talvez eu mereça tudo o que o mundo joga em mim. Eu devia ter deixado ele me espancar até a morte. Ainda seria melhor do que isso.”

Meus olhos estão secos enquanto olho para os azulejos.

“Não consigo terminar esse relatório,” murmuro. “E mesmo que eu termine, aquele idiota só vai me deixar passar raspando. Ele está só procurando um motivo para se livrar de mim. Eu devia ir para casa. Eu devia só—”

Fecho meus olhos.

O desespero é como um laço no meu pescoço, que se aperta a cada palavra.

Engolindo, eu me levanto.

Tenho que tentar. Eu cheguei até aqui. Fiquei dizendo para mim mesma que nunca mais deixaria ninguém me segurar. Não é isso que estou fazendo agora? Deixando que o mundo me esmague?

Lavando as mãos e o rosto, saio do banheiro e vejo Harry comendo seu sanduíche.

“Quer que eu deixe você em casa, Harry? Talvez a Maddie tenha voltado.”

Meu irmão balança a cabeça. Quando me sento, ele anda até mim, segurando um pedaço de sanduíche: “você devia comer.”

“Não estou—”

“Você tem que terminar um projeto grande, não é, Aisha?” Sua voz é séria. “Você sempre me diz que precisa de energia para trabalhar. Então, você precisa comer.”

Eu sorrio para ele, um sorriso suave e triste, e o puxo para os meus braços. “Você sabe que eu te amo, garoto?”

“Eu sei,” Harry sorri no meu cabelo. “Sou sua pessoa mais favorita do mundo todo.”

“Sim,” eu o abraço com mais força. “E é bom que você nunca se esqueça disso. Você e eu somos uma equipe, sempre. Nós contra o mundo.”

“Para sempre.”

“Para sempre,” repito, me inclinando para trás e depositando um beijo na testa dele, sentindo meu desespero desaparecer.

Estou fazendo isso pelo Harry, lembro a mim mesma. Para dar uma vida melhor para ele. E, por ele, posso enfrentar o mundo inteiro se

for preciso.

“Obrigada,” sorrio para ele.

“Pelo quê?” Ele me dá um sorriso confuso.

“Por recarregar minha bateria. Eu precisava de um bom abraço.” Levanto meu braço, dando tapinhas nos músculos. “Agora, estou pronta para enfrentar o mundo!”

Harry sorri: “você é tão estranha, Aisha.”

A maior parte da biblioteca está escura agora; as luzes estão se apagando para economizar eletricidade. À medida que as horas passam, minha caneta continua em movimento, meu pequeno colapso no banheiro praticamente esquecido. Harry está dormindo em uma fila de cadeiras empurradas juntas, coberto com minha jaqueta. Meus olhos se fecham de vez em quando, enquanto me esforço para ficar acordada. Ainda tenho muitas páginas para escrever.

A pilha de livros na minha mesa não para de crescer. Felizmente, eu me lembro de quais capítulos de cada livro usei, mas tenho que procurar essas informações de novo. Às três da manhã, consegui escrever um rascunho do meu relatório, mas minha mão está doendo e meus olhos se recusam a ficar abertos.

Talvez se eu descansar meus olhos por uma hora, eu consiga reescrever o relatório.

Meu coração está tremendo de exaustão. Cruzo os braços sobre a mesa e deito minha cabeça sobre eles.

Só um cochilo curto, nada mais.

*** **

É Harry quem me acorda, me sacudindo violentamente, com sua voz em pânico. “Aisha! Aisha, levanta! Eu tenho que ir para a escola!”

Quase pulo de susto, ainda meio adormecida. “O quê?”

“Aisha!” Harry me sacode de novo. “Levanta!”

“Estou de pé! Estou acordada!” Pisco os olhos algumas vezes. “Onde —?”

Ah, droga!

“Ficamos aqui a noite toda?” Esfrego as mãos no rosto. “Que horas são?”

“Seis!” Harry parece preocupado. “Você estava chorando enquanto dormia. Teve um sonho ruim de novo?”

“Sim,” tento sorrir, “mas tudo desapareceu agora que vi seu rosto.”

A preocupação desaparece dos olhos dele, e ele parece ansioso agora. “É a minha excursão hoje! Tenho que chegar cedo na escola!”

“Excursão? Ah, é, a excursão escolar. Não se preocupe,” verifico meu relógio de pulso. “Temos tempo de sobra. Deixe eu—”

Minhas mãos congelam quando estou prestes a pegar minhas coisas.

O relatório.

Eu nunca terminei.

O pânico está prestes a se enraizar dentro de mim quando vejo uma pilha de papéis bem digitados diante de mim. Estão todos em um arquivo, com a página de rosto certa, que inclui o nome de Morris e o meu, impressos em tinta preta. Eu pego a folha, atônita.

“Não fui eu que escrevi isso,” murmuro.

“Seu amigo quem escreveu,” diz Harry. “Ele também deixou um monte de comida para o café da manhã.”

“Meu amigo?” Olho de relance para meu irmão, surpresa. “Quem?”

Harry dá de ombros: “ele era super alto.” De repente, ele cobre a boca, parecendo chateado: “prometi não contar. Era para ser nosso segredo.”

“Qual era o nome dele, Harry?”

Mas Harry balança a cabeça: “eu não perguntei. Mas ele foi muito legal.”

Olho para a sacola de papel marrom ao lado do relatório e a abro para revelar sanduíches de presunto fresco, frutas e garrafas pequenas de suco. Tem ainda mais comida na cadeira ao lado da minha.

Estou confusa e um pouco abalada.

Pego o relatório de novo e o examino. É uma versão mais arrumada do meu primeiro rascunho.

Fechando os olhos, levanto o arquivo e pressiono minha testa contra ele, sentindo um grande alívio. Nem me importo com quem foi. Estou só agradecida. Eu precisava disso. Precisava de um gesto gentil hoje.

“Vamos lá,” digo depois de alguns segundos.

“Ah, ele também me disse para te dar isso.”

Eu já estava juntando meus pertences quando Harry coloca uma caixa retangular sobre a mesa. Por um momento, meu cérebro não compreende. E então, quando percebo o que é, meus joelhos fraquejam e eu afundo na cadeira, boquiaberta de choque.

“Onde você conseguiu esse laptop?”

Harry pisca: “seu amigo deixou para você. Ele disse que era um presente e que você precisava dele.”

Pego meu irmão gentilmente pelo braço e o puxo para me encarar. “Seja honesto, Harry. Como ele disse que se chamava?”

Harry balança a cabeça: “eu juro que eu não sei. Ele não me disse o nome dele.”

“Mas e o rosto, o cheiro? Qual era a aparência dele?”

Harry parece culpado. “Eu estava com sono, Aisha. Ele estava usando um casaco e eu não prestei atenção. Eu só queria mesmo era ir para casa. Ele tinha um cheiro bom, mas quando se sentou, abriu as janelas, então não dava mais para sentir. Ele me disse para fechar as janelas trinta minutos depois que ele saísse.”

Um metamorfo lobo, percebo sombriamente. Um que não queria que sua identidade fosse revelada.

Eu trabalho com muitos deles, e o incidente com o laptop deve ter vazado.

Pode ter sido qualquer um deles. Só um lobo tomaria essas precauções para não deixar seu cheiro para trás e evitar ser descoberto. Minhas mãos tremem quando pego a caixa. É um dos modelos mais recentes de uma marca cara. Não sei como me sinto com isso. Meu orgulho não quer que eu aceite. Mas a realidade é mais dura. Preciso de um laptop para minhas aulas.

Fecho meus olhos.

Só desta vez, talvez eu deva ser grata. Quem fez tudo isso por mim me

deu um presente maior do que provavelmente imagina.

“Vamos, Harry,” olho para meu irmão. “Vamos para casa.”

*** **

Depois de tomar um banho rápido e deixar Harry na escola para sua excursão, vou para a aula.

Lydia já está sentada na primeira fila, mas só me dá um sorriso cruel quando me vê. Eu sorrio de volta, cumprimentando-a com o relatório na mão. O sorriso dela some.

“Ei!” Clyde se acomoda na cadeira ao meu lado. “Você conseguiu terminar o relatório! Boa! Eu queria me oferecer para ajudar, mas ajudo meu pai no escritório dele e estava me afogando em papelada.”

“Tudo bem,” eu sorrio para ele. “Consegui terminar. Mas obrigada por pensar em mim.”

Nossa conversa termina quando Morris entra na sala de aula. Ele parece estar com um humor estranho e eu pego ele me observando várias vezes. Não tive tempo de comer a comida deixada para mim, então pego um dos sanduíches de presunto e começo a mastigar. O cheiro deve ter chegado ao Morris, porque ele imediatamente olha para nós. Visto o quanto ele não gosta de mim, espero ele me repreender ou fazer qualquer outra coisa para me humilhar. Mas ele só me observa por alguns segundos antes de virar as costas e retomar a palestra.

“O que deu nele hoje?” Clyde sussurra. “Ele está meio estranho.”

“Está?” murmuro de volta, mas começo a prestar mais atenção e percebo que Clyde tem razão. Os movimentos de Morris estão mais lentos e ele está com olheiras.

Mastigo meu lábio inferior, me recusando a me sentir mal pelo homem que me atormenta desde o momento em que o conheci. Mas para um lobo ficar assim, algo tem que estar muito errado.

Não é da sua conta, lembro a mim mesma. Eu devia simplesmente ignorá-lo.

Quando a aula chega ao fim, lembro-me de que ainda não resolvi meus problemas com esse homem arrogante. Mesmo que ele se recuse a me deixar entrar em seu escritório ou falar comigo cara a cara. E quase não consegui dizer nada para ele no restaurante ontem.

A Lydia é quem recolhe nossos trabalhos e, depois de ser sabotada intencionalmente, uma vez por ela e depois por outra pessoa, eu me recuso a entregar para ela. Seria muito conveniente se ela perdesse meu relatório entre a minha mão e a mesa do professor. E pelo brilho em seus olhos, parece que ela já tem algo planejado.

“Dê-me sua tarefa,” ela estende a mão.

Aperto minha mão com mais força sobre o arquivo. “Eu mesmo vou entregar.”

Os olhos dela se estreitam. Alguns alunos já começaram a se retirar e Morris está aguardando as tarefas na mesa dele.

Quando me levanto, Lydia bloqueia meu caminho. “Dê isso aqui!”

Minha mandíbula se contrai. “Desculpe, mas não confio em você com meu relatório, considerando o que você pensa de mim.”

Clyde está observando, divertido. “Por que está sendo tão durona, Lydia? A escolha é dela.”

“Não, não é!” Lydia responde. “E você não se meta nisso. Só porque ela provavelmente chupa seu pau, não significa que você tem que defendê-la!”

Sua voz está alta e eu estremeço, ciente de que Morris provavelmente escutou.

“Nem todo mundo é tão obcecado por sexo quanto você, Lydia,” digo com frieza. “E eu certamente não tenho tempo para sair por aí chupando o pau de ninguém, então talvez seja melhor colocar um limite nas suas suposições, ou vou falar com um conselheiro sobre essas acusações constantes.”

O rosto de Lydia fica vermelho vivo. “Não sou obcecada por sexo.”

Olho de relance para Clyde, que dá de ombros. “Podia ter me enganado. Você já insinuou que Aisha é uma vagabunda duas vezes. Três vezes é um padrão. Talvez você ganhe um vale-presente da próxima vez que ela te insultar.”

Eu rio.

Lydia, no entanto, não está nada impressionada. “O professor Morris me disse para coletar os relatórios, então você *tem* que me dar o seu! Agora, entregue aqui!”

Ela tenta arrancar o arquivo de mim e eu o seguro fora de seu alcance. “Menos, Lydia. O mundo não vai desabar se eu mesma colocar na mesa dele.”

Ela parece agitada agora, olhando por cima do ombro para alguém. Sigo seu olhar e vejo só uma de suas amigas ainda sentada no mesmo assento, embora a aula tenha terminado faz cinco minutos. Ela não se mexeu nem um pouco. A suspeita me inunda e percebo que eu estava certa. Lydia está tramando alguma coisa.

Não consigo me imaginar com tanto ranço de alguém a ponto de tentar arruinar suas notas. Mas estou começando a perceber que talvez muitas pessoas sejam assim. Elas gostam de machucar os outros. Pegando minha bolsa, me levanto e pulo sobre o assento à minha frente, aterrissando na outra fileira. Os olhos de Lydia se arregalam e ela levanta a voz: “volta aqui! Dê isso para mim!”

Eu a ignoro, pulando mais duas fileiras antes de correr para as escadas. Ela corre atrás de mim enquanto me apresso para descer. Morris está nos observando, irritado.

Bato meu relatório na frente dele, ofegando: “eu te entreguei meu relatório inteiro. Se ela tentar destruí-lo, a culpa é sua.”

Lydia já está atrás de mim: “Professor, isso— *ela não me deu o relatório.*”

Espero que Morris me repreenda ou fique irritado comigo, mas ele só levanta uma sobrancelha, colocando meu relatório na bolsa. “Já está comigo. Me dê o resto.”

“Você pode me dar essa bolsa,” diz Lydia docemente a Morris, mas não antes de me lançar um olhar desagradável. “Posso deixar tudo no seu escritório.”

Ela está estendendo a mão para pegar a bolsa e meus olhos se estreitam. Ela não pode ser tão descarada.

Morris dá um tapa na mesa dele: “você pode deixar tudo aqui e ir embora, e não gosto que você levante a voz para os outros alunos, Lydia. Se você não consegue se comportar com dignidade, vou dar essas tarefas para outra pessoa.”

Ver a expressão de humilhação no rosto de Lydia é estranhamente satisfatório. Pelo menos, se ele é um idiota, é um idiota com todo mundo.

“Por que está sorrindo, Srta. Hart?” Morris exige, olhando de repente para mim.

Abro a boca, mas paro.

De perto, ele parece exausto. Tem uma tensão ao redor de seus olhos, e eles estão prestes a ficarem vermelhos, como se ele não tivesse dormido por dias. Não notei isso ontem, porque estava ocupada tentando não estragar o pedido dele.

“N-nada,” gaguejo, perguntando-me por que estou tão preocupada com alguém que não ia olhar duas vezes para mim se eu acabasse na rua. Morris Wolfguard tem um coração de pedra. Ele não precisa que ninguém se preocupe com ele. Precisa de aulas de empatia, isso sim.

Ele está sustentando meu olhar e posso ouvir meu coração bater mais forte. Mesmo a essa distância, com os bloqueadores no meu sistema, meu corpo o deseja e posso sentir minha excitação crescendo.

“Aisha, vamos almoçar, se você estiver livre!” Clyde chama, parando ao meu lado.

“Ah,” é difícil desviar meu olhar do de Morris, minhas palmas úmidas. “Eu não posso. Tenho que ir trabalhar.”

“Você está sempre trabalhando,” reclama Clyde, atrás de mim.

“Quando você tem tempo para sair com os amigos?”

“Não tenho amigos,” respondo rapidamente, tentando respirar em meio a esse desejo que ainda está se agarrando a mim.

“Claro que tem,” zomba Clyde, “aquele tal do Derek. Você fala com ele no campus de vez em quando.”

Eu me viro, colocando as duas mãos nos ombros de Clyde para segurá-lo. “Clyde, tenho que ir trabalhar. Vejo você amanhã, está bem? Não me siga até o trabalho. Ia ficar estranho.”

“Você é tão malvada!” ele grita atrás de mim enquanto eu me afasto. “Mas eu gosto disso em você.”

Ele é tão esquisito.

Eu só balanço a cabeça, olhando para o relógio.

Estou atrasada!

*** **

O novo laptop é útil, mas não cometo o erro de levá-lo para o trabalho. George obrigou Amanda e Roger a pagarem o conserto do meu laptop, mas como a água fritou a placa-mãe, preferi comprar um tablet. É mais barato e mais útil para levar no trabalho e guardá-lo assim que o intervalo acaba. Tanto Roger quanto Amanda também se meteram em uma tonelada de problemas e, com a exceção de uns olhares tortos de vez em quando, eles estão me evitando. Considero isso uma bênção.

No entanto, nem tudo parece estar ao meu favor.

Morris criou o hábito de aparecer todos os dias para almoçar. E ele pergunta de mim todas as vezes. A essa altura, não sei se ele está só tentando me assediar ou se acha mesmo que minhas habilidades de atendimento são excelentes. Estou apostando na primeira opção, porque um homem não devia ser capaz de suportar tanto vinho caindo na mesa.

Sempre fico tão nervosa perto dele que minhas mãos não ficam firmes. Se alguém pode fazer com que eu seja demitida deste emprego, é ele.

Hoje é a quinta vez nesta semana que ele está aqui, e já não sei mais o que fazer. Toda vez que ele chega, tenho de tomar doses extras de bloqueadores, e isso dói como o inferno. Tentei todos os métodos possíveis para não ter de lidar com ele, o que inclui programar meu intervalo na hora em que ele aparece, mas ele espera até meu intervalo terminar e faz um pedido, ou a CeeCee me diz para tirar meu intervalo mais tarde.

E hoje, ele está de mau humor.

“Isso está frio!” ele estoura, apontando para seu salmão, que ainda tem vapor saindo dele.

“Vou levar para o chef,” respondo calmamente, mas antes que eu possa pegar seu prato, ele me interrompe.

“Esqueça. Vou comer do jeito que está!”

Olho de relance para a CeeCee, preocupada, antes de tentar novamente. “Posso pegar um prato novo—”

“Por que você não se concentra em me trazer o vinho certo?” ele exige.

Baixo o tom de voz e respondi: “então, talvez seja melhor pedir o vinho certo para começar!”

Seus olhos se estreitam em pequenas fendas. “Você está me respondendo?”

Eu dou um sorriso doentio e doce. “Eu não me atreveria.”

Ele só bufa, irritado: “você é péssima no seu trabalho.”

“E mesmo assim você sempre solicita meus serviços e interrompe meu intervalo,” sorrio para ele com firmeza. “Talvez você se sinta mais confortável com uma garçonete mais experiente?”

Ele olha feio para mim, mas não diz mais nada.

Infelizmente, ele fica cada vez mais difícil a cada minuto, e nossas interações ficam cada vez mais acaloradas. Tenho que me esforçar para manter minha voz baixa, mas ele está sendo um pentelho desnecessário. Tenho que continuar correndo para a mesa dele um segundo depois de tentar ir embora. Chego ao ponto de decidir ficar parada ali enquanto ele come, lançando um olhar assassino.

Nunca conheci um homem mais irritante. Sei que ele está fazendo isso de propósito.

Mas eu espero, forçada ao meu limite.

Assim que ele sai pela porta, eu saio pela porta dos fundos do restaurante, que dá para o beco ao lado.

Coincidentemente, Morris está passando por lá e me vê sair. Quando ele para, eu vou até ele: “em nome de Deus, o que foi aquilo lá atrás? Está tentando me fazer ser demitida?!”

Ele apenas me encara, com uma expressão vazia.

Isso me irrita ainda mais.

“Você não queria calar a boca lá dentro, mas agora de repente fez um voto de silêncio?” eu rosno. “Por que não pode simplesmente me deixar em paz? Eu—”

Uma onda de náusea me domina e, mesmo sem querer, meus joelhos se dobram. Agarro a lateral da lixeira para me apoiar, me puxando para cima dela e vomitando lá dentro.

“Aisha!” Morris parece alarmado, mas eu o afasto, tremendo.

“F-fique para trás!”

Como era de se esperar, não é fácil ser intimidador quando se está tentando vomitar e eu ainda falhando miseravelmente.

Morris me agarra, esfregando a mão nas minhas costas em círculos reconfortantes. “O que aconteceu?”

Eu me solto das mãos dele e algo cai do meu bolso, batendo no chão. Antes que eu possa impedi-lo, ele pega.

Um momento depois, sua voz é perigosa quando ele empurra o frasco de bloqueadores de feromônio na minha cara. “Que diabos é isso?! Há quanto tempo você está tomando isso?!”

CAPÍTULO 8

Aisha

Tento pegar as pílulas de volta, mas ele é maior e mais forte do que eu, e não tem a menor chance de ele me devolver.

“Não é da sua conta,” cuspo fracamente.

“Isso é ilegal,” diz ele furioso, “então é da minha conta.”

“Não, senhor!” Balanço a cabeça. “Não são e são meus. Você não pode roubar minha propriedade!”

Ele olha para mim, guardando a garrafa laranja no bolso de trás da calça. “Você está tão encrencada.”

“Eu tenho que tomar as pílulas!” eu rosno. “Ou vou enlouquecer! Tenho aulas com você dia sim, dia não, ou você se esqueceu? E depois você ainda aparece o tempo todo no meu local de trabalho! Esse é o único jeito de me proteger contra meus próprios instintos!”

“Isso vai te matar!” A mão dele se enrola em volta do meu pulso: “eu estava me perguntando por que você parece mais fraca que o normal! Você não tem comida, tem?”

“Sim, eu—”

“Você ficou louca?!” Morris de repente rosna na minha cara, e eu fico imóvel. “Passei anos tirando isso das ruas. Eles danificam seu sistema nervoso e afetam seu lobo! E também suprimem seu apetite a ponto de você morrer de fome!”

“Eu não me importo!” cuspo desesperadamente. “Não posso parar de viver minha vida porque você apareceu de repente!”

“Então, vamos dar outro jeito!” ele rosna.

Antes que eu possa seguir sua linha de pensamento, a boca de Morris se choca com a minha.

Assim que a boca dele encosta na minha, de repente parece que posso respirar, como se cada parte de mim que esteve tão tensa nas últimas

semanas tivesse relaxado. E é aí que sinto o calor escaldante.

É quase doloroso, esse desejo dentro de mim, latejando. Bastou um toque para minha calcinha ficar molhada. Todas as minhas objeções, meus argumentos racionais, voam pela janela quando Morris devora minha boca, me deixando uma bagunça ofegante e faminta. Meus mamilos estão duros por debaixo das roupas, pressionados contra o peito dele, e quero as mãos dele sobre eles, sua boca sugando-os. Quero que seus dedos grossos, que estão agarrando minha nuca para me manter no lugar, me penetrem. Não consigo separar um pensamento do outro.

Mas parece que não sou a única afetada por nossa proximidade. Morris, composto, calmo, crítico ao extremo, está me beijando como um homem faminto. Sua língua força a entrada e eu solto um gemido quando ele lambe o interior da minha boca como se nada fosse suficiente para ele. Esfrego minhas pernas uma na outra, meu desejo crescendo, e ele me joga contra a parede, minhas mãos presas acima da cabeça. Ele levanta o joelho, forçando minhas pernas a se separarem e, mesmo com nós dois de jeans, isso não importa.

Deslizo ao longo de seu joelho sem pudor, buscando prazer enquanto sua mão apalpa meu peito. Já estou tão excitada que a fricção de ambos os lados está me levando ao limite. Sua mão está se movendo por baixo do meu uniforme, procurando meu mamilo e, quando o encontra, belisca a carne endurecida de forma tão dolorosa que ofego na boca dele. A dor me faz dar um salto para a frente, forçando meu clítoris a roçar no material do meu jeans.

Eu me tensiono ao gozar, Morris engolindo meus gemidos.

Ele congela, mas não me solta. À medida que a euforia do meu orgasmo desaparece, meu coração começa a bater descontroladamente. “Ah, droga. Eu—”

Ele dá um passo para trás, tomando o cuidado de não me deixar cair. Não preciso me olhar no espelho para saber como estou desarrumada agora. Posso ver a protuberância dura na frente da calça jeans do Morris e engulo em seco. Isso é— devia ser tão grande assim?

“Vá para dentro,” a voz dele é um rosnado áspero.

“O quê?” eu gaguejo.

Ele bate o punho contra a parede, com uma expressão furiosa. “Vá para dentro! Agora!”

Não hesito, corro para a porta e a abro. Felizmente, não esbarro em ninguém no caminho do banheiro. Minhas mãos estão tremendo com o que acabou de acontecer. Uma olhada no espelho me faz estremecer. Minha boca está inchada, minha camisa está desabotoada. Posso sentir o cheiro da minha própria excitação e meu rosto fica vermelho vivo.

Como isso aconteceu? Por que eu deixei ele fazer isso? E por que diabos eu não tentei impedi-lo?

Abro a torneira e me limpo rapidamente. Não vou conseguir apagar completamente o cheiro do Morris, mas posso remover os traços do meu próprio cheiro de excitação.

Bem nessa hora, a porta do banheiro dos funcionários se abre e eu fico paralisada.

Que droga! Qualquer um ia reconhecer—

Um pacote de uniforme é deslizado sob a porta do meu cubículo, e escuto a voz de George. “Aqui. Para você se trocar.”

Meus olhos se fecham em sinal de mortificação, mas sussurro um “obrigada” suave pouco antes da porta se fechar atrás dele.

Ah, Deus! O quanto ele viu? Ou será que sentiu meu cheiro enquanto eu passava correndo por seu escritório?

Isso é tão constrangedor.

Uma coisa é meu chefe saber, outra coisa é meus colegas de trabalho descobrirem. George costuma ser discreto, então sei que ele não vai fofocar. Mas se eu não me trocar, se eu sair com o que estou usando e com todos esses cheiros me cobrindo, vou ser o centro das fofocas por dias, se não semanas.

Decisão tomada, eu me troco rapidamente, colocando minhas próprias roupas na embalagem transparente.

Ninguém parece ter notado nada quando coloco a embalagem no meu armário. Mas quando abro minha mochila para colocá-la lá dentro, um pensamento horrível me ocorre.

Minhas pílulas!

Morris as pegou.

Eu me afundo no banco, sem saber o que fazer. Como vou assistir à aula dele na segunda-feira sem tomar os bloqueadores?

Olho fixamente para minha mochila.

Estou tão ferrada.

*** *****

O fim de semana passa sem nenhum incidente, mas na segunda-feira de manhã, estou mais do que ansiosa quando vou para a aula. Não sei o que me espera, mas seja o que for, não vai ser bonito.

Decido chegar um pouco mais cedo para ver se consigo encontrar o Morris em seu escritório e convencê-lo a devolver os comprimidos. Tenho certeza de que, se eu for razoável, ele vai entender. O que acontece comigo não é da conta dele. Não é como se ele me quisesse por perto, de qualquer jeito. Só preciso tomar essas pílulas para este semestre e, depois, não precisamos mais nos preocupar um com o outro.

Meu argumento parece racional na minha cabeça, então me sinto um pouco confiante ao me aproximar do escritório dele. A luz está acesa, mas as persianas estão fechadas. Não vejo ninguém por perto, então bato na porta.

“Professor Wolfguard?” eu chamo. “Preciso falar com você.”

“Venha me ver no horário de expediente!” vem um rosnado áspero de dentro.

Ele parece estar de péssimo humor e uma parte de mim está tentada a deixá-lo em paz e não ser pega na mira de sua raiva. Mas a realidade me joga de volta à terra e eu solto um suspiro antes de dizer: “é urgente!”

Silêncio do outro lado e, em seguida, o barulho dos móveis contra o assoalho de madeira. Meus olhos se arregalam com a infinidade de sons antes da porta ser aberta com um puxão. Ele não hesita, só me agarra pela frente da blusa e me puxa para dentro com força.

“O que você está—”

Não tenho a chance de terminar minha pergunta quando a boca dele desce sobre a minha.

De novo, com os beijos surpresa!

Mas não tenho força de vontade para resistir como tive na sexta-feira. É como se meu corpo se recusasse a rejeitar o toque dele, me derretendo em seus braços. Sinto vergonha de mim mesma enquanto

me pressiono contra suas mãos que envolvem meu peito por cima da camisa. Todo meu corpo está se contorcendo de fome.

Uma pequena voz dentro de mim protesta, cada vez mais alarmada, que ele é meu professor. Mas, por baixo do verniz de civilização humana que vestimos, ele é o homem que meu lobo deseja. Somos lobos por baixo de tudo isso e, em nosso mundo, isso é normal, isso é aceito. E mesmo assim parece tão errado.

Meus olhos se fecham, minha cabeça cai para trás contra a porta, enquanto a boca quente de Morris deposita beijos molhados e de boca aberta ao longo da minha mandíbula, da linha do meu pescoço, antes de suas mãos rasgarem minha camisa. Não tenho chance de protestar porque suas mãos já despiram meus seios bem dotados, empurrando meu sutiã para longe, e sua boca está chupando meu mamilo duro.

Agora estou ofegante, implorando. Suas mãos seguram minhas nádegas, me levantando com toda facilidade. Minhas pernas envolvem sua cintura, meus seios estão em seu rosto. Ele tira o máximo proveito deles, chupando, beijando e mordendo, deixando marcas em toda a minha pele pálida. Minhas pernas estão abertas, enroladas na cintura dele, e minha área mais íntima, por mais vestida que esteja, está pressionada contra seu pênis duro. E ele está esfregando círculos contra meu centro, fazendo-me contorcer e gemer.

Essa não sou eu.

Não perco o controle desse jeito.

Mas, no momento, nós dois somos escravos dos nossos instintos.

É quando sinto as garras dele na minha calça jeans que algum nível de consciência luta dentro de mim. Mas é tarde demais. Escuto o som de tecido rasgando e, em seguida, ele afunda dois dedos dentro de mim.

“P-Professor,” gemo em seu ouvido, sem querer.

Ele se enrijece contra mim e, quando penso que está prestes a parar, ele começa a me provocar com seus dois dedos. Estou indefesa sob seu toque enquanto ele me fode com dedos grossos, me levando a um estado sem razão em que eu só imploro e suplico. Ele engole minhas palavras com sua boca.

Eu me despedaço em seus braços e, mesmo quando me fecho em torno de seus dedos, ele não para. Em vez disso, recua, me colocando de pé. Antes que eu possa entender o que está acontecendo, ele empurra tudo o que está em sua mesa para o chão e me joga sobre a superfície de

madeira. Segurando minhas pernas abertas, ele agarra minha mandíbula com uma das mãos, ordenando com uma voz sexy de barítono. “Olhe para mim.”

Não tenho escolha.

Seus dedos se movem dentro de mim, mais devagar dessa vez, enquanto ele observa minha expressão com satisfação no rosto.

Ele não diz uma palavra, só me observa me contorcendo sob seu domínio, desejo descontrolado crescendo dentro de mim.

“Por favor,” eu me contorço. Imploro que ele me solte, que me deixe gozar, mas ele move os dedos tão lentamente que minha mente fica vazia. Preciso do pênis dele. Preciso que ele me foda com ele, que me possua com ele, mas ele se recusa, só usa os dedos em mim, como se isso fosse tudo o que ele achasse que eu mereço.

Meus lábios se separam e uso minha língua, lambendo a mão dele que ainda está segurando meu rosto no lugar. Vejo uma selvageria em seus olhos quando ele murmura: “quer que eu foda sua boca também, Srta. Hart?”

A essa altura, todas as minhas inibições se foram e eu concordo com a cabeça.

Ele solta minha mandíbula e estende dois dedos para minha boca, que eu chupo. Então, ele começa a movê-los para dentro e para fora de minha boca no mesmo ritmo dos dedos no meu sexo.

Ele coloca um terceiro dedo na minha boca e depois um quarto, e eu o deixo foder minha boca enquanto ele faz o mesmo entre as minhas pernas. Estou gozando por toda a mão dele, mas ele não para o que está fazendo na minha boca. Nunca experimentei nada remotamente próximo disso, mas meu corpo parece pertencer a ele, e ele pode fazer o que quiser.

É um sentimento descontrolado, que está crescendo a cada segundo.

Depois que ele afasta as duas mãos, eu me deito na mesa, a mente em branco. Vejo ele lambe meus sucos dos dedos, com uma expressão curiosa no rosto. E quando ele me puxa para beijá-lo, eu não o impeço, porque preciso tanto quanto ele.

A névoa de prazer começa a se dissipar e, quando acaba, Morris já arrumou minhas roupas e alisou meu cabelo.

Sinto-me um pouco bêbada e, quando ele força um copo de água fria nas minhas mãos, eu bebo. Instantaneamente, ela começa a dissipar o resto da névoa na minha cabeça e meu rosto começa a ficar vermelho. Estou prestes a me levantar, ou pelo menos pensando nisso, quando ele diz: “nem pense nisso, Aisha.”

Fecho os olhos, me afundando na cadeira: “isso não devia ter acontecido.”

“Se você não tivesse tomado aquelas pílulas estúpidas, não teria acontecido!” ele rosna.

Minha cabeça se ergue: “desculpe?!”

Quando meus olhos pousam nele, eu finalmente absorvo o que estou vendo.

Ele não está barbeado, a camisa está desabotoada e a gravata está pendurada no pescoço. Ele parece perigosamente sexy e eu imediatamente desvio o olhar, confusa.

“Essas pílulas, quando você as toma em doses tão grandes, elas não são só mortais,” ele rosna para mim, “mas assim que você para, elas colocam seus feromônios em um estado fanático.”

Qualquer outra mulher teria murchado sob seu olhar feroz, mas eu não. Eu o culpo por isso.

“Eu não teria que tomar as pílulas se você não tivesse aparecido!” eu respondo.

Seus olhos se arregalaram: “como isso é culpa minha?!”

“E como é minha?!” eu retruco, irritada. “Eu não quero estar nessa situação mais do que você. E eu estava indo tão bem,” solto um gemido baixinho, afundando a cabeça nas mãos. “Agora nós fizemos isso!”

“Você quer dizer sexo?” Ele parece estar achando graça agora. “Nós ainda não fizemos sexo.”

Minha cabeça se ergue: “e não vamos!”

“Bela tentativa,” ele zomba. “Nós já tivemos um gostinho um do outro. E eu não vou te devolver essas pílulas. E—” ele se inclina para a frente, com um tom ameaçador “—se eu descobrir que você tomou mais dessas, vou te reprovar na minha aula.”

Meus olhos se arregalam como pires. “Mas que diabos?! Você não pode fazer isso!”

“E quem vai me impedir?” ele zomba. “Não vou deixar que você se envenene. É óbvio que nada está dando certo e, como somos compatíveis o suficiente, essa é a única solução que existe.”

“Se você está falando em dormir juntos—”

“É claro que é disso que eu estou falando,” ele me lança um olhar irritado. “Temos que tirar essa ânsia dos nossos sistemas para podermos funcionar nas nossas vidas diárias. Quando dormirmos juntos, os feromônios vão enfraquecer. Depois de algumas vezes, eles desaparecem e a dança do acasalamento começa. Nós nos separamos assim que os feromônios desaparecerem. Problema resolvido.”

“Ah, problema não resolvido,” eu o encaro. “Você esqueceu a parte em que você é meu professor?!”

“Você tem razão,” Morris parece pensativo. “Eu devia ser mais duro com você na aula para ninguém perceber...”

“Não foi isso que eu quis dizer!”

“Então o quê?” Ele me estuda.

“Relacionamentos entre alunos e professores não são permitidos!”

Ele levanta uma sobrancelha. “É com isso que você está preocupada?” Ele faz um gesto com a mão: “essas regras não se aplicam a nós.”

“Aposto que a equipe humana não vai pensar assim quando te pegarem com as calças no chão.”

“Você precisa ser tão grosseira?” A sobrancelha de Morris se franze em desgosto. “É claro que não vamos nos envolver no campus. Podemos marcar um dia, uma vez por semana, em algum lugar particular, e tirar isso do caminho—”

A bile sobe pela minha garganta. “Você pode não fazer parecer que é uma transação comercial? Está me fazendo sentir como uma prostituta.”

Ele fica parado e, por um momento, espero que me repreenda, mas, em vez disso, ele me dá um olhar ligeiramente arrependido. “Não foi isso que eu quis dizer, mas temos que estabelecer regras básicas e espero que você esteja de acordo.”

Ele está de volta ao seu modo professor quando começa: “não espere que isso seja um envolvimento romântico. Não estou atrás de uma companheira. Se você tentar forçar a dança do acasalamento, não vai acabar bem para você.”

“Não se dê ao trabalho de me ameaçar,” cruzo os braços sobre o peito. “Você também não é nenhum prêmio. E para sua informação, só estou concordando porque não tenho escolha. Você não é nenhum parceiro ideal.”

Os olhos de Morris se estreitam: “que bom que estamos na mesma página. Além disso, durante nosso envolvimento físico, você não pode dormir com outro homem. Não vai ser uma experiência agradável.”

Minha sobranalha se arqueia: “você está ameaçando meu namorado?”

Ele congela: “você tem um namorado?”

Recosto-me na cadeira, resmungando entre os dentes: “eu podia ter se eu quisesse.”

“Sem namorados por enquanto.”

Eu olho para ele. “Isso significa que você mudou de ideia sobre a nota de aprovação?”

A expressão dele é severa. “Se você tentar abandonar a faculdade de novo—”

“Isso não responde à minha pergunta,” retruco.

Em resposta, ele se abaixa e pega um arquivo do chão, jogando para mim. Eu o pego no ar, mas olho e percebo que é o relatório que entreguei na aula. Recebi um A menos.

Minha boca fica seca enquanto encaro minha nota, e ele diz: “isso responde à sua pergunta?”

Concordo com a cabeça em silêncio, atordoada, e depois olho para ele, perguntando cuidadosamente: “se eu rejeitasse sua proposta, isso ia afetar sua decisão?”

Morris desvia o olhar de mim. “Não vou colocar sua bolsa de estudos em risco, Aisha. Você se esforçou muito para coletar as informações desse relatório. Considerando que você tinha duas desvantagens, a de estar trabalhando sem um parceiro e de ter perdido as primeiras palestras, eu sei que você recebeu essa bolsa por um motivo. Não

tenho intenção de me intrometer.”

O alívio me inunda.

“Você vai recusar minha proposta?” Seu olhar é afiado.

Hesito: “não posso me dar ao luxo de deixar que nada atrapalhe meus estudos ou meu trabalho, então acho que não. Se você concorda em parar antes da dança do acasalamento, então eu estou dentro.”

Não que eu tenha muita escolha. Sem os bloqueadores, quanto mais tempo eu passar perto do Morris, mais difícil será me controlar. E se eu não ceder aos meus impulsos, vai ser doloroso.

“Tudo bem,” concordo com a cabeça, esperando não estar entrando na cova dos leões. “Vamos fazer o seguinte. Sem romance, sem sexo com terceiros, sem expectativas. Para mim é possível. Desde que a faculdade não descubra. Só quero acabar logo com isso.”

Quando Morris me encara, acrescento com pressa: “não estou dizendo que dormir com você vai ser uma obrigação horrível. Quer dizer, você é muito bonito— não, quer dizer, não é— inferno!” Afundo o rosto nas mãos, tentando não soar como uma idiota ainda maior. “Esqueça o que eu disse. Vou me lavar e vou para a aula. E, ah, vejo você mais tarde.”

Ele fica olhando para mim.

“Sim, tudo bem,” deslizo para fora da cadeira. “Estou indo embora.”

Quando saio, tenho certeza de que escuto uma risadinha.

A mortificação faz meu rosto ficar vermelho.

O que foi que eu fiz?

CAPÍTULO 9

Aisha

Os dois dias seguintes são fáceis, uma moleza depois de tudo o que aconteceu na semana anterior.

Morris não me procura e eu começo a relaxar. Talvez ele tenha mudado de ideia. O fato de ele não aparecer no meu trabalho também melhora meu humor. Desde então, vi George de passagem algumas vezes, mas ele não mencionou o incidente de sexta-feira, e eu certamente não vou procurar encrenca tocando no assunto.

O fato é que, por mais gostoso que ele seja, a ideia de dormir com Morris é aterrorizante. Não é que eu tenha medo de sexo. Até agora, tive só dois parceiros sexuais, e mesmo esses foram relativamente entediantes. Um deles foi um amante humano no meu último ano do ensino médio. Ele era bonito e inofensivo, e eu me senti segura o suficiente para perder minha virgindade com ele. Minha segunda vez foi com outro membro da alcateia que era meio que um amigo. Nós dormimos juntos algumas vezes, os dois inexperientes. Mas o pai dele acabou descobrindo e me culpou, me humilhando na frente da minha família.

O garoto foi covarde demais para admitir que foi ele quem deu em cima de mim. Mais tarde, meu pai me espancou por “ser uma prostituta.” Não lhe ocorreu que o pai do garoto me repreendeu não por minha causa, mas por causa do pai que eu tinha. Ninguém queria ser associado à família de um jogador e bêbado violento. Toda a fortuna que meu avô construiu na época dele e o status que ele nos proporcionou já tinham sido destruídos pelo meu pai. Outros membros da alcateia tentavam acasalar seus filhos com a nossa família na época do meu avô, mas agora nos observavam com pena e aversão.

Mas toda a minha experiência sexual foi limitada a garotos que eram como eu, inexperientes. Morris é totalmente o oposto disso. Ele sabe o que está fazendo e é dominante. Ficou óbvio nos nossos dois últimos encontros que eu não sou páreo para esse homem. Acabo me perdendo nele. Se eu ainda tinha algum tipo de controle no beco, ele se perdeu completamente no escritório. Eu me senti uma pessoa completamente diferente depois, e isso me assusta.

Terminando meu turno de trabalho, estou prestes a ir para casa quando vejo um carro preto de aparência elegante com vidros escuros esperando na porta. A frente do restaurante é uma zona proibida para estacionar e hesito antes de ir até o carro e bater na janela do lado do passageiro.

Quando a janela se abre, eu começo: “desculpe, o senhor não pode estacionar— *Professor Morris?!*”

“Entre,” ele ordena.

Eu estreito os olhos: “para os meus colegas começarem a imaginar coisas? Não, obrigada. Dê a volta no quarteirão.”

“Eu já estou aqui,” ele argumenta. “É só entrar.”

“Eu disse que não!” Faço uma careta. “Não vou dar um motivo para ninguém fofocar.”

Dou um passo para trás, apontando para o final da rua. Vejo a expressão sombria no rosto de Morris, mas ele simplesmente fecha a janela e engata a marcha do carro antes de dar a partida.

“O que foi isso?!” Anthony, o segurança, se aproxima com uma expressão confusa. “Desculpe, eu estava no meu intervalo.”

“Tudo bem,” dou de ombros. “Só um cara que acha que as regras não se aplicam a ele. Quer dizer, quem tenta estacionar na zona proibida, não é?”

“Gente rica,” Anthony revira os olhos.

“Nem me fale,” concordo antes de descer a rua. Assim que viro a esquina, o carro está me esperando.

Morris abre a porta antes mesmo de eu chegar no carro e, pela sua expressão, ele não está nada satisfeito. Sua voz é um rosnado: “entre antes que eu te arraste para dentro.”

Eu o olho com cautela: “não com essa atitude.”

“Aisha.”

O tom de advertência em sua voz me faz obedecer. “Tudo bem. Mas não grite comigo.” Deslizo para o assento e fecho a porta do carro: “onde nós—?”

“Hotel Revere,” ele me passa um cartão. “Reservei um quarto para

nós.” Quando olho para ele, ele acrescenta: “já está pago, caso você tenha mais alguma ideia de sair escondida pela escada de incêndio.”

Eu me recuso a ficar constrangida. “Talvez da próxima vez, deixe um bilhete me avisando disso. E tenho que avisar minha vizinha sobre a mudança de planos. Ela vai ter de tomar conta do Ha— meu irmão.”

“Então, ligue para ela.”

Não sei como dizer à Maddie que estou ocupada tendo orgasmos, então escolho a mentira mais conveniente. “Desculpe, Maddie, mas fiquei presa no trabalho. Vou demorar mais algumas horas. Você pode ficar com o Harry até eu voltar?”

“Claro, querida,” Maddie parece um pouco divertida. “Divirta-se no trabalho!”

É o tom dela que me deixa desconfiada e, ao encerrar a ligação depois de agradecê-la, fico olhando para o telefone. Não tem como a Maddie saber. Ela não sabe. Estou só imaginando coisas.

“Algumas horas?” Morris olha para mim.

Eu pisco os olhos: “foi o que eu assumi. Se terminarmos em menos de uma hora, posso ligar de volta e—”

“Não foi isso que eu—” Ele me lança um olhar sombrio. “Não importa. Vamos embora.”

Torço os dedos de ansiedade. Morris está todo calmo e controlado, mas não teria porque não estar. Ele provavelmente já fez isso centenas de vezes. Por outro lado, não sei exatamente o que esperar. Será que vamos cair na cama assim que entrarmos? Como se deve começar? É um evento do tipo ‘um, dois, três, vai’?

O último pensamento me faz rir com a cena na minha cabeça.

“Por que está rindo?”

“Por nada,” eu tiro o sorriso do rosto. “Só tive uma ideia.”

“Quer compartilhar?”

Eu lanço um olhar de reprovação. “Você pode parar de agir como se estivéssemos em uma sala de aula por um minuto? É muito estranho.”

Ele franze a testa: “eu não estava—”

“Quer compartilhar a piada com a classe, Srta. Hart?” eu o imito, e ele me lança um olhar insultado.

“Tudo bem, não me diga. Não é como se eu quisesse saber.”

Por um momento, acho que seu tom está um pouco magoado, mas viro a cabeça para a janela, determinada a ignorá-lo. Ele vai superar. Só quero que toda essa história de dormirmos juntos acabe logo. Já estou me torcendo em nós aqui.

Assim que o manobrista leva nosso carro na frente do hotel, Morris se vira para me olhar, com uma expressão séria. “Suba direto para o quarto. Não fale com ninguém e não diga seu nome. Espere lá dentro e eu te encontro em meia hora.”

“Meia hora?!” Eu lanço um olhar incrédulo para ele. “Eu tenho que esperar lá sozinha—”

“Já está pago, Aisha.”

Agora, ele parece estar se divertindo.

Eu só bufo: “tudo bem.”

Estou prestes a me afastar quando ele me agarra pelo pulso, puxando para trás e me fazendo bater contra seu peito. Seus olhos escuros estão brilhando: “não sou um professor aqui e você não é minha aluna. Não se esqueça disso.”

A proximidade dele faz meu coração disparar e posso sentir minha excitação crescendo. O brilho de satisfação em seus olhos me faz sibilar: “estou bem ciente. O quê, você quer que eu te chame de Morris aqui?”

“Isso seria preferível.” Ele parece gostar do meu estado de nervosismo e irritação, e isso só me deixa ainda mais tensa.

Puxo minha mão de volta, afastando-me dele e ignorando como ele olha significativamente para o meu peito. Posso sentir meus mamilos endurecidos pressionando minha camiseta.

Eu só lanço o olhar mais sujo que consigo fabricar. “Posso ir agora? Ou você tem outras informações que quer compartilhar comigo, me jogando em cima de você?”

Seus lábios se contraem: “não. Pode ir.”

Eu me afasto, envergonhada. Seria mais fácil se as reações físicas dele

também se manifestassem, mas não, é só o meu corpo que entra em estado de alerta quando ele está por perto.

Quando entro no saguão, sinto alguns olhares, mas ninguém diz nada. Isto é, até eu me dirigir aos elevadores, onde um homem de terno me aborda. “Senhorita, está hospedada neste hotel?”

Ele parece ser um tipo de gerente, e eu congelo: “Ah, sim.”

“Qual é o quarto?”

Tiro o cartão do bolso e verifico o número. “Ah, quarto 307.”

“Posso ver esse cartão?” O tom é educado, mas seus olhos são duros.

Eu o entrego sem hesitar: “qual é o problema?”

Ele olha para o número, confirmando minhas palavras, e depois olha para mim. “E você mesma pagou por esse quarto?”

Eu estreito os olhos para ele, com os braços cruzados sobre o peito. “Não, foi meu namorado. Morris. Por que você não vai verificar o histórico do cartão de crédito dele? Ele é um hóspede frequente aqui.” A última parte é um blefe.

O homem me estuda antes de erguer a sobrancelha. “Certamente. Preciso de uma cópia do cartão com o qual ele pagou antes de deixá-la subir.”

Isso está ficando ridículo. “Você acha que eu ando por aí com uma cópia do cartão de crédito do meu namorado? Olha, eu tenho a chave do quarto e ele vai me encontrar aqui em meia hora. É só entrar em contato com ele. O número deve estar no seu sistema.”

Vejo como o gerente passa os olhos sobre meu jeans folgado e minha camiseta azul, que já vi dias melhores, e sinto o calor subir pelo meu pescoço. É óbvio que ele está me julgando. Para piorar a situação, não tenho nem mesmo o número do Morris para ligar para ele e resolver a situação.

“Sinto muito, mas não acredito em você,” diz o gerente com frieza. “Não podemos arriscar expor nossa clientela a pessoas como você.”

Por um momento, não entendo o que ele quis dizer, mas quando me dou conta, meu rosto fica vermelho. “Você está me chamando de prostituta?”

Ele não diz nada, só levanta a sobrancelha como se estivesse me

desafiando a provar o contrário.

É preciso tudo em mim para não dar um soco nesse homem. “Ok, isso está ficando ridículo. Ligue para o Morris. Você deve ter o número dele.”

Talvez seja a minha recusa em ceder que está tornando ele tão teimoso. “Não preciso fazer isso. Não sei como você colocou as mãos nesse cartão, mas ele vai ficar comigo.”

Minha raiva está queimando agora. Ele está me tratando como uma prostituta barata. Mesmo que eu esteja aqui para dormir com Morris, até onde essa pessoa sabe, eu podia ser sua namorada de verdade. Ele só está me julgando pelo estado das minhas roupas.

“Você não me deixa escolher,” ele franze a testa. Pegando seu walkie-talkie, ele pressiona um botão: “preciso de segurança no elevador do Nível Um.”

Meu queixo endurece e ele pega o celular e disca um número. “Polícia de Portland?”

Meus olhos se arregalam em choque quando ele fala com a polícia, me lançando um olhar mordaz o tempo todo. “Tenho uma mulher causando uma cena no meu hotel. Hotel Revere, na South West Morrison. Acredito que ela seja uma garota de programa e se recusa a ir embora.”

Isso não vale a pena.

Nada disso vale.

“Esquece,” murmuro, virando-me para sair. Ele agarra meu pulso, me impedindo.

“A polícia está a caminho. Pessoas como você precisam sentir o gosto da justiça para aprender uma lição,” ele sibila.

“Solte-me!” Eu arranco minha mão da dele e ele grita.

“Segurança!”

Qual é o problema desse homem?

Tenho que ir embora. Se a polícia se envolver, eu e o Morris estamos ferrados. Estou prestes a me virar e começar a correr quando alguém me agarra pelo braço, me puxando contra um peito muito firme.

“O que está acontecendo aqui?” A voz de Morris é sombria. “Você não estaria assediando minha namorada, estaria?” O gerente fica branco como um lençol e Morris me abraça mais forte. “Por que ela está tão chateada?”

“Eu—” O gerente gagueja quando três seguranças se aproximam correndo. “Eu não sabia que ela estava com o senhor, Sr. Wolfguard.”

“Não sabia?” Morris pergunta de forma mordaz. “Você disse para esse homem que estava comigo?”

A pergunta parece ser para mim, e eu concordo com a cabeça, me deliciando com esse breve momento de vingança. “Sim, mas ele me chamou de prostituta e depois chamou a polícia, dizendo que eu era uma garota de programa. E ainda chamou a segurança e se recusou a me deixar sair.”

“Você fez o quê?!”

A fúria na voz de Morris é uma surpresa até para mim.

“Eu pensei—” o gerente gagueja. “Ela estava agindo de forma suspeita, Sr. Wolfguard. Eu não sabia— ela é tão diferente das outras mulheres—”

“Você está falando de outras mulheres na frente da minha namorada?” A voz de Morris assume um tom perigoso. “Minha vida particular precisa ser um livro aberto para você? Eu deveria informá-lo sobre com quem saio?”

“N-não, senhor. Sinto muito, senhorita!”

Vejo as pessoas olhando para nós e murmuro baixinho: “vamos embora. Essa conversa é inútil.”

“Vamos,” Morris me guia para o elevador, mas não antes de olhar para o gerente: “isso vai parar no seu arquivo.”

Arquivo?

É quando as portas do elevador se fecham atrás de nós que olho para o Morris. “Como você vai colocar qualquer coisa no arquivo dele? Não me diga que você trabalha aqui ou coisa assim.”

“Ou coisa assim,” ele responde vagamente.

Estou prestes a perguntar o que ele quer dizer com isso, mas decido ficar quieta. Essa coisa entre nós não existe em nenhum nível

emocional e a parte física já é complicada o suficiente. É melhor não nos aprofundarmos muito na vida um do outro.

Quando chegamos ao quarto e Morris abre a porta para mim, percebo que se trata de uma suíte, não de um quarto simples.

“Você reservou uma suíte para nós?” pergunto incrédula. “Achei que íamos só fazer sexo e pronto.”

Ele torce o nariz: “não precisa ser tão rude.”

“Não tem nada de errado em ser prática.” Sento-me na cama, maravilhada com a maciez do colchão. É como estar sentada em uma nuvem.

“O que mais Terrence disse para você?” Morris se aproxima de mim.

“Exatamente o que eu te disse,” respondo. “Eu não menti sobre nada —”

“Eu nunca disse que menti,” sua resposta é calma. “Você disse que estava comigo?”

“Bem, eu mencionei seu primeiro nome,” meus dedos acariciam os lençóis macios, “e que você era meu namorado, e que reservou um quarto aqui. Eu disse para ele verificar seu nome no sistema e ligar para você para confirmar, mas ele ficou falando de ‘pessoas como eu’ então percebi que ele tinha mesmo alguma coisa contra mim porque minhas roupas são meio baratas.”

“Não tem nada de errado com suas roupas.”

Olho de relance para ele e sei que ele está mentindo. Estou bem maltrapilha.

“Obrigada, eu acho.” Eu me levanto e olho nos olhos dele. “Então, como você quer prosseguir?”

Morris pisca devagar: “bem, você podia começar tomando um banho.”

“Eu não estou fedendo,” sinto-me um pouco insultada agora. “Tomei banho hoje de manhã.”

“Por que não toma outro?” ele insiste, e eu reviro os olhos.

“Exigente. Tudo bem.”

Entro no banheiro, que tem uma jacuzzi, além de uma longa banheira

com pés de garras douradas e um chuveiro. Escolho o chuveiro, embora esteja morrendo de vontade de experimentar a jacuzzi, e assim que entro pelas portas de vidro, percebo que é um daqueles chuveiros sofisticados com vários jatos de cada lado.

Meu sorriso se alarga.

Isso está ficando cada vez melhor.

Tomo uma ducha quente e, ao final da ducha, estou grata ao Morris pela sugestão. Todo o meu corpo está muito mais relaxado. Seco parcialmente o cabelo, deixando ele úmido. Passando os dedos por ele, saio para o quarto, vestindo só o roupão do hotel, feito de um material incrivelmente requintado que faz minha pele chorar de alegria.

Assim que saio do banheiro, vejo Morris de pé junto à janela, com um copo do que parece ser uísque nas mãos, olhando para a cidade lá embaixo. Ele parece não me notar, perdido em seus pensamentos. Aproveito os poucos e preciosos minutos que tenho para estudá-lo.

Sua camisa branca do terno está desabotoada, revelando um peito liso e musculoso. Nunca o vi tão despido e, se antes ele era bonito, agora ele tem um ar de rudeza que faz meu abdômen se contrair de desejo. A mão dele, segurando o copo de uísque, parece tão grande e firme, e eu me lembro da sensação contra a minha pele quando ele me acariciou, de como me segurou com confiança.

Posso sentir a umidade entre as minhas coxas crescendo e meu coração agora está batendo desenfreado.

Morris vira a cabeça na minha direção. O calor em seus olhos é escaldante e minha mão, que ainda estava penteando meu cabelo úmido, congela. Eu o vejo esvaziar o copo antes de colocá-lo sobre a mesa e se aproximar de mim.

Dou um passo para trás, o olhar predatório em seus olhos fervendo meu sangue. O ar no quarto está carregado quando minhas costas batem na parede e ele se coloca na minha frente. Sua mão toca minha bochecha e eu fico quieta, meu coração batendo tão alto que tenho certeza de que ele pode ouvir. Sua mão passa pela minha bochecha, contornando minha nuca e, antes que eu possa sequer piscar, ele agarra um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás.

“M-Morris—”

A boca dele se apodera da minha e o calor absoluto do beijo me faz tremer. Ele não está nem perto de ser gentil e eu gemo de fome. Sua

mão no meu cabelo é firme e inabalável enquanto ele manobra minha boca de acordo com sua vontade. Apesar de não gostar do homem, Morris consegue fazer eu me sentir pequena e feminina em seus braços, com seu toque áspero e duro. Ele me joga do precipício tão fácil.

A boca dele explora a minha enquanto seu corpo me prende contra a parede. Sinto meu roupão de banho se abrir, meu peito pressionado contra o dele.

Eu ofego quando meus mamilos se contraem, dolorosamente. Em resposta, sua língua lambe minha boca, a outra mão toma meu seio e seu polegar faz círculos contra o mamilo duro. Meus mamilos nunca foram tão sensíveis como quando Morris os toca. Posso sentir meus músculos se contraírem quando ele toca o mamilo duro, tão bom que dói.

Sempre imaginei que o sexo fosse prazeroso e doce, mas com esse homem, a linha entre dor e prazer se confunde. Ele me trata como se eu não fosse quebrar, seu toque é tudo menos gentil. Sinto sua boca percorrer a linha do meu pescoço enquanto ele puxa minha cabeça para trás, e fico indefesa ao toque, deliciada com esses maus-tratos, meu lobo uivando com seu toque.

“Ah,” eu ofego quando ele crava os dentes na base do meu pescoço, tão perto de onde ficaria a marca do acasalamento. A área está ainda mais sensível do que o normal.

Sua mão solta meu seio e desce, passando pela minha barriga, deixando um rastro de calor e fogo onde quer que seus dedos toquem.

“Abra as pernas,” ele ordena sombriamente, o comando em sua voz absoluto, e eu me vejo obedecer.

A mão dele toma meu sexo, que já está molhado, e ele desliza o dedo pela abertura, provocante. Sua boca está agora em meu seio e ele morde meu mamilo duro. Ele está me invadindo por todos os lados e minha mente está perdendo o controle.

Sinto um dedo grosso me penetrar e eu gemo, sentindo ele se mover dentro de mim. Ele não para por aí, insere outro e me abre mais. Minhas pernas estão fracas, meu corpo arde em fome e desejo. Morris afunda os dedos dentro de mim duas vezes e eu me quebro quase que instantaneamente. Posso senti-lo congelar com meu orgasmo súbito e, então, ele me vira e me joga na cama. Mal consigo me orientar, meu centro e minhas coxas pulsando com a força do orgasmo, quando ele

agarra minhas pernas e me puxa para si, me forçando a descer pela cama enquanto apoio os pés no chão.

“M-Morris,” eu gemo, querendo que ele vá mais devagar, mas ele agarra minha bunda e afunda três dedos no meu sexo apertado. A invasão repentina e forçada me faz agarrar a cama, meus músculos esticados ao ponto de dor.

“Se você não aguenta nem isso, como vai aguentar meu pau?” ele murmura com severidade. “Você precisa de muito mais treinamento antes de eu te dar meu pau, Aisha.”

Posso sentir como os dedos dele estão me esticando por dentro, e a queimação suave é cada vez mais prazerosa. Ele não me dá tempo para me ajustar, só se move dentro de mim em um ritmo constante. Minhas unhas estão cravadas na coberta da cama enquanto eu gemo.

Ele acelera e meus gemidos ficam cada vez mais altos. Estou completamente cheia e me sinto embriagada com essa sensação enquanto ele usa meu corpo, me “treinando,” como ele diz. Tem uma certa qualidade degradante no que ele está fazendo e mesmo assim está me deixando louca.

Sinto sua mão pressionar a parte inferior das minhas costas e, antes que eu possa me mover, sinto ele acelerar repentinamente, assaltando meu centro molhado com os dedos em uma velocidade que não tenho a menor esperança de acompanhar. Estou ofegante e gemendo quando ele tira os dedos até deixar só as pontas, então se afunda de novo. É uma sensação de queimação, mas que deixa minha boca aberta e minha mente em frangalhos.

“P-por favor,” imploro, sem pensar, sem saber o que estou pedindo, mas precisando. A mão dele desliza pelas minhas costas, segurando o meu queixo enquanto ele arqueia minhas costas, sussurrando.

“Você fica tão deliciosa quando implora, Srta. Hart. O que quer que eu faça?”

Ele está me segurando pelo pescoço agora enquanto me penetra com os dedos. Estou completamente sob seu controle agora.

“Quero gozar,” gemo. “Por favor, eu posso—”

Os dentes dele se fecham sobre o lóbulo da minha orelha: “você é tão obediente quando está na minha cama, mas é tão desbocada quando está vestida.”

Fecho os olhos e, para minha surpresa, ele retira os dedos.

“Venha cá,” ele rosna enquanto me puxa para fora da cama. “De joelhos.”

Neste momento, nada importa, exceto Morris, e eu obedeço sem questionar. Ele parece satisfeito e estende os dedos: “abra a boca. Boa garota.”

Meus lábios se separam e eu aceito seus dedos, limpando meu suco neles. Posso senti-lo me observando enquanto fica ali, me fazendo lambe seus dedos. Minha mente está em branco. Nenhum orgulho, nada neste momento.

Ele acaricia meu cabelo com a outra mão. “Você quer meu pau, Aisha?”

Concordo com a cabeça, a boca ainda ao redor de seus dedos.

Ele sorri com frieza, e o distanciamento em seus olhos, o olhar frio, me faz pressionar as pernas juntas. “Por qual lado?”

Meu coração dispara, minha boca se enche de água, e a fome cresce dentro de mim. Quero servi-lo. Quero estar aqui, de mãos e joelhos, chupando o pênis dele. É um desejo tão irracional que, por um momento, me faz voltar à realidade. Mas Morris não me deixa ficar lá por muito tempo, me arrastando de volta quando tira os dedos da minha boca. “Eu perguntei por qual lado, Srta. Hart?”

O jeito como ele me chama de “Srta. Hart” me faz choramingar de fome.

O polegar dele roça meu lábio inferior e ele sorri devagar: “posso ver a resposta nos seus olhos, mas talvez não hoje.”

Ele me puxa para cima da cama antes de me pressionar com o rosto contra a coberta. Mal tenho a chance de dizer qualquer coisa quando sinto ele abrir minhas pernas, seu pênis grosso entrando.

Quando ele tirou as calças? Eu me pergunto vagamente, sentindo a cabeça grossa pressionar a minha entrada. Eu ofego e ele mergulha dentro de mim sem nenhum aviso. Um grito curto sai dos meus lábios com o diâmetro dele quando ele desliza para dentro. Ele está totalmente dentro de mim e, por alguns instantes, eu me contorço enquanto ele fica parado, esperando eu me acostumar com seu tamanho. Sinto-me incrivelmente cheia e enrolo minhas mãos nas cobertas da cama, choramingando.

Ele se afasta devagar e avança de novo.

Eu gemo uma versão distorcida de seu nome.

“Pronta?” Morris pergunta com firmeza.

Pronta para o quê?

Descubro um segundo depois, quando ele começa a me devorar. Meus gritos se transformam em sons quebrados enquanto ele me fode de novo e de novo, me levando a um estado de delírio em que tudo o que consigo pensar e desejar é o pênis dele. Eu grito e imploro, mas ele mantém um ritmo cruel, me forçando a ter orgasmo após orgasmo. Meus músculos se contraem quando o sinto enrijecer. Seu esperma jorrando dentro de mim me faz entrar em espiral de novo, e fico mole na cama.

Nunca fui fodida tão bem em toda minha vida e quando a consciência volta devagar, o constrangimento também volta. Mas Morris não está nem perto de terminar, porque ele me vira, sorrindo para mim.

“Espero que você não pense que foi só isso.”

Eu o encaro, meu coração ainda ecoando nos meus ouvidos.

Ele não pode estar falando sério.

CAPÍTULO 10

Aisha

Meu corpo dói quando me viro de lado.

Deixo escapar um pequeno gemido, com o baixo ventre latejando de tanto que foi usado. O quarto está escuro e dá para ver que dormi por pelo menos duas horas. Devo ter desmaiado.

O que quer que eu estivesse esperando, Morris foi pior. Ele me destruiu completamente, me usando de uma forma que eu nem imaginava ser possível. Meu corpo está cru, mas até essas dores também são deliciosas.

Forçando-me a me sentar, sinto o lençol cair do meu corpo e se enrolar em volta da minha cintura.

O quarto está silencioso. Um pouco demais.

Olho em volta e, quando toco o outro lado da cama, está frio. Meus olhos se voltam para o banheiro, mas não consigo ouvir nada de lá. Será que o Morris me deixou aqui? Nós dormimos juntos e ele saiu como se não fosse nada.

Meu rosto arde em humilhação quando percebo que ele conseguiu o que queria de mim e me descartou aqui. Nunca me senti tão barata na minha vida.

Ignorando a dor na região lombar, levanto da cama e começo a procurar minhas roupas. Bem nessa hora, batem na porta.

“Quem é?” eu grito.

“O Sr. Wolfguard me enviou. Posso entrar?” É uma voz de mulher, e eu me enrolo mais no lençol, sem saber o que fazer. Não consigo encontrar minhas roupas em lugar nenhum.

“Eu—” Minha mandíbula se contrai de vergonha. “Claro.”

A porta se abre e uma mulher vestida com um terno preto que cheira a profissionalismo entra. Ela está segurando uma pilha de caixas nas mãos. Assim que se aproxima o suficiente, eu me arrepio, pois seu

cheiro me atinge.

Ela é uma loba.

Mas ela não estranha minha aparência. “O Sr. Wolfguard enviou esses itens. Um carro está esperando lá embaixo para levá-la para casa. Vou esperar do lado de fora enquanto você toma banho e se troca.”

Ela empilha as caixas com todo cuidado sobre a pequena mesa de centro de vidro antes de sair, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Fico encarando a porta antes de olhar para as caixas. Hesitante, me aproximo da mesa e tiro a tampa de uma delas. É uma blusa de cetim macio, azul-celeste. Quando levanto a blusa, vejo outras dobradas embaixo. A próxima caixa revela saias e calças, e a próxima um suéter de cashmere e uma linda jaqueta de couro. A última caixa tem um par de sapatos resistentes.

Não sinto uma centelha de alegria ao receber esses presentes. Em vez disso, sinto-me furiosa e humilhada. É claro que minhas roupas não são da melhor qualidade e eu remendo os rasgos de vez em quando, mas não tenho vergonha do que visto. Tudo o que visto ou coloco no meu corpo foi comprado com meu próprio dinheiro suado. Não preciso dessas roupas de gente rica. Não preciso que ele me compre roupas para não sentir que está transando com uma pobretona.

Meus pensamentos estão uma bagunça, mas a raiva é a emoção dominante.

Sinto que ele me comprou todos esses itens de marca porque não gosta de ser visto ao meu lado, vestindo o que eu visto.

Vou até a porta e a abro com um puxão. A mulher está parada ao lado da porta e olha para mim.

“Onde estão minhas roupas?”

“O Sr. Wolfguard as descartou.”

“Descartou, foi?” pergunto de forma mordaz antes de apontar para as caixas sobre a mesa. “Bem, eu não vou usar aquelas. Então, pegue minhas roupas ou posso ficar aqui, pelada, acumulando a conta do hotel dele.”

Ela pisca devagar: “tem algo de errado com as roupas—”

“Onde está o Morris?”

“Ele saiu faz algumas horas.”

Uma risada amarga sai de minha boca: “claro que saiu.”

“Senhorita—”

“Eu não quero essas coisas,” minha voz é fria. “Quero sair com as roupas que estava vestindo quando entrei. Seu chefe tem muita coragem de roubar as roupas das minhas costas.”

Os olhos dela se arregalam ligeiramente com minhas palavras, mas ela concorda com a cabeça: “vou ver o que posso fazer.”

Eu espero ela se afastar e bato a porta atrás dela. Minha raiva está crescendo a cada segundo. Ainda não consigo acreditar que ele tratou esse encontro como uma transa aleatória que ele achou no bar. Até as transas aleatórias merecem mais respeito!

Furiosa, vou para o chuveiro, ignorando as caixas sobre a mesa.

Ele conseguiu o que queria e foi embora, depois me mandou roupas porque as minhas não são boas o suficiente?! O nível de imbecilidade continua crescendo a cada encontro. Sinto-me barata e usada e, ao esfregar meu corpo no chuveiro quente, suja e miserável.

Finalmente, afundo no chão, e uma lágrima escorrega pela minha bochecha. Não é como se eu quisesse isso para começar. Estou fazendo isso para sobreviver. Ele não precisava me fazer sentir como uma espécie de prostituta.

Deixo a água quente cair sobre mim, mas meu interior está frio como gelo. Eu não queria ser abraçada, consolada ou receber nenhum tipo de tratamento especial, só queria que ele estivesse aqui quando eu acordasse.

Quando batem na porta, eu desligo a água e pego o roupão de banho. Vestindo-me, vou ver quem é. A mulher está parada na porta com uma sacola plástica na mão.

Não preciso tocar na sacola para saber que ela estava no lixo. O cheiro é horrível.

Minha expressão se enrijece e encontro o olhar dela: “diga ao seu chefe que ele é um monte de merda.”

Ela não responde e eu pego a sacola. Pego as roupas e as lavo primeiro na pia, o melhor que posso. Enxaguando tudo, visto as roupas molhadas e a minha jaqueta, que ainda está pendurada no encosto de uma cadeira.

Pegando minhas coisas, deixo as caixas para trás enquanto saio. A expressão da mulher muda por um minuto, parecendo quase perturbada. “Senhorita, suas roupas—”

“Vamos logo,” digo abruptamente. “E você pode devolver essas roupas.”

Percebo que ela quer dizer alguma coisa, mas, felizmente, ela se contém. Não digo nada no caminho de volta. Está escuro lá fora e, quando saio na frente do meu complexo de apartamentos, ela finalmente fala. “O Sr. Wolfguard me pediu para dar o cartão dele para você pedir comida—”

Eu a encaro: “não, obrigada.”

Não bato a porta do carro. Ela não fez nada para mim, mas a mágoa e a humilhação dentro de mim continuaram a se inflamar, transformando-se em algo feio.

Pego o Harry na casa da Maddie e ela deve ter percebido que algo está me incomodando, porque me convida para tomar um chá. Sem dizer uma palavra, eu recuso. Não estou com vontade de discutir nada. Harry já está meio dormindo e ela já deu o jantar para ele. Eu coloco ele na cama e tomo outra ducha antes de vestir um moletom e um pijama esfarrapado e me enfiar na cama. Meu estômago ronca, mas não me dou ao trabalho de cozinhar para mim. Não tenho forças. Meu corpo ainda está dolorido.

Passo a noite chutando e me revirando, sem conseguir dormir. Minha mente fica repassando o que aconteceu entre nós e como meu corpo reagiu ao seu toque. Eu me enrolo em uma bolinha, me odiando por ser tão suscetível ao toque dele, me desprezando pela forma como meu cérebro se desligou enquanto ele passou as mãos em mim, murmurando coisas no meu ouvido que deviam ter me lembrado do meu amor próprio e me feito tirar ele de mim. Mas, acima de tudo, eu me odeio por ter gostado de tudo isso, por querer mais, mesmo agora.

Quando meus olhos finalmente se fecham, com a exaustão se instalando, me pergunto cansada quando as coisas finalmente vão melhorar para mim.

*** **

O fim de semana é tão ruim quanto eu esperava que fosse. Acabo pegando mais turnos no restaurante porque preciso fazer alguma coisa comigo mesma. A mãe de um dos amigos do Harry se oferece para levar os dois a um parque de diversões. Isso me dá o resto do domingo

de folga, então eu o passo colocando meus estudos em dia.

Na segunda-feira, tenho olheiras enquanto me arrasto para a aula.

Eu me sento no banco de trás e, quando Clyde aparece ao meu lado, dou um sorriso cansado.

“Aqui,” ele estende um copo de café e uma sacola de papel, “achei que você ia gostar.”

Olho para suas ofertas com surpresa e, quando as aceito, ele sorri para mim.

“Obrigada,” bebo o café, fechando os olhos em alívio com a cafeína que inunda meu sistema. “Mal tive tempo de fazer o café da manhã hoje.”

“Você nunca toma café da manhã,” ele me repreende. “Seu estômago está sempre roncando na aula da manhã.”

“Você devia prestar mais atenção na aula do que no meu estômago.” Faço uma careta para ele, mas quando abro o saco de papel e vejo um sanduíche, acrescento: “retiro o que eu disse. Você devia prestar mais atenção no meu estômago.”

Ele começa a rir e eu sorrio, mas enquanto nos olhamos, Morris escolhe esse momento para entrar. Eu vejo ele franzir a testa para mim e o encaro antes de me voltar para Clyde.

“Qual é o problema dele hoje?” Clyde murmura um pouco depois, confuso. “Ele fica olhando para você o tempo todo. Você ferrou a sua tarefa?”

“Talvez ele tenha tido um fim de semana de merda,” eu zombo. “Tomara.”

Meu amigo me olha com estranheza, mas não tem a chance de me perguntar do que estou falando porque a aula começa logo em seguida.

Durante toda a palestra, Morris não para de me fazer responder perguntas. E quando não sou eu, é o Clyde. Está ficando extremamente óbvio para o resto da classe que somos o alvo de alguma birra. O que quer que tenha se metido na bunda do Morris, não me interessa muito. Aposto que é porque me recusei a me vestir de acordo com o padrão dele.

Quando Clyde erra uma resposta, Morris o repreende duramente e,

pela primeira vez, vejo meu amigo tranquilo endurecer de raiva.

Enrolo minha mão em torno do punho dele, murmurando: “acalme-se, ou ele vai te expulsar.”

Seus olhos descem para minha mão em volta da dele e eu solto imediatamente. Mas ele não é o único que viu. A expressão de Morris é de uma nuvem trovejante e, assim que a palestra termina, ele diz: “meu escritório, Srta. Hart!”

Clyde olha para mim: “quer que eu espere lá fora por você? Temos que discutir nosso projeto.”

Felizmente, para a tarefa de hoje, nossos parceiros foram escolhidos por sorteio, e Clyde e eu acabamos ficando juntos.

“Não precisa. Hoje não,” digo calmamente, observando Morris sair a passos largos. “Vejo você amanhã.”

Clyde parece relutante, como se quisesse discutir, mas já estou arrumando minhas coisas. Vejo seus olhos fixos no meu laptop e uma parte de mim se pergunta de novo se ele teve algo a ver com o presente secreto. Mas afasto o pensamento assim que ele passa pela minha cabeça. Por que Clyde faria isso por mim?

Eu me dirijo ao escritório do Morris cruzando a multidão de alunos. Nem me dou ao trabalho de bater na porta, só abro e entro.

Ele está colocando sua pasta na mesa e ordena bruscamente: “feche a porta.”

Eu bato ela com força, cruzando os braços sobre o peito. “Sim?”

Meu tom é rude, mas não me importo. A simples visão dele está me irritando. Infelizmente, minhas coxas não concordam com meus sentimentos, se apertando em necessidade crua.

Vejo as narinas dele se dilatarem e, quando ele se aproxima de mim, levanto a mão. “Acho que não. Fique onde está.”

“Qual é o seu problema?” Ele parece irritado.

“Qual é o meu problema?” eu repito zombeteiramente. “Ah, não sei. Acho que nenhuma mulher gosta de ser tratada como uma prostituta. Ou talvez seja só eu.”

Seus olhos escurecem, “Eu nunca—”

“Você não precisa dizer na lata para dar a entender que essa é sua opinião,” eu sibilo. “Eu já entendi, *professor*. Sou pobre e não atendo aos seus padrões, mas isso não te dá o direito de me tratar daquele jeito.”

“O que foi que eu fiz?!” Ele parece frustrado. “Comprei umas roupas para você e você se recusou a aceitá-las. Na verdade, eu é que devia estar com raiva de você. Você me chamou de ladrão na cara da minha assistente! Eu não fiz nada para—”

“Você me deixou lá!” Levanto a voz, com o peito doendo de fúria. “Você acha que eu saio por aí dormindo com qualquer um, Morris? Como se fosse algum tipo de hobby? Não saio! Você fez o que queria e me deixou lá sozinha. Você sabe o quanto isso é degradante? Tem ideia de como isso me faz sentir? E então, para piorar as coisas, você tenta me dar um cartão para eu me alimentar? Você joga roupas para cima de mim como se eu não pudesse comprar minhas próprias calças? Parece que tudo que você quer é jogar na minha cara que eu não valho—”

Ele nem me deixou terminar a frase, cruzando a distância entre nós, me agarrando pelos braços e me batendo na porta. “Chega. Já escutei o bastante!”

Minha boca se fecha e eu o encaro.

“Não fiz nenhuma dessas coisas. Pare de presumir que você entende os motivos por trás de cada ação minha. Fui embora porque achei que você não se sentiria à vontade perto de mim. Comprei aquelas roupas porque achei que você ia preferir trocar de roupa depois de tomar banho. Joguei suas roupas fora porque suas calças tinham dois buracos na virilha e achei que você não ia querer sair com elas. Deixei um bilhete na mesa de cabeceira para você pedir o serviço de quarto, porque sabia que estaria com fome, e quando você decidiu sair sem comer, fui informado e instruí Diana a te dar meu cartão de crédito para que você pudesse comer o que quisesse sem se estressar com minha presença ao seu lado!”

Fico olhando para ele, com um pouco da minha raiva se dissipando diante de suas explicações mais do que razoáveis.

Mas Morris parece irritado. “Tem mais alguma coisa de que você queira me acusar? Porque você parece determinada a me fazer o vilão toda vez que eu respiro!”

Pressiono meus lábios, sentindo-me péssima agora. “E-eu fiquei

chateada.”

Para meu choque total, sua expressão se suaviza e ele me solta, dando um passo para trás. “Eu entendo, mas prefiro que você comunique suas preocupações em vez de estourar comigo. Este acordo entre nós é estritamente um acordo. Não estou procurando uma companheira, Aisha. Espero que você se lembre disso.”

“Eu sei.” Sinto-me tão estúpida.

“Mas isso não significa,” continua ele, “que pretendo te desrespeitar. Nossa situação é delicada, mas talvez devêssemos estabelecer algumas regras básicas. Durante o curso de nosso breve relacionamento, nenhum de nós vai assumir outro parceiro. Não quero te ver com outro homem. Fui claro?”

Pressiono meus lábios juntos. “Não sei se gosto do seu tom, mas não estou exatamente interessada em namorar, se é isso que você está insinuando.”

“Estou insinuando—” ele se inclina para frente, com uma mão na porta ao lado da minha cabeça, sua voz perigosamente baixa, “—que não quero te ver com aquele Clyde Lowenstein. Eu não gosto dele.”

Mesmo enquanto meu coração se acelera com sua proximidade, minhas sobrancelhas se franzem. “O Clyde é um amigo e eu não tenho muitos deles, por isso prefiro não perder esse.”

“Não.”

O tom dele não está aberto a discussão, mas não vou me curvar a todos os caprichos desse homem.

“Temos um projeto juntos.”

“Mude de parceiro.”

“Não,” repito sua resposta anterior.

Seus olhos brilham, e eu me recuso a desviar o olhar. “Não estou dormindo com o Clyde e, mesmo que ele seja atraente, ele sempre vai ser só um amigo— “

“Você acha que ele é atraente?” Morris não consegue esconder o traço de irritação em sua voz.

Suspiro: “por que está se concentrando nessa parte? Eu tenho olhos, não tenho? Só porque alguém é atraente não significa que eu queira

dormir com essa pessoa. Quer dizer, eu acho você atraente, mas se não fosse por essa coisa estúpida de feromônio, eu nem sonharia em dormir com você.”

Morris agora parece um pouco presunçoso e irritado: “sou um bom partido, se você quer saber.”

“Eu não quero saber,” eu zombo. “Agora, pode se afastar, por favor?”

Ele hesita, seu olhar descendo para minha boca.

“Nem se atreva!” eu sibilo. “Tem outros alunos por toda parte.”

“Mas a porta está fechada,” ele murmura, a fome enchendo seus olhos. Meu corpo reage ao dele e, quando ele abaixa a cabeça, com lábios roçando os meus, sinto meus olhos se fecharem, meu abdômen se contrair em um desejo descarado.

O beijo é suave e gentil, diferente de todos os nossos encontros anteriores, e quando ele afasta meus lábios, a língua sondando a minha, eu deixo, sentindo-me indefesa sob ele. Uma mão acaricia minha bochecha, roçando-a, me fazendo tremer, e quando ela desce, circundando meu pescoço, solto um pequeno gemido. A mão dele aperta minha garganta enquanto o beijo se aprofunda. Minha calcinha está ficando úmida e preciso de pressão.

Mas ele não me toca onde eu preciso, só aperta meu pescoço e solta em pequenos intervalos. Cada vez que ele pressiona com força, eu me sinto fraca e devassa, meu corpo desfrutando dessa dor sutil, querendo mais.

Sua boca finalmente libera a minha enquanto percorre minha mandíbula até o pescoço, onde ele suga e morde com força suficiente para deixar uma marca. Nenhuma palavra de protesto sai da minha boca. Ele finalmente encontra o lóbulo da minha orelha e sussurra: “parece que você quer alguma coisa.”

“Eu—”

Ele se afasta, com a voz repentinamente seca e profissional. “Bem, é uma pena. Você tem razão. Tem muita gente por perto.”

Fico ali, atordoada, com a calcinha tão molhada que sei que vou ter de tirá-la para evitar uma mancha nas calças. Meu peito está pulando e Morris me dá um olhar frio. “É melhor você ir embora.”

Esse idiota!

Posso ver a presunção em seus olhos

Lanço o olhar mais sujo que consigo produzir nessas circunstâncias antes de me virar e agarrar a maçaneta da porta. Mas, antes que eu possa girá-la, ele me chama de leve: “talvez você precise disso.”

Vejo algo sendo jogado para mim e pego por instinto. É um cachecol azul e cinza macio que estava em uma das caixas que recusei. Morris aponta para seu pescoço: “talvez você queira cobrir essa marca.”

Por um momento, não entendo, e então meu rosto queima. Enrolo rapidamente o cachecol no pescoço antes de abrir a porta e sair correndo.

Esse cretino! Ele fez de propósito.

Corro rapidamente para o banheiro e, assim que desenrolo o tecido, vejo o hematoma arroxeadado no meu pescoço. Fico olhando para ele, furiosa. Ele ficou louco? Como vou esconder isso na aula?

A porta do banheiro se abre e duas garotas entram. Uma delas vê como estou examinando meu pescoço e seus olhos se voltam para o chupão. Ela dá uma risadinha antes de entrar em uma das cabines. Enrolo rapidamente o lenço de volta antes que a amiga dela possa ver, ainda furiosa com Morris.

Vou ter que usar isso na aula nos próximos dias. O Morris é realmente um cretino!

Minha expressão é sombria quando saio do banheiro. Um chupão vai ser óbvio enquanto eu estiver trabalhando! Mesmo com corretivo, vai ficar evidente.

Ao sair do campus, vejo um carro azul-claro estacionado a uma certa distância. Paro por um momento para observar. Eu vi ele ontem também, do lado de fora do meu trabalho e do meu prédio há alguns dias. As janelas são escurecidas, então não consigo ver o interior, mas tenho a estranha sensação de estar sendo observada. Os pelos da minha nuca se eriçam e pressiono os lábios.

Provavelmente estou só imaginando coisas. Por que alguém ia querer me seguir? Se alguém da minha antiga alcateia me encontrasse, não ia se incomodar com essas trivialidades. Já teriam arrombado minha porta e me arrastado de volta para casa.

Mas quando começo a me afastar lentamente, não consigo deixar de olhar por cima do ombro, cautelosa agora.

Será que estou pensando demais?

CAPÍTULO 11

Morris

Eu não deveria ter marcado ela.

Não consigo parar de pensar no olhar atordoado de Aisha quando ela foi pressionada contra a porta do meu escritório, as bochechas coradas e os lábios entreabertos. Sinto minhas calças apertadas com a lembrança e cerro os dentes. Preciso pensar em outra coisa.

Meus dedos tamborilam meu joelho enquanto olho pela janela do carro para a boate do outro lado da rua. Já passa da meia-noite e posso ver um casal bêbado saindo cambaleando, rindo e curtindo um com o outro. Não os reconheço, mas meus olhos se aguçam ao ver como o homem mal consegue ficar de pé.

Seus sentidos estão prejudicados.

Pressiono o botão no meu ouvido. “À sua direita. Um casal. Pegue os dois. Mas fora de vista.”

Não espero pela resposta de Finn, cortando abruptamente a linha, meus pensamentos ainda distraídos.

Aisha usou o cachecol na aula nos últimos dois dias, e eu percebi como ela tem me encarado. Meus lábios se contraem. Ela tem um temperamento difícil. Quanto mais sou arrastado para o mundo dela, mais curioso fico. Tentei investigar seu passado, mas não consegui descobrir nada sobre ela. É quase como se ela não existisse.

Sei que algumas alcateias não registram fêmeas de famílias de classe baixa, então talvez ela pertença a uma delas. A essa altura é só uma suposição, mas acho estranho que eu não consiga encontrar a linhagem familiar dela. A única família de metamorfos Hart que consegui encontrar está no leste, e duvido que uma fêmea ia fugir dessa alcateia, considerando como eles são progressistas. E eu investiguei mesmo assim. A família Hart tem só uma única filha, uma solteirona de meia-idade ainda por cima.

Nem a faculdade tem o último endereço de Aisha listado. Ela se declarou órfã, então deixou a seção de nome dos pais vazia. Não

entendo por que estou tão curioso, mas esse desejo de saber mais sobre ela é como uma coceira na minha pele. Ela é um enigma até onde eu sei, um quebra-cabeça esperando para ser montado.

Ao contrário do que o Finn pensa, não sou exatamente um monge celibatário, mas a maioria das mulheres que escolhi levar para a cama foram de outras alcateias ou humanas. Sempre tive o cuidado de não dar nenhum passo que permitisse ao meu pai usar qualquer uma das minhas companheiras de cama contra mim. Mas Aisha é diferente. Nossos feromônios estão nos unindo, e foi só quando caímos na cama juntos que percebi o quanto somos compatíveis.

Nunca me encaixei desse jeito com uma mulher. Ela se transforma em uma criatura devassa na minha cama, todos os seus dentes e rosnados desaparecendo sob meu toque. Ela me deixa louco. Suas expressões, seus sons quando estou com as mãos sobre ela, sinto que estou enlouquecendo. Até agora eu quero seu sabor. Ele não sai da minha língua.

Vendo ela na sala de aula, muitas vezes perco a concentração.

Quando me dei conta da situação em que me encontrava, sabia que ia ser difícil, mas não tinha percebido como Aisha ia dominar todo o meu mundo, especialmente depois de dormirmos juntos. Eu culpo os feromônios, ou pelo menos quero culpar. É mais fácil do que aceitar que eu posso estar genuinamente intrigado com essa mulher.

A porta do lado do passageiro se abre e eu olho para ver Finn entrando. “Peguei. Passei os dois para o Uriel. Ele vai levá-los ao laboratório para colher amostras de sangue e depois vamos interrogá-los. O cara estava louco, completamente chapado. Tentou se transformar no meio da rua, mas só conseguiu completar um braço.”

Finn balança a cabeça com nojo antes de continuar. “Nós avisamos os chefes de família sobre essa droga, mas os jovens acham que são imunes a tudo. Eu joguei ele na van, com o braço transformado e tudo. Pelo menos a garota entrou por vontade própria.”

“Este é um dos clubes que está distribuindo a droga,” murmuro. “Você viu alguém traficando?”

Finn balança a cabeça: “eu tinha olhos e ouvidos na pista de dança, já que é um ponto conhecido, mas não vi nada. Só a variedade normal de drogas passando de mãos entre os poucos humanos presentes.”

Franzo a testa: “esse lugar tem acesso a essa droga. A maioria das pessoas que encontramos com esse negócio no sistema tem só esse

clube em comum.”

Meus dedos batem no volante enquanto olho para o nome chamativo no topo do prédio.

“A Jade Negra.”

Algo me ocorre, um pensamento passageiro, mas consigo agarrá-lo. Minhas palavras são cuidadosas enquanto falo devagar com Finn. “Um tempo atrás, encontrei uma metamorfa que tinha sido drogada, mas ela não apresentava os sinais do tipo de drogas que os humanos usam.”

Os olhos de Finn se aguçam: “ela tinha ingerido a *Morte Rosa*?”

“Eu não percebi na época,” murmuro, minha mandíbula se retesando quando me dou conta, “mas os sintomas estavam todos presentes. Ela estava chapada. As drogas humanas são venenosas para nós, mas o que quer que ela tenha tomado deixou ela fraca e fora de si. Mesmo quando levei ela para— ela ficou meio delirante e meio fora da realidade por um bom tempo. Mas não vi nenhuma das reações habituais às drogas humanas.”

Ele drogou ela!

Lembro-me das palavras de Jojo quando nos conhecemos. “É possível que um humano tenha acesso a essa droga?” pergunto devagar.

Não me esqueci do rosto do homem que liderou aquele ataque. Olhos azuis profundos e cabelos dourados. Eu não estava prestando muita atenção na época, mas agora, quando me lembro, percebo que ainda tenho algumas contas para acertar. JoJo, o colega de Aisha, me contou do plano do dono do bar e do cantor da banda local. Eu tinha decidido não fazer nada a respeito. Mas agora estou mudando de ideia.

“Um humano?” Finn pergunta devagar. “Por que um humano usaria essa droga? Você está dizendo que um humano drogou essa metamorfa?”

“Sim, mas não sei como ele colocou as mãos na *Morte Rosa*. Tenho certeza de que, até agora, está sendo distribuída só por não-humanos.”

“Mas se ele foi em algum clube que atende principalmente a nossa espécie,” começa Finn, as engrenagens de sua cabeça girando, “é possível que tenha conseguido a droga. Quer dizer, com todos esses cheiros misturados, não tem como um traficante garantir que está distribuindo a droga só para metamorfos.”

“É uma possibilidade,” murmuro. Mas a teoria ainda não me convenceu. Sinto que estou perdendo alguma coisa. “Vamos rastrear esse desgraçado. Talvez quebrar uma ou duas mãos vai abrir a boca dele.”

Finn levanta uma sobrancelha: “ou podemos só perguntar?”

Eu olho para ele: “e como você propõe que façamos isso? Vamos lá na casa do humano e perguntamos onde ele conseguiu a droga que usou em uma loba com a intenção de estuprá-la?”

Finn congela: “o quê?”

“Será que esqueci de mencionar essa parte?” Posso sentir minha raiva se formando com minhas próprias palavras, e a lembrança faz meu lobo uivar de fúria. Ele quer se vingar.

“Quem é essa garota, Morris?” Finn me observa.

“Ninguém importante,” dou de ombros, tentando ser indiferente. Mas Finn e eu crescemos juntos e, às vezes, ele me conhece melhor do que eu mesmo.

“Ah,” ele sorri para mim. “Então, definitivamente não é a garota que você levou para o hotel do qual é dono, que te chamou de ladrão porque você jogou as roupas dela no lixo, certo? E te fez demitir um gerente que teve a coragem de chamá-la de prostituta?”

Fecho os olhos: “você precisa cuidar da sua própria vida.”

“Por quê?” pergunta Finn, presunçoso, acomodando-se no assento. “A sua é muito mais interessante.”

“Você sabe o que mais é interessante?” eu zombo dele. “Que você deu bolo naquela garota que sua mãe te arrumou. Sabe que já faz um tempo que não vou na casa dos seus pais?”

Finn estreita os olhos para mim: “não se atreva a me dedurar. Estou falando sério. Se me dedurar, vou dizer para minha mãe que você está roubando as roupas das garotas com quem dorme. Como se você já não fosse esquisito o suficiente.”

Ver o jogo virar contra mim não é uma experiência divertida. “Tudo bem. Então vou dizer para ela que você está saindo com uma garota humana.”

Finn faz um som de engasgo, indignado. “Isso era para ser um segredo! Como você descobriu?!”

“Eu tenho meus meios.”

Ele me olha feio: “tudo bem. Não vou dizer nada se você não disser, mas ainda quero saber quem é essa garota e por que ela é tão importante para você.”

“Por que você não se concentra em esconder seu próprio caso de amor ilícito? Não sou eu quem está violando as leis da alcateia.”

Finn zomba: “eu não disse para ela quem eu sou.”

“Se você a engravidar, ela vai descobrir, e você sabe como os mestiços são tratados nesse mundo, Finn,” minha voz está séria.

Ele parece desconfortável: “não vou fazer nada tão estúpido.”

Dou a partida no carro, murmurando: “espero que não faça.”

Sua expressão é sombria enquanto ele olha pela janela, e eu reviro os olhos. Pelo menos ele não está focado nos meus problemas agora. Mas eu realmente devia conversar com o homem que tentou machucar Aisha. Talvez eu faça isso hoje à noite.

*** **

Nunca fui um grande fã de música alta. Como um lobo, ela machuca meus ouvidos. Não sei por que Aisha escolheu trabalhar em um lugar como esse, onde a música soa como alguém arrastando as unhas por um quadro-negro. Não tem nada nem remotamente agradável no som.

O bar está lotado e vejo o vocalista, Bond, descer do palco. Ele segue para os fundos e eu me levanto, com a intenção de segui-lo. Mas ele para na frente do corredor para falar com alguém. É uma garota. Ela tem uma aparência bem genérica e murmura algo para ele antes de colocar um pedaço de papel em sua mão. Uma careta se forma nos lábios dele e ele agarra a mandíbula dela antes de puxá-la para cima e dar um beijo vulgar em sua boca. Ela se enrijece, mas não se move, como se estivesse com medo.

Quando ele a solta, ela cambaleia para trás e, por um momento, me pergunto se são lágrimas que vejo em seus olhos. Bond já está se movendo e eu sigo ele para fora. Observo quando ele entra no carro e sai cantando pneu. Por algum motivo, uma pontada de inquietação se forma no meu estômago. Não sei por que, mas enquanto o vejo partir, tenho vontade de segui-lo.

Meu carro também está estacionado na rua e eu entro nele.

Felizmente, acabo preso no semáforo atrás de outros dois carros. Ele parece não perceber que está sendo seguido, mas posso vê-lo com clareza. Seus dedos estão flexionados no volante como se ele estivesse muito empolgado, com um sorriso sebo no rosto. Eu o sigo por um bom tempo até entrarmos em um bairro que me faz olhar em volta. Não é particularmente ruim, mas também não é o mais seguro da cidade. Ele estaciona perto de um prédio e vejo um homem idoso com um cachorro abrindo a porta, provavelmente para deixar o animal se aliviar. Bond sai do carro e acena com a mão para o homem.

O velho abre a porta para ele, deixando ele entrar.

Por que essa pressa toda?

Pego meu celular e ligo para Diana.

Minha assistente atende e, apesar da hora tardia, ela parece estar composta: “Sr. Wolfguard?”

“Avenida Blue, Prédio 302. Descubra o que puder sobre ele.”

Diana fica em silêncio por um momento antes de responder devagar: “senhor, essa é a residência de Aisha Hart.”

Por um momento, fico paralisado e depois encerro a ligação sem nem mesmo me despedir. Saio correndo do carro e fecho a porta, correndo para o prédio. A porta está trancada, mas não preciso que me deixem entrar. Arrombo a fechadura com facilidade. Forçando a entrada, meus ouvidos captam os gritos.

Disparo pelos degraus, meu sangue fervendo.

Se essa desculpa lamentável de ser humano colocar as mãos na Aisha

Escuto um barulho de batida e subo os últimos degraus para ver um apartamento com a porta aberta. O cheiro de Aisha está por todo o corredor e sei que estou no lugar certo. Ao entrar no apartamento, vejo ela diante de Bond, vestindo uma camiseta esfarrapada e um pijama grande demais para ela.

“Saia do meu apartamento ou vou chamar a polícia,” sua voz é calma quando entro.

Bond dá um passo à frente: “ah, é? Você acha que pode me encarar? Uma coisinha como você? Quando eu terminar de te dar uma lição—”

Eu o agarro pela parte de trás da camisa antes que ele possa terminar

a frase e o atiro para o corredor.

Com ele fora do caminho, Aisha fica olhando para mim, atônita: “como você—?”

Não respondo, me virando para encarar o homem. Ele mal está consciente, mas quando me vê, seu rosto fica branco como um lençol. “Você—”

Jogo sua cabeça na parede e ele desmaia.

“Você matou ele?” Aisha para na porta, sem parecer nem um pouco chateada.

Olho para ela por cima do ombro: “ele não vai morrer tão fácil.”

Meus olhos se arrastam pela camiseta dela, fina o suficiente para ver seus seios generosos, com seus lindos mamilos duros por causa do frio, pressionando o material delicado. Sua barriga está nua, expondo o umbigo, e o pijama está um pouco mais baixo do que o normal, provavelmente porque é grande demais.

Ela parece macia e deliciosa, e é difícil me controlar. Não sinto nenhum feromônio no momento, mas posso sentir meu desejo crescendo a níveis incontroláveis.

Virando-me abruptamente, tiro meu casaco e o coloco em volta dela, envolvendo-a com força, sem esquecer de prender o cinto para ela ficar totalmente coberta. Os olhos de Aisha estão arregalados, mas ela não me impede.

“Fique lá dentro,” ordeno com firmeza, “já falo com você.”

Ela me lança um olhar duvidoso, mas não me questiona. Quando a porta se fecha atrás dela, faço uma ligação rápida. Em vinte minutos, dois homens chegam, empacotam o humano inconsciente e o levam para fora do prédio. Estou prestes a segui-los, mas me pego hesitando, com meus olhos voltados para a porta fechada.

Já estou avançando e batendo na porta.

Aisha a abre depois de um minuto, ainda vestindo meu casaco de couro. Ela olha para trás de mim, mas só vê um corredor vazio. “Onde está o Bond?”

“Foi embora.”

Ela se vira, me deixando entrar: “espero que isso signifique que

morreu. Ele já sabe onde eu moro.”

Ela é surpreendentemente imune à ideia de uma morte violenta. A maioria das fêmeas evita o derramamento de sangue, mas ela não.

Eu a sigo para dentro e escuto a chaleira apitando. Ela se dirige para o que deve ser a cozinha e eu olho em volta com calma. O apartamento é pequeno, uma espelunca, sem dúvida. A mobília esparsa parece que vai se quebrar ao menor toque. Vejo três outras portas do outro lado da sala de estar. Mas apesar das condições do lugar, está tudo impecável. Vejo roupas lavadas dobradas em um cesto, um caderno aberto sobre a mesa com a letra rabiscada de uma criança e um carrinho de brinquedo ao lado dele.

O lugar é pobre, mas bem conservado. Tem um ar caseiro e, enquanto olho em volta, me ocorre que, comparado a esse lugar, minha cobertura, com seus móveis planejados e equipamentos de primeira linha, parece quase estéril.

Entro na cozinha e vejo Aisha colocando duas xícaras de chá sobre a mesa. Sua expressão é cautelosa quando ela olha para mim: “tenho algumas perguntas.”

Não estou surpreso.

A cadeira balança um pouco quando me sento nela e ajusto meu peso antes de examinar a cozinha. É um espaço minúsculo e apertado, mas ela se senta à minha frente, nem oferecendo devolver meu casaco. Ela parece tão pequena com ele. E também perdeu muito peso desde que a conheci pela primeira vez, com os olhos verdes claros bem abertos no rosto, os longos cabelos escuros enrolados em um coque solto no alto da cabeça, as bochechas um pouco encovadas. Efeitos colaterais do bloqueador que ela estava tomando.

Tomo um gole de chá, observando-a, tentando controlar meu próprio desejo crescente. Mesmo sem os feromônios, o cheiro natural dela é irresistível.

“Eu não estava te seguindo, se é isso que te preocupa,” começo, mas ela revira os olhos.

“Não estou preocupada. Tenho plena consciência do seu desinteresse por mim. Só quero saber por que Bond veio na minha casa e por que você estava logo atrás dele?”

Desinteresse?

Tomo meu chá de novo, discordando silenciosamente da avaliação de Aisha. Eu a acho muito intrigante, não que eu vá dizer isso para ela.

“Ele é uma pessoa de interesse em um caso em que estou trabalhando,” murmuro, e Aisha pisca para mim.

“Você é um professor—”

“E parte da principal família Alfa no Oregon,” acrescento, interrompendo-a no meio da frase. “Lecionar é uma carreira paralela. Eventualmente, vou ter de desistir quando me tornar o Alfa.”

Os lábios de Aisha se torcem: “que pena. Você é um bom professor. Mesmo com esse seu jeito de pau na bunda de vez em quando.”

A última parte parece ter sido acrescentada sem pensar demais. Mas eu a ignoro, agradavelmente surpreso de saber que ela gosta das minhas aulas.

“Mas enfim,” ela pousa a xícara, “isso não responde à minha pergunta. Por que Bond estava aqui e por que você estava dois passos atrás dele?”

A manga do meu casaco cai para trás, revelando seu pulso fino, e meus olhos são atraídos para a curva dele.

“Profe—”

“Morris,” eu a corrijo distraidamente.

“Tudo bem, Morris,” diz ela, agora de forma irritada. “Você vai responder à minha pergunta?”

É difícil me concentrar quando tudo o que eu quero é dobrá-la sobre esta mesa e fazer ela gritar meu nome. Cortar a atitude dela está lentamente se tornando meu passatempo favorito. Mas esse é o território de Aisha, e não quero que ela me expulse. Ainda não.

“Eu estava seguindo ele. Não percebi que esse era seu prédio até ele entrar,” respondo finalmente. “Achei que você podia precisar de ajuda.”

“Contra um humano?” Ela me olha fixamente. “Se você não tivesse aparecido, eu teria matado ele e depois dado um jeito de jogar o corpo fora em algum lugar.”

Por um momento, não sei se ela está brincando ou não, mas pelo modo como seus olhos se fixam nos meus, percebo que ela está

falando sério.

“Não matamos humanos nesta alcateia, Aisha,” digo, devagar.

“Esse humano quer me machucar e machucar a minha família,” ela responde friamente. “Você prefere que eu tire minhas roupas para ele e deixe ele fazer o que quiser comigo, e depois talvez deixar ele fazer o mesmo com meu irmão mais novo?”

Não percebo que estou rosnando até sentir Aisha se mover para trás na cadeira.

A ideia de ela deixar alguém, muito menos um homem humano, colocar as mãos nela não agrada ao meu lobo.

“Se você precisar matar alguém,” tento moderar minha voz, mantendo a calma, “então me chame. Tenho maneiras melhores de fazer um corpo desaparecer.”

Seus olhos se arregalam e, agora, é a vez de ela procurar no meu rosto o quanto estou falando sério. Mas eu não brinco. Nunca fui conhecido pelo meu senso de humor.

“T-tudo bem,” ela murmura, limpando a garganta. “Então, o que você vai fazer com ele?”

“Interrogá-lo,” esvazio minha xícara e a coloco sobre a mesa. “E agora que ele sabe onde você mora, vou ter que ver o que fazer a respeito disso.” Olho em volta e uma ideia surge na minha cabeça. “Talvez não seja mais seguro para você morar aqui.”

“Achei que você fosse matá-lo,” Aisha franze a testa. “E mesmo que não mate, eu posso cuidar dele.”

“Você não pode cuidar dele se eu preciso dele para minha investigação. E não posso impedi-lo de vir aqui. Vão ter momentos que você não vai estar em casa, mas seu irmão pode estar.”

Aisha me encara: “por que parece que você está me ameaçando?”

“Estou expondo os fatos,” pisco para ela. “Ele tem seu endereço e seu prédio não tem a mínima segurança adequada.”

Vejo o primeiro sinal de preocupação em suas feições, mas me recuso a me sentir culpado. “Não posso me mudar. Você sabe o quanto esse apartamento é barato? E você sabe como é caro criar uma criança de onze anos? Eu não posso—”

“Tenho certeza que existem muitos lugares com aluguel controlado que você pode encontrar,” murmuro. “Se quiser, e se compartilhar seu orçamento comigo, posso te dar algumas opções.”

Aisha me olha de soslaio: “obrigada pela preocupação, mas realmente não acho que você e eu devamos nos envolver mais do que já estamos. Assim já é desconfortável o suficiente. Não preciso que você me faça favores. Eu posso cuidar de mim mesma e do Harry muito bem.”

O tom é educado, mas não deixa de ser mordaz. Por alguma razão, é pior porque ela está jogando meus próprios pensamentos de volta para mim. A única diferença é que eu me pego quebrando minhas próprias regras, enquanto ela se mantém firme. É um pouco humilhante, mas, mais do que isso, me incomoda o fato de ela achar que essa ligação comigo é desconfortável. Isso me irrita.

“Muito bem,” eu me levanto. “Só achei que devia oferecer minha ajuda.”

Claramente, não posso deixar esse humano solto na rua. Não posso permitir que ele se aproxime de Aisha. Vou ter que cuidar dele do meu jeito, então.

Ela não me impede, mas quando está prestes a tirar o casaco, eu me pego recusando.

“Fique com ele. Fica melhor em você.”

Por um momento, acho que vi suas bochechas corarem. Ou talvez eu tenha imaginado.

De qualquer forma, deixar algo meu no apartamento dela, um traço do meu cheiro, me faz sentir um pouco presunçoso quando saio. Ela me segue até a porta. Quando me detenho na entrada, seus olhos se apertam: “acho que não. Meu irmão está em casa.”

“Já faz uma semana,” levanto minha mão para acariciar seu lábio inferior com o polegar. “Os feromônios vão começar a ficar mais fortes daqui para frente. Podemos nos ver aqui ou no hotel—”

Vejo sua mandíbula se contrair em irritação, mesmo quando o desejo cintila em seus olhos.

“São quatro da manhã,” ela sibila, e estou impressionado com sua força de vontade. Forte o bastante para superar o desejo de seu lobo. “Não vamos discutir isso agora. Boa noite!”

Ela bate a porta na minha cara. Fico ali parado, piscando, surpreso com a despedida abrupta.

Normalmente, eu ficaria furioso com uma rejeição dessas. No entanto, meu lobo ronrona em aprovação.

Meus lábios se curvam.

CAPÍTULO 12

Aisha

Minhas pernas tremem quando me sento na biblioteca.

Morris estava certo. Eu devia ter escutado. Posso sentir o desejo crescendo dentro de mim, e é difícil controlar minha respiração.

Saí do meu turno mais cedo hoje e decidi estudar um pouco enquanto esperava para encontrar o Clyde para o nosso projeto em grupo. Mas ele está atrasado. O sol já se pôs lá fora, o que é bastante normal às seis da tarde nesta época do ano. Apenas algumas mesas estão ocupadas por causa da queda brusca de temperatura desde dois dias atrás. Enrolo o casaco de couro do Morris em volta de mim com força.

O cheiro dele tem me ajudado a manter a calma. Não me importo com o tamanho do casaco em mim ou com o fato das mangas ultrapassarem a ponta dos meus dedos. O cheiro dele está acalmando meu lobo ansioso e tem sido útil para controlar esse desejo insano dentro de mim.

Pego meu laptop e começo a trabalhar. Meus dedos ficam rígidos com os espasmos de dor que me percorrem. Eu não sabia que os feromônios funcionavam desse jeito, que se eu não cedesse ao desejo físico, ele se internalizaria e me causaria essa dor toda. Parece que minhas entranhas estão pegando fogo e estou rangendo os dentes para conter meus gemidos suaves de dor.

Trabalho sem pensar, tentando manter meus dedos firmes enquanto eles voam sobre o teclado, esperando que Clyde dê as caras. Mas à medida que as horas passam e ele não aparece, começo a me sentir frustrada. Foi ele quem insistiu em nos encontrarmos aqui hoje para trabalharmos juntos. Ele me importunou sem parar.

Eu envio uma mensagem após a outra enquanto as pessoas entram e saem ao meu redor, e ele nem se dá ao trabalho de responder.

Três horas se passaram a essa altura e estou ficando irritada.

Finalmente, decido ligar para ele. Ele ignora minhas duas primeiras ligações, mas quando atende a terceira, parece sem fôlego. “Oi,

Aisha.”

“Oi?” eu ecoo furiosamente. “Onde você está? Estou esperando na biblioteca há mais de três horas, Clyde!”

Escuta uma risada suave e sedutora ao fundo, e minhas sobrancelhas se franzem. Não é possível?

“Ah,” ele ri de novo. “Era para nos encontrarmos hoje? Ah, olha só, estou um pouco enrolado agora—” mais risadas da mulher ao lado dele “—posso estar aí em umas duas horas. É só esperar um pouco e —”

“Não se incomode,” eu digo, friamente, enfurecida. “Estou indo para casa.”

“Aisha—”

Encerro a ligação.

Olhando para a tela do computador, bato o celular na mesa e me levanto, mas acabo cambaleando. Agarrando a borda da mesa, eu me firmo.

“Droga!” eu sibilo. “Isso é ótimo!” Meu estômago ronca e eu fecho os olhos. “Hoje não é o meu dia.”

“E por que não?”

Meus olhos se abrem assim que escuto a voz atrás de mim. Olhando por cima do ombro, vejo Morris parado ali, com uma mão no bolso e a outra segurando um molho de chaves. Seus olhos me observam, reparando na forma como seu casaco cai em mim.

“Eu disse que ficaria melhor em você.”

É impressão minha ou ele parece um pouco presunçoso?

“Eu ia devolver,” consigo dizer. Mas minhas pernas cedem, outra onda de dor me cortando. Dessa vez, Morris me agarra suavemente, me puxando para si.

“O que você está fazendo?!” pergunto, horrorizada, tentando me afastar dele. “Alguém vai ver!”

“Não tem ninguém aqui,” ele responde calmamente. “Você devia ter me dito que não estava bem. Seu orgulho não vai resolver essa situação, Aisha.”

Eu cerro os dentes, envergonhada com suas palavras. Ele tem razão. Eu queria ir atrás dele depois da aula e conversar. Mas simplesmente não sabia o que dizer ou como colocar em palavras que eu precisava dele.

“Eu—”

“Por que você está na biblioteca a essa hora?” ele muda repentinamente de assunto.

“Eu estava—” Consigo me afastar dele. “Eu tinha aquele seu relatório para fazer. Eu estava esperando pelo Clyde—”

A expressão dele fica sombria: “achei que tinha dito que não queria que você trabalhasse com esse cara.”

Lanço um olhar irritado: “e eu pensei que tinha te dito que, desde que eu não esteja quebrando as regras, você não pode me dizer o que fazer.”

O peito dele vibra, e levo um minuto para perceber que ele está rosnando.

Dou um passo para trás, seu cheiro me envolvendo e me deixando ainda mais tonta. “É só um trabalho da faculdade, e aquele idiota nunca apareceu. Eu já estava indo para casa.”

“Você estava?” Morris me observa, e o brilho em seus olhos faz meu estômago se revirar. “Nós tínhamos um acordo, Aisha. Por que está tentando rompê-lo?”

Desvio meu olhar dele, com os dentes cerrados. Não sei por que isso é tão embaraçoso para mim. “Não gosto de fazer sexo em um quarto de hotel. E não tem outro lugar para—”

“Se você não gostou do quarto de hotel, podia ter falado isso antes,” responde Morris com calma. “Eu teria providenciado uma alternativa.”

“Você quer dizer seu apartamento?” pergunto com relutância.

“É uma opção. Também tem uma pousada nos arredores da cidade—”

“Não quero ir tão longe.” Esfrego os braços, subitamente vulnerável.

“Então, vamos para o meu apartamento. Quando você tem que voltar para casa para o seu irmão?”

“Não estou com pressa. Harry está em uma excursão noturna com a

escola.”

“Entendi. Então você não tem desculpa para se apressar.”

Demoro mais de um segundo para entender do que ele está falando, e meu rosto fica vermelho.

“Eu vou pegar minhas coisas.”

Guardo meu laptop, sem pressa.

“É só um laptop,” diz Morris depois de um minuto. “Por que está tratando com tanta delicadeza?”

“Foi presente de alguém,” murmuro. “Pretendo guardar com carinho.”

Poucas pessoas demonstraram bondade na minha vida. Por isso, quando alguém sem rosto o faz na forma de um presente, não quero ser ingrata.

Ele não pergunta de quem foi o presente e, quando olho para ele, ele está com uma expressão estranha no rosto.

Rapidamente, arrumo todo o resto e coloco minha mochila nas costas: “vamos lá.”

Antes que eu possa me mover, no entanto, Morris pega meu braço e começa a enrolar a manga do casaco. Ele não tem pressa, enrolando cada manga com cuidado antes de pegar as laterais do cinto que estão penduradas e fechar o casaco, amarrando com segurança. Sem graça, olho para ele, com as bochechas ardendo: “o que você está fazendo?”

“Está frio lá fora,” ele diz seriamente. “Você tem que se agasalhar.”

Abro a boca para responder, mas não sai nada. Nunca tive ninguém que cuidasse de mim desse jeito. Em retrospecto, é um gesto pequeno, mas ainda me faz sentir cuidada. Meu coração traidor pula uma batida.

Eu o sigo até seu carro, que é o único estacionado no terreno vazio do outro lado da rua. Ele abre a porta do passageiro para mim e eu me sinto ainda mais constrangida. Não estou acostumada a ser tratada desse jeito. Todos os homens na minha vida me trataram como se eu não tivesse valor ou fosse só uma posse. Nunca recebi esse tipo de respeito nem mesmo da minha própria família.

“Obrigada,” murmuro, entrando no carro. Quando tento fechar a porta, Morris já está fechando por mim.

A porta se fecha com um estalo silencioso e ele dá a volta no carro, entrando no banco do motorista.

Assim que ele liga o carro, meu estômago ronca de novo.

Fecho os olhos em sinal de mortificação. Sei que o homem ao meu lado vai fazer algum comentário, então digo rapidamente: “nem uma palavra.”

Quando ele não diz nada, abro um olho e o vejo olhando diretamente para a estrada. Mas o canto de seus lábios está ligeiramente curvado, como se ele estivesse se divertindo com alguma coisa. Ele ainda não diz nada e eu relaxo.

Olho para a rua lá fora enquanto o Morris dirige. “Por que você estava na biblioteca a essa hora?”

Ele apenas dá de ombros: “tinha que devolver um livro.”

Não sei porque, não acredito nele, mas não consigo imaginar nenhum outro motivo pelo qual ele estaria lá, então decido não contestar suas palavras.

“Como está indo o seu relatório? Você sabe que ele deve ser entregue na semana que vem.”

“Está indo bem,” digo na defensiva.

“Espero que não esteja planejando passar outra noite em claro na biblioteca.”

Estou prestes a fazer um comentário mordaz sobre como as aulas dele são difíceis quando algo me chama a atenção. “Como você sabia que eu passei a noite na biblioteca?”

Mais uma vez, seus ombros se encolhem, casualmente. “Eu ouvi falar.”

Eu o encaro com firmeza: “ninguém me viu.”

“Se eu ouvi falar disso,” responde Morris com tranquilidade, “significa que alguém deve ter visto.”

Eu o encaro: “você tem uma resposta para tudo, não é?”

Seus lábios se contraem: “isso é necessariamente uma coisa ruim?”

Aperto meus lábios para não dizer algo desagradável e desnecessário.

Estamos entrando em um distrito comercial mais calmo, com algumas

lojas que agora estão fechadas para a noite. No meio da fila de lojas, tem um restaurante pequeno e bem iluminado. Morris estaciona do lado de fora: “vamos. Eu também não comi.”

Estou confusa agora.

Quando abro a porta e saio, fico imaginando o que ele está fazendo. Isso devia ser puramente físico. Fazer refeições juntos não faz parte do acordo. Não é que eu não esteja com fome, só não confio em mim mesma. Apesar de todos os meus votos de não precisar de um homem, de desprezar esse homem especificamente, o comportamento dele ultimamente está deixando difícil odiá-lo. Não quero passar mais tempo com ele. Não quero—

Morris olha para mim: “você vem?”

Concordo com a cabeça em silêncio.

É só uma refeição, tento me acalmar. Ele ainda é um cavalo e teimoso. Uma refeição não vai mudar isso.

Eu o sigo e, quando ele abre a porta para mim, mordo a língua para não agradecer.

Meus olhos se arregalam quando olho ao redor. O lugar é surpreendentemente normal. Parece uma lanchonete de família, com mesas pequenas ao longo da parede, cada uma coberta com toalhas de plástico, um saleiro e um pimenteiro, e um pequeno cardápio desbotado. Também tem banquetas ao longo do bar, onde um casal de idosos está sentado na outra extremidade do salão, tomando sopa. O local é limpo, mas parece velho e bem amado.

Eu gosto dele. Mas não consigo imaginar alguém como o Morris comendo aqui.

“Petru,” Morris acena com a cabeça para um garoto que não deve ter mais de quinze anos. “O que tem de especial hoje?”

O garoto está sentado atrás do balcão, aparentemente fazendo a lição de casa.

“Sopa de tomate com dois sanduíches de queijo quente,” o garoto boceja antes de sorrir para Morris. “E ensopado de carne com pãezinhos.”

“O que você quer?” Morris olha para mim.

O tempo está frio e a sopa de tomate parece deliciosa, mas não como

carne faz tempo. Estou prestes a abrir a boca quando Morris decide por mim: “dois de cada para nós. Comece com a sopa de tomate, e café também.”

“Pode deixar,” Petru se vira no banco antes de gritar: “mãe! Morris quer a sopa de tomate especial e o café para começar!”

Pisco os olhos: “você deve ser um regular daqui.”

Morris tira o casaco antes de abrir meu cinto sem nem mesmo me perguntar. Ele tira o casaco de mim, e não tenho escolha a não ser ajudar. Eu vejo ele pendurar nossas roupas de inverno no cabide ao lado da porta antes de me levar a um dos assentos vazios perto da janela.

“Eu venho aqui já faz tempo.”

“Desde que ele pode se aventurar por conta própria, eu diria,” vem uma voz calorosa do meu lado, e olho para ver uma mulher rechonchuda se aproximando de nós, com pele morena e um sorriso gentil. “Morris, você parece cansado. Você devia dormir mais.”

Ela dá um tapinha na bochecha dele e, para minha surpresa, Morris responde com um sorriso gentil. “Eu sei. Foram uns meses atarefados, tia.”

Tia? Eles são parentes?

“E você trouxe uma convidada com você! Isso é novidade.” A mulher parece satisfeita. “Não vai nos apresentar?”

Morris limpa a garganta: “esta é Aisha. Ela é minha aluna.”

Mordo minha língua diante da clara distinção. Mas não sei por que me sinto incomodada.

“Aluna?” A mulher levanta uma sobrancelha, um pouco decepcionada. “E eu que pensava que você finalmente tinha trazido uma garota para cá.”

Morris sorri. É um sorriso quase atrevido que eu nunca vi no rosto dele. Suaviza toda sua expressão severa de repente e, se antes ele era bonito, agora parece terrivelmente charmoso.

“Desculpe desapontá-la. Aisha, esta é Ridhi Peerna.”

É um nome único, e eu pisco os olhos: “é um nome indiano, certo?”

Ridhi sorri para mim: “sim! Meu marido e eu imigramos para cá quando nos casamos.”

“Você tem um restaurante adorável,” sorrio para ela, impotente diante de sua expressão radiante.

“Obrigada, e você é um doce de menina,” ela dá um tapinha na minha bochecha também. “Por que vocês dois não se acomodam e eu vou trazer a comida?”

Eu me sento na cabine e olho em volta: “por que você chama ela de tia?”

Morris olha para mim: “eu sempre chamei ela assim. Quando entrei aqui pela primeira vez, não sabia que nome usar, e ela me disse para chamá-la de tia. Nunca mais parei.”

Tem um calor na voz dele quando ele fala sobre Ridhi, o mesmo calor de quando estava conversando com ela.

“Ela gosta de você,” murmuro.

“Você parece surpresa,” Morris levanta uma sobrancelha. “Eu pareço tão desagradável assim?”

“Não,” respondo sem pensar. “Só queria saber como é a sensação.”

Quando ele franze a testa, eu me sobressalto, ouvindo minhas próprias palavras. “Quer dizer— parece que— foi só uma observação.”

Morris não diz nada por um momento e, quando o faz, é uma pergunta surpreendentemente pessoal. “Onde está sua família? Sua alcateia?”

Talvez seja a atmosfera, o jazz suave tocando ao fundo, o calor do restaurante se infiltrando nos meus dedos frios, mas eu não tenho forças para inventar alguma mentira elaborada ou responder com um comentário sarcástico e encerrar o assunto. “Em algum lugar distante, espero. Eles nunca vão nos encontrar. Não se depender de mim.”

“E o seu irmão?”

“O que tem ele?”

“Seus pais não o querem de volta?”

Uma risada amarga sai da minha boca antes que eu possa me conter. “Minha mãe fugiu há muito tempo. E meu pai... se ele não pode se

beneficiar dos filhos, não precisa deles. Eu levei Harry embora para lhe dar uma vida melhor, sem surras nem abusos. As únicas pessoas que viriam atrás de nós, se muito, seriam os outros membros da alcateia.”

Para preservar sua honra. As mulheres da nossa alcateia não podem simplesmente fugir. Isso é considerado uma mancha na honra dos machos.

“Seus pais batiam em você?” Morris franze a testa.

“Nem todas as alcateias são perfeitas como a sua, Morris,” eu zombo, “onde as crianças são desejadas e amadas. Alguns de nós precisam sobreviver. Eu sobrevivi, mas meu irmão não devia ter que passar por isso. Ele devia poder aproveitar uma boa infância. Ele pode ser meu irmão, mas eu criei esse menino desde que ele nasceu. Ele é meu, para todos os efeitos.”

“Você—”

“Não quero falar do meu passado,” digo de repente. “Não quero falar dos meus pais, minha alcateia ou da minha infância. Você não precisa saber de nada disso. É particular.”

Morris não parece ofendido com minha explosão repentina. Na verdade, ele tira o cardápio do suporte e o estuda: “eu não queria te aborrecer.”

Eu me contorço no meu assento. “Eu só não acho que seja uma boa ideia tentar nos conhecermos melhor. Quer dizer, você disse que era só um relacionamento físico, então não vamos nos intrometer na vida um do outro. Não queremos nos envolver demais.”

Tenho muito a perder.

Uma expressão estranha cruza o rosto de Morris e ele me dá um sorriso apertado. “Você tem razão.”

Felizmente, o café chega e Morris decide falar sobre o relatório em que estou trabalhando. Apesar da tensão da conversa anterior, começo a relaxar. É muito mais fácil conversar com ele fora da faculdade.

Ficamos por uma hora e eu me pego observando ele. Será que sua severidade e atitude fria são só uma farsa? Na frente dessa mãe e desse filho, Morris está mostrando um lado de si mesmo que eu não imaginava que existisse. Na verdade, me dá um pouco de inveja. Ele os trata com tanto calor e afeto que me sinto como uma estranha.

Quando saímos, com comida no estômago, eu quero só me enrolar e dormir. Faz muito tempo que eu não consigo comer uma refeição inteira sem vomitar. A comida era leve, reconfortante e gentil para o estômago. Os espasmos de dor também desapareceram agora, talvez devido à presença do Morris.

Mas quando entramos no carro, meu sono desaparece.

Há uma súbita tensão no ar entre nós. Nós dois sabemos o que está por vir.

O apartamento de Morris não fica longe da faculdade, a uns dez minutos de carro. É um prédio elegante com um estacionamento subterrâneo bem iluminado. O elevador nos leva até a cobertura, que dá diretamente para a casa de Morris. Nunca vi nada assim e olho em volta, com os olhos arregalados. “Então, não tem escadas?”

Ele me observa olhando ao redor. “Tem, sim. Uma saída particular. Cada andar é um apartamento inteiro. O elevador abre para o apartamento do inquilino, que insere seu código. As escadas ficam no outro lado do apartamento e levam ao saguão.”

“Uau,” murmuro. “Isso é tão coisa de gente rica.”

“É mesmo,” concorda Morris sem se sentir insultado. “Um amigo meu projetou este edifício e alguns outros. Eles são seguros e particulares, que é o que a maioria dos locatários daqui prefere.”

O interior da cobertura é feito em tons de preto, azul e prata. Parece que alguém copiou e colou uma seção inteira de uma revista de decoração de interiores.

À minha frente, tem uma sala de estar luxuosamente decorada, com uma cozinha no canto e um pequeno corredor que provavelmente se conecta a mais cômodos. A televisão é uma grande tela plana com sofás de frente para ela e uma mesa de vidro no meio. Apesar de todo o luxo óbvio desse lugar, ele não faz meu coração disparar de inveja. Tem um vazio aqui. Tudo está em ordem, nem um guardanapo fora do lugar.

“Você deve ter uma funcionária muito boa,” murmuro.

“Eu não contrato funcionários domésticos,” Morris pendura o paletó. “Ninguém, além de algumas pessoas de confiança, tem acesso a esse lugar.”

Lembro-me de sua noção insana que o pai dele ou outro alguém

pudesse ter me pago para seduzi-lo. Então, ele é um pouco paranoico.

“Você quer beber alguma coisa?” pergunta Morris.

“Não—”

A recusa mal saiu da minha boca quando sinto suas mãos sobre mim enquanto ele tira meu casaco: “nesse caso, por que você não me segue até o quarto?”

Sua voz é calma, mas o calor dentro dela me faz tremer de desejo.

CAPÍTULO 13

Aisha

“Ah, eu—”

Não consigo nem dizer as palavras porque ele está me levando de costas pelo corredor, seus dedos abrindo os botões da minha blusa.

“E-espera.” Minha mente fica em branco com os dedos de Morris roçando a minha pele enquanto ele tira minha blusa e a deixa cair no chão. Por que ele parece mais desesperado do que eu? As pontas de seus dedos estão deixando uma trilha de calor sobre a minha pele, e me sinto exposta só com meu sutiã. Mas, então, seus dedos deslizam por trás de mim, me puxando para seu corpo, e escuto o clique suave do gancho do meu sutiã sendo aberto.

Quero protestar. Da última vez que fomos para a cama juntos, eu estava drogada de feromônios. Dessa vez, estou mais consciente e meu coração está batendo como um tambor sem parar, o som ecoando em meus ouvidos.

Morris tira meu sutiã e meus braços se movem para cobrir meu peito por instinto, mas ele já está segurando meus seios. Um pequeno gemido sai de meus lábios quando seus polegares passam sobre meus mamilos em movimentos circulares carinhosos. Minhas costas se chocam contra uma porta e todos os meus protestos morrem diante do calor branco que me percorre com seu simples toque.

Será que essa atração cega vai se dissipar? Eu me pergunto vagamente, meus dedos flexionados sobre os bíceps dele, as unhas cravadas em sua pele através da camisa. Sinto uma de suas mãos passar pela minha cintura para abrir a porta e então ele me empurra para um quarto mal iluminado, os olhos selvagens de fome. Parece que não fui a única afetada pelo longo período de tempo desde nosso último encontro. Quando uma fêmea exala feromônios, atraindo um parceiro em potencial, eles não passam nenhum tempo longe um do outro. Estou sofrendo tanto recentemente porque quebrei essa regra. Meu lobo precisa de contato físico. Mas geralmente é a fêmea que sofre mais. Ao ver o Morris tão tenso enquanto me empurra para a cama, fico vagamente surpresa.

Meus pensamentos intrusivos desaparecem completamente quando ele tira minha calça jeans e levanta minhas pernas. Ele as coloca sobre os ombros e meu rosto fica vermelho quando percebo o que ele está prestes a fazer. Isso tudo é muito mais embaraçoso com ele totalmente vestido enquanto eu estou completamente nua e exposta. Mas quando sua boca desce sobre meu sexo molhado, nada mais importa. Solto um gemido alto quando vejo o topo de sua cabeça enterrado entre minhas pernas. Meus olhos se fecham quando sua língua me penetra.

As mãos dele estão cravadas nos meus quadris enquanto ele move a língua dentro de mim. Gritos ofegantes me escapam e minhas mãos se agarram aos lençóis. Posso sentir meus músculos tensos e, quando ele morde suavemente meu clitóris, eu soluço, perdendo o controle. Morris me lambe, me fazendo tremer.

Quando ele se afasta, eu solto um suspiro trêmulo. Mas ele não está nem perto de terminar, pois se inclina e pressiona sua boca contra a minha. Posso sentir meu gosto na língua dele e gemo. Mas enquanto o beijo se intensifica, sinto meu próprio fogo crescer. Eu quero mais.

Minha mão desliza pela sua camisa até as calças, e eu solto o cinto dele.

Sua mão me detém e ele rosna: “o que você está fazendo?”

“O que eu quero,” eu engulo minha timidez, deixando transparecer meu lobo interior. “Você não pode ser a única pessoa no comando.”

Um olhar de divertimento cruza o rosto dele: “você quer estar no comando?”

Dou de ombros: “quero tirar suas roupas.”

“Então, por favor,” ele solta minha mão, me deixando abrir seu cinto e tirar suas calças. Meus dedos também arrancam sua camisa. Mas é difícil manter minhas mãos firmes quando ele está me observando com um olhar tão presunçoso no rosto.

Não me interessa o que ele está pensando. Da última vez, ele comandou completamente o show, sempre no controle. Quero quebrar esse controle. Quero que ele seja tão selvagem quanto eu fui.

Empurrando-o para ser a vez dele de ficar de costas na cama, eu desço até meu rosto estar diante de algo duro e saliente. Meus dedos percorrem o pênis de Morris. A última vez que ele esteve em mim, quase me partiu ao meio. Ele teve de me preparar para receber seu pênis. Dessa vez, pretendo receber de outro jeito.

Minha boca envolve seu pênis e ele rosna. Quando suas mãos agarram minha cabeça, eu não o impeço. Ele não faz nenhuma pressão, como se estivesse esperando para ver o que eu planejo fazer. Eu o lambo como se fosse um pirulito, com movimentos longos e úmidos. É grande demais para caber na minha boca e, quando tento, quase engasgo. Morris solta um riso rouco e tenso: “vamos ter que treinar esse reflexo.”

Só de pensar nele pacientemente me ensinando a engolir seu pênis, fico toda excitada e pressiono minhas pernas uma contra a outra, dominada pela fantasia erótica. Morris deve ter percebido como suas palavras me excitaram, porque ele nos empurra para trás até eu ficar de joelhos enquanto ele se senta na cama, e sua mão tira uma mecha de cabelo da minha testa enquanto ele murmura: “quando você ficar boa nisso, vou te usar só para guardar meu pau.”

É uma frase que já ouvi dele antes e, na verdade, pesquisei depois.

Meus olhos se fecham enquanto gemo com a imagem mental de ficar sentada sob a mesa dele, com seu pênis na boca por horas, bem quieta no lugar. Agora posso sentir a umidade na parte interna das minhas coxas. Quando foi que fiquei tão pervertida?

Eu movo minha cabeça para cima e para baixo, tentando aceitar o máximo que consigo. Estou determinada a deixá-lo louco e a criar uma sucção com minha boca e, para minha surpresa, Morris rosna de novo. Seus olhos se estreitam para mim: “você sabe alguns truques.”

Ele não me deixa terminar, mas me tira de cima dele e me puxa para os braços: “você se divertiu. Vamos tentar outra coisa.”

Antes que eu possa impedi-lo, ele me coloca sentada em cima dele. “Quer ficar no controle? Monte em mim.”

Meu coração quase para ao ver seu enorme pênis ereto no ar entre nós.

Como vou sentar nisso tudo?

“O que foi?” O tom zombeteiro da voz de Morris faz meu maxilar se contrair.

“N-nada,” não consigo evitar o tremor na minha voz.

Subindo no colo dele, uso seus ombros como apoiar antes de me sentar devagar no pênis deles. Quando a cabeça entra em mim, solto um som baixinho. Pouco a pouco, eu me abaixo, meus lábios se

separando à medida que cada centímetro me preenche. Meus dentes se afundam no lábio inferior enquanto eu desço mais um centímetro, tentando conter o gemido de desejo que se forma no fundo da minha garganta. Mas o Morris não vai se dar por satisfeito. Ele coloca as mãos em volta da minha cintura e joga os quadris para cima, me preenchendo completamente.

“Morris!” eu grito em choque, minhas unhas cortando sua pele.

“Vá em frente,” sua voz está tensa, “Cavalgue-me.”

Eu tento, mas quando tento me mover, meus músculos internos se prendem a ele.

“Eu—” um gemido me escapa, e eu odeio como fico indefesa quando estou assim com ele.

“O que foi?” Ele sorri. “Eu pensei que você quisesse assumir o controle.”

Meu peito pula quando tento de novo: “eu—”

A mão dele acaricia minha bochecha: “você só precisa pedir.”

Eu olho feio para ele, mas quando tento mover meus quadris, sinto que vou me despedaçar em um instante.

Engolindo, olhos nos olhos dele: “faça você.”

“Fazer o quê?” ele pergunta inocentemente.

“Você sabe!”

“Você vai ter que soletrar para mim, Srta. Hart,” ele murmura, roçando sua boca contra a minha antes de pegar o lóbulo da minha orelha e chupá-lo.

“Foda-me,” sussurro.

“De novo,” ele diz com firmeza. “Mais alto.”

Quando ele fica dominante desse jeito, meu corpo queima ainda mais.

“Foda-me,” eu digo, mais alto agora.

O sorriso que se espalha por seu rosto me faz pensar que talvez eu devesse ter olhado antes de pular. Quando ele se move, é em uma velocidade que não tenho chances de acompanhar. Forçando-me a olhar em seus olhos, Morris se move dentro de mim, e eu pulo no colo

dele, meus seios pulando no ritmo de suas investidas. Ele pega um mamilo na boca e o chupa, dedilhando o outro.

Superestimulada, gozo por todo o pênis dele, mas ele ainda está longe de terminar. Mudando instantaneamente de posição, para me deixar de costas na cama enquanto ele empurra minhas pernas para cima, quase me dobrando ao meio, seu pênis me devora, alcançando lugares que eu não sabia que eram possíveis. Meus gemidos se transformam em gritos e, quando tento cobrir a boca, ele afasta minha mão com um tapa. “Quero ouvir meu nome dos seus lábios.”

E eu continuo a gritar.

Quando Morris disse que não ia ter pressa hoje, ele estava falando sério.

Estou sem forças quando finalmente caio na cama, meu corpo deliciosamente cru. Não sei que horas são, mas já se passaram várias e meus olhos se fecham. Posso sentir o braço de Morris em volta da minha cintura, seu pênis ainda dentro de mim. Em vez de me sentir desconfortável, eu me aninho mais perto e adormeço imediatamente.

*** **

É o cheiro de bacon e ovos que me acorda.

Eu gemo de dor, rolando de costas.

Sei exatamente onde estou e sei, sem olhar, que tem marcas por todo o meu corpo.

“Desgraçado,” murmuro, com os olhos ainda fechados.

Mas quando contraio as pernas, não sinto nada grudar. Partes do meu corpo estão úmidas, como se alguém tivesse me limpado. Fico agradecida, porque se eu tivesse acordado pegajosa e nojenta, provavelmente teria chorado. Não tenho forças nem para tomar um banho.

Depois de alguns instantes, eu me forço a sentar, porque a tentação da comida é muito grande. Nem me importo se não é para mim. Parece que não como há dias. Bem nessa hora, a porta se abre e Morris entra, vestindo só uma calça de moletom.

“Você acordou,” ele entra no quarto, olhando para mim. “Como está se sentindo?”

Enrolo o lençol em volta de mim, com os braços rígidos. “A beira da

morte.”

Ele se aproxima e me pega nos braços, com lençol e tudo. “Bem, talvez o café da manhã ajude.”

Enquanto ele me carrega para a cozinha, eu o encaro. “Você não sente remorso, não é? Estou coberta de hematomas e marcas.”

“Está mesmo?” Morris parece satisfeito por algum motivo.

“Estou sim!” Puxo meu braço para fora do lençol, quase dando uma cotovelada nele no processo. “Olha só para isso!”

Ele dá de ombros, ressaltando: “podia ser pior.”

Eu só encaro ele, imitando: “ah, podia?”

“Sem dúvidas,” ele concorda antes de me colocar cuidadosamente em um banquinho da cozinha. “Fique aqui.”

Ele dá a volta na ilha até o fogão, onde vejo várias panelas, e continua a preparar o café da manhã.

“Para onde eu iria só de lençol?” resmungo, mal-humorada com todas essas dores.

“Suas roupas estão na secadora,” Morris coloca um prato diante de mim, repleto de bacon crocante, batatas fritas e ovos fritos.

Eu não tenho a chance de dizer nada, porque ele segue com outro prato cheio de pães de queijo com alho e salsichas cozidas. Meus olhos quase saltam da cabeça ao ver toda essa comida.

“Como vamos terminar tudo isso?”

“Nós?” Morris pisca os olhos. “Isso é para você. O meu está no forno.”

Ele abre o forno quente e retira alguns pratos. São as mesmas comidas, mas uma quantidade muito maior empilhada toda junta.

Não me escapa que ele guardou a comida mais fresca para mim. O calor floresce em meu peito com o gesto atencioso enquanto mergulho na minha refeição. O bacon está perfeitamente temperado, a carne está crocante, e eu quase choro. “Você fez isso tudo?”

“Eu sei cozinhar,” Morris espeta uma salsicha com o garfo e a morde. Ele dá mais algumas mordidas antes de dizer: “quando fui para a faculdade, foi em outro estado. Eu não sabia fazer muito mais do que

ferver água, então acabei me inscrevendo em aulas de culinária.”

Mastigo o pãozinho antes de fechar os olhos: “isso tem que ser comprado na loja.”

“Eu sempre faço meu próprio pão.”

Fico olhando para ele por um minuto inteiro antes de olhar para o meu prato. “Não sei o que dizer,” é minha resposta. “Quer dizer, eu sei cozinhar, mas não nesse nível.”

“Posso te ensinar da próxima vez que você passar a noite.”

Parece uma observação casual, mas meu peito fica apertado. Isso não parece ser um relacionamento puramente físico. Ele está cozinando para mim. Está se oferecendo para me ensinar a cozinhar. Aparentemente, ele já fez planos para me hospedar de noite.

Não é que eu odeie esse sentimento que está crescendo dentro de mim. Mas estou com medo.

Não quero mostrar que suas ações e suas palavras anteriores se contradizem. A pequena brasa de esperança que está se acendendo em mim quer ficar de boca fechada.

Eu simplesmente enfio a comida na boca. “Está muito bom. Obrigada. Mas acho que não vou conseguir comer tudo isso.”

“Você já perdeu muito peso,” diz Morris com firmeza. “Eu mal vejo você comer.”

“Eu como!” Minha cabeça se ergue com indignação. “Não pense que eu não como porque sou magra—”

“Você perdeu peso desde que te conheci, Aisha,” o tom de Morris é seco. “Nunca vi um lobo perder peso como você perdeu. Parte disso foram as pílulas, mas não é o único motivo.”

Eu faço uma careta: “você não sabe de nada. Sou só chata com comida.”

“Sim, dá para perceber,” Morris olha os pratos diante de mim de forma significativa. Eu comi um pouco de tudo. “Espero que você ganhe peso nos próximos meses.”

“Você *espera* que eu ganhe peso?” eu respondo, olhando para ele. “Não acho que você esteja em posição de me dizer o que fazer.”

Morris funga com meu tom de voz: “é uma ordem, mas é porque estou preocupado. Você está perigosamente abaixo do peso, Aisha, para uma metamorfa. Se não ganhar peso, vai começar a ter problemas quando se transformar. Você tem aula comigo, três vezes por semana, pela manhã. Se não tiver o café da manhã na mão quando chegar, vou começar a te entregar na frente de todo mundo.”

Eu me enrijeço: “você não faria isso.”

Ele ergue o olhar para encontrar o meu, sua expressão mortalmente séria. “Você quer apostar?”

Fico olhando para ele, com a boca aberta como um peixe. “Por que você se importa?”

Ele encolhe os ombros: “porque sim. Agora termine de comer.”

Quero brigar com ele por causa disso, mas meus olhos se voltam para o relógio de parede. Meus olhos se arregalam quando vejo a hora. “Que droga! Estou atrasada! Tenho que pegar o Harry!”

Esquecendo-me do lençol enrolado em mim, deslizo para fora do banquinho e deixo ele cair no chão. O tecido se amontoa ao redor dos meus pés, dando a Morris uma visão do que ele tinha nas mãos na noite passada. Calor e fome brilham em seus olhos, mas antes que eu possa puxá-lo de volta, horrorizada, ele já pegou e está dobrando. “Vou pegar suas roupas. Termine o café da manhã e depois vamos buscar seu irmão.”

Quando ele se afasta, fico olhando para ele com o rosto vermelho. Vou terminar meu café da manhã pelada?

*** **

Morris insiste em me levar para a escola, porque os ônibus sempre atrasam na região dele. Não sei como ele pode saber disso, já que, como ele mesmo admite, dirige para todos os lugares. Ainda estou mortificada pelo incidente de antes. Ele trouxe minhas roupas, mas parecia estar rindo de mim quando corri para o quarto dele para me trocar. Ele achou graça do meu desconforto! Idiota!

Não entendo esse homem nem um pouco!

Quando chegamos à escola, vejo o ônibus já estacionado na calçada e os alunos bocejando enquanto caminham para os pais, que vieram buscá-los. Harry deve ter sentido meu cheiro, porque ele corre na minha direção antes de se jogar nos meus braços, o que é muito raro

para ele, sendo um pré-adolescente e tudo mais. “Você está cheirando a bacon, Aisha! Você trouxe bacon pra gente?!”

Aproveito o abraço enquanto dura. Sei que ele não fica confortável passando a noite tão longe de mim, mas também queria muito fazer essa viagem.

“Desculpe,” eu sorrio para ele. “Você se divertiu?”

Mas ele não me responde. Está ocupado demais olhando para o Morris, que está parado no banco do motorista. Ele lança um olhar estranho para Morris e abre a boca antes de fechá-la e olhar de volta para mim, com a voz mais calma. “Vamos para casa.” Por algum motivo estranho, ele se esqueceu completamente do bacon.

Morris nos leva para casa e Harry, que normalmente é muito tagarela com meus poucos amigos, fica em silêncio, o rosto voltado para a janela. Ele não para de olhar para a parte de trás da cabeça do Morris e depois para mim, mas sempre que me vê observando, ele imediatamente desvia o olhar.

Quando chegamos em casa, ele parece estar mais do que um pouco chateado.

Morris nos deixa na entrada do prédio e espera até entrarmos antes de sair dirigindo.

“Está tudo bem com você?” Olho para Harry, que está com uma expressão de mau humor no rosto. “Você nem disse oi para o meu amigo.”

“Ele não é seu amigo,” murmura Harry. “Ele é seu namorado. Ele mentiu para mim.”

“Espera aí, o quê?” Eu pisco para ele. “Do que você está falando? Quando foi que o Morris disse qualquer coisa para você?”

Harry olha para mim: “na biblioteca daquela vez. Ele disse que era seu amigo.”

Por um momento, meu mundo inteiro para.

O laptop, o relatório, o café da manhã.

Isso foi tudo do Morris?!

CAPÍTULO 14

Aisha

Não é difícil juntar as peças.

Naquela noite, na biblioteca, eu estava no limite, quase desistindo de tudo. Eu desprezava o Morris com todas as fibras do meu ser. É por isso que nunca me ocorreu, nem de passagem, que ele podia ter sido a pessoa que ajudou a terminar meu relatório, me deixou um laptop novinho em folha e nos trouxe comida. O relatório tinha várias páginas e eu tinha feito só um rascunho. Ele conseguiu compilar todas as minhas anotações e o rascunho e preparar um relatório tão rápido.

Agora que penso nisso, faz sentido que tenha sido o Morris. Ele é a única pessoa, além dos meus colegas de trabalho no restaurante, que sabia o que eu era. Ele abriu as janelas enquanto trabalhava ao meu lado para o cheiro não ficar para trás, e provavelmente usou luvas como outra precaução.

Mas por que ele faria tudo isso?

Quem sai por aí comprando um laptop caro e de última geração para pessoas aleatórias? E eu sou ainda menos que uma pessoa aleatória, já que ele estava tão determinado a não deixar que nosso acordo passasse dos limites físicos!

Meus olhos se fixam em Harry enquanto ele brinca nos balanços. Perguntei o que aconteceu naquela noite na biblioteca e, de acordo com ele, Morris apareceu de madrugada e escreveu meu relatório no próprio laptop. Ele deu alguma coisa para o Harry comer e meu irmão cochilou porque estava cheio. Harry sentiu que Morris era um metamorfo lobo, e poderoso ainda por cima. Pela lógica infantil do meu irmãozinho, ele guardou o segredo do Morris porque não queria que eu ficasse chateada com o “único amigo normal que você tem.”

Não posso ficar brava com ele porque ele não conhece a realidade que está me afligindo. Ele só estava tentando ser um bom irmão. Meus lábios se curvam ao pensar nisso, mas meu sorriso se desvanece rapidamente quando percebo as implicações das ações de Morris. Ele estava na sala naquele dia em que meus colegas zombaram abertamente do meu laptop que mal funcionava. Ele resmungou com a

bagunça, mas não achei que tivesse prestado atenção ou, se tivesse, imaginei que teria achado graça. Eu nunca pensei que ele ia comprar um laptop para mim, e ainda por cima de última geração.

“Oi, Aisha.”

Olho para cima e vejo Jojo se aproximando.

Surpresa, eu me endireito. “O que está fazendo aqui?”

Ele parece feliz em me ver. “Eu estou cuidando das gêmeas da minha irmã, e elas queriam vir no parque. Minha irmã mora por perto. Você veio com o Harry?”

Concordo com a cabeça, apontando para onde Harry está em um dos balanços de uma forma que os humanos chamariam de imprudente. Ele parece estar se divertindo.

“Importa-se se eu me sentar com você?” Como sempre, Jojo é o retrato da educação.

“Claro,” eu dou espaço e ele se acomoda ao meu lado.

Seus olhos se voltam para duas meninas de cabelos escuros, que não devem ter mais de sete anos, escalando o trepa-trepa.

“Bonitinhas,” comento, assistindo elas se pendurarem nas barras.

“São mesmo, não são?” Jojo sorri. “Minha namorada quer ter filhos um dia. Ela vai ser uma ótima mãe.”

Olho para ele: “você dois já estão falando de filhos? Você não têm dezessete anos?”

“Tenho,” ele sorri gentilmente, “mas eu já sei que ela é a pessoa certa. Sinceramente, se não fosse por esse novo emprego, eu nunca ia conseguir economizar para comprar um anel de noivado. Pretendo pedi-la em casamento na nossa formatura.”

Ele parece bem satisfeito com seu plano, então eu sorrio. “Que bom que acabamos trabalhando no mesmo lugar. Foi uma coincidência feliz.”

Mas em vez de concordar comigo, Jojo me lança um olhar nervoso.

Eu o examino: “o que foi?”

“N-Nada.”

Mas Jojo nunca foi bom em mentir, e eu franzo a testa. “O que você não está me dizendo?”

“Não é nada,” ele insiste, mas pelo jeito como desvia os olhos, tenho certeza de que está escondendo alguma coisa. Só não sei o que é.

“Não minta para mim, Jojo,” eu faço uma careta. “O que foi? Pode falar.”

Quando ele olha para mim, eu o encaro, e os pontos na minha cabeça se conectam. Foi estranho como nós dois acabamos no mesmo lugar. O restaurante não tem nenhum funcionário humano além do Jojo. Então, por que contratar um humano?

Ele começou alguns dias depois de mim.

“Jojo,” começo devagar, “como é que nós dois acabamos no mesmo lugar?”

Ele aperta os lábios: “não sei dizer.”

“Você não sabe ou não quer?” pergunto com frieza.

“Prometi que não ia dizer nada,” ele murmura. “Não gosto de quebrar promessas, Aisha.”

“É, bem,” digo com firmeza, “isso é uma exceção. Eu nem me candidatei a esse cargo. Só me ligaram um dia.”

“Eu sei,” diz ele lentamente, baixando o olhar. “Eu— o Sr. Wolfguard disse que eu não devia te contar—”

“Sr. Wolfguard?” Eu pisco os olhos, surpresa. “O que o Morris tem a ver com isso?”

Jojo estremece: “sabe a noite em que eu saí do nosso antigo emprego? Bem, roubei os seus arquivos porque sabia que o Sr. Randall e o Bond estavam planejando ir na sua casa. O Sr. Wolfguard estava lá e ouviu a conversa toda. Ele me seguiu e me disse que era seu amigo. Que estava preocupado com você e te arranjaría outro emprego. Mais tarde, recebi uma ligação dele e ele disse que me arrumou um emprego no mesmo lugar em que você estava trabalhando e que, em troca, queria que eu ficasse de olho em você e avisasse se acontecesse alguma coisa.”

Jojo me lança um olhar de desculpas: “não queria esconder nada disso de você, Aisha. É que o Sr. Wolfguard é meio assustador e eu não queria perder meu emprego. Além disso, ele parecia mesmo

preocupado com você e não parecia ter nenhuma má intenção.”

Minha mente está vazia: “foi o Morris que me conseguiu o emprego?”

Mas isso foi logo após nosso primeiro encontro. Na verdade, agora que penso nisso, lembro do que o meu chefe, George, me disse. Na época achei estranho, mas silencieei o absurdo da exigência. Ele queria que eu frequentasse minhas aulas na faculdade.

Abaixo a cabeça, me lembrando daqueles dias. Foi logo depois do meu primeiro confronto com Morris, depois de eu ter chegado alguns minutos atrasada na aula dele. Ele me acusou de tentar seduzi-lo por ordem do pai, simplesmente porque eu exaleei feromônios quando nos conhecemos. Ameaçou me dar uma nota baixa na classe dele, o que teria arruinado minha bolsa de estudos. Passei dias angustiada por causa daquele homem. Parecia que meu mundo inteiro estava desabando ao meu redor, e ele era o único responsável por tudo. Quando finalmente consegui um emprego com horários melhores e um salário incrível, senti que o universo estava finalmente cuidando de mim. Depois do incidente em que Amanda derramou água no meu laptop, destruindo todo o meu trabalho, além do único laptop que eu tinha, quando alguém deixou um aparelho ao meu lado na biblioteca e terminou meu relatório, de novo, senti como se o universo estivesse me levantando.

Mas nunca foi o universo, esse tempo todo.

Foi o Morris, o homem que eu odiava com todas as fibras do meu ser.

De repente, algo me ocorre. Recebi esse laptop no mesmo dia em que Amanda e o amigo dela o destruíram. E Morris só pode ter descoberto se—

Meus olhos se fixam em um JoJo de rosto sombrio e pergunto, devagar: “o que você contou para ele?”

Jojo estremece: “eu só mando mensagem para ele se alguém te incomoda ou se eu acho que você está passando por maus bocados.”

Olho fixamente para o garoto, inquieta. “Isso é uma extrema invasão de privacidade, Jojo. Mesmo que suas intenções fossem boas, essa situação me faz sentir que não posso confiar em você.”

A expressão de Jojo cai em desânimo, “Eu não estava tentando te machucar, Aisha. Achei que o Sr. Wolfguard queria mesmo ajudar. Eu só estava tentando te ajudar!”

Eu o estudo antes de murmurar: “eu sei que estava, mas as coisas entre Morris e eu são complicadas, e o que você acabou de me contar deixa elas ainda mais complicadas.”

Jojo desvia o olhar, envergonhado. “Sinto muito, Aisha.”

Eu lhe dou um pequeno sorriso. “Não estou brava com você. Não tanto assim, pelo menos. Mas tenho que resolver essa situação agora.”

Porque, até agora, eu via o Morris como o vilão da minha história, alguém que estava atrapalhando minha vida com ações deliberadas. Esse tempo todo fui tão inflexível em construir uma imagem negativa dele na minha cabeça, e ver tudo desmoronando ao meu redor me faz sentir tonta e insegura.

Ele quem insistiu em manter nosso relacionamento físico. Eu já estava confusa com o jeito como ele vem me tratando ultimamente, e estava começando a me afeiçoar, mas ao mesmo tempo estava desconfiada. Saber que, esse tempo todo, é ele quem está me ajudando nos bastidores me faz sentir péssima, mas meu coração também está batendo um pouco mais rápido do que o normal.

De repente, estou entendendo melhor suas ações, os pequenos gestos que eu achava preocupantes e estranhos e suas perguntas interessada. Mas ainda não consigo entender suas intenções. Será que ele se importa comigo? Ou será que ele é assim com todo mundo?

Meu coração dispara.

Fico olhando para Harry do outro lado do playground, meus pensamentos vagando em direções aleatórias.

Não sou feita de pedra. A gentileza ocasional de Morris, o jeito como ele começou a me tratar, já estava sentido minhas barreiras descerem. Sabendo de tudo isso, tenho que admitir que tem alguma coisa aqui, algo que estou tentando evitar. Eu é que tenho sido hostil com ele, não confiando nele. Ele teve tantas chances de esclarecer minhas concepções errôneas, mas nunca corrigiu. Por quê?

“Aisha?”

A voz de Jojo é hesitante e eu suspiro, afundando o rosto nas mãos. “Está tudo bem. Eu estou bem.”

O que vou fazer agora? Devo dizer ao Morris que eu sei de tudo o que ele fez por mim até agora? Devo guardar para mim mesma e abordar esse acordo entre nós com uma mente mais aberta?

“Isso é tão complicado,” rosno de repente, levantando a cabeça e olhando para o parque.

“Hum...”

“Você não, Jojo!” eu estouro, e ele se encolhe. Fecho os olhos brevemente antes de abri-los e olhar ele de frente. “Desculpe. Eu não queria—”

Ele balança a cabeça, arrependido. “Não, você tem razão. Eu não devia ter confiado no Sr. Wolfguard tão fácil. Eu devia ter te contado.”

“Devia mesmo,” concordo antes de estender a mão e apertar a dele, “mas entendo que você só estava tentando ajudar. Só... de agora em diante, venha me avisar se alguém estiver tentando obter informações de mim.”

Jojo concorda com a cabeça, a voz sincera: “eu vou! Eu prometo!”

Eu sorrio antes das duas meninas correrem para nós e agarrarem as mãos dele. As sobrinhas de Jojo são umas gracinhas, barulhentas, mas fofas. Eu as vejo arrastar Jojo para a esquina do prédio do outro lado do parque. Incomodada com minha própria situação, pondero sobre o que fazer.

Tenho outras responsabilidades na cabeça, uma delas o relatório que preciso entregar para a aula do Morris. O Clyde tem sido inútil como sempre e tenho a sensação de que vou ter de fazer esse relatório sozinha. Ele já me deixou plantadas duas vezes na biblioteca. Não pretendo que haja uma terceira.

O Morris já não gosta dele e, para começar, foi totalmente contra trabalharmos juntos, então não posso falar com ele. Além disso, falar com o Morris sobre o curso fora da faculdade parece um pouco estranho. O que eu ia dizer? Perguntar o que fazer com o relatório enquanto ele me dobra sobre a cômoda, com o pênis dentro de mim?

Meu rosto fica quente com essa imagem mental e, quando meu irmão se aproxima, ele exige saber por que estou tão vermelha. Eu arrasto ele de volta para casa, imaginando como lidar com o relatório. Mal virei a esquina do meu quarteirão quando meu telefone começa a tocar, assim que meus olhos pousam em um carro vermelho chamativo, que está estacionado bem na entrada do nosso prédio. Não é o carro que me faz piscar, mas o homem encostado nele, com os olhos no celular.

“Clyde?”

Clyde ainda está a uma boa distância de mim, mas deve ter me ouvido, porque sua cabeça gira na minha direção. Ele se endireita, levantando a mão em sinal de saudação enquanto eu cubro a distância entre nós.

“Quem é esse?” ele sorri para Harry, que só franze a testa.

Surpresa com a hostilidade incomum do meu irmão, eu o cutuco, sussurrando: “seja educado.”

Ele não responde, e eu acrescento: “esse é o Harry, meu irmão mais novo. O que está fazendo aqui, Clyde?”

Clyde acena para ele: “e aí, garotão?”

“Tenho onze anos,” responde Harry, mal-humorado, antes de olhar para mim. “Podemos entrar agora?”

Ainda estou surpresa com essa atitude, mas é óbvio que ele está de mau humor, então entrego as chaves para ele. “Aqui.”

Ele lança um último olhar para o Clyde antes de entrar no prédio. Perguntando-me por que ele estava agindo de forma tão estranha, lanço um último olhar para suas costas antes de voltar minha atenção para Clyde. “Então, quer responder minha pergunta agora?”

“Que pergunta?” Clyde olha para mim.

“Do que você está fazendo aqui. Para começar, como é que você me encontrou? Não me lembro de ter dito onde eu moro.”

Meus olhos estão apertados de suspeita, mas Clyde me dá um sorriso inocente. “Eu tenho meus contatos e, antes que você fique brava comigo, não tive outra escolha. Você anda meio puta comigo e eu tinha que conversar com você.”

“Estive ocupada trabalhando na nossa tarefa,” respondo, irritada. “Você se lembra de qual estou falando, certo? Aquela que nós íamos fazer juntos. A que me fez esperar por horas na biblioteca, mas você nunca deu as caras.”

Clyde se contorce: “sinto muito por isso.”

Eu bufo: “claro que sente.”

Não acredito nele nem por um segundo. Todas as vezes que tentei entrar em contato com ele, ele estava com uma ou outra garota, se a risada sensual ao fundo fosse qualquer indicação.

Nunca achei que Clyde fosse do tipo playboy. Saber disso deixou um gosto estranho na minha boca.

“Tenho que ir,” me viro para entrar quando ele agarra meu pulso, me impedindo, a voz suplicante.

“Escute-me primeiro, tudo bem?”

Posso ver os vizinhos do outro lado da rua observando e me enrijeço.

“Solte minha mão, Clyde,” digo calmamente, com um tom perigoso na voz, “ou vou dar uma joelhada em um lugar que vai mesmo doer.”

Ele me encara com dúvida, mas deve ter visto a intenção nos meus olhos, pois solta meu pulso devagar. “Tudo bem. Desculpe. Mas você pode pelo menos me ouvir?”

Quero ir embora, mas sei que ele vai continuar fazendo uma cena, então eu só suspiro. “Tudo bem. Tem uma cafeteria na esquina. Podemos conversar lá.”

Clyde não protesta e, quando ele abre a porta do carro, olho para os vizinhos curiosos e entro sem dizer uma palavra. A viagem é rápida, não chega a um minuto, e Clyde nos arranja uma mesa do lado de fora. Acabamos pedindo dois cafés pretos, e eu cruzo os braços sobre o peito: “você me deixou pendurada porque estava se divertindo, Clyde. Não sei como pretende se explicar.”

Espero que ele me dê alguma desculpa meio esfarrapada e estreito os olhos. Para minha surpresa, ele só desvia o olhar: “sinto muito. Fiquei preso com algumas coisas e nunca levei meus estudos muito a sério. Não percebi como suas notas eram importantes para você. Sei que você tem uma bolsa de estudos e tudo mais, e não quero que se arrisque com ela. Olhe, estou disposto a terminar todo o trabalho sozinho como um pedido de desculpas, e você pode aprovar antes de entregarmos.”

Sua expressão está abatida e seu pedido de desculpas parece sincero, mesmo que não explique em detalhes por que ele andou me dispensado. Se ele não queria se esforçar em primeiro lugar, por que concordou em me encontrar na biblioteca? Mas já tenho muito em que pensar e não quero lidar com isso também.

“Não me importo,” suspiro, finalmente, “mas o trabalho está cinquenta por cento pronto. Você nunca vai conseguir terminar sozinho. É para ser entregue essa semana. Vou pedir para minha vizinha cuidar do Harry e podemos ir juntos na biblioteca.”

Esvazio minha xícara de café antes de olhar para ele: “mas se você fizer alguma gracinha dessa vez, juro que vou te dar uma surra!”

Clyde sorri para mim, envergonhado: “não vou. Eu achei que teria que rastejar.”

“Não tenho paciência para isso,” respondo com cinismo. “Vamos lá.”

*** **

Maddie fica mais do que feliz em cuidar de Harry, e eu confiro que estou com as chaves do apartamento antes de Clyde e eu seguirmos para a biblioteca.

Eu não estava mentindo quando disse que o relatório estava pela metade. Ainda tem muito trabalho a ser feito, o que inclui pesquisa e análise dos slides das palestras e dos livros do curso. Felizmente, Clyde é preguiçoso o suficiente para não querer se esforçar, mas também é incrivelmente inteligente. Tento não me irritar muito com o fato de tudo parecer tão fácil para ele. São onze da noite quando termino de compilar nosso primeiro rascunho.

“Não esquentar com isso,” Clyde pega as anotações de mim, bocejando. “Eu digito o rascunho. Você já fez mais do que o suficiente. Além disso, temos dois dias.”

Meus dedos já estão doendo, e eu me recosto no assento: “tudo bem. Então, faça você. Só estou feliz que o relatório está pronto.”

Clyde está guardando suas coisas e dá uma piscadela para mim. “Você quer comemorar? Podemos sair e ficar bêbados.”

O álcool não tem o mesmo efeito na minha espécie que tem nos humanos. E eu detesto o gosto de cerveja.

“Não mesmo,” estico as mãos sobre a cabeça. “Não sou muito de beber.”

Um sorriso malicioso se forma no rosto de Clyde. “Meu pai comprou um engradado muito especial importado da Rússia. Tem uma garrafa no meu carro. Vamos no parque experimentar. Garanto que você vai gostar.”

Quando hesito, Clyde faz uma careta: “qual é. Não seja chata, Aisha. Viva um pouco.”

Eu me enrijeço: “não sou chata.”

Clyde zomba em resposta: “claro que não. Tudo o que você faz é ir para a aula, ir para o trabalho, estudar, dormir e depois tudo de novo. Você nunca quis ficar super bêbada? Vamos lá, vamos nos divertir!”

Olho para ele e abro meus lábios para recusar sua oferta, mas as palavras não saem da minha boca. Ele não está errado. Tenho uma vida chata, mas isso é porque, ao contrário de Clyde, tenho muitas responsabilidades sobre meus ombros. Não tenho nada do que me envergonhar. Então, por que estou hesitando?

Posso ter um temperamento explosivo de vez em quando, mas geralmente sou uma pessoa cuidadosa. Sempre tive que ser. Nunca saí para beber ou fui irresponsável. Nunca agi de acordo com minha idade, sempre tive que ser a adulta e tomar decisões inteligentes para sobreviver. As palavras de Clyde me deixam irritada e nostálgica. Não pode fazer mal, relaxar por uma noite. Olho para o meu relógio.

Harry já deve estar dormindo.

“Acho que não faria mal,” finalmente murmuro.

O rosto de Clyde se abre em um enorme sorriso: “agora sim!”

Arrumamos nossas coisas e seguimos para o bosque a algumas quadras da biblioteca do campus. Parte do bosque foi transformada em um parque. Como já é quase meia-noite, o lugar está vazio. Encontramos um banco perto de um lago e Clyde tira dois copos de plástico da mochila, além de uma garrafa de vidro grosso. Eu pisco os olhos para o conteúdo. Nunca vi um vinho tão brilhante e colorido. A garrafa parece ser comum, mas o líquido dentro dela é lindo.

“O nome é Moonshade,” diz Clyde com orgulho. “É um vinho muito especial. Tem só três vinícolas no mundo todo que o produzem. É mais caro do que o vinho mais velho do mundo.”

Lanço um olhar duvidoso para ele: “tem certeza que não tem problema beber isso?”

Ele dá uma risadinha: “tenho, sim. Vamos lá. Um brinde.”

Ele já serviu um copo para nós dois e eu tomo um gole. O sabor me faz fechar os olhos por um instante. É doce e macio na minha língua, e eu o saboreio.

“É muito bom,” finalmente abro os olhos de surpresa. Bebo o copo inteiro, e Clyde imediatamente me serve outro. Depois do segundo, começo a me sentir um pouco tonta. Mas Clyde também está bebendo,

e faz muito tempo que não me divirto e relaxo assim. Então, quando ele me serve outro copo, não o impeço.

Nunca me senti assim antes. Não consigo parar de rir de tudo o que o Clyde diz.

O telefone dele toca em algum momento e ele se afasta para atender. Sirvo-me de outro copo antes de esvaziá-lo e botar ele de lado com um baque alto. Pegando meu próprio telefone, meus dedos discam um número que não me é muito familiar.

Ele toca duas vezes antes que alguém atenda.

“Ei!” rio para o bocal. “Você atendeu! Achei que não atenderia.”

Um breve silêncio e, então, uma pergunta intrigada: “Aisha?”

Franzo a testa, de repente: “como você sabia que era eu?”

Morris parece confuso: “porque eu tenho seu número. O que está acontecendo? Você está bem?”

Eu rio de novo: “sabe, você tem esse ar todo durão e espinhoso, mas, na verdade, é um cara fofo, não é?”

“Aisha,” a voz de Morris está tensa por algum motivo. “Você está bêbada?”

“Talvez,” eu sorrio. “Só um pouquinho.”

“Onde você está agora?”

“Não tenho que te dizer nada,” zombo. “Você não é meu dono.”

“Diga-me onde você está. Você está sozinha?” Morris exige insistentemente.

“Claro que não, bobão!” Balanço a cabeça, me divertindo. “Por que eu ia beber sozinha?”

“Fique onde está,” sua voz é dura. “Estou indo te buscar.”

“Não,” faço uma careta. “Você vai estragar toda a diversão com essa atitude!”

A linha cai.

Fico olhando para o telefone, piscando os olhos. Será que ele encerrou mesmo a ligação na minha cara? Ele é tão grosso!

“Aisha!” Clyde cambaleia na minha direção, sorrindo.

“Precisamos de mais disso,” levanto a garrafa.

Clyde pisca: “será que devemos roubar umas garrafas do estoque do meu pai? Ele nunca vai saber.”

“Vamos terminar essa primeiro,” sorrio.

A voz na minha cabeça que devia estar gritando comigo está estranhamente quieta, e não presto atenção à sua ausência.

Demoramos mais meia hora para terminar a garrafa, e Clyde enlaça o braço no meu enquanto caminhamos, meio tropeçando, para onde o carro dele está estacionado. Ele abre a porta do lado do passageiro para mim. Quase caio de cara no banco antes de me endireitar, dando risada o tempo todo. Clyde também não consegue parar de rir. Ele fecha a porta antes de ir para o lado do motorista. Ele está prestes a entrar, porém, quando minha porta é aberta. Alguém estende a mão para dentro, agarrando meu pulso, e então sou puxada para fora do meu assento, direto para um peito muito firme.

Meus ouvidos estão zunindo e eu olho para cima, só para encontrar o olhar irritado de Morris.

CAPÍTULO 15

Morris

Se eu pudesse escolher o homem que me gerou, Chris Wolfguard nunca teria entrado na lista. Seus olhos cinzentos são frios e penetrantes enquanto me observam e, mesmo depois de adulto, não consigo esconder completamente o arrepio de repulsa que me invade só de pensar em ser parente dele.

Ele é a razão pela qual escolhi ser professor. Eu queria romper o maior número possível de laços com ele. Mas ele ainda tem seu maior trunfo contra mim e o usa como bem entende. Foi assim que ele me fez voltar para Portland, para começar. Tenho tentado evitá-lo desde então, mas nem mesmo eu posso ignorar uma convocação do Alfa.

Seus cabelos estão grisalhos e ele parece cansado. Mas seus olhos continuam afiados como sempre, e sei que ele não tem planos de abdicar da posição. Mesmo que eu acabe me tornando o Alfa, Chris ainda vai estar nos bastidores, me usando como um fantoche. Ele tem uma das minhas maiores fraquezas sob seu controle e, mesmo como Alfa, eu não poderia fazer nada a respeito.

“Não tenho tempo para suas noções ridículas,” diz meu pai com frieza. “Já é hora de você assumir os negócios da família. Eu já te apresentei a várias mulheres. Arrume uma companheira e desista desse seu hobby de professor. Não podemos permitir que o herdeiro da Alcateia Wolfguard perca seu tempo como professor universitário.”

“E eu já te disse,” respondo, “não tenho interesse em assumir os negócios da família. Você está administrando tudo muito bem.”

Meu pai me encara. “Você espera que eu continue sendo o Alfa quando já tiver passado do meu auge? Eu te gerei exatamente para esse propósito. A Teresa só foi útil para isso.”

Meus olhos se estreitam: “tire o nome da minha mãe da sua boca.”

Chris zomba: “não tenho qualquer prazer em usar o nome dessa mulher inútil.”

Meus punhos se fecham ao meu lado enquanto a raiva me invade.

Meus olhos se voltam para uma mulher que está esticada no sofá, vestida só com uma camisola. A falta de roupas adequadas não me incomoda mais. Ela é assim desde que meu pai trouxe ela para a casa da família, a que meu avô materno deu para ele e para minha mãe como presente de casamento.

Ela suspira, se recostando no sofá, com um sorriso provocador nos lábios: “querido, não entendo por que você é tão inflexível em forçar Morris a herdar os negócios da família quando James está perfeitamente disposto e capaz.”

“James é meu genro, Ellie. Ele não pode herdar os negócios da família. E ninguém nunca viu o marido de uma enteada se tornar o Alfa.”

É a minha vez de zombar da amante do meu pai, e eu adoro como os lábios dela se curvam de raiva e sua expressão se enrijece. Meu pai pode mimá-la o quanto quiser, no fim das contas Ellie é apenas sua amante, e a mulher que meu pai chama de filha não é parente de sangue dele. Ele não pode ter um filho com uma mulher que não seja sua companheira destinada.

Infelizmente, isso significa que Ellie não vai parar de tentar convencê-lo. Baixando os cílios, ela faz beicinho: “você sabe como Lucy odeia ser chamada de sua enteada. Ela te considera seu pai de verdade.”

Não fico surpreso quando a expressão do meu pai se suaviza. “Seja como for, Morris é quem deve se tornar o próximo Alfa. E está na hora de ele começar a entender suas responsabilidades.”

A última parte é para mim, seu tom duro. Jogando um arquivo sobre a mesa, ele ordena: “marquei uma reunião para você. Essa jovem é filha de outra família abastada de metamorfos. Eles são ricos e também estão dispostos a se unir às nossas empresas por meio de uma aliança matrimonial. Você irá encontrá-la hoje à noite, no Breetz Hotel, para jantar. Também reservei um quarto no andar de cima.”

Eu zombei: “já conheço seu gosto, pai. Não, obrigado.”

“Não é um pedido,” diz meu pai friamente.

“E não sou seu fantoche que vai para a cama de uma mulher só porque você manda,” respondo, com o mesmo tom frio.

Chris se levanta, com uma expressão furiosa: “você se atreve a me desafiar? Você sabe o que eu posso fazer—”

“Ameaças não vão funcionar nesse tipo de situação,” digo com frieza.

“Não se esqueça de que meu avô materno ainda está vivo e ativo. Nem mesmo você pode negar o acesso dele à própria filha.”

A expressão do meu pai se torna mais rígida: “você vai nesse encontro ou vai descobrir que tenho outras maneiras de puni-lo.”

Estou prestes a responder com raiva, mas me contenho quando um pensamento me passa pela cabeça. Eu me esforcei para esconder a presença de Aisha. Se eu pisar demais no pé do meu pai, ele pode começar a investigar minhas atividades diárias. Não posso deixar que ele coloque as mãos na Aisha. Chris Wolfguard não hesitaria em derramar sangue para conseguir o que quer.

Meus lábios se apertam em uma linha fina. “Eu vou me encontrar com essa mulher, mas você pode esquecer o quarto de hotel.”

O triunfo em seus olhos me deixa enjoado. Eu sei o que ele está pensando. A maioria das mulheres que ele me forçou a conhecer colocou algo na minha bebida para me deixar mais flexível. Ou fizeram o possível para me seduzir.

A experiência me ensinou a não comer ou beber na mesma mesa que elas. Infelizmente, as mulheres que Chris parece achar que são adequadas para mim não fazem meu tipo. Não gosto de mulheres que parecem modelos com traços perfeitos e risadas falsas. Prefiro que elas sejam como Aisha, com suas curvas e olhos brilhantes que, em geral, me olham cheios de desconfiança. A ideia me surpreende e eu pisco os olhos.

Desde quando eu considero a Aisha meu tipo?

Meu pai está dizendo alguma coisa, mas eu estou pensando em algo muito mais importante. Simplesmente saio, ignorando sua exigência furiosa de que eu volte atrás. Olho agora para o arquivo na minha mão, que peguei ao sair. Minha mão se aperta ao redor dele e eu solto um rosnado. Odeio todo esse teatro.

Meu pai só conseguiu assumir o título da Alpha porque se casou com a minha mãe. Meu avô materno tinha sua própria empresa de importação e exportação, além de várias outras empresas bem-sucedidas. Quando ele se aposentou como Alfa, passou as rédeas para o meu pai, que se tornou o novo Alfa. Manipulador como meu pai é, ele passou toda a minha existência colocando meu avô materno contra mim para manter seus assuntos familiares em sigilo. Agora, o pai da minha mãe detesta me ver. Ele só visita minha mãe e, mesmo assim, só quando eu não estou por perto.

Às vezes, consigo entender a desconfiança de Aisha com as pessoas ao seu redor, com a própria família. Talvez por isso tenha sido tão fácil me conectar com ela. Desço para a garagem e entro no carro. Meu rosto está duro quando saio da propriedade e paro na beira da estrada.

Meu coração está pesado quando encosto a cabeça no volante, as mãos apertadas ao redor dele. Passei minha vida fugindo dessa família, tentando proteger a mulher que um dia me abraçou com tanto amor, a mulher que está perdida para mim há duas décadas.

Meus olhos se abrem devagar e eu olho cegamente para o painel de instrumentos atrás do volante. As luzes estão apagadas desde que desliguei o motor.

Sei que andei me esforçado demais pela Aisha. Estou ciente que minhas decisões foram impulsivas e que eu agi contra minhas próprias regras quando se trata dela. Tentei mantê-la à distância, e ela também não fez nada para forçar os limites, mais desesperada que eu para manter essa relação entre nós puramente física. Mas toda vez que estou com ela, meu lobo se sente pleno. Sua presença é reconfortante para o meu animal, para mim.

Mais uma razão para garantir que meu pai nunca descubra sua existência. Não posso deixar que ele encontre outra brecha na minha armadura. Ele está sempre à procura de algo que possa usar contra mim.

É exaustivo viver assim, sem ninguém para me proteger. Minha própria família é meu pior inimigo.

A vida de Aisha foi difícil, mas ela tem alguém que a ama de todo o coração. Esse irmãozinho dela. Ela está lutando com unhas e dentes para dar uma vida normal para ele, e eu tenho que admirá-la. Sempre que eu olho, ela está trabalhando, estudando ou cuidando do irmão mais novo. Quando ela está na cama comigo, desmaiada, eu me permito passar os polegares por suas bochechas, maravilhado com a maciez de sua pele, observando os círculos escuros sob seus olhos. Ela está exausta, mas nunca desiste. É o tipo de pessoa que continua mesmo quando tudo está contra ela. Eu admiro isso. Ela é frágil, mas resiliente e teimosa. Não aceita um “não” como resposta. Não se acovarda nem reclama.

E ela tem seu orgulho.

Ainda não me esqueci da como ela fez Diana, minha assistente, encontrar as roupas dela, que eu tinha jogado fora. Quando comprei

as roupas novas, foi porque não queria que ninguém a tratasse como ela foi tratada no saguão do hotel. Eu não queria que ninguém visse aquele olhar de humilhação em seu rosto ou como ela estava lutado contra as lágrimas, mesmo com o queixo erguido.

Mas eu não podia dizer isso. Não podia dizer que seus sentimentos eram importantes para mim. Não podia deixá-la saber que eu não sou tão imune a ela quanto finjo ser.

Quero que ela tenha sucesso. Quero que realize todos os seus sonhos. Ela tem coragem e caráter, e sei que vai longe se tiver as ferramentas certas para o sucesso.

Suspirando, eu me endireito e ligo o motor do carro.

Pensar em Aisha me faz sorrir um pouco. É divertido ver como ela diseca cada interação entre nós. Sempre fui tão exigente com meu autocontrole que nunca percebi quando comecei a relaxar perto dela. Suas reações me dão vontade de sorrir. Sempre quero alimentá-la quando a vejo. Ela precisa de alguém para cuidar dela. Está tão ocupada com o irmão que se descuida completamente de si mesma. Não vai matar ninguém se eu cuidar dela de vez em quando.

Mas enquanto dirijo até o hotel, não consigo evitar essa sensação de desconforto dentro de mim. Esse não é o primeiro encontro que tive de aturar por causa do meu pai, mas nunca senti essa sensação incômoda antes. É um aperto peculiar no meu peito, e ajusto minha gravata, confuso. Não estou me sentindo culpado. Não posso. Não tenho nada pelo que me sentir culpado.

Deixando esses sentimentos de lado, entro no hotel. Meu encontro ainda não chegou.

Faço sinal para um dos garçons: “vou tomar um café preto enquanto espero.”

Enquanto ele concorda com a cabeça e se afasta, abro o arquivo e dou uma olhada nos dados biográficos diante de mim.

Eve Montgomery.

Eu conheço o nome. O pai dela tem negócios na costa leste. Sua própria linha de cargueiros. Não é de se admirar que Chris queira uma aliança de casamento com eles. Desse jeito, ele pode expandir seu mercado. A ganância de meu pai não tem limites, nem a sua ambição. Encontrei Eve algumas vezes em reuniões de negócios ao longo dos anos, mas nunca conversamos. Minha impressão dela foi vaga. Ela

estava cercada de homens todas as vezes que eu a vi.

Como ela também é muito rica, não sei por que estaria interessada em um encontro arranjado.

Meus dedos batem na mesa enquanto espero, meu humor escurecendo a cada segundo. Isso é uma perda de tempo. Tenho coisas melhores para fazer do que ficar aqui sentado esperando que uma herdeira rica apareça elegantemente atrasada.

Vejo um movimento na porta e meus olhos se arregalam ao ver uma mulher esbelta em um vestido azul meia-noite, coberto com bom gosto pelo que parecem ser pequenos diamantes. Eve é tão bonita quanto eu me lembrava, com o cabelo dourado platinado preso em um penteado elegante, a pele clara e corada sob as luzes e os lábios rosados e orvalhados.

E, no entanto, por mais graciosa e deslumbrante que ela seja, não consigo deixar de compará-la à uma Aisha de olhos afiados que geme ao meu menor toque e cujos beijos me fazem perder a cabeça. Seus cabelos são escuros e adoro passar os dedos por eles quando ela está dormindo, aninhada contra o meu peito. Seus lábios são sempre rosados, nunca vi um batom perto dela. Já vi ela com a camiseta do pijama, uma coisinha minúscula esticada no peito, e já vi em uma camiseta larga, dez números maior do que ela. E, ainda assim, ela parece muito mais atraente do que Eve aos meus olhos.

Vejo os lábios de Eve se curvarem lentamente quando seus olhos encontram os meus e, quando ela se aproxima, sua voz é rouca. “E você deve ser o Morris.”

Não me dou ao trabalho de sorrir: “sente-se.”

Eve solta um risinho gutural, nem um pouco incomodada com minha falta de entusiasmo, e olha por cima do ombro quando o garçom se apressa e puxa a cadeira para ela. “Seu pai me avisou que você não é muito receptivo às tendências casamenteiras dele.”

Eu a estudo: “e isso não te incomoda?”

Ela me olha por baixo dos cílios, um olhar tímido revestido de aço. “Fui eu quem solicitei esse encontro. E não tenho o hábito de desistir quando quero alguma coisa.”

O jeito como ela diz isso me faz enrijecer.

“Sim, bem, não estou interessado em casamento ou nada do gênero,”

digo sem rodeios. “Mas se você está atrás da posição de Fêmea Alfa, devia falar com meu pai. Ele tem o hábito de colecionar mulheres.”

Eve não parece ofendida, sorrindo suavemente. “Seu pai é idoso e já tem uma companheira legal. Você, por outro lado, é jovem e solteiro. E é o meu tipo. Por que eu iria atrás dele quando você é uma opção perfeitamente viável?”

Seu comportamento calmo me perturba. Ela não está agindo como que eu esperava que fosse agir. Essa confiança e arrogância me fazem pensar se tem um ás na manga dela. O silêncio se instala entre nós quando meu telefone toca de repente.

Tiro ele do bolso e pisco quando vejo o nome de Aisha aparecer na tela.

Isso é novidade. Ela nunca me ligou.

Mas quando coloco o telefone no ouvido e atendo a chamada, percebo por que ela me ligou.

Está virada de bêbada.

Ela está em um clube de metamorfos?

Não escuto nenhuma balbúrdia de fundo, mas meus ouvidos aguçados conseguem detectar os sons da vida selvagem. Sons sutis, mas que me fazem pensar se ela está bebendo em um parque ou coisa assim.

“Quem é Aisha?” pergunta Eve de repente, me lembrando exatamente de onde estou.

“Fique onde está,” digo ao telefone. “Estou indo te buscar.”

Interrompo a chamada e me levanto.

“Presumo que nosso encontro tenha terminado,” Eve levanta uma sobrancelha. Posso ver o brilho de aço em seus olhos. Uma sensação de vazio me invade. Ela não vai me largar tão fácil.

Não me preocupo com educação ou gentilezas. Não preciso incentivá-la.

Dando as costas para ela, saio do hotel. Não é difícil identificar a localização de Aisha. Sei que ela tinha um trabalho para entregar, então provavelmente estava na biblioteca. Assim que chego lá, sinto o cheiro dela perto da entrada. Mas está sobreposto ao de outra pessoa e meus dentes rangem. Eu disse para ela ficar longe dele. A garota

simplesmente não me escuta!

Não me dou ao trabalho de me transformar enquanto corro para o parque, o cheiro dela mais forte a cada momento que passa. Tem um banco perto de um lago e posso sentir o doce aroma de álcool e os cheiros de Clyde e Aisha misturados. Tenho de prender a respiração com a força do cheiro de álcool. Ela está realmente bêbada, percebo, preocupado. E ela foi se embriagar com esse idiota!

A preocupação é dominada pela raiva e pelo ressentimento.

Não sei o que ela vê nesse homem. A espécie dele é conhecida por sua falta de lealdade. Mulheres não passam de comida para ele. Ele está me provocando desde o primeiro dia, quando percebeu que existe algo entre mim e Aisha. Se ela está intoxicada, não tem como saber o que esse sanguessuga faria com ela.

Eu me movo tão rápido que meus pés mal tocam o chão. Ao me aproximar da rua principal, vejo Clyde abrindo a porta do carro para Aisha. Ela está rindo, um som tão raro que me fez tropeçar. Ela parece tão à vontade e confortável que me dá vontade de ficar olhando para ela para sempre. Mas Clyde já está abrindo a porta do lado do motorista.

Não sei como faço para cobrir a distância entre nós, mas estou abrindo a porta do lado do passageiro e puxando Aisha pelo braço. Ela bate no meu peito e solta o ar em silêncio. Quando ela olha para mim, no entanto, meus olhos não estão nos dela, mas no rosto presunçoso de seu amigo.

“Droga,” sorri Clyde. “E eu quase escapei com ela também.”

“O que diabos você está tentando fazer?” eu exijo. “Você sabe que ela é minha. Ela não é comida!”

Clyde levanta as mãos, franzindo a testa: “eu nunca disse que era. Ela é uma amiga.”

Eu zombo: “sua espécie não tem amigos.”

Agora, é a vez dele parecer ofendido. “Eu tenho amigos, para sua informação. E Aisha me tratou como um amigo desde o dia em que a conheci. Dá para ver que ela precisa de um desses. Estávamos só bebendo.”

Lanço um olhar incrédulo para ele, não acreditando em sua encenação. “Você sabe que ela não é humana, certo? Você não pode

“Sei que ela não é comida,” Clyde cruzou os braços sobre o capô do carro, a voz seca. “Como eu disse, ela é uma amiga para mim.”

Seus lábios se curvam ligeiramente, um brilho de malícia nos olhos. “Por enquanto, pelo menos. Eu a acho muito interessante. Não vai ser difícil fazer ela se apaixonar por mim. Sou charmoso e gentil. E, para ser sincero, essa atitude direta dela me deixa excitado.”

Um rosnado sai da minha garganta enquanto meu braço se aperta ao redor da cintura de Aisha. “Para trás, sanguessuga. Ela é minha.”

Clyde apenas sorri: “mas será que ela é? Ela não usa sua marca, lobo. Aos meus olhos, ela está no mercado.”

Dito isso, ele entra no carro e vai embora, deixando Aisha nos meus braços.

Vibrando de raiva, olho para a mulher macia nos meus braços. Aisha está com a cabeça encostada no meu peito e seus olhos estão fechados. Demoro um minuto para perceber que ela está dormindo. Ela não ouviu uma palavra sequer entre mim e o Clyde. A frustração me invade. De acordo com nossas leis, não posso expor a existência de outra criatura de propósito. Isso pode causar conflitos, e já estou em uma posição delicada com minha família. Não posso cometer nenhum erro.

Suspirando, pego Aisha nos braços e a carrego pelo parque, de volta ao estacionamento da biblioteca.

Eu a coloco no banco de trás, verificando que ela está bem presa, antes de entrar na biblioteca para pegar suas coisas. Ela tem uma chave de armário, então eu pego tudo de lá e levo suas coisas para o porta-malas do carro. Quando começo a dirigir, me pergunto quando foi que me envolvi tanto com Aisha. Sei que estou cometendo um grande erro, mas, apesar de saber que estou me envolvendo demais na vida dela, não consigo me conter. É como uma montanha-russa de destruição, e estou só vendo ela desabar.

Olho pelo espelho retrovisor e meus olhos passam por suas feições, suaves de sono.

“Não sinto nada por ela,” murmuro para mim mesmo com firmeza. “Não sinto. Só estou—” Eu paro, organizando meus pensamentos, tentando me tranquilizar; “—cuidando dela. É isso. Só estou cuidando dela porque ninguém mais vai cuidar.”

Dizer isso em voz alta devia ter me tranquilizado, mas quando meus olhos se voltam para ela, me lembro de como ela estava rindo, com a cabeça jogada para trás e os olhos marejados de alegria. Meu coração ficou estranho quando presenciei essa cena. Eu não conseguia respirar por um segundo.

Minhas mãos se flexionam ao redor do volante e eu respiro fundo. “É só estresse. Estou só estressado.”

Felizmente, não tem ninguém por perto para me contradizer. Controlo meus pensamentos, tentando pensar em como manter Aisha longe de Clyde. Esse é o último mês de aulas e tem só mais um projeto a ser distribuído para a classe. Depois do incidente com a Lydia, deixei os alunos escolherem seus parceiros. Talvez seja hora de mudar de estratégia.

Eu mesmo vou escolher a dupla da Aisha.

Quanto mais longe ela estiver de Clyde, melhor.

Ela não usa sua marca, lobo.

Ao me lembrar de suas palavras, tenho vontade de uivar de raiva. Mesmo que Aisha não use minha marca, ela carrega meu cheiro dentro dela. Somos companheiros de cama. Nós somos—

Meus pensamentos vacilam.

Não somos nada além de companheiros de cama.

Um vazio enche meu peito e posso sentir meu lobo se encolher dentro de mim, afundando a cabeça entre as patas, mal-humorado.

Não somos nada um para o outro, e Clyde sabe disso. Além do nosso relacionamento físico, não tem nada que ligue Aisha a mim.

Não era isso que você queria em primeiro lugar? Eu me pergunto pesadamente. Essa é a melhor decisão para nós dois.

E, no entanto, a ideia de Clyde roubar minha mulher me deixa furioso.

Aisha se agitando me distrai da minha linha de pensamento sombria. Ela ainda está dormindo, mas quando olho pela janela, percebo que chegamos ao seu prédio. Estaciono o carro e, ao abrir a porta do banco de trás, sinto que alguém está me observando. Olhando por cima do ombro, vejo um homem que parece sem-teto, me encarando.

Ignorando-o, eu enrolo ela no meu casaco e levo ela para dentro.

Encontrando sua chave, abro a porta do apartamento e coloco ela na cama.

Eu devia saber que Aisha não sabe beber. Mas o álcool de espécies não humanas tende a ser incrivelmente forte. Eu nem sei o quanto ela bebeu.

Pegando um copo d'água, eu acordo ela até um estado de consciência turva e forço ela a beber. Ela resiste, mas em geral me obedece e, assim que termina o copo, eu a deito novamente e a cubro com um cobertor.

Arrastando uma cadeira para perto de sua cama, eu me sento nela, observando.

Ela está dormindo profundamente quando me inclino para frente, afastando alguns fios de cabelo que caíram sobre seu rosto.

Ela é realmente linda. Sua beleza é marcante, trágica. Mas desde o momento em que vi seu rosto, nunca mais consegui desviar o olhar. É óbvio que ela não cuida de sua pele como muitas mulheres cuidam. Provavelmente não tem tempo para isso. Meu polegar traça o círculo escuro sob seu olho esquerdo.

Não gosto do fato dela estar sobrecarregada e cansada. Não me agrada que ela tem de se forçar a continuar, mesmo quando só quer desmaiar. O bloqueador que ela tomou danificou muito o seu sistema. Ela está tão magra agora.

Meus dentes se cerram de frustração. Não sei como fazer com que ela coma. Sempre que estamos juntos, eu tento alimentá-la. Mas não é o suficiente.

Fechando os olhos, levanto e vou até a janela. Quando abro a cortina e olho para fora, vejo o sem-teto que estava me observando quando eu tirei Aisha do carro, ainda parado no mesmo lugar.

Só que, dessa vez, ele está olhando diretamente para mim, com a cabeça inclinada para cima.

CAPÍTULO 16

Aisha

Acordo com uma dor de cabeça terrível.

Um gemido escapa dos meus lábios e eu me enrolo em uma bola apertada

O que aconteceu? Um caminhão passou por cima da minha cabeça ou coisa assim?

“Aqui,” diz uma voz familiar, enquanto algo frio é colocado bem na frente do meu rosto, me forçando a abrir os olhos. A mão está segurando um copo alto com um líquido verde de aparência turva.

“O que é isso?” eu choramingo, nem me importando com quem está no meu apartamento agora. Essa dor de cabeça está me destruindo.

Não recebo uma resposta logo de cara. Em vez disso, sou cuidadosamente puxada para uma posição sentada e agora estou encostada em um corpo duro, com o copo na frente dos lábios. “Beba.”

Disposta a fazer qualquer coisa para me livrar dessa dor de cabeça, pego o copo com as duas mãos e o engulo. Para minha surpresa, não é tão amargo ou nojento como a aparência me fez acreditar. Em vez disso, o sabor é leve e refrescante, com um toque de menta crocante e um pouco apimentado.

A névoa espessa na minha cabeça vai se dissipando, e parte da dor começa a desaparecer.

“Você vai precisar de outro copo em duas horas e voltará ao normal.”

Dessa vez, reconheço a voz.

“M-Morris?” pergunto, horrorizada, girando a cabeça para olhar no rosto dele. Estremeço com o movimento repentino, e ele faz um barulho.

“Espere fazer efeito.”

“O que você está fazendo no meu apartamento?” eu gaguejo. “Você

não devia estar aqui.”

“Essa doeu,” comenta Morris levemente enquanto se levanta e sai do quarto. Eu o sigo, lutando para andar em linha reta.

“O que aconteceu?”

Ele entra na cozinha e, quando o sigo, vejo ele abrir a máquina de lavar louça e colocar o copo dentro dela. Fico sem graça: “isso não funciona.”

“Eu consertei.”

Eu pisco os olhos, “O quê?”

“Agora que você está acordada, devia comer.”

Sou guiada para a mesa enquanto ele abre a minha geladeira. A geladeira, que normalmente está vazia, está cheia de todos os tipos de carnes, queijos, ovos e pães. Tem mais, mas ele fecha a porta depois de tirar alguns pacotes lacrados.

Morris é um cozinheiro fantástico e, apesar dessas circunstâncias estranhas, fico com água na boca só de pensar em comer sua comida de novo.

Ele pega minhas panelas velhas e começa a cozinhar. Tem bacon e ovos, e posso ver uma máquina de waffles que, tenho certeza, não é minha. Ele abre um dos armários e meus olhos se arregalam quando vejo ele cheios também.

“Você foi às compras?” pergunto fracamente, sem saber como lidar com esses acontecimentos.

“Não,” ele vira o bacon na frigideira. “Eu mandei entregar tudo. Alguns dos seus aparelhos não estavam funcionando, então dei uma olhada neles.”

Quando ele diz isso, percebo que não estou tremendo. O aquecimento está funcionando!

“O aquecedor também?” pergunto com cautela.

“Sim,” ele responde simplesmente.

“Eu—” Não sei mais o que dizer. Por um lado, ele deu um jeito no meu apartamento e, por outro, invadiu minha casa para fazer tudo isso. Reunindo minha coragem, finalmente pergunto: “então, o que

você está fazendo aqui? Não que eu não esteja grata por finalmente ter o aquecedor de volta e tudo mais, mas—”

“Eu te disse para ficar longe do Clyde, não disse?” Ele está de costas para mim, mas sua voz é baixa, com um toque sedoso e perigoso que me faz ficar quieta, meu lobo reconhecendo a ameaça.

Quando não respondo, Morris olha por cima do ombro para mim, com o olhar fixo: “não disse?”

“Disse,” respondo devagar.

“E ainda assim você decidiu ficar bêbada com ele em público.”

É como se um tijolo tivesse caído na minha cabeça e sacudido as memórias. Meu rosto se ruboriza devagar quando me lembro dos eventos da noite passada. O álcool, como estava delicioso, como fiquei zozna e depois liguei para o Morris.

“Eu não sabia,” sinto-me horrorizada e envergonhada ao mesmo tempo. “Sinceramente, não achei que pudesse ficar bêbada com álcool humano! Eu não queria— eu não queria ligar para você—”

“Essa foi a única coisa sã que você fez na noite passada,” diz Morris com firmeza. “Você estava tão bêbada que desmaiou. Como planejava se defender se Clyde tentasse fazer alguma coisa?”

“Clyde não teria feito nada,” murmuro. “Mas como eu fiquei bêbada? Ele disse que era um álcool especial. Talvez eu devesse ter acreditado.”

“Não quero que vocês dois continuem se vendo,” diz Morris com firmeza. “Não confio no Clyde, nem nas intenções dele com você. Se ele quisesse tomar uns drinques, devia ter te levado a um bar com outras pessoas por perto.”

Olho de soslaio para Morris. Ele parece mais chateado com tudo isso do que eu imaginava. Mas, depois de descobrir tudo o que ele tem feito por mim, preciso assumir que ele se importa comigo até certo ponto. A dinâmica entre nós mudou de repente e eu não sei o que fazer.

“Então, ãh,” tento pensar entre as pontadas na minha cabeça, “eu liguei para você e você me trouxe para casa?”

“Sim.”

“E então você começou a arrumar meu apartamento e a abastecer

minha cozinha?”

“Eu precisava de algo para fazer.”

Suas palavras são casuais, mas eu percebo a pequena pausa.

Aha! penso comigo mesma, um pouco triunfante por ter pego ele em uma mentira. Mas então me ocorre que ele não só deixou o que estava fazendo ontem à noite para vir me buscar, mas também me trouxe para casa e cuidou de mim a noite toda. E ainda passou essa noite toda arrumando meu apartamento e abastecendo minha geladeira e armários.

Ele se importa mesmo comigo, percebo. Meu coração dispara quando lentamente começo a aceitar os fatos contra os quais estive lutando. Morris Wolfguard sente alguma coisa por mim. Mas e eu, então? Eu fui tão inflexível: não queria um homem na minha vida. Por que não estou chateada por ele estar renegando o nosso acordo? Por que gosto de ser cuidada por ele?

Desde que Morris entrou na minha vida, qualquer um pode ver que ele só trouxe mudanças positivas. Se eu deixar de lado meu ressentimento inicial e minhas suposições sobre ele, ele só tem me ajudado desde então. E ele se esquivou de receber o crédito por suas ações, nem uma vez sequer esfregando seus gestos atenciosos na minha cara.

Infelizmente, até a alma mais endurecida ia ceder, depois de tudo o que ele fez e ainda está fazendo. Quero dizer alguma coisa, mas não quero estragar nada. E se eu estiver errada? E se ele ficar com raiva quando eu o confrontar?

Sinto as palmas das mãos suadas e desvio o olhar dele.

O Morris é a primeira coisa boa que aconteceu na minha vida. Não quero estragar isso. Talvez eu deva esperar que ele diga alguma coisa. Se ele sente alguma coisa por mim, não é como se ele nunca fosse dizer nada. Não é mesmo?

De repente, nada parece certo, e cada passo à minha frente parece uma aposta arriscada. Eu podia dizer alguma coisa, mas e se eu estiver errada? Não confio em mim mesma. Talvez seja melhor deixar as coisas como estão e depois ver como tudo vai se desenrolar.

Por enquanto, a presença do Morris é tranquilizadora, embora ele esteja claramente irritado comigo. Ainda está resmungando baixinho sobre eu ter ficado bêbada, e eu pressiono os lábios para conter um sorriso.

É mesmo certo ter esperança em algo que antes eu acreditava ser impossível? A minha vida toda, fui eu quem cuidei dos outros, seja da minha mãe depois de uma surra ou do meu irmão mais novo. Nunca tive ninguém por perto para se preocupar comigo. Ninguém nunca se certificou de que eu tinha o suficiente para comer ou roupas decentes para vestir. Eu vivia das sobras dos outros, aceitando as zombarias da minha família, os olhares de pena do resto da alcateia. Em algum momento, comecei a aceitar o fato de que eu era simplesmente indesejável, não era amável em nenhum nível. Talvez por isso tenha sido tão fácil acreditar que eu nunca ia encontrar um companheiro, ou alguém que ia querer cuidar de mim.

Minha cabeça cai com os pensamentos pesados, e meus olhos ardem de emoção. Ainda estou duvidando de mim mesma. Mesmo com tudo o que tenho diante de mim, não sou confiante quando se trata desse tipo de assunto.

“Aisha?”

A voz confusa de Morris me fez soltar um suspiro trêmulo: “desculpe, sim?”

Quando olho para cima, ele está ajoelhado diante de mim, com alarme nos olhos. Ter seu rosto tão perto do meu faz meu coração bater descompassado. “Eu— o que você está fazendo?”

“Por que está chorando?”

“Chorando?” Minha mão vai automaticamente para minha bochecha e fico surpresa ao sentir a umidade ali. Olhando para minha mão, olho de volta para ele, abalada. “Eu não estava— deve ter alguma coisa no ar.”

Morris não parece muito convencido com meu raciocínio e franze a testa. “Eu não queria te deixar chateada.”

“E não deixou!” Faço um gesto selvagem com as mãos.

Ele me olha de soslaio, como se achasse que eu estou agindo estranho. Mas é educado o suficiente para não dizer nada. “Vá acordar seu irmão. O café da manhã está pronto.”

Quando saio, dou uma última olhada nele por cima do ombro, com o coração disparado.

Essa é a segunda vez que Morris faz o café da manhã para mim. Meu coração está pesado no meu peito.

Se eu achava que o Morris ia esquecer de toda essa história de eu ter me embebedado com o Clyde, vejo que me enganei em poucos dias. Ele não para de me tirar do meu lugar durante as aulas, com uma desculpa esfarrapada atrás da outra. Chega a um ponto em que ele nem se dá ao trabalho de me dar um motivo, simplesmente me diz para sentar na primeira fila. Também não sou a única a perceber como ele está me movendo pela sala. Felizmente, como não tenho o melhor relacionamento com meus colegas de classe já que nunca me socializo com eles, eles simplesmente assumem que Morris me considera uma encrenqueira. Clyde, por outro lado, não para de reclamar.

“Nós nem podemos nos ver fora da aula, por causa do seu trabalho!” Suas mãos estão cruzadas atrás da cabeça enquanto ele caminha ao meu lado, irritado. “Não sei qual é o problema dele comigo. Também não é como se eu tivesse outros amigos aqui. Todo mundo é tão chato!”

Olho para ele: “você tem uma ideia estranha de chato, mas tudo bem.”

Ele não mencionou a noite em que ficamos bêbados juntos, e tenho que me perguntar se ele desmaiou ou coisa assim. Caso contrário, ele não teria se esquecido do Morris aparecendo para me buscar. Mas ele não mencionou nada daquela noite, além de me entregar o relatório digitado.

Clyde começou a me acompanhar entre as aulas mais do que o normal. Posso ver o Morris olhando fixamente para ele na classe, mas Clyde é o único amigo que eu tenho agora. Meus outros amigos estão fora da cidade, em diferentes estágios. Não os vejo desde o começo do semestre. A presença do Clyde ajudou a vencer um pouco da solidão. Mas não posso explicar isso ao Morris, porque ele não vai entender. Lobos são animais sociais. Depois de deixar minha alcateia, senti falta de companhia. Clyde começou a preencher parte dessa lacuna, e sou grata por isso. Também é fácil conversar com ele e, além de querer sair mais, ele não tem nenhuma outra expectativa.

“Então,” ele olha para a sacola de papel marrom na minha mão, “desde quando você começou a trazer almoços com você?”

Meu rosto fica quente com sua simples pergunta. Meus olhos se voltam para a sacola. “Eu— ãh— é mais barato do que comprar no refeitório.”

Clyde me lança um olhar incrédulo: “você nunca compra comida no

refeitório. Do que está falando?”

“E agora não preciso mais,” digo apressadamente, querendo mudar de assunto.

Meu amigo só levanta uma sobrancelha: “bem, com esses tipos de almoços gourmet, quem iria?”

Eu fico vermelha, desviando o olhar.

Essa foi outra coisa que Morris começou a fazer. Nunca pedi para ninguém preparar almoços para mim. Mas quando o homem que está dormindo comigo fica me entregando marmitas com uma cara séria, não sei como reagir. Quando me recusei a aceitá-las, desconfortável com essa mudança repentina, ele me chamou no escritório depois da aula. Depois de três dias seguidos, decidi passar no escritório dele de manhã para me salvar do momento constrangedor na sala de aula. Queria que ele me dissesse qualquer coisa além de: “é melhor você terminar isso.”

Pelo jeito como ele fala, ninguém ia imaginar que esse homem me faz o café da manhã quando dormimos juntos, o que está se tornando frequente com o passar dos dias, ou que ele me prepara almoços sofisticados que parecem feitos pelo chef mais habilidoso do mundo. Sua expressão é sempre tão severa comigo, a voz autoritária e, no entanto, ele está cuidando de mim. Meu lobo gosta disso. Ele ronrona de satisfação quando eu como algo preparado pelo Morris.

Talvez por estarmos passando a maior parte das nossas noites juntos, os feromônios começaram a enfraquecer. Isso é certamente um alívio, mas também está me mostrando um vislumbre da realidade incerta do futuro próximo. Quando Morris finalmente vai decidir que nosso acordo acabou e se afastar de mim? Ou será que ele vai ficar?

“Por que aquele homem está olhando para você?”

A pergunta repentina de Clyde me tira dos meus pensamentos e olho para onde ele está apontando. Estamos de pé junto ao portão de entrada do campus e vejo um homem de aparência esfarrapada parado na esquina da rua, descendo o quarteirão, com os olhos fixos em mim. Ele está usando um chapéu de pescador desbotado, e um arrepio desce pela minha espinha quando os olhos familiares me penetram.

Não. Isso não é possível!

Meu coração se afunda em um medo frio. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, um ônibus passa na minha frente, bloqueando

minha linha de visão, e quando ele se vai, o homem não está mais lá.

Meus lábios tremem quando murmuro: "...que ir."

"O quê?" Clyde olha para mim, confuso.

"Tenho que ir!" digo com urgência, correndo na direção oposta. Preciso encontrar o Harry! Tenho que encontrar o meu irmão antes daquele homem!

Não posso me transformar em plena luz do dia para ganhar velocidade, mas também não posso correr o caminho todo até a escola do Harry rápido o suficiente. Minha única opção é um táxi.

Eu aceno para um que está passando e pulo quando ele para, com a respiração ofegante: "Escola Fundamental Phole! E, por favor, rápido!"

Nem me dou ao trabalho de contar as notas quando chegamos, simplesmente jogando-as no banco da frente quando o motorista para em frente à escola e eu saio correndo do táxi. As aulas acabaram de terminar e posso ver os alunos andando do lado de fora. Terror me inunda quando não consigo ver meu irmão na multidão.

"Harry!" eu grito o nome dele, ignorando os pais que estavam esperando no portão, me olhando de canto. "Harry, onde você está?!"

"Srta. Hart?" uma das professoras me aborda, franzindo a testa. "Está procurando o Harry?"

"Onde ele está?"

Os lábios dela se franzem ligeiramente. "Seu pai veio buscá-lo no intervalo do almoço. Alguma coisa sobre uma emergência familiar—"

Eu avanço para ela, minha voz furiosa: "você deixou ele ir embora com um estranho?!"

"Ele disse que era o pai do Harry," a mulher pisca.

"E você acreditou nele?!" Meu coração está batendo forte com um medo doentio. "Você podia ter me chamado! Que tipo de escola é essa que deixar qualquer um aparecer e levar os alunos?"

"Ele tinha identificação, Srta. Hart," diz a professora com firmeza. "O que me faz perguntar por que você nos disse que eram órfãos—"

"Para onde ele levou meu irmão?" rosno, agarrando a mulher pela frente da blusa. "Se ele fizer alguma coisa com o Harry, se ele deixar

um arranhão sequer no corpo dessa criança, a culpa vai ser sua! Está me entendendo?!”

“Solte-me!” Ela se afasta de mim, mas seu rosto está pálido, seus olhos incertos. “Por que seu pai machucaria o próprio filho?”

Lanço um olhar de repulsa para ela: “por que não tenta descobrir? Tenho que encontrar meu irmão.”

Saio correndo, procurando os dois cheiros. Mas, com a correria dos alunos e dos pais, não consigo isolar os mais importantes. Meu coração está batendo tão forte no peito que parece que vai explodir. Acabei de ver Eric Hart há meia hora. Se ele botou as mãos no Harry, então por que veio na minha faculdade? Ele podia ter simplesmente esperado eu descobrir. Não, tem alguma outra coisa acontecendo.

Meus olhos voam por toda a calçada. Talvez, se eu for mais para baixo, consiga sentir o cheiro deles. Pareço uma louca, correndo para cima e para baixo na calçada, e minhas mãos tremem de medo quando não consigo detectar nem um fiapo.

Eles entraram em um carro? Minha mão já está discando o número da única pessoa que talvez possa me ajudar quando escuto alguém chamar meu nome.

“Aisha?”

Uma voz de criança me faz olhar por cima do ombro e vejo um dos amigos de Harry me encarando. Ele parece estar esperando pela mãe, com a mão dentro de um saco de batatinhas: “você está atrás do Harry?”

“Você sabe onde ele está?!” eu ofego, apavorada.

“Sei,” ele aponta para o outro lado da rua. “Eu vi eles entrando no parque. O outro homem estava arrastando o Harry, e eu tentei contar para a professora, mas ela me disse para não mentir.”

“Outro homem?”

“Tinha dois deles,” ele ergue dois dedos. “Um deles era mal encarado, e o outro parecia que cheirava muito mal.”

Não tento dar sentido à essa descrição. “Tem certeza de que eles foram para lá?”

Ele concorda com a cabeça: “eu vi pela janela da classe. O Harry não estava feliz. Ele estava chorando.”

Ele estava chorando e, mesmo assim, a escola deixou ele ir embora? Esses idiotas não acharam que tinha nada de errado com esse cenário?!

“Obrigada,” aceno com a cabeça antes de atravessar a rua correndo. Corro para o parque, onde o tráfego de pedestres é menos intenso. E é aí que finalmente sinto o cheiro de Harry. Meu celular está na minha mão enquanto corro, seguindo meu nariz. Por alguma razão, não consigo nem sentir o cheiro do meu pai. É estranho. Eu devia poder detectá-lo. Metamorfos não conseguem disfarçar seu cheiro. Sei que Morris consegue, mas também sei que ele está tomando uma droga específica para esse fim, temporariamente. Ele disse isso para mim de passagem. Meu pai não é tão poderoso quanto o Morris. Ele não devia ser capaz de uma coisa dessas. Mas decido não me importar com essa novidade, pois meu desejo de recuperar meu irmão é muito mais urgente em mim.

O parque se abre para a floresta e eu paro depois de dar alguns passos para dentro. Não posso entrar aqui como humana. Não vou me transformar a tempo se meu pai tiver planejado uma emboscada para mim. Também posso rastrear melhor na minha forma de lobo. Decidida, eu me certifico de que estou fora da vista de qualquer pessoa no parque antes de tirar minhas roupas e escondê-las embaixo de uma árvore. Sinto meus ossos se quebrarem e se reformarem em meu lobo, e meus olhos se fecham à medida que a magia me invade.

Quando meus olhos se abrem, estico os membros e olho ao redor. Minha visão está mais nítida e o cheiro de Harry está mais forte. Fazia muito tempo que eu não soltava meu animal e, depois de alguns passos cambaleantes, eu avanço pela floresta, seguindo o cheiro do meu irmão.

Não sei há quanto tempo estou correndo quando o cheiro desaparece de repente e eu paro. Fico parada no meio de uma clareira, olhando em volta com cautela. É como se Harry tivesse sido trazido para cá e, de repente, desaparecido da face da Terra.

Solto um som estridente, agitada. Ele tem que estar aqui. Solto um pequeno uivo de desespero, esperando que ele responda sem se importar com as consequências, mas não recebo resposta.

O que eu vou fazer?

Meus olhos se arregalam com frustração e preocupação crescentes. O que fizeram com ele?

É então que vejo um movimento nos arbustos distantes. A mão de uma criança aparece e depois ele se arrasta para fora. Abro a boca, reconhecendo meu irmão, mas ele está em pânico, gritando: “corre, Aisha! É uma arma—”

Um golpe em sua orelha deixa ele inconsciente, e eu uivo de fúria quando meu pai e o irmão mais velho dele saem de trás dele em suas formas humanas.

“Então foi para cá que você fugiu,” murmura Ezekiel, meu tio. “Nunca pensei que você tivesse coragem de fazer uma coisa dessas. Você é uma vergonha para esta família, Aisha.”

Quando eu rosno para ele, ele ordena, com seus olhos frios: “transforme-se de volta!”

Não importa o quanto eu esteja longe de casa, Ezekiel ainda é meu Alfa, e meu lobo é obrigado a obedecê-lo. Eu me transformo de volta, nua na frente deles. Eles não me oferecem nem mesmo um casaco. Reconheço a tática. É uma tentativa de me humilhar e degradar, mas eu só levanto o queixo.

“Como você se atreve a colocar suas mãos no Harry?” minha voz está furiosa.

“Estou vendo que sua língua ficou bem afiada desde que você fugiu da alcateia,” diz Ezekiel com frieza. “Não importa. Vai ser fácil tirar isso de você.”

“Se você acha que pode me forçar a voltar, é bom pensar de novo,” cerro os dentes para ele. “Estou registrada aqui neste território. Tenho um emprego e estudo aqui, e o Harry também. E esta alcateia é mais progressista do que a sua. Se tentar nos tirar daqui, vou dizer para eles exatamente por que você quer que a gente vá com você.”

Meu pai se agita com raiva: “sua maldita pirralha—”

“Eu sei que você ia me vender para o bordel local.” Eu olho nos olhos de meu pai antes de voltar meu olhar para meu tio: “e sei que você, como Alfa, sabia dessa decisão e não o impediu. Como você acha que vai ficar quando as outras alcateias de metamorfos souberem que o Alfa da nossa alcateia permite que as fêmeas de sua família sejam vendidas para bordéis? E não pense que eu não vou contar.”

Ezekiel apenas sorri: “não é tão difícil arrancar sua língua, Aisha.”

“E o que você vai fazer com minhas mãos?” eu rosno para ele.

“Quebrar? Cortar? Não vou atrair muitos clientes desse jeito, então não vou gerar dinheiro para você, pai. Ou para você, tio.”

Quando os olhos de meu tio se estreitam, digo com firmeza: “devolvam meu irmão e vão embora. Não vou causar problemas se não nos incomodarem.”

Meu pai dá um passo à frente, zombando: “você acha que vamos te deixar solta assim? A vadia da sua mãe tentou me enganar. Ela se safou e voltou para a família. Mas e você? Eu não te criei para que você pudesse me apunhalar pelas costas também. Você vai voltar conosco e, se não me obedecer, sei de um bordel que está muito interessado em um garotinho—”

As palavras mal saíram de sua boca quando me lanço para frente com fúria, minhas garras deixando marcas em sua bochecha. “Seu desgraçado! Ele é seu filho!”

Ezekiel avança, me atirando contra as árvores, mas eu já tinha previsto sua reação. Agarro Harry pelo braço esquerdo e, enquanto voou para trás, me enrolo em volta dele, me transformando no ar. Sem parar, começo a correr. O corpo de Harry está mole nas minhas costas, então tenho que tomar cuidado para não balançar ele demais.

Quase cheguei à borda do parque quando algo se choca contra mim com a velocidade de uma bala. Saio voando para a esquerda, batendo nas árvores. Ignorando minha própria dor, meu único pensamento é a segurança de Harry. Quando finalmente paro, meu corpo está mole e posso sentir que duas das minhas costelas estão quebradas enquanto me esforço para me mover.

Uma pata pesada desce na lateral do meu rosto e sinto o cheiro do meu tio enquanto ele pressiona, fazendo pressão no meu crânio. Eu gemo de dor, mas consigo reunir forças para virar a cabeça e morder a perna dele. A força da minha mordida é tanta que escuto o osso se estilhaçar. Ele uiva e cambaleia para trás. Me forçando a ficar de pé, com duas costelas quebradas, eu me afasto, tentando alcançar Harry, mas vejo meu irmão, em sua forma de lobo, preso pelo nosso pai.

Quando foi que ele acordou?

Eu rosno para o meu pai, e ele morde o pescoço de Harry, que só consegue gemer de dor.

O cheiro de sangue enche o ar, e eu tento correr mais rápido.

Mas antes que eu possa me aproximar, alguém crava os dentes no meu

pescoço e me sacode violentamente.

Ezekiel.

Deixo minha dor de lado, sabendo que essa batalha será de vida ou morte. Eu quebrei a perna dele. Ele não vai deixar isso passar.

Jogando minha pata nele, acerto seu peito, empurrando ele para trás. Quando ele cambaleia, vou para a jugular, sem lhe dar tempo para reagir. Meus dentes afundam em seu pescoço e eu prendo o maxilar, sentindo o sangue jorrar.

Ele consegue se livrar de mim, e a fúria brilha em seus olhos. Ele tenta avançar, e vejo uma coisa na minha visão periférica.

Então, um pensamento me ocorre e, por mais horrível que seja, não tenho outra escolha. Ele já está se curando. Não posso enfrentar o Alfa da minha alcateia em uma luta justa. Ele sempre vai ser mais forte do que eu. Mas eu sou mais esperta que ele.

Aproveitando a chance quando ele avança, eu me faço voltar à minha forma humana. Dando um passo para o lado, espero que ele me siga com os dentes arreganhados.

Um, respiro devagar, esperando que o tiro não saia pela culatra, vendo meu tio avançar. Dois. Por favor, que isso funcione!

Ele está quase me alcançando.

Três!

Pego o galho grosso que estava atrás de mim e o seguro na minha frente, colocando toda a força nele bem quando Ezekiel salta. O galho perfura onde fica o coração dele, e vejo o choque em seus olhos. Incapaz de suportar seu peso, caio, e o galho se parte em dois. Mas o dano já foi feito. Seus olhos rolam para a parte de trás da cabeça enquanto ele tosse com sangue.

Tremendo, olho fixamente para sua forma retorcida. Espasmos de morte.

Eu o matei.

Um uivo vem de trás dele. Olho para o lado e vejo meu pai parado, com os olhos arregalados de horror.

Espero que ele corra na minha direção, que me ataque, mas, em vez disso, ele cambaleia para trás antes de se virar e fugir como um

covarde.

Meus ouvidos estão zunindo enquanto me arrasto para longe do corpo do meu tio, tremendo.

Eu nunca matei ninguém antes. E agora acabei de matar o Alfa da minha antiga alcateia.

O que eu vou fazer?

Engolindo em seco, corro para o Harry, que está semiconsciente. Ele está em sua forma humana agora, as roupas esfarrapadas.

“Fique aqui,” sussurro para ele. “Eu já volto.”

Tenho que fazer alguma coisa. Se um Alfa morto for descoberto nesse território, vai desencadear uma guerra, e Harry e eu vamos estar no centro dela. Tenho que dar um jeito de sumir com o corpo de Ezekiel.

Eu me arrasto até onde deixei minhas roupas. Minha energia já está quase esgotada quando chego lá, meus ferimentos latejando. Sem me preocupar em vestir minhas roupas, procuro meu telefone e disco um número.

Morris atende no primeiro toque.

“Aisha.”

Com a voz trêmula, pego o telefone com as duas mãos e me ajoelho contra uma árvore. “Eu— você disse uma vez que se eu— que se eu matasse alguém, eu devia ligar para você.”

“O que aconteceu?” Escuto algo ranger como se ele estivesse se endireitando em uma cadeira.

Solto uma risada amarga: “preciso da sua ajuda, Morris.”

CAPÍTULO 17

Morris

A voz de Aisha está ecoando nos meus ouvidos.

O riso amargo, o tremor em suas palavras.

Ela não ofereceu nenhuma outra informação, só pediu minha ajuda.

Seu cheiro é intenso na floresta. Crianças humanas estão brincando no parque, mas ninguém parece prestar atenção em mim quando entro na mata densa. Sigo seu cheiro até um pequeno bosque.

Aisha está encostada em uma árvore, nua, com os olhos fechados, a mão mole ao lado, os dedos mal enrolados no celular. Por um momento aterrorizante, presumo o pior. É só quando corro para o lado dela que vejo que ela está respirando, mas não sem dificuldade. Meus dedos roçam seu peito enquanto verifico suas costelas. Ela quebrou pelo menos três. Seu corpo está manchado de sangue, mas parece que não é dela. Eu rosno baixo quando vejo hematomas escuros e violentos se formando em suas costas e braços.

“Aisha,” murmuro, passando meus dedos de leve pela sua bochecha para acordá-la. Ela acorda e a primeira coisa que vejo em seus olhos é o pânico. Suas garras estão na minha garganta, os olhos vazios. Agarro o pulso dela, minha voz firme: “sou eu, Morris.”

Ela me olha confusa, mas então vejo a clareza retornar.

“Morris,” sua voz está rouca. “Eu liguei para você.”

“E eu estou aqui,” eu a tranquilizo, afastando os fios de cabelo de seus olhos. Sua pele está pálida e fria ao toque, coberta por uma camada de suor. Até os lobos podem se ferir gravemente.

“Tenho que te levar em um curandeiro,” digo, vendo seu foco vacilar novamente. Ela não parece estar no controle total de si mesma. Não é fácil esconder minha raiva. Quero respostas. Quem a colocou nessa situação? Por que ela estava na floresta a essa hora do dia? De quem é o sangue que está nela? E, o mais importante, onde está o desgraçado que fez isso com ela?

“N-não,” ela empurra minhas mãos fracamente. “H-Harry. Eu tenho que pegar o Harry.”

Olho por cima do ombro para a parte mais profunda da floresta e meus lábios se comprimem em uma linha fina. Já estou tirando meu casaco e envolvendo-a com ele enquanto pergunto: “ele está lá dentro?”

Ela concorda fracamente com a cabeça.

Eu a tomo nos braços, sem querer deixá-la para trás. Ela não precisa me mostrar o caminho, seu cheiro misturado com o sangue deixou um rastro e tanto.

Eu avanço rapidamente, mas seguro a mulher em meus braços com cuidado. Preciso garantir que não vou machucá-la.

Encontro Harry, que está desmaiado, com as roupas em frangalhos por causa da transformação. Mas quando olho em volta, vejo algo que me faz congelar.

“Quem é ele?” Olho fixamente para o lobo morto.

“O Alfa da minha alcateia,” sussurra Aisha com dificuldade.

“Você matou um Alfa?” Eu lanço um olhar chocado para ela.

“Ele estava—” Seus olhos rolam para a parte de trás da cabeça e ela fica mole.

“Aisha!”

Seu pulso está fraco, mas ela está viva.

Olho para o Alfa morto e depois para o irmão dela.

Primeiro o mais importante. Tenho de levar esses dois em um curandeiro. Mas não tenho como carregá-los nessas condições para fora da floresta. Não em plena luz do dia.

Só tenho uma outra opção.

Com cuidado, deito Aisha no chão e pego meu telefone para ligar para uma das poucas pessoas em quem confio de todo.

Maria é uma jovem curandeira de alcateia. Ela ainda está treinando, mas eu a patrocino desde que seus pais faleceram, e ela tem um talento especial. Também não pergunta nada quando eu chamo, só me

pede para enviar a localização. Enquanto espero, verifico se Harry está bem. Depois disso, eu me acomodo ao lado de Aisha.

“O que aconteceu com vocês dois?” Acaricio sua bochecha úmida, meus olhos ferozes. “Por que você não me ligou assim que soube que estava em perigo?”

Mas ninguém pode me dar as respostas de que preciso. Quando olho para o estrago ao meu redor, posso arriscar um palpite. Tenho que me livrar do corpo. Matar um Alfa é um crime punível com a morte. Não posso deixar nenhum vestígio dele.

Neste momento, não me importo que Aisha tenha matado alguém, muito menos o próprio Alpha. Meu único foco é protegê-la. Não questiono esse instinto. Meu lobo e meu eu humano estão de acordo, pela primeira vez. Temos que protegê-la.

Estou impressionado que ela foi capaz de enfrentar um Alfa e sobreviver. E, a julgar pelos hematomas e tipos de ferimentos que ela tem, ela lutou bastante. Tenho dezenas de perguntas, mas minha prioridade é garantir que ela se recupere. Sua palidez está piorando a cada minuto. Ela deve ter uma hemorragia interna em algum lugar.

Minha mandíbula se contrai de preocupação, meu lobo rosna ao vê-la ferida. A tensão cresce em mim quanto mais eu olho para ela. Mas se eu a mover mais do que o necessário, posso piorar seus ferimentos internos.

Maria leva uma hora para chegar e, a essa altura, a pulsação de Aisha já diminuiu consideravelmente. A garota baixa com óculos de aro redondo vem correndo quando vê o estado de Aisha.

“Há quanto tempo ela está assim?” Maria se ajoelha ao lado dela. Seus dedos medem o pulso antes de passar as mãos pelo corpo dela, um brilho branco suave emitindo de suas palmas.

“Tempo demais,” eu rosno.

“Sinto muito,” a voz de Maria está concentrada enquanto ela tenta descobrir onde estão os ferimentos de Aisha. “Eu estava do outro lado da cidade. Tive que pegar um táxi nesse trânsito.”

Ela para em certas partes do corpo de Aisha e sua voz fica tensa. “Ela já está fraca e os ferimentos são graves.” Maria levanta a cabeça para me olhar nos olhos: “não sei se vou conseguir curá-la completamente. Ela está em péssimo estado. E tem alguma outra coisa que estou percebendo, uma mudança estranha na energia dela, mas não consigo

identificar o quê.”

“Cure ela o máximo que puder por enquanto,” eu ordeno.

Maria concorda com a cabeça e começa a trabalhar.

A cura não é um processo rápido. Leva tempo e esgota o curandeiro. Posso ver o suor escorrendo pelo rosto da jovem enquanto ela aplica sua magia no corpo de Aisha. Sinto-me culpado por dar uma tarefa que só um curandeiro sênior devia fazer, mas Maria é uma das minhas pessoas. Confio nela implicitamente.

Demora mais de duas horas até ela finalmente parar. Sua voz é áspera: “fiz tudo o que podia. Não posso fazer mais do que isso. Pelo menos hoje não. Preciso descansar.”

“Tudo bem,” concordo com a cabeça, agradecido. “Você pode dar uma olhada no irmão dela também?”

Maria me lança um olhar incrédulo antes de se arrastar até onde o garoto mais novo está deitado. Ela pisca, “Eu conheço ele.”

“O quê?”

A cabeça dela vira para olhar de novo para Aisha, os olhos apertados: “achei que ela parecia familiar.”

“Maria?”

“Esse é o Harry Hart, meu colega de classe. Ele pulou duas séries, mas está na mesma classe que eu. Eu— o pai dele apareceu para buscá-lo depois do almoço. Ele não queria ir com ele, mas parecia estar com medo dos dois.”

“Os dois?” pergunto bruscamente, olhando para ela.

“Tinha outro homem com o pai dele. Eu não pensei—” Ela engole em seco, abaixando a cabeça. “Eu sabia que ele era como eu, um metamorfo, mas ele sempre me evitou, então não pensei duas vezes quando levaram ele embora. Eu devia ter te avisado.”

“Você não sabia,” digo baixinho, com o sangue ainda em fúria. “Como ele está agora?”

Ela balança a cabeça: “só alguns hematomas aqui e ali. Mas ele está bem. O núcleo dele está um pouco frágil, provavelmente porque ele não se transforma faz tempo, mas se transformou hoje. A mudança estressou o sistema dele, então ele desmaiou. Ele vai acordar em

algumas horas.”

“Vá para casa,” eu digo. “Vou te chamar de novo quando tiver descansado. Além disso, não deixe ninguém descobrir que você esteve aqui.”

“Meus lábios estão selados e colados,” Maria sorri, cansada. “E ah,” ela olha para Harry, “Desculpe-me por não ter te contado dele.”

“Não tem problema.”

Maria junta suas coisas e depois olha para Aisha. “Estanquei o sangramento interno e curei três costela fraturadas. Ela tem mais ferimentos, mas eles devem se curar sozinhos. Eu te aviso assim que me recuperar o suficiente para cuidar deles, mas esses não são tão graves. Enquanto isso, assim que ela acordar, faça ela se movimentar imediatamente, pelo menos alguns passos. E ela precisa comer carne. Muita, muita carne. O corpo dela está desnutrido. Nada de ovos, lentilhas e sanduíches de frango baratos. Ela precisa de bifes mal passados e carne crua se conseguir se transformar. Além disso, faça ela se transformar por algumas horas todos os dias. Ela se vai se curar mais rápido em sua forma de lobo.”

Eu sorrio levemente, meus olhos brilhando de orgulho. Maria é uma dessas curandeiras naturalmente talentosas. Por isso, quando a conheci, imediatamente a coloquei como aprendiz de um dos melhores curandeiros da alcateia. Ignorei todos os protestos de seu novo mentor sobre sua idade. Ela evoluiu tremendamente em três anos.

“Bom trabalho, Maria,” aceno com a cabeça, e ela se ruboriza com o elogio.

“Obrigada. Eu vou para casa agora.”

“Pegue um táxi para voltar,” chamo por trás dela, com a voz firme. “Já está escuro.”

Quando ela se afasta, solto um suspiro de alívio e olho para o rosto pálido de Aisha: “vamos te levar para casa, então.”

Vou cuidar do Alfa morto mais tarde.

*** **

Aisha acorda na tarde seguinte, um pouco grogue. Maria já passou por aqui antes de ela acordar, curando todos os ferimentos restantes.

Ela me lança um olhar vazio: “onde—”

“Você está na minha cobertura,” estendo um copo de água para seus lábios. “Beba.”

Ela bebe alguns goles antes de virar a cabeça para o outro lado.

Pouso o copo: “você vai ficar comigo por um tempo.”

Ela me olha fixamente, como se estivesse processando minhas palavras, e então se assusta: “H-Harry—”

Coloco minha mão em seu ombro, impedindo-a de se levantar. “Assistindo TV. Não está machucado.”

“Oh,” ela relaxa visivelmente, e eu me surpreendo com sua calma. Normalmente, ela estaria em pé de guerra, determinada a ver o irmão. Quando foi que ela começou a confiar em mim?

Ela fecha os olhos como se estivesse organizando seus pensamentos. Meu olhar se detém em seu rosto. Suas feridas cicatrizaram, mas ainda tem uma tensão na linha de seus lábios. A dor não vai desaparecer tão fácil, mas, mesmo agora, ela está resistindo, os lábios pressionados até ficarem brancos. Como se estivesse acostumada a conter a dor.

Isso me incomoda.

“Aisha,” pego a mão dela na minha. Suas mãos sempre foram ásperas, como alguém acostumado com trabalho manual. “Se estiver doendo, não precisa disfarçar.”

“Estou bem,” diz ela roucamente, com os olhos abertos e o maxilar tenso. “Eu vou ficar bem. Obrigada.”

“Pelo quê?”

Seus olhos se voltam para os meus e ela sussurra: “por ter vindo me buscar. Eu não sabia se você viria. Ninguém nunca veio. Mas você veio. Eu tinha tanta certeza de que eu ia morrer lá fora.”

“Você achou que eu não viria atrás de você?” pergunto devagar, as palavras me dilacerando.

Ela encolhe os ombros lentamente: “você não precisava vir. Mas eu pensei que talvez, talvez você viesse.”

Meu polegar está acariciando as costas de sua mão. Não consigo explicar essas emoções furiosas dentro de mim. Ela é tão fraca, tão

indefesa, e ainda assim continua como se a ideia de desistir não existisse em sua mente. Uma guerreira em sua essência.

“Eu me livrei do corpo,” eu digo finalmente. “Ninguém nunca vai encontrar. Mas preciso saber o que aconteceu e se tem alguma testemunha que eu preciso rastrear.”

Sua cabeça se ergue, os olhos arregalados: “o quê?”

“Tem alguma testemunha, Aisha?”

Ela parece chocada por algum motivo: “só o meu pai, mas ele fugiu.”

“Tudo bem. Só preciso de uma descrição e vou encontrá-lo.”

Quando ela o descreve para mim, minhas sobrancelhas se franzem. O homem que ela está descrevendo se parece com o mesmo sem-teto que estava do lado de fora do prédio, na noite em que a levei para casa quando ela estava bêbada.

Ele sabe onde ela mora?

Se for o caso, ele provavelmente vai esperar até ela voltar para casa. Pelo menos, vai ser mais fácil rastreá-lo.

“Já ouvi a versão do Harry dos acontecimentos, mas acho que é hora de você me contar a verdade. Sobre por que você fugiu e por que seu pai e o Alfa da sua alcateia apareceram para te buscar.”

Aisha parece desconfortável: “eu— eu não estava mentindo antes quando disse que tirei Harry de lá porque nosso pai começou a bater nele.”

“Mas não foi só isso.” Não vou deixar que ela me engane dessa vez.

Ela desvia o olhar: “o que o Harry te disse?”

“Não faça esse jogo comigo, Aisha,” eu aviso. “Você matou um Alfa e eu encobri tudo. Agora, você me deve a verdade.”

Ela se mexe na cama antes de, hesitante, me olhar nos olhos. “Tudo bem. Você tem razão. Meu avô era o Alfa e ele tinha dois filhos. Meu tio, Ezekiel, e meu pai, Eric. Meu pai era mais jovem, mas foi escolhido para ser o próximo chefe da família. Só que meu tio não gostou de ver meu pai se tornando o Alfa. Ele envolveu meu pai com drogas e mulheres. E meu pai se tornou um jogador viciado. A última gota foi quando meu tio se casou com a mulher por quem o meu pai estava apaixonado. Tudo só piorou a partir daí. Quando meu avô

morreu, a alcateia ainda queria que meu pai se tornasse o Alfa, mas meu tio era como uma víbora venenosa, destruindo a vida dele. Quando minha mãe entrou em cena, disseram que meu pai era estéril. Mas ele acabou tendo dois filhos. Harry e eu.”

Ela pausa para respirar, mas eu comecei a juntar as peças do resto da história. Mesmo que o pai dela tenha sido manipulado, isso não o torna mais a vítima, não quando ele escolheu suas próprias vítimas.

Aisha desvia o olhar como se não suportasse olhar para mim pelo resto de sua história.

“Meu tio ficava incitando meu pai contra minha mãe. O relacionamento deles azedou, e meu pai, de toda frustração, se tornou abusivo. Ele acabou vendendo a casa da família para sustentar as apostas. E ainda estava apaixonado pela mulher que era companheira do meu tio. Ele descarregou a raiva na minha mãe, em mim. Nós viramos motivo de chacota na alcateia, e os anciãos decidiram tornar meu tio o Alfa. Meu pai continuou a se deteriorar. Minha mãe fugiu depois disso, cansada dos abusos. Ela deixou nós dois para trás. Harry era só um bebê. Papai enfrentou a perda se embebedando e vendendo nossas roupas para continuar alimentando os maus hábitos. Ele jogava no cassino do meu tio. Suas dívidas aumentaram e meu tio, que não tinha conseguido ter os próprios filhos, via a mim e a Harry como uma ameaça à sua posição.”

Ela solta um suspiro trêmulo antes de olhar para mim: “se eu acabasse me acasalando com alguém, como a filha mais velha do primeiro Alfa escolhido, meu companheiro e eu teríamos nos tornado o par Alfa. O mesmo vale para o Harry. Quando o Harry crescesse, ele ia receber treinamento para ser um Alfa. Meu tio convenceu meu pai a me vender para um bordel para pagar suas dívidas. E ele estava de olho no Harry. Eu já tinha recebido uma bolsa de estudos quando fiquei sabendo. Então, peguei o Harry aquela mesma noite e fui embora. Mas, enquanto eu estivesse viva, meu tio ia me considerar uma ameaça. Minha esperança era que ele ia nos deixar em paz. Mas meu pai, é claro, me vê como um bilhete dourado que ele não quer perder. É só me prostituir para ter todo o dinheiro que ele precisa.”

A voz de Aisha cessa abruptamente. Suas mãos estão trêmulas, sua mandíbula dura. “Fiz de tudo para proteger nós dois desses monstros. Mas eles não podiam nos deixar em paz. Ele disse que se eu não fosse com eles sem retrucar, eles iam vender o Harry—” A voz dela se embarga, e vejo a fúria em seus olhos: “como se eu fosse deixar!”

Ela está ficando cada vez mais nervosa, e eu tento acalmá-la. “Bem,

ele está morto e eu vou cuidar do seu pai também. Nenhum dos dois vai te incomodar de novo. Descanse e eu venho te chamar quando o almoço estiver pronto. Mais tarde, você vai precisar caminhar um pouco para ajudar seu corpo a se recuperar.”

Aisha cai no travesseiro, exausta, com a voz cansada: “tudo bem. Mas avise o Harry que estou bem.”

“Eu vou mandar ele entrar.”

Não posso sair do quarto rápido o suficiente e, depois de avisar Harry que sua irmã está acordada, entro no meu escritório. Fechando a porta atrás de mim, coloco as palmas das mãos na escrivaninha, apoiando-me nela, com a cabeça baixa. Meu corpo está tremendo com uma raiva que não consigo controlar. Pegando a figura de mármore ao lado da minha mão direita, eu a esmago contra a parede com um rugido alto de raiva. Ela se despedaça e logo é seguida por mais itens.

Mesmo depois de destruir meu escritório, nada sacia a raiva dentro de mim. A sala está uma bagunça nos próximos dez minutos, mas ainda estou fervendo de raiva. Eu sabia que Aisha estava escondendo alguma coisa, mas não imaginava que fosse nada tão extremo. Queria que ela não tivesse matado esse Alfa desgraçado. Eu mesmo teria adorado rasgar a garganta dele. Meus olhos se voltam para a porta, mas meu escritório é à prova de som, então ninguém escutou o caos aqui dentro. Dando a volta na minha mesa, passo por cima dos cacos e pego minha linha particular.

Disco um número que conheço só de cor e, após o primeiro toque, uma voz grave atende.

“Preciso que você encontre uma pessoa,” digo, antes de compartilhar todos os detalhes físicos do pai de Aisha. Quando termino a ligação, estou muito mais relaxado. Pensar em todas as coisas que pretendo fazer com o homem que feriu Aisha está ajudando muito a acalmar minha raiva.

Por enquanto, tenho que colocar ela em um lugar onde eu possa ficar de olho.

*** **

Encontrar o pai de Aisha devia ter sido fácil.

Observo a mulher a minha frente descascar uma laranja para o irmão, sorrindo para ele, e me pergunto como o pai deles consegue se esquivar de mim com tanta facilidade. Posso não ser tão poderoso

quanto meu próprio pai, mas venho construindo minha rede pessoal de espionagem ao longo dos anos, a rede subterrânea, usando pessoas que dormem nas ruas e que a sociedade considera a escória da terra. São eles que têm olhos e ouvidos em toda parte. Meu pai jamais sonharia em utilizar essas pessoas. Mas esse homem conseguiu escapar de cada uma delas.

Alguém está protegendo o pai dela. Alguém poderoso.

Foi só graças a essa proteção que ninguém conseguiu vê-lo sequer de relance. Isso é preocupante. Essa última semana, ele não deu as caras uma única vez. É como se o homem tivesse desaparecido da face da Terra. É bem possível que ele tenha voltado para o próprio território, assustado depois de ver as ações da filha. Um covarde como ele definitivamente fugiria. Mas como ele descobriu onde Aisha estava esse tempo todo? Alguém deve tê-lo ajudado.

Meus olhos se voltam para Aisha enquanto ela joga um pedaço de laranja na boca do irmão. Ela parece satisfeita, uma visão rara no rosto dela. Ela ficou mais suave. Não sei descrever de outra forma. É como se algumas das barreiras rígidas que a cercavam tivessem se desintegrado. Eu costumava achar sua cautela divertida, mas esse lado dela também é inebriante a sua própria maneira. Eu me acostumei tanto a tê-la aqui em casa, meu território onde ninguém mais pode alcançá-la, e um lugar que só teve o meu cheiro todos esses anos.

Meu lobo está ficando relaxado, gostando da presença dessa fêmea. Eu levei os dois irmãos para a floresta à noite para se transformarem e correrem. O que eu não esperava era como o meu lobo ia reagir ao se deparar com o lobo cinza de Aisha. Meu animal sempre foi severo, criado em uma casa sem amor, conhecendo só o ódio. Mas, perto de Aisha, ele começou a mostrar aspectos de si mesmo que eu não consigo reconciliar. Ele chamou ela para brincar, correndo atrás dela, rolando no chão com ela e se juntando a ela quando ela tenta ensinar o irmão.

Estou me afundando nesse buraco.

Se fosse só um desejo ardente constante sempre que eu estou perto dessa mulher, eu entenderia. Mas esses momentos calmos e tranquilos são diferentes, e eu comecei a desejá-los também.

Isso me assusta.

Eu jurei que nunca me prenderia a nenhuma mulher por um motivo. O sangue que corre nas minhas veias é sujo, e tenho medo do quanto do

meu pai eu tenho em mim.

Mas agora não é o momento para nada disso.

O convite que recebi hoje de manhã está queimando o meu bolso.

Um convite para a reunião semestral da minha família. Só que, dessa vez, ele tem o meu nome e o da Aisha.

CAPÍTULO 18

Aisha

“Não estou entendendo,” olho para Morris, confusa. “Por que tenho que conhecer sua família?”

Morris está com uma expressão rígida no rosto desde hoje de manhã, mas ando passado tanto tempo com ele que posso ver quando ele está incomodado.

“Quero ver o vestido azul,” ele ordena ao vendedor em vez de responder à minha pergunta.

“Morris,” eu digo, irritada. “O que está acontecendo?”

Essa última semana e meia, ele esteve me orbitando, cuidando de mim enquanto me recupero. Surpreendentemente, estava de bom humor, e até Harry se adaptou a ele. Nosso relacionamento está melhorando, e a brasa de esperança que tremeluzia dentro de mim se transformou em uma chama desabrochando.

Mas ele está preocupado desde a manhã de hoje e, quando de repente me arrastou para uma loja de roupas de luxo, resmungando qualquer coisa sobre conhecer sua família, não consegui entender a situação. Parece que ele não quer que eu conheça a família dele. Então, por que eu tenho que conhecê-los?

Além disso, julgando por todo o pouco que eu sei dele, ele também não gosta muito da família.

“Sim, vamos levar esses daqui e essas cinco blusas,” Morris gesticulou para o monte de roupas que ele acabou de me fazer modelar para ele.

Quando o vendedor concorda com a cabeça e sai apressado, eu me viro para o Morris. “Chega. É só um jantar. Por que tenho de trocar de roupa tantas vezes? E por que, de repente, está me obrigando a conhecer sua família? Pensei que você não queria que eles descobrissem—”

“Não é só um jantar,” diz Morris sombriamente. “Assim que você entrar na casa da minha família, não será nada menos que um campo

de batalha. Tudo o que você vestir será uma armadura.”

Eu o encaro, imaginando se ele está brincando. A expressão no rosto dele diz o contrário.

Saindo da loja de roupas, olho para as sacolas que Morris está carregando e hesito. Eu podia protestar que ele está comprando roupas para mim de novo. Mas me lembro do que ele disse da última vez sobre presumir coisas. Quando nos sentamos no carro, pergunto devagar: “as minhas roupas normais não são boas o suficiente para usar na frente da sua família?”

Morris dá partida no carro, com uma expressão tensa. “Você podia estar usando diamantes de cima a baixo, e não faria diferença. Não me importo com o que você usa, Aisha, mas minha família é diferente. Você precisa ficar atenta. Não partilhe nada da sua vida. Fale só quando falarem com você. Caso contrário, não importa o que aconteça, fique quieta. Não fale do Harry, do seu emprego ou de onde está estudando.”

Estudo seu perfil tenso: “é tão ruim assim?”

Ele não olha nos meus olhos: “eu fiz todo o possível para te poupar deles. Não queria que eles descobrissem sobre você. Mas agora que eles descobriram, é melhor você enfrentá-los comigo ao seu lado. E esse não é um jantar normal. É uma visita de fim de semana. Se eu não estiver com você, você precisa ficar no nosso quarto. Não tente fazer amizade com ninguém e não tente explorar a mansão. Isso é para sua própria segurança.”

Ele diz isso, mas tem uma sensação inquieta crescendo dentro de mim. A família dele é mesmo tão ruim assim? Porque uma parte de mim está começando a sentir que ele está com vergonha. Tento me livrar de todas essas dúvidas. Ele não me deu nenhum motivo para não confiar nele. Depois de tudo o que Morris fez por mim, o mínimo que ele merece é minha confiança.

Posso facilmente deixar Harry com Maddie, mas tantos dias longe dele me deixam um pouco preocupada. Depois do incidente na floresta, Morris cuidou de tudo, e me disse que meu pai provavelmente fugiu da cidade e voltou para a alcateia. Fiquei aliviada, mas não posso deixar de me preocupar com a reação da alcateia quando ele contar que fui eu quem matou Ezekiel. Se eu tiver sorte, eles não vão acreditar. Como pode uma metamorfa tão fraca como eu matar o Alfa da alcateia a sangue frio? Parece impossível de todos os jeitos.

Ainda assim, não me sinto à vontade deixando o Harry sozinho desse jeito.

“Morris,” começo, “sobre o Harry—”

“Não se preocupe,” ele diz calmamente. “Se você deixar ele com a sua vizinha, eu providenciarei segurança vinte e quatro horas por dia. Nada vai acontecer com ele.”

Suas palavras aliviam algumas das minhas preocupações.

Ao me acomodar no banco do carro, me pergunto se conhecer a família do Morris vai ser mesmo tão ruim quando ele acha. Quer dizer, se eles me convidaram, deve ser porque querem me conhecer. Só tenho que dar o meu melhor. É uma boa oportunidade para mim. Meus sentimentos por esse homem cresceram com o tempo e parei de lutar contra eles. Quando eu conhecer sua família, talvez ele se sinta mais confortável em começar um relacionamento de verdade. Os feromônios entre nós começaram a desaparecer, então estamos perto de entrar na dança do acasalamento. Esse é o ponto em que os metamorfos decidem se querem ou não levar adiante o relacionamento. É quando a parte física do relacionamento termina e a parte emocional começa. Não quero que o Morris me rejeite. Não quero desistir dele.

Não sei se meu coração ia suportar.

*** **

O convite para a reunião de família foi tão repentino que não tive tempo de me preparar mentalmente.

Quando olho para a grande mansão no final da sinuosa entrada, meu coração se afunda. Acho que nunca conseguiria me preparar para entrar em uma família de aristocratas. Eu sabia que Morris estava bem de vida, mas quando pensei em riqueza, não pensei em uma mansão luxuosa com jardins extensos dignos de Hollywood e uma entrada de garagem tão longa que minhas pernas doem só de olhar para ela.

Viro a cabeça para Morris para dizer alguma coisa, mas o olhar sombrio em seu rosto me faz fechar a boca. Alguém está de mau humor. Ele deve realmente odiar a família.

Volto minha atenção para a mansão nos esperando. Agora que penso nisso, Morris nunca fala da família. A única vez que ele mencionou o pai foi quando conversamos pela primeira vez no escritório dele. Na época, ele descreveu o pai como uma espécie de lunático obcecado em

encontrar uma companheira para o filho. Nunca pensei que teria que conhecer o homem cara a cara.

Quando chegamos à entrada, Morris desce do carro e, antes que eu possa abrir a porta, ele já está abrindo para mim. Mas seus lábios estão pressionados em uma linha fina e seus olhos estão duros.

Um homem se aproxima e Morris lhe entrega as chaves.

Meus olhos se arregalam quando Morris me leva para dentro. Eles têm o próprio manobrista? Quem é o pai dele, o Batman?

Não tenho tempo de concluir meus pensamentos porque tem um homem parado na entrada. Ele está vestindo um terno preto e sua expressão é cuidadosamente vazia. “Mestre Morris, bem-vindo ao lar. O jantar já foi posto na mesa. Todos estão esperando pelo senhor. Posso pegar seu casaco?”

Morris olha para ele, com uma expressão fria. “Você não devia perguntar para minha convidada primeiro?”

Vejo um lampejo de irritação cruzar sua máscara impassível e o mordomo concorda com a cabeça, com a voz igualmente serena. “É claro. Minhas desculpas, senhorita. Posso pegar seu casaco?”

Olho para Morris com cautela antes de tirar meu casaco. O mordomo pega ele de mim, segurando com o polegar e o indicador como se estivesse tocando algo terrivelmente desagradável. Tento não me sentir ofendida, especialmente porque o casaco é novo. Foi uma das compras do festival de consumo que tive que aturar ontem. Depois que Morris lhe entrega o próprio casaco, ele nos leva para dentro da mansão. Se o saguão de mármore com seu enorme lustre e escada dupla curva já são o suficiente para me impressionar, quando Morris me leva para a sala de jantar, todo o ar me escapa.

A sala é enorme, com grandes retratos na parede e um piso de mármore que brilha, refletindo as luzes. A mesa de jantar é longa, no meio da sala, com várias pessoas já sentadas. Ao entrarmos, vejo um homem sentado na cabeceira da mesa. Pisco os olhos para ele. Por um momento, é como se eu estivesse vendo uma versão mais velha do Morris. Mas as feições de Morris são muito menos severas do que as do pai. Tem uma mulher sentada à direita dele. Ela está usando um vestido de noite brilhante, que mais parece uma lingerie do que um vestido. De onde estou, a única coisa devidamente escondida são os seios dela. Um casal está sentado ao lado dela, uma mulher que se parece com ela e um homem que podia até ser bonito se eu não

estivesse ao lado de Morris. Em frente a eles, tem outra bela mulher sentada, de costas para mim, com um deslumbrante vestido vermelho que exhibe seu corpo perfeito e esbelto.

Morris se enrijece ao vê-la. Mas ele não tem a chance de dizer nada porque seu pai anuncia: “você está atrasado.”

“Eu estava ocupado,” a voz de Morris é fria.

“Venha se sentar ao lado de Eve. Ela está esperando por você.”

Eve?

Olho para Morris, cuja mandíbula está tão cerrada que, por um momento, temo que ele vá se machucar.

Ele me leva até a mesa e eu vejo ele hesitar sobre onde se sentar. Então, ele puxa uma cadeira três lugares abaixo de Eve. Eu me pergunto o que ele está fazendo, mas me sento. Ele se coloca entre mim e Eve, deixando uma cadeira vazia entre eles.

Seu pai pigarreia e, quando fala, tem uma raiva inconfundível na voz. “Onde estão suas maneiras?”

Morris não responde, ignorando-o.

“Não tem problema,” Eve diz de repente, sua voz tão suave e melódica que dá vontade de ouvir para sempre. Ela se inclina para frente para me olhar nos olhos: “você deve ser Aisha, a *amiga* do Morris.”

A maneira como ela enfatiza meu relacionamento com Morris me faz franzir a testa, mas não tenho chance de dizer nada antes dela continuar. “Sou Eve Montgomery, a noiva do Morris.”

Por um momento, fico imóvel, com todo o sangue fugindo do rosto.

“Morris?” Eu me viro para olhar para ele, mas sua expressão está vazia. Quando ele finalmente fala, sua voz é gelada.

“Não me lembro de tê-la pedido em casamento, Eve. Como já disse, você não faz meu tipo. Mas fique à vontade para se casar com meu pai.”

Vejo como os olhos de Eve se contraem nos cantos, mas seu sorriso não se desvanece. “Você tem um senso de humor incrível, Morris.”

“Peça desculpas à Eve!” o pai dele rosna.

Morris se levanta: “se foi por isso que você me chamou aqui, então Aisha e eu não precisamos ficar e suportar esse insulto.”

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, a mulher sentada ao lado do pai dele dá uma risadinha, um som que combina com ela, dada a sua aparência de menininha. “Não seja um estraga-prazeres, Morris. Seu pai é muito amigo do pai de Eve. É claro que ele gostaria de ver uma união entre as duas famílias. E Eve é realmente um par muito adequado para você. Mas também não queremos ser rudes com sua amiguinha.”

Ser chamada assim me deixa irritada. Quando ela se vira para mim, com um sorriso brilhante, eu me pergunto se ela quis mesmo me insultar ou se é só o seu jeito de falar.

“Eu sou Ellie, Aisha. Não se incomode com o Chris. Ele vem insistindo para que Eve e Morris se casem já faz algum tempo, mas você sabe como são os meninos, teimosos até a medula. Eles nunca querem o que é bom para eles. Esta é Lucy, minha filha, e este é o marido dela, James.”

A essa altura, Morris já se sentou novamente e sua mão aperta a minha por baixo da mesa. Parece que ele também não perdeu os insultos velados. Mas ele não diz nada.

Decido seguir seu exemplo, cumprimentando todos educadamente. Lucy parece estar me estudando com um interesse velado, enquanto Chris simplesmente me ignora, assim como James. Eve está sorrindo de uma forma que me deixa tensa. Ela não parece nem um pouco incomodada com o fato de Morris tê-la desprezado.

Toda essa família me parece estranha e acho que não vou me importar de ficar no meu quarto para evitá-los.

“Então, o que exatamente você faz, Aisha?” pergunta Lucy de repente.

Olho para Morris antes de responder com relutância: “sou uma estudante universitária.”

“Qual faculdade?” Ela tem um brilho perverso nos olhos que deixa uma sensação ruim no fundo do meu estômago.

“Eu faço aulas online,” minto facilmente. “Você não deve ter ouvido falar.”

Morris me lança um olhar rápido, mas eu só sorrio para a irmã dele.

Ela estreita os olhos para mim. “Eu ainda gostaria de saber o nome. Gosto de patrocinar estudantes pobres em cursos superiores, então, já que essa é a sua situação, talvez eu possa te ajudar.”

“Tenho certeza que você pode encontrar faculdades melhores,” respondo com leveza. “Não vai querer se incomodar com cursos baratos se estiver patrocinando a educação de alguém.”

Sua expressão se enrijece, a raiva transparecendo. “Está me chamando de pão-duro?”

“De modo algum,” pisco inocentemente.

“Você—”

“Já chega, Lucy,” disse Morris abruptamente. “Podemos ter um jantar em que você não tente se gabar? É irritante.”

Lucy fica corada: “você—”

“Seu irmão tem razão,” disse Chris de repente. “A comida está esfriando.”

O jantar é uma situação incômoda e, no final, estou pronta para fazer as malas e ir para casa. Não tenho resistência para esse tipo de política familiar. Infelizmente, recebemos outra surpresa sombria no final da refeição.

“Senhorita,” o mordomo me aborda quando todos se levantam para ir ao salão, “seu quarto foi arrumado no anexo. Por favor, siga-me.”

Estou prestes a segui-lo quando Morris levanta o braço de repente e me impede, sua voz dura. “Que absurdo é esse? Você preparou um quarto de empregada para minha convidada? Foi por isso que você nos convidou, pai?!”

Chris franze a testa: “não faça uma cena.”

“Aisha vai dormir no meu quarto,” Morris agarra meu pulso, me puxando para ele.

Vejo o sorriso de Eve se fechar nos cantos.

Uma expressão de trovão cruza o rosto de Chris. “De jeito nenhum! Eve e você devem—”

“Não vou dividir o quarto com uma mulher de quem não gosto,” diz Morris sem rodeios, antes de me arrastar com ele. “Vamos, Aisha.”

É óbvio que a família de Morris me considera inferior, mas o fato de Morris me defender tão abertamente faz meu coração se apertar com emoções fortes. Essa não é a primeira vez que sou isolada e humilhada. A diferença é que, das outras vezes, não tinha ninguém do meu lado.

Morris me puxa escada cima e por um longo corredor. Seu quarto fica bem no final, e dá para uma varanda. É mobiliado de forma escassa. Ainda é melhor do que a minha própria mobília, mas, comparado ao resto da casa, o quarto dele tem uma aparência um pouco mais pobre. Quando meus dedos tocam a cômoda, eles encontram uma camada grossa de poeira.

Abano rapidamente a mão, mas Morris está claramente ciente do estado do quarto. Seu rosto está tenso. “Sente-se onde quiser. Vou chamar alguém para limpar esse lugar.”

“Não precisa,” tento dizer, mas ele já apertou um botão ao lado da cama.

É o mordomo que aparece

“Chame uma faxineira para limpar este quarto,” rosna Morris.

O homem parece visivelmente desconfortável ao abaixar a cabeça, sem encarar Morris. “Receio que não possa fazer isso. A Srta. Ellie proibiu qualquer um dos funcionários de prestar serviços para o senhor.”

Morris o encara por um momento, e eu espero que ele exploda com o mordomo. Mas sua voz é calma quando ele responde: “muito bem.”

Ele fecha a porta, mas quando se vira para mim, vejo uma emoção estranha em seus olhos.

“Você devia ir tomar banho,” aconselho de repente. “Tem muita energia negativa por aqui. É melhor lavar tudo isso.”

Ele me olha com estranheza, mas o canto de seus lábios se contrai. “Energia negativa?”

“Você sabe,” eu gesticulo no ar. “Emoções negativas, blá blá blá.”

Seus olhos estão divertidos agora: “blá, blá, blá?”

“Vai logo de uma vez.”

Ele olha ao redor do quarto e vejo seus olhos endurecerem: “sinto

muito por isso. Não pensei que eles fossem tão longe. Achei que seria melhor se eu te apresentasse do que eles irem atrás de você.”

“Tudo bem,” dou de ombros. “Você já conheceu minha família. Eles também não são nenhum prêmio.”

Por um momento, parece que ele quer dizer alguma coisa, mas depois desiste. Ele entra no banheiro. Depois que a porta se fecha, arregaço as mangas e começo a trabalhar. Felizmente, como tem só alguns móveis, não levo mais do que alguns minutos para limpar tudo com minha camiseta esfarrapada que eu coloquei sorrateiramente na mala de viagem.

Tiro o lençol e as fronhas da cama e dou uma boa sacudida neles, indo até a varanda para fazer isso. Colocando o lençol de volta, estou esticando as fronhas quando Morris sai do banheiro, usando só uma toalha em volta dos quadris e secando o cabelo com outra. Ele pisca para mim: “o que você está fazendo?”

Abro a boca para responder, mas nunca o vi nesse estado de nudez antes, e minha voz para de funcionar. Conheço cada centímetro do corpo do Morris. Se não conhecia antes, ele passou as últimas duas semanas se certificando de que eu o memorizasse. Mas Morris dorme tarde e acorda cedo, por isso nunca vi ele sair assim depois do banho.

Minha boca fica seca enquanto o encaro, e vejo o humor perverso em seus olhos. “Gostou do que está vendo?”

Eu devia dizer alguma coisa, mas meu corpo responde por mim, o cheiro espesso de minha excitação enchendo o ar.

Vejo o lobo nos olhos de Morris quando ele dá um passo para perto de mim.

Estou tão encrencada.

CAPÍTULO 19

Aisha

Viro de lado, com dor na região lombar.

Eu não esperava que o Morris fosse ser tão cruel na cama hoje. Cada centímetro do meu corpo está doendo. É uma dor deliciosa, mas ainda assim é desconfortável. Ele me deixou de joelhos mais cedo, cheio de exigências duras. Felizmente, eu gosto da força com que ele me ataca, mas hoje foi simplesmente insano. Gemendo, eu me sento, sentindo a umidade entre minhas pernas e em outras partes do meu corpo. Normalmente, ele é tão meticuloso em me limpar quando eu desmaio, mas acho que hoje não foi um desses dias.

Olho para o lado dele da cama e pisco quando percebo que ele se foi. Meus dedos tocam o lençol e descobrem que está frio.

Ele fez sexo comigo e depois foi embora?

Depois da primeira vez que eu disse como isso me fez sentir, ele nunca mais me deixou sozinha na cama. Não estou chateada por ele ter me deixado aqui, mas ainda me parece estranho. Talvez ele tenha ido falar com os pais.

Levanto e decido tomar um banho.

A água quente é uma delícia na minha pele quando entro no chuveiro, e me refresca. Ao me secar, visto uma das blusas arejadas que ele comprou para mim, além de um par de leggings confortáveis. Meu estômago ronca.

Com todas as tensões no jantar, não cheguei a comer nada. Talvez eu possa pedir para o Morris me trazer algo da cozinha. Ele também deve estar com fome.

O quarto está bastante frio e me pergunto se o aquecimento foi desligado deliberadamente. Não entendo por que a família do Morris não gosta dele. Pelo menos superficialmente, parece que eles não se dão muito bem. Mas, como Morris mal fala de si mesmo, não sei realmente como é o relacionamento deles. A mãe dele, Ellie, também é estranha. Ela parece doce na superfície, sua voz é suave, mas o veneno

escorre de sua boca. E o modo como ela olha para Morris não é como uma mulher olha para seu filho. A irmã também olha para ele com um olhar de desdém. Parece que ninguém realmente quer ele aqui.

Sinto uma pontada no peito. O Morris é mesmo tão indesejado?

Sei que Morris me disse para ficar no quarto, mas ele está fora há muito tempo e estou ficando ansiosa. Saio para o corredor, afastando esses pensamentos. Talvez eu esteja só vendo coisas que não existem. Talvez eu esteja só projetando minhas próprias experiências no Morris. Como uma única reunião de família ia revelar uma coisa dessas? Pode ter sido minha presença. Isso faria mais sentido, já que Chris Wolfguard parece estar tão interessado em juntar seu filho com aquela mulher, Eve Montgomery.

A ideia deles como um casal me incomoda. Ela faz meu lobo rosar de raiva. Posso sentir a possessividade do meu animal se manifestar e, pela primeira vez, não luto contra ela. Meu lado humano está em sincronia com as emoções do meu lobo. Não quero entregar o Morris àquela mulher. Aos poucos, comecei a ver o Morris como meu, e comecei a permitir esses sentimentos.

O corredor está silencioso, mas quando tento seguir o caminho que me lembro de termos tomado, acabo em outro lugar completamente diferente. Olhando ao redor, tento seguir o cheiro do Morris. Ele é fraco e acabo em frente a uma grande varanda. Ela está vazia, com exceção de duas pessoas, ambas fêmeas. Uma está em uma cadeira de rodas, a outra está de pé ao lado dela, com a mão em seu ombro. Nunca vi nenhuma delas antes e dou um passo à frente: “desculpem —”

Minhas palavras se apagam quando as duas viram a cabeça para olhar para mim. A mulher na cadeira de rodas é incrivelmente bonita. Seu rosto é pálido, o cabelo castanho claro um pouco desgrenhado. Mas nada pode esconder a beleza etérea por trás de sua aparência desleixada. O formato de seus olhos e seus lábios finos me fazem lembrar de alguém.

“Quem é você?” A mulher de pé de repente dá um passo à frente, sua voz dura e sua postura protetora.

“Eu—” Hesito, sentindo que interrompi alguma coisa. “Eu só estava procurando o Morris. Eu sou a—”

As palavras prendem na minha garganta quando percebo que ainda não sei o que eu sou do Morris. Felizmente, não preciso esclarecer

nada porque a mulher relaxa. “Morris te trouxe aqui?”

“Morris?” A mulher na cadeira de rodas pergunta de repente, com uma voz fina como um sussurro. “Onde está meu filho?”

Suas palavras me deixaram atordoada. Seu filho?!

Essa mulher é a mãe do Morris? Assim que a ideia me ocorre, percebo por que acho suas feições tão familiares. Eu estava enganada. Morris não se parece tanto com o pai quanto se parece com essa mulher.

“Você é—” não consigo me impedir de fazer a pergunta óbvia “—a mãe do Morris?”

A mulher me olha de forma estranha, mas não me responde, olhando para sua amiga. “Sila, onde está meu bebê?”

“Ele está na cama, Teresa, onde devia estar,” murmura Sila, tranquilizando-a. “Você mesma acabou de colocá-lo para dormir, lembra?”

“Eu coloquei?” A mãe de Morris parece confusa antes de aceitar a resposta. “Eu coloquei.”

Tem alguma coisa errada com ela. Tem uma expressão quase nebulosa em seus olhos.

Ela desvia o olhar de mim como se estivesse esquecendo minha existência.

No entanto, Sila vem na minha direção, com a voz baixa e urgente: “o Morris está aqui?”

Concordo com a cabeça: “eu estava procurando por ele. Ela é— ela é mesmo a mãe do Morris? Pensei que Ellie fosse a mãe dele.”

Os olhos de Sila se apertam ferozmente. “Nunca mais se refira a essa criatura como a mãe do Morris! Uma destruidora de lares como ela não tem o direito—”

“Onde está o Morris, Sila?” Teresa pergunta de repente, como se a conversa anterior nunca tivesse acontecido.

Meu olhar se volta para a mulher de aparência frágil e me pergunto o que aconteceu com ela.

“Ele está descansando, Teresa,” murmura Sila, acariciando gentilmente os cabelos da mulher na cadeira de rodas. A mãe de

Morris parece preocupada e, em seguida, sua expressão se desvanece, como se estivesse perdida em pensamentos.

“Não estou entendendo,” murmuro. “Se essa é a mãe do Morris, então quem é a mulher que eu conheci?”

“Ela é a amante do Chris,” Sila rosna, com a voz baixa. “O Morris não te contou nada disso antes de trazê-la para cá? Você não é a companheira dele?”

Companheira? Por que ela chegaria a essa conclusão?

Mas tem muita coisa nessa situação que não faz sentido.

“Se Ellie é amante dele, como é que eles têm uma filha juntos?”

Sila enrola o lábio superior em desgosto: “Lucy é filha de Ellie e de seu companheiro falecido. Chris e Teresa são companheiros destinados. Ele se acasalou com ela pelo poder da família Wolfguard. Ele queria ser o Alfa, acasalou com ela, teve um filho e depois trouxe sua amante para casa. É por causa dele que ela está assim!”

Abro a boca para responder, chocada, quando uma voz fria vem da porta. “Uma história muito comovente, Sila.”

Sila empalidece, assim como eu.

Eu me viro e vejo Chris caminhando na nossa direção, com irritação no rosto. “Agora, leve essa mulher de volta para o quarto dela. Eu não te disse que quero que ela fique confinada no quarto? Ela deixa a Ellie desconfortável! Dê-lhe um remédio e coloque ela para dormir ou coisa assim.”

Posso ver a raiva nos olhos de Sila, mas, para minha surpresa, ela não responde. Simplesmente virando a cadeira de rodas de Teresa, ela passa por Chris. Mas Teresa percebe a presença dele e, assim que passa, agarra o pulso dele: “Chris!” Sua voz é de súplica: “Chris, não faça isso! Onde está o meu bebê? Onde está o meu Morris?”

O pai de Morris tem uma expressão de nojo no rosto enquanto tenta livrar sua mão. Mas Teresa se recusa a soltar, implorando: “por que você não olha para mim? Você disse que me amava! Por que de repente—”

Eu vejo ele levantar a mão. Já vi esse movimento antes, e meu corpo reage por instinto.

O golpe cai no meu rosto quando me coloco entre os dois. Eu

cambaleio para trás com a força, e é Sila quem me segura.

Chris rosna antes de fazer uma careta: “tire essa criatura daqui antes que eu a jogue pela sacada de novo.”

Sila sai correndo com uma Teresa soluçando, e eu o encaro: “você espancaria sua companheira paralisada?”

Chris levanta uma sobrancelha, sem se incomodar com meu olhar acusatório. “Não vou receber sermão de uma mulher insignificante como você. Você devia saber o seu lugar. Não acredito que teve a audácia de aparecer aqui.”

“Eu fui convidada,” respondo.

“Minha esposa tem o coração mole com esse menino,” Chris estala a língua com impaciência. “Mas eu conheço mulheres como você. Você acha mesmo que eu deixaria alguém da sua laia se tornar companheira do Morris? E mesmo que ele te aceitasse, na minha família, as companheiras não são tão importantes quanto as esposas. Ellie é minha esposa. Ela está ao meu lado o tempo todo. Teresa é minha companheira, uma coisa que fui forçado a cortejar e engravidar por causa dos meus instintos de lobo. Mas quando uma criança nasce entre um casal acasalado, esse desejo feroz um pelo outro diminui. Quando tive meu herdeiro, coloquei Teresa no lugar dela e encontrei uma mulher mais digna de mim e de meu status. E não se engane,” seus olhos são gélidos e confiantes, “meu filho fará o mesmo.”

“Idealmente, quero que ele acasale e se case com a Eve. Eu não tive muita escolha com a minha própria companheira, pois precisava de sua riqueza e poder. Mas você não tem nada a oferecer. Você não é nada, só uma loba fugitiva que limpa a bagunça dos outros. Se o Morris decidir te tomar como companheira, ele nunca vai te aceitar totalmente. No fim, a mulher ao lado dele será a Eve. Você será outra Teresa, desejando o amor dele, desejando ver o seu filho, levada à loucura.”

Meu sangue fica frio com suas palavras: “o que tem de errado com você?”

“Nada,” ele sorri, com um semblante aterrorizante. “Estou simplesmente guiando meu filho pelo caminho certo. Com Eve ao seu lado, ele se tornará o novo Alfa. E ele concorda.”

Ele tira um pequeno dispositivo do bolso e pressiona um botão. Uma conversa começa a ser reproduzida e reconheço a voz de Morris como o segundo locutor.

“...sabe o que você tem que fazer?”

“Eu entendo.”

Morris parece cansado.

“E quanto a essa mulher que você trouxe para a casa da nossa família? Você percebe que ela não é digna de ser chamada de sua companheira? Não me diga que você é tolo o suficiente para querer ter um filho dela?”

“Não pretendo me acasalar com ela. Ela me dá pena, por isso estou cuidando dela. Quando nossos feromônios passarem, vamos nos separar.”

“Você investiu muito tempo nela. Não está ciente do histórico dela?”

“Como eu disse,” Morris parece irritado, “sinto pena dela. Ela é um pouco patética, mas é ótima na cama.”

“Então você vai se casar com Eve quando essa aventura acabar? Você não tem intenção de se casar com essa coisa?”

Há uma breve pausa, e então Morris fala: “por que eu acasalaria com Aisha? Ela é só uma garçonne. Ela é legal e tudo mais, mas eu preciso da Eve ao meu lado. Mas não sei por que você trouxe ela aqui. Podia ter me avisado. Agora tenho que evitar que a Aisha fique histérica de ciúmes.”

Meu coração se corta com a insensibilidade de suas palavras e meus joelhos ficam fracos. É isso que ele pensa de mim?

Tem mais, mas eu ignoro o resto, meu coração latejando com uma dor cruel.

Posso sentir o som do meu coração se partindo. É uma sensação terrível, pois finalmente reconheço que fui uma idiota esse tempo todo, esperando por algo que nunca poderia ser meu. Estar com Morris me fez sentir como se eu fosse importante, como se houvesse alguém lá fora que me quisesse, que se importasse comigo. Mas acho que fui pega no calor do momento.

Minha garganta está apertada e meus olhos estão ardendo, mas eu me seguro. Meu lobo ficou quieto, enrolado em uma bola dentro de mim, essa traição tão intensa que nem mesmo um gemido escapa dele.

“Aisha?”

Eu me viro e vejo o Morris parado no corredor. Ele se enrijece quando vê Chris ao meu lado. Eu o encaro, engolindo a dor e a humilhação, enterrando em algum lugar dentro de mim. Não vou deixar que elas me controlem. Não vou deixar que controlem este momento. Não me resta nada, exceto meu orgulho. Não deixarei ele me ver quebrar.

“É verdade?” eu pergunto devagar. Essa fachada de calma é a coisa mais difícil que já tive de manter. “Você tem pena de mim? É por isso que me ajudou tanto? Porque acha que eu sou ótima na cama?”

“Os feromônios têm seu papel,” Chris interpõe, de forma prestativa, com um tom presunçoso na voz.

Mas eu o ignoro, meus olhos em Morris: “você não está negando.”

A expressão dele é cuidadosamente vazia.

O silêncio é ensurdecador e diz tudo ao mesmo tempo. Sinto meu lobo se enroscar mais em mim e compreendo sua dor.

Companheiros.

Em algum momento, entramos na dança do acasalamento. Só que eu nunca percebi. Em algum ponto do caminho, meus sentimentos se emaranham. Como vou juntar meu coração de novo agora?

Parece que tem um peso sufocante dentro do meu peito quando olho para o homem diante de mim. Quero odiá-lo, mas meu coração ainda não está pronto para isso. Meus lábios se curvam em um sorriso irônico: “bem, nós tínhamos um acordo, eu acho.”

Ele não diz nada, e vejo sua mandíbula ficar tensa. Meu sorriso se alarga, a agonia dentro de mim crescendo. Minha cabeça está latejando, meu autocontrole enrolado em mim como um cobertor tão apertado que não consigo respirar. Eu me recuso a deixar qualquer um desses homens me ver ceder.

Não vou dar esse prazer aos dois.

Levanto meu queixo e passo por ele. Ele não me impede, seu corpo rígido.

Continuo ouvindo suas palavras na minha cabeça como um disco quebrado.

Patética.

Só é boa na cama.

Sou tão idiota. Se não fosse pela gravação, eu não teria acreditado em uma única palavra. Sigo pelo corredor às cegas. Por que me trazer aqui? Por que fazer aquele show no jantar quando ele pretendia se casar com Eve o tempo todo, me descartando? Foi só para ele poder me comer mais algumas vezes?

Não faz sentido para mim. Era ele quem queria um relacionamento puramente físico. Eu concordei. E então ele foi e fez todas aquelas coisas, quebrando as próprias regras. Será que tudo isso foi só um jogo doentio para ele? Brincando com meu coração, me fazendo sentir que eu era importante?

Meus lábios estão trêmulos e eu os pressiono com mais força.

Não aqui. Ainda não.

Ainda não cheguei ao meu quarto quando o mordomo vira a esquina do corredor, bloqueando meu caminho. “Devo acompanhá-la até o portão da frente.”

Fico olhando para ele atordoada. Isso foi rápido.

“É uma da manhã,” finalmente consigo dizer.

Ele apenas me olha diretamente, com a sobrancelha erguida.

É claro.

“Ordens de quem?” Minha boca está seca.

“Mestre Morris.”

O último pedaço pendente do meu coração despedaçado finalmente cai e se desfaz.

Morris. Ele está me expulsando da mansão a essa hora da noite.

Tento me recompor: “minhas coisas—”

“Elas já estão no portão.”

“Entendi.”

Minha cabeça está girando, mas quando ele faz um gesto, não tenho escolha a não ser segui-lo. A mansão está assustadoramente silenciosa e escura enquanto desço os degraus. Ele caminha à minha frente, me levando até os portões de ferro. Não tem nenhum carro esperando. Quando ele fecha o portão atrás de mim, vejo um pequeno amontoado

no chão. Olhando mais de perto, percebo que o amontoado é composto por todas as minhas roupas e meu casaco jogados no chão.

Então, foi assim que ele decidiu terminar comigo? Me expulsou da casa da família dele na calada da noite, sem nem mesmo uma carona para casa. Esse lugar fica nos subúrbios distantes da cidade. Mesmo que eu corra na minha forma animal, não vou chegar antes do amanhecer. Olho fixamente para as roupas na beira da estrada. Agachada, deixo meus dedos passarem sobre elas, meus olhos ardendo em lágrimas. Eu me permito chorar.

Uma lágrima escorrega e depois outra, e eu solto um suspiro trêmulo. “Bem, não sei por que você está tão surpresa, Aisha.” Minha voz é calma enquanto me levanto: “de qualquer forma, nunca valeu a pena te amar. Agora, pelo menos, você tem certeza.”

Ao dar meia-volta, deixo todas as roupas que Morris comprou para mim, inclusive o casaco. Andando pelo trecho da estrada, não me arrepio com a brisa fria, entorpecida.

Eu só quero ir embora agora.

Voltar para casa e descobrir como juntar os cacos.

*** **

Na manhã seguinte, recebo um e-mail me informando que fui demitida do meu emprego.

Fico olhando para o e-mail. É simples e breve. Não preciso mais comparecer amanhã, e meu cheque de rescisão vai chegar pelo correio. O valor é decente o suficiente para me sustentar por alguns meses, pelo menos. Eu nem sabia que tinha direito a um cheque de rescisão.

Estou oca por dentro.

Eu já devia ter esperado. Afinal de contas, foi o Morris que me conseguiu esse emprego em primeiro lugar. Não é de se admirar que ele queira tirá-lo de mim. Ele não vai mais conseguir o que quer, então, obviamente, quer me fazer pagar por isso.

Tenho um mau pressentimento que a próxima coisa que ele vai me tirar é a minha bolsa de estudos.

Minha mão se fecha em um punho.

Não posso deixá-lo fazer isso. Não vou.

Não é fácil trocar de turma tão tarde no semestre, mas entro em contato com uma das minhas professoras do meu primeiro semestre de faculdade. Apresento uma versão distorcida dos acontecimentos, mantendo minha situação com Morris completamente de fora. É muita burocracia, mas ela permite que eu me inscreva em seu curso, e só posso fazer o exame se conseguir concluir todas as tarefas e projetos nessa última semana. Alegando uma infecção viral, uso a opção de aulas online da faculdade e, como não tenho mais emprego, deixo Harry com a Maddie, dedicando-me aos trabalhos e às tarefas do curso.

Eu não durmo. Mal me alimento, me tornando uma casca de mim mesma. Quando entrego as tarefas, tenho olheiras, mas nos meus olhos tem uma satisfação sombria porque sou liberada para prestar o exame em uma hora. Entrego o formulário de desistência da aula do Morris e o formulário para fazer o exame do novo curso.

Levo uma semana para fazer tudo isso, uma semana com náusea persistente. Também me candidato agressivamente a estágios e transferências para a faculdade irmã da minha faculdade atual. Talvez alguma entidade tenha decidido que é hora de me dar uma chance. No dia em que consigo um estágio em Salem, uma cidade bem distante de Portland, também aprovam minha transferência para a faculdade irmã na mesma cidade.

Esse é o dia em que eu quebro.

Choro como uma criança, e Maddie me abraça quando me encontra aos soluços.

Tudo está finalmente dando certo para mim e, mesmo assim, meu coração está tão vazio, tão partido que é difícil funcionar. Mas não posso parar. Não posso parar porque o mundo não parou. Harry não parou de precisar que eu lute por ele. E eu preciso me afastar o máximo possível desse lugar antes que o Morris decida divulgar como eu matei o Alfa da minha alcateia.

Vou embora no dia seguinte ao meu último exame, com tudo o que Harry e eu temos embalado em duas caixas. A empresa para a qual estou estagiando é uma startup, mas eles estão pagando a mudança e me ofereceram um apartamento. Não tenho notícias de Morris nesse meio tempo —não que eu esperasse ter notícias dele— e deixo o laptop e tudo o que ele me deu, grande ou pequeno, do lado de fora do prédio dele, pedindo ao porteiro para devolver.

Enquanto me sento no ônibus, com Harry ao meu lado, pergunto-me

se esse vazio algum dia vai desaparecer ou se a falta de autoestima vai se aliviar. Tem uma bola de gelo no meu peito enquanto me despeço de Portland em silêncio.

Preciso ir embora para me proteger de Morris, a única pessoa que sempre achei que ia me proteger.

Fecho os olhos.

É hora de um novo começo.

CAPÍTULO 20

Morris

Cinco Anos Depois

“Essa é a quarta boate a ser invadida este mês,” olho para o homem diante de mim, com o olhar duro. “Você está honestamente me dizendo que não consegue descobrir quem está protegendo esses traficantes?”

Joseph é um novo assistente, que contratei depois que me tornei o Alfa. Ele é mais ou menos competente, mas nos últimos cinco anos, desde que assumi o comando do império da minha família, o negócio de drogas para metamorfos se expandiu. Não conseguimos capturar nem uma única pessoa da operação deles e está começando a parecer uma tarefa fútil. Não sei por que pensei que dessa vez seria diferente.

Estou cada vez mais desesperado para acabar com esse cartel de drogas. Todo dia os membros mais jovens da alcateia começam a consumir essa droga e, como resultado, nossa alcateia está se enfraquecendo. Nunca pensei que veria o dia em que minha espécie se tornaria viciada.

“Tenho pessoas rastreando os bartenders,” diz Joseph rapidamente. “Eles devem saber de alguma coisa.”

Olho para o relatório, insatisfeito. Alguém poderoso está protegendo esse cartel, mas para proteger nossa alcateia, preciso eliminá-los.

“Hum, senhor?”

“O quê?” Olho para Joseph, que está com uma expressão desconfortável no rosto.

“Sua esposa ligou. Ela disse que queria que você almoçasse com ela hoje. Em uma hora. No Frontler Plaza. Já informei o motorista.”

Meus olhos se transformam em fendas quando levanto a cabeça para olhar para meu assistente. Minha voz é baixa e perigosa: “você trabalha para mim ou para minha esposa? Desde quando você toma decisões por mim?”

Joseph abaixa a cabeça, mas não diz nada.

Por que ele diria? Eu me pergunto com amargura, me recostando na minha cadeira. Afinal de contas, desde que assumi a posição de Alfa, todas as pessoas ao meu redor foram removidas, substituídas pelo pessoal do meu pai ou de Eve. Não tem mais ninguém na minha vida em quem eu possa confiar.

Nunca estive tão isolado.

Até as poucas pessoas que eu considerava meus amigos, os que podiam ser comprados pelo meu pai venderam sua lealdade, e os que não podiam foram colocados em algum lugar fora de alcance. Foi a única maneira do meu pai manter todo o seu poder.

“Saia do meu escritório!” eu grito. “E mande o motorista voltar. Eu mesmo vou dirigir.”

Joseph parece querer dizer alguma coisa, mas um olhar meu o silencia. Eu vejo ele sair correndo. Chris conseguiu controlar todos os aspectos da minha vida. Desde a morte do meu avô materno, há quatro anos, ele usa minha mãe para me controlar. Faz anos que não a vejo. Meu pai parece gostar de me torturar desse jeito.

Enquanto meu avô estava vivo, ele não podia fazer nada com minha mãe. Tudo o que ele podia fazer era mantê-la presa. Mas eu fui tolo e arrogante quando lhe dei outra moeda de troca, uma que ele podia usar contra mim. Uma que destruiu toda a minha vida tão facilmente.

Desde aquele dia, eu me tornei a marionete mais controlada do meu pai. Tudo o que faço é observado e informado.

Eu me levanto e, pegando as chaves do carro, saio para a área de espera do meu escritório e vejo Joseph no telefone. Ele está falando em voz baixa, e sei que está relatando tudo ao assistente do meu pai. Ele desliga o telefone com pressa quando me vê.

Desgraçado.

Todos eles.

Às vezes, eu só quero fechar os olhos e nunca mais acordar. Não consigo mais respirar. Essa vida está me sufocando. Sou só um cão cuja liberdade foi confiscada. Até minha escolha de comida foi tirada de mim. Só posso comer o que minha esposa decide que eu posso comer. Não posso mais entrar na cozinha. Então simplesmente pulo as refeições quando posso. Cada dia está ficando mais monótono e

sombrio, e minha força de vontade restante está se desgastando.

Teve uma época em que a minha vida era tão brilhante que eu esperava ansiosamente pelo dia seguinte. A felicidade floresceu e, como um idiota, eu entreguei essa felicidade nas mãos de meu pai.

Entrando na garagem, pressiono a chave automática do carro e deslizo para dentro dele assim que a porta se destrava. Ignorando o motorista que vem correndo na minha direção, dou partida. O que meu pai não entende é que, por mais que ele me amarre, ele e a Eve, ainda existe uma margem de manobra. Ainda estou lutando pela minha liberdade, pouco a pouco, mesmo nos dias mais sombrios.

O Frontler Plaza fica a meia hora de carro do meu escritório. Quando estaciono, vejo minha esposa sentada na janela. Fico olhando para ela por alguns segundos, com os dedos enrolados no volante e a bile subindo na garganta. Quando me casei com Eve, recebi a ordem de consumir o casamento, de acasalá-la. Meu pai e ela chegaram ao ponto de drogar minha comida para me deixar mais flexível. Mas meu lobo ficou furioso com a ideia de marcar essa criatura.

Pela primeira vez na minha vida, meu lobo forçou a transformação quando Eve tentou me tocar. A cicatriz nas costas dela é a prova daquela noite, e ela nunca mais me abordou desde então. Meu pai tentou várias vezes, mas um incidente foi mais do que suficiente para Eve. Felizmente, desde aquele dia, dormimos em quartos separados.

Ela é tão bonita quanto era no dia em que me casei com ela, mas sob essa beleza tem uma serpente fria e cruel. Quando Eve percebeu que não podia me seduzir ou exibir minha marca de acasalamento, ela se uniu ao meu pai para me ferir de outras maneiras. Ordens para almoçar ou jantar são um de seus passatempos favoritos.

Entro no restaurante e me inclino para beijá-la no rosto, obedientemente.

“Por que não deixou que o motorista te trouxesse?” ela pergunta calmamente, com seus olhos penetrantes. “Você sabe que eu não gosto quando você dirige.”

Levanto uma sobrancelha: “deve te incomodar quando seu fantoche ainda pensa por si mesmo.”

Os lábios dela se juntam em uma linha fina: “cuidado.”

Eu simplesmente a ignoro. “Vamos logo com isso. Quanto menos tempo eu passar com você, melhor.”

Não me importo muito com o lampejo de raiva nos olhos dela. “Você vai passar uma hora comigo para almoçar. Também temos que ir na casa do seu pai.”

Eu lhe dou um sorriso frio. “Já que você e meu pai renegaram o acordo na semana passada, não sei por que tenho que cooperar.”

“Ele te disse que estava ocupado—” Eve diz com os dentes cerrados.

“Faz anos que não vejo minha mãe,” sibilo. “Ele não para de quebrar sua promessa de me deixar vê-la. A essa altura, nem sei mais se ela está viva. Ou vocês dois cumprem sua parte do acordo, ou podem se ferrar.”

Dizendo isso, eu me levanto e deixo ela lá.

Sei que estou sendo precipitado, mas preciso lembrá-los de vez em quando de que tem alguém vivo e respirando na outra ponta da coleira nas mãos deles. Eu só concordei com esse casamento se pudesse ver minha mãe uma vez a cada duas semanas. Mas isso nunca aconteceu. Meu pai me dá desculpas atrás de desculpas, às vezes me mandando ir embora descaradamente. Uma parte de mim está ficando desesperada.

Ignoro o grito indignado de Eve enquanto volto para o carro. Ótimo, vou deixar ela cozinhar um pouco. Quando eu não aparecer no escritório, eles vão pensar que estou só com raiva e dirigindo sem rumo. Meus lábios se curvam em um sorriso sombrio. Essas pessoas são tão previsíveis.

Tiro um pequeno celular preto do bolso e envio uma mensagem.

Alguns minutos depois, estou entrando em um estacionamento vazio a dez quadras do restaurante. Tem um Mercedes preto discreto com vidros fumê esperando por mim, com o motor já ligado. Não desligo o motor, simplesmente saio do carro. O homem que sai do carro na minha frente tem um físico semelhante ao meu. Eu lhe entrego meu casaco e ele o veste, juntamente com o chapéu que passei a usar quando estou dirigindo. Deixei que minha esposa e meu pai atribuíssem essa moda a tendências e gostos estranhos, mas é estranhamente conveniente quando outro homem está dirigindo meu carro, fingindo ser eu.

Eu espero ele deslizar para o assento, com óculos de sol no rosto, antes de disparar da garagem, me deixando parado ao lado do outro carro. Meu sorriso é sombrio. Tem momentos em que eu quase desisto e aceito essa vida, mas meu espírito de luta ainda não foi

completamente erradicado. Se não pela minha própria vida, ainda tenho um motivo para continuar lutando, uma pequena brasa de esperança dentro de mim que guardei nos últimos cinco anos, me recusando a deixá-la se apagar.

Colocando meus próprios óculos de sol, entro no carro.

Nos últimos cinco anos, continuei a construir minha rede subterrânea. Agora, com o estado em que a alcateia se encontra e com meu pai colocando toda a culpa em mim, ele não tem nenhum interesse em procurar a fonte dessa podridão. Não quero que a alcateia morra sob a minha liderança. Essa é a desculpa que dei ao meu pai. Mas descobrir a fonte das drogas, por mais malsucedido que seja, é um disfarce. Nunca fui um alvo fácil e, depois que meu pai me esmagou, ele se esqueceu de que, por mais que eu odeie a ideia, o sangue dele corre nas minhas veias. Preciso me tornar uma entidade forte fora da alcateia para enfraquecer a coleira que meu pai colocou no meu pescoço.

Não é só a minha mãe que ele está usando contra mim. Todas as minhas contas bancárias estão sob o controle da minha esposa. Nem sequer tenho direito a um cartão de crédito. Meus dedos se flexionam no volante enquanto corro pela estrada para o distrito comercial de Portland. Será que eles realmente acharam que, se tentassem me humilhar dessa forma, eu ia aceitar de braços cruzados? Investi todas as minhas economias em ações e títulos e construí uma fortuna decente nos últimos anos. Também comecei a colaborar com Robert Montgomery, um empresário promissor cujas ideias são excêntricas e malucas e, ainda assim, assustadoramente boas. Ele também é o meio-irmão ilegítimo de Eve, rejeitado pela família deles. Hoje, tenho uma reunião com ele para investir em sua empresa.

A alcateia Montgomery é conhecida por ser financeiramente forte, e foi por isso que meu pai insistiu nesse casamento. Mas com o pai de Eve prestes a se aposentar, a alcateia está instável. Robert é ilegítimo, mas também é o filho mais velho. Tecnicamente, a posição de Alfa é dele. No entanto, o pai de Eve, Damien, quer que Charles se torne o novo Alfa, e é por isso que Robert foi exilado da família. Pretendo colocar Robert em seu devido lugar. Com Robert como o novo Alfa, eu teria uma base de apoio muito mais forte.

A família Montgomery não é tão limpa quanto tenta se apresentar ao mundo. Já faz um tempo que estou investigando seus negócios. Quando eu terminar com eles, eles vão se arrepender de ter destruído meu mundo. Paro no farol, com o coração dolorosamente apertado no

peito.

Olho pela janela para a faixa de pedestres, observando as jovens que passam por mim, meus olhos ainda procurando desesperadamente pelo único rosto que não vejo há cinco anos. Mas não importa o quanto eu olhe, nunca a vejo. Sei que é porque ela não está mais aqui.

Aisha se foi.

Nunca me esqueci da expressão quebrada em seus olhos quando ela me olhou há cinco anos. Ela me assombra. Mais do que ódio por mim, era rica com ódio de si mesma. Como se ela fosse se odiar para sempre por pensar que eu seria fiel. Às vezes, eu me pergunto se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse ido no apartamento dela no dia seguinte; se eu não tivesse sido tão arrogante e presumido que ela ia esperar por mim, acreditar em mim. Foi só quando percebi que ela nunca prestou o meu exame que perguntei por ela na administração. Ela já tinha trocado de faculdade e de curso. Já tinha deixado seu apartamento.

Simplesmente sumido.

E por mais que eu tenha procurado, não consegui encontrá-la. A faculdade não compartilhou nenhuma das suas informações e ninguém sabia onde ela estava. Nem minha vasta rede clandestina conseguiu localizá-la. Tudo o que consegui descobrir foi que ela entrou em um ônibus com o irmão e deixou a cidade.

Aisha nunca foi o tipo de pessoa que eu posso apagar facilmente da memória.

Já se passou meia década e ainda não consegui esquecer seu sorriso ou como ela me olhava às vezes, com um olhar de admiração. Nunca me esqueci de como a magoei em nossos últimos momentos juntos. E me mata ter perdido a chance de consertar as coisas. Eu sabia que me importava com a Aisha, mas uma ponta de arrogância em mim me dizia que era só preocupação. E mais tarde, quando esses sentimentos se aprofundaram, me convenci que ela precisava de mim e nunca me deixaria. Foi só quando ela foi embora que meus verdadeiros sentimentos me atingiram.

No começo, foi raiva. Raiva por ela ter simplesmente se levantado e ido embora sem me dizer uma palavra sequer. Ela podia ter esperado e tentado conversar comigo. Mas escolheu a saída mais covarde. Com o passar das semanas, a raiva foi substituída pela preocupação. Ela estava bem? Onde estava? Ainda tinha sua bolsa de estudos? Estava se

alimentando bem? E o dinheiro? Ela tinha dinheiro suficiente para um apartamento em um bairro decente? Depois da preocupação, veio uma grande quantidade de mágoa. Como ela pôde me deixar tão fácil?

Mas, com o passar dos anos, sua presença se tornou como um fantasma. Meu lobo ficou quieto e amargo. Ele perdeu o interesse em tudo. E agora estou só lutando pela sobrevivência, esperando que, talvez um dia, eu a veja novamente.

Suspirando, enterro minha própria dor no coração e entro no estacionamento.

Ao sair do carro, olho em volta e me surpreendo com a quantidade de recursos que Robert dedicou a este lugar. Lembro-me de seu pequeno escritório em Salem. Era um espaço apertado com só dois membros da equipe. Isso foi há menos de seis anos. Olho para a placa no topo do prédio.

Sky Enterprises.

Ele escolheu o nome mais ambíguo possível para não alertar sua família de seus empreendimentos comerciais. Mas seria difícil não notar um prédio desse tamanho em Portland. Acho que a empresa dele realmente decolou.

Não sei por que ele ainda quer meu investimento.

Lanço meu olhar ao redor, impressionado. A área é elegante, com lojas e cafés decorando a rua. Ao contrário de outros centros comerciais de Portland, esse é bem conservado. Também fica um pouco mais distante do centro da cidade, então talvez seja esse o motivo.

Fecho a porta do carro e olho para o outro lado da rua, para uma das cafeterias. Pela janela de vidro transparente, vejo uma mulher comprando um copo de café e alguma coisa em uma sacola de papel marrom. Minha mão aperta as chaves. O longo cabelo trançado lembra estranhamente o de outra mulher que conheci. A camisa azul clara e calça preta abraçam uma figura com as curvas em todos os lugares certos.

Ela se vira com um sorriso no rosto, e aqueles olhos verdes claros que ainda me assombram encontram os meus do outro lado da rua.

Seu sorriso se desvanece e meu coração quase salta pela boca.

Não pode ser!

Mas não tem como eu me enganar.

Aisha?!

CAPÍTULO 21

Aisha

Eu nunca quis voltar para Portland.

A cidade está manchada com lembranças dolorosas demais. E mais do que isso, eu tinha medo de quem podia me reconhecer.

Mas eu adoro meu trabalho e, quando acabei perdendo minha bolsa de estudos, foi meu chefe que financiou o resto do meu curso universitário. Ele não precisava fazer isso, e não consigo me esquecer desse favor. Então quando ele me disse que ia mudar a sede da empresa para Portland, eu mordi a língua e concordei. Afinal, Portland é uma cidade grande. Se eu não procurar encrenca, duvido que ela venha me procurar.

Ou pelo menos era o que eu acreditava até ver Morris Wolfguard me encarando do outro lado da rua da minha cafeteria favorita.

Ele está tão bonito quanto no dia em que me expulsou da casa de sua família, despedaçando meu coração e me forçando a deixar a cidade para minha própria segurança. O medo me invade e dou um passo para trás.

Mas o medo é temporário, porque me lembro que agora ele é um homem casado. Eu sou só uma lembrança do passado.

Um suspiro trêmulo sai dos meus lábios.

A lembrança do dia em que vi o anúncio de casamento nos jornais ainda não me deixou. Fiquei de joelhos, olhando para a foto dele, ao lado de Eve Montgomery, filha de um magnata dos negócios. *Eles ficam bem juntos*, pensei na época, com um aperto no peito. Um belo par, que combinava um com o outro.

No dia em que soube do casamento deles, eu estava segurando minha oferta de emprego em tempo integral na empresa onde tinha estagiado. Mas quando caí de joelhos, além da dor, também senti alívio. Alívio por estar segura. Se ele tinha alguém, não estaria mais interessado em me machucar. Uma parte de mim estava convencida que ele ia usar a morte de Ezekiel contra mim. Por anos olhei por

cima do ombro, esperando, com medo, preparando planos de contingência. Por um ano inteiro, deixei uma mala feita para mim e minha pequena família, para o caso de alguém aparecer. Mas ninguém nunca apareceu.

Foi então que vi a notícia do casamento.

Agora, ao vê-lo parado do outro lado da rua, sinto meu coração afundar. Esse tempo todo, consegui evitá-lo. Por que ele tinha que aparecer agora?

Tenho muito mais a perder agora do que naquela época!

Rapidamente me viro de costas para a janela de vidro, o coração batendo forte em uma ansiedade crescente.

Ele não se importa.

Ele tem um casamento feliz.

Ele tem tudo o que deseja.

Sou só uma pessoa de seu passado. Só isso. Ele provavelmente nem se lembra do meu rosto. Mas escuto a porta da cafeteria se abrir e alguém agarra meu pulso com um toque familiar, e eu me viro. Ficar cara a cara com Morris parece ter saído tanto de um pesadelo quanto de um lindo sonho.

Seus olhos estão arregalados em descrença enquanto ele me encara, segurando meu pulso com força, como se esperasse que eu fugisse.

“Aisha.”

Sua voz é rouca e instável, e ouvir meu nome em seus lábios faz meu coração tremer. Mas uma reação momentânea não é suficiente para enterrar os anos de medo, dor e amargura que suportei por causa dele. Dou um passo para trás, arrancando minha mão da dele. No processo, meu copo de café escorrega e cai no chão. O líquido escaldante me faz pular, e ele pisca como se tivesse voltado à realidade.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, a garota que estava atrás do balcão, Molly, vem correndo. “Eu cuido disso!”

Morris não se mexe, ainda me encarando.

Dou um passo para trás e, de repente, ele pergunta: “onde você esteve esse tempo todo?”

Quero dizer alguma coisa. Vendo ele assim, depois de todos esses anos, quero dizer coisas horríveis. Mas ele ainda tem todas as cartas nas mãos. Não posso me precipitar.

Abaixando a cabeça, tento passar por ele, mas ele me arrasta de volta, agarrando meu pulso de novo, com a voz dura: “eu te fiz uma pergunta, Aisha!”

Quando não digo nada, seus olhos se estreitam como se ele tivesse acabado de entender. “Você está com medo de mim?”

Aperto meus lábios em uma linha fina. Escutar o homem que guarda meu segredo mais perigoso me fazer essa pergunta me faz pensar na ironia da vida.

A expressão de dor em seus olhos é ainda mais surpreendente. “Você acha que eu faria alguma coisa para te machucar?”

É quando minha voz finalmente volta. “Sim.”

Minha resposta parece chocá-lo, e ele me estuda antes de murmurar: “você acredita mesmo nisso, não é? É por isso que ficou longe de mim esse tempo todo?”

“Eu tenho que ir.”

Tento me afastar, mas ele bloqueia meu caminho. “Precisamos conversar.”

Eu o encaro com firmeza. “Eu te dei a chance de conversar. Agora você está cinco anos atrasado. Por favor, me deixe em paz.”

Dou alguns passos para longe dele quando o escuto dizer calmamente: “estou procurando por você há cinco anos, Aisha. O mínimo que você pode fazer é sentar e tomar um café comigo.”

Quero continuar andando, mas uma vizinha dentro de mim adverte que pode ser uma boa chance de tirá-lo completamente do meu caminho. Afinal de contas, que mal um café pode fazer?

“Tudo bem.”

“Vou querer outra Delícia de Avelã,” olho para Molly antes de murmurar. “Desculpe pela bagunça.”

Ela parece estar se divertindo, olhando de relance entre mim e Morris. “Não foi nada.”

Faz três meses que voltei para Portland e, como sempre compro café na cafeteria da Molly, ela se tornou mais um ponto fixo na minha vida.

“E o que posso te oferecer?” Molly sorri para Morris.

“A mesma coisa que ela,” murmura Morris, distraído.

Acabamos nos sentando em uma cabine nos fundos. Morris fica em silêncio por um tempo, como se estivesse pensando profundamente. Aproveito a pausa para estudá-lo.

Ele perdeu peso. Uma quantidade significativa de peso também.

Não que isso afete sua aparência. Ele ainda é tão absurdamente bonito quanto era há cinco anos. Agora, no entanto, seus olhos carregam uma exaustão que não existia antes. E um nervosismo decente também.

“Como está o Harry?” ele pergunta abruptamente.

“Não quero falar do meu irmão com você,” mantenho minha voz educada, mas fria.

Para minha surpresa, ele se retrai. “Entendi.” Ele olha para mim, seus olhos procurando alguma coisa em meu rosto. “Você parece melhor.”

“Estou melhor.”

“Você— por que você foi embora?”

Meus olhos se estreitam: “você vai fingir que não sabe? O que é isso, Morris? Por que está agindo como se não tivesse me forçado a deixar a cidade?”

“O que—?”

Inclino-me para a frente, a voz afiada como um chicote: “você me trouxe para a casa da sua família e depois me expulsou como se eu fosse um ladrão no meio da noite. Você me fez sentir desprezível. E então, você decidiu fazer todo o possível para destruir a vida que eu tinha construído. Não bastava brincar com meu coração. Você tirou meu sustento, o único emprego que eu tinha, o que você me ajudou a conseguir. Eu sabia que era só uma questão de tempo até você vir atrás de mim e do Harry. Então, fui embora. Fui embora para me proteger de você e da sua família.”

O rosto de Morris está pálido: “do que você está falando?”

Solto uma risada amarga. “O quê? Eu era tão insignificante na sua vida que você nem se lembra de tudo isso?”

Molly traz o café, e eu coloco as mãos em volta da xícara.

Morris parece chocado demais para falar. “Então você se escondeu de mim todo esse tempo porque você acha—”

“Eu não imaginei nenhuma das coisas que aconteceram comigo, Morris,” eu interrompo, ofendida. “Por que você não diz o que tem que para dizer, e nós dois podemos voltar às nossas vidas?”

A expressão dele é tensa. “Eu não te expulsei da casa da minha família, Aisha. Me disseram que você foi embora. E nunca fiz nada com seu emprego. Quando fui até lá, me disseram que você tinha se demitido. E se você está preocupada com alguma outra coisa que acha que eu poderia fazer com você, eu nunca faria nada disso! Eu nunca ia te machucar.”

Minha mão aperta minha xícara, odiando como as palavras soam sinceras. Eu não acredito nele. Eu seria uma idiota se acreditasse nele a essa altura. “O que você quer de mim, Morris? Não quero ter nada a ver com você.”

“Aisha,” Morris parece cansado, “desculpe por não ter te impedido naquela época, mas o que estava acontecendo era muito mais—”

“Por que está se desculpendo comigo?” Eu me levanto, odiando como meu lobo está se enchendo de esperança. “Não quero suas desculpas porque sei que elas não são sinceras. Olhe, seja lá o que for que você queira de mim, eu não posso te dar. Construí uma vida para mim, por mais medíocre que ela seja aos seus olhos. Por favor, não me atrapalhe. Só quero que me deixe em paz. Por favor.”

Morris me interrompe, com seus olhos atentos: “seus feromônios.”

“O que tem eles?” pergunto, instantaneamente em alerta.

“Por que não consigo mais senti-los?”

Meus olhos ficam gelados: “porque eu não te quero mais.”

“Não é assim que funciona, Aisha.”

“Que diferença faz?” sibilo, frustrada agora. “Você é casado, Morris. Eve e você são perfeitos em todos os sentidos da palavra. Não fique desenterrando o passado. Não quero ter nada a ver com você.”

Sem dar a chance de ele responder, passo por ele, deixando algumas notas com a Molly. Não paro até atravessar a rua e entrar no prédio do meu escritório, a Sky Enterprises. Escaneio meu cartão e entro na área dos funcionários, correndo para o banheiro. Está vazio e eu espirro um pouco de água no rosto, tremendo de corpo inteiro.

Olhando para o meu reflexo, sussurro: “você devia ter mantido a calma, Aisha. Você falou demais.”

Mas foi difícil controlar minhas emoções traidoras diante do homem que me destruiu tão profundamente. Mesmo agora, eu não o odeio. Eu quero muito odiá-lo. Quero sentir raiva só de vê-lo. Mas o que senti hoje foi dor e pesar pelo que ele me fez passar, a agonia dos cacós quebrados do meu coração e preocupação. Preocupação com sua aparência cansada.

Ele negou tudo.

Nunca esperei que ele negasse o que me fez passar. Eu esperava que ele me ameaçasse, que fosse desagradável. O vilão da minha história é um homem cruel que destruiu minha vida de propósito. Morris não desempenhou esse papel tão bem.

Eu me endireito, limpo o rosto e tiro o batom da bolsa. Endurecendo meu coração, me concentro na mulher diante de mim. A mulher que está me olhando do espelho já enfrentou muita coisa. Ela construiu uma vida e conseguiu alcançar a maioria de seus objetivos. E fez tudo isso sem o Morris. Não tem sido fácil, mas eu lutei contra todas as adversidades, inclusive a mais inesperada de cinco anos atrás.

Colocando o batom de volta na bolsa, saio do banheiro.

Ele não vai voltar.

Tenho certeza que não vai.

Ao entrar no meu escritório, vejo um homem alto encostado na minha mesa, folheando um relatório que eu deixei por lá. Ele é muito bonito, se você ignorar a terrível cicatriz no lado esquerdo do rosto.

Robert Montgomery me deu uma chance há cinco anos com um estágio. Depois ele me ajudou a me mudar e, quando tive que tirar uma licença repentina da faculdade e acabei perdendo minha bolsa de estudos, foi ele quem se ofereceu para pagar o ano que faltava. Ele é meu chefe e meu amigo. Mas também é irritante.

“Pensei que tinha trancado meu escritório,” franzo a testa quando vejo

a barra de chocolate meio comida na mão dele. “Como você continua entrando?”

Ele sorri para mim, flexionando as garras: “é fácil abrir portas trancadas.”

Um lobo sem uma alcateia, Robert é como eu. Sua família o descartou há muito tempo.

“Pare de roubar meus doces,” pego o resto da barra.

“Não consigo evitar,” ele ri. “Você compra meu tipo favorito.”

“E também comprei uma sacola enorme para você.”

“É mais gostoso quando é roubado,” sorri Robert, pegando a barra de volta e devorando-a de uma vez só.

Reviro os olhos para ele: “por que você está aqui de verdade? O ar-condicionado do seu escritório está demais para você? Quer trocar de mesa?”

“Não vou comprar aquele ar-condicionado chique para você, Aisha,” Robert se afunda na poltrona ao lado da minha mesa. “Se eu comprar, você nunca mais vai sair do seu escritório. Na verdade, eu tinha uma reunião com um possível investidor. Mas ele acabou de adiar. Vai ser hoje à noite em vez disso. Só que eu tenho uma conferência hoje à noite, e não vou estar na cidade.”

Olho para ele enquanto ligo meu laptop. “Você quer que eu vá no seu lugar? Qual é o nome dele?”

“Ele é do Grupo de Investimentos Hemlock. Na verdade, é o presidente.”

Meus olhos se arregalaram. “Espere, não é ele que é todo discreto com a própria identidade? Como você conseguiu uma reunião com ele?”

“Nós nos conhecemos há muito tempo,” Robert diz, todo convencido. “Mas enfim, não esqueça de ir bem vestida, porque a reunião vai ser em um hotel cinco estrelas. E antes que você diga qualquer coisa, eu já liguei para o Harry. Ele disse que pode cuidar da casa por uma noite se eu levar bolinhos de porco para o jantar de amanhã.”

“Pare de subornar meu irmão com comida,” resmungo, mas me sinto aliviada. “Tudo bem. Me envie as notas para a reunião por e-mail e eu vou começar a me preparar.”

Robert concorda com a cabeça. “Ótimo. Mas você tem algo bonito para vestir, certo? Ou preciso te comprar—”

Eu olho feio para ele. “Deixe-me em paz.”

Ele apenas sorri: “tudo bem. Tudo bem. Mas eu podia te levar para comprar um vestido.”

“Você podia me dar um aumento de salário se realmente quer jogar dinheiro fora.”

“Nos seus sonhos.”

Quando ele sai, fechando a porta atrás de si, eu olho para cima, com um pequeno sorriso nos lábios.

Nunca pensei que, todos esses anos depois, eu seria chefe de departamento desta empresa. Minha equipe é pequena, mas eficiente. Quando entrei na empresa, me transferi para a área de Análise de Marketing e apoiei o Robert enquanto ele construía seu negócio do zero. Começamos com três funcionários e agora ele tem uma equipe de cem pessoas sob seu comando, e eu também estou em um cargo executivo. Mas nossa jornada juntos não foi sem dificuldades. Robert também é um lobo e me ajudou com Harry quando ele ficou mais velho, ensinando ele a caçar e brincar. Robert se tornou parte da nossa pequena alcateia improvisada, uma família de verdade.

Fico olhando para a porta.

Nada consegui preencher o buraco que Morris deixou no meu coração. Respeito o Robert e considero ele um amigo, mas o dia em que Morris arrancou meu coração foi o dia em que eu renunciei ao amor.

Meu peito está apertado.

Tenho que evitar o Morris, custe o que custar. Tenho muito a perder dessa vez.

*** **

Entro no saguão do hotel, em uma armadura que inclui minha pasta de arquivos e um vestido preto de mangas compridas com um decote modesto. Combinei o vestido com uma fina corrente de prata no pescoço e um par de brincos brilhantes. Meu cabelo está preso em um coque frouxo e minha maquiagem é leve e profissional. Afinal, não quero dar a ideia errada ao nosso futuro investidor.

Pensei que Robert tivesse feito uma reserva no restaurante do hotel, mas, em vez disso, sou conduzida a um quarto particular onde vejo uma mesa de jantar. Pisco os olhos para a cena e olho para a mulher ao meu lado. “Tem certeza que esse é o lugar certo?”

Ela concorda com a cabeça: “o nosso hóspede requisitou discrição e privacidade. Este é um quarto particular, totalmente pago. Os pedidos podem ser feitos pelo tablet, e a comida e as bebidas serão entregues por mim. Também tem uma área de conferência anexa e um banheiro. Eu lhe asseguro que vocês não serão incomodados.”

Eu sabia que o presidente do Grupo Hemlock era muito reservado, mas isso é um pouco demais.

“Entendi,” murmuro.

“Posso oferecer um drink primeiro, Srta. Hart?”

“Só um copo de água,” sorrio para ela. “Obrigada.”

“Tem garrafas na geladeira no canto. Pode se servir do que quiser.”

Quando ela sai, meus pensamentos se voltam para esse investidor elusivo que deixou mais da metade do mundo dos negócios morrendo de curiosidade. Será que o Robert pode mesmo me deixar conhecê-lo? Um pouco nervosa, levanto para pegar uma garrafa de água na geladeira no canto da sala. Acabo de abrir a tampa quando escuto a porta se abrir.

Eu me viro rapidamente, queimando de vergonha: “sinto muito—”

As palavras morrem na minha garganta quando a última pessoa que eu esperava ver hoje entra.

Morris não parece tão chocado, quase como se estivesse esperando me encontrar.

“Este é um quarto particular!” Recupero o juízo e rosno para ele.

“Você está me seguindo?!”

Quando vi ele hoje de manhã, Morris parecia abalado. Agora, ele parece mais composto.

E eu odeio isso.

“Estou ciente,” ele diz suavemente, fechando a porta atrás de si.

“Acredito que você estava me esperando.”

Quando ele se aproxima, finalmente entendo. “Você é o investidor misterioso? O presidente do Grupo Hemlock?”

Seu sorriso tem um toque de astúcia: “culpado.”

Meu coração se afunda.

O Robert sabia disso? Eu nunca mencionei o nome do Morris para ele, mas ele sabe que existiu alguém e que eu saí terrivelmente machucada. Tem que ser uma coincidência, certo? Não tem como o Robert me colocar deliberadamente na mesma sala que o homem que me humilhou e partiu meu coração.

“Vamos nos sentar e conversar, Aisha,” diz Morris com tranquilidade.

Antes que eu possa me mexer ou dizer qualquer coisa, meu telefone toca.

Com os olhos fixos em Morris, atendo a chamada.

A voz do outro lado me faz sorrir de leve, e o calor me preenche quase instantaneamente enquanto eu escuto. Depois de alguns breves segundos, murmuro: “eu sei. Eu sei. Não vou me atrasar hoje.”

Vejo como Morris está me observando e uma onda fria de raiva e medo toma conta de mim, juntamente com uma determinação cada vez mais forte.

Nunca. Nunca mais vou aceitar o Morris. Nunca posso deixar ele saber que me deixou um último presente de despedida, todos esses anos atrás.

Nunca vou deixar o Morris conhecer nosso filho.

CAPÍTULO 22

Morris

“Eu também te amo, querido.”

A suavidade no rosto de Aisha, a adoração em seus olhos enquanto ela fala no celular, faz minhas mãos se fecharem em punhos. Nunca vi essa expressão no rosto dela antes. Nunca escutei ela falar com ninguém desse jeito.

Quando?

Quando isso aconteceu?

Quando foi que Aisha se tornou de outra pessoa?

Meu lobo uiva de indignação enquanto a mágoa e a raiva se instalam. Cheguei tarde demais?

Quando ela olha para mim, seu olhar é frio e gelado, uma determinação de aço naqueles lindos olhos verdes. Durante todo esse tempo que passei procurando por ela, nem uma vez pensei que Aisha teria me superado, que teria encontrado alguém para amar. E me dou conta. Eu nunca deixei de amá-la. Esse tempo todo, lutei pela minha liberdade; lutei para quebrar essas correntes que me prendiam. A luz no fim do túnel sempre tinha Aisha lá, esperando por mim.

E agora, quando olho para ela, conversando tão gentilmente com um homem que não sou eu, a raiva cobre a dor e tenta acalmá-la.

Ela encerra a ligação e coloca o celular na bolsa.

“Quem era?” Minha voz está carregada de raiva. “Nunca ouvi você falar com ninguém desse jeito.”

“Não é da sua conta,” ela rebate, com a voz dura. Mas essa mágoa está se alastrando dentro de mim como uma praga dolorosa. Foi tão fácil assim para ela me esquecer?

Nunca vi esse lado de Aisha. A mulher de que me lembro era cautelosa e tinha uma língua afiada, mas nunca foi tão abertamente hostil comigo. Minha mente pode aceitar que ela seguiu em frente com sua

vida, mas meu coração se recusa. Meu animal declarou posse dessa mulher desde a primeira vez que a levei para minha cama. Mesmo com toda minha negação na época. Desde que ela me deixou, parece que minha vida está pintada em tons de cinza e branco, um vazio do qual nunca consegui me livrar. Quando vi ela de novo depois de todos esses anos, na cafeteria do outro lado da rua —assim que nossos olhos se encontraram— senti que finalmente podia respirar. Meu lobo, que estava tão agitado, tão irritado, finalmente relaxou.

Mas Aisha parece inflexível em me rejeitar. E agora faz sentido.

“Você tem um amante?” Tem um tom perigoso na minha pergunta, meu lobo rosnando. Estou avançando para ela agora: “desde quando? Quem é?”

Seus olhos se estreitam em pequenas fendas. “E se eu tiver, Morris? O que você tem a ver com isso? Se você se esqueceu, eu era pouco mais do que um caso de caridade para você, lembra?”

Sua voz está irritada, mas seus olhos, posso ver a dor neles, e minha própria voz fica presa na garganta.

“Você devia ter se lembrado do nosso acordo,” diz Aisha. “Devia ter cumprido o planejado. Estávamos só transando um com o outro, só isso. Nada mais, nada menos. Eu nunca te pedi mais nada. Então, não vamos fingir que *teve* mais nada. Nosso acordo acabou, está feito. Nós dois conseguimos o que—”

Ela está tentando passar por mim, mas eu a agarro pelo braço, puxando ela para trás até meu rosto estar a centímetros do dela, minha voz feroz: “não. Se estiver com raiva, pode gritar comigo, me insultar, mas não finja que não houve nada entre nós!”

“Não houve!” ela levanta a voz e, dessa vez, sob a mágoa, vejo a dor crua e agonizante. “Não teve nada, e você devia saber disso mais do que ninguém. E sim, eu tenho alguém na minha vida! E ele é melhor do que você em todos os aspectos possíveis! Você nem se compara a ele! Ele é mais gentil do que você, mais carinhoso do que você e me ama! Não que isso importe!”

Ela agarra minha mão esquerda, forçando minha aliança de casamento no meu rosto. “Está vendo isso? Você não pode se importar ou fingir que está arrasado. Você não esperou nem três meses para aceitar outra mulher como sua companheira, então pare de fingir que se importa.”

Meus ouvidos estão zumbindo.

Ela confirmou com a própria boca.

Ela tem um homem na vida dela, possivelmente mais do que só um amante.

Meu lobo está rosnando de raiva, furioso com essa descoberta. Então, tem outro homem que a abraça e a toca? Ela permite que outro homem passe as mãos pelo corpo dela? Só de imaginar um homem tocando Aisha, beijando-a com ternura, está me deixando louco.

Sem pensar, eu a agarro pela nuca, arrastando ela para a frente, minha boca descendo sobre a dela em uma enxurrada de calor, desejo e raiva.

O primeiro toque é como um choque elétrico no meu sistema. Meu lobo, que rejeitou violentamente o toque de Eve, rosna de prazer e satisfação.

Espero que Aisha resista ou, no mínimo, me dê um soco, mas ela não faz nada disso. Seus dedos se enroscam na frente da minha camisa e um gemido sai de seus lábios. A química entre nós é inegável, seus lábios se separam, quase como que por instinto, enquanto eu a pressiono na parede, com uma das mãos em volta de sua nuca, mantendo ela no lugar, enquanto a outra acaricia seu corpo por cima do pequeno e elegante vestido. Seus seios estão mais cheios e redondos, e eu os aperto, ansioso para colocar minha boca neles.

Eu quero ela nua embaixo de mim, gemendo, soluçando meu nome. Quero que ela se ajoelhe, controlada por aquele desejo irracional, como na nossa primeira vez. Um beijo e meu corpo já quer o dela como uma droga, seu cheiro, suas curvas, me levando ao limite da minha sanidade.

Minha língua mergulha na boca dela, provando ela de novo e de novo, lambendo, mordendo seu lábio inferior. Seu corpo se encaixa perfeitamente no meu; seus movimentos igualmente frenéticos e desesperados, e a verdade é apenas reafirmada para mim. Ela pode mentir o quanto quiser, mas, no fim das contas, seu corpo trai seu verdadeiro desejo.

É quando minha mão mergulha sob seu vestido que os olhos de Aisha se abrem, chocados e conscientes. A mão dela se enrola em volta do meu pulso. Ela não é forte o suficiente para me impedir se eu quisesse continuar minha jornada, mas basta um toque de advertência para me fazer congelar.

“Não,” a voz dela é áspera e trêmula. “Isso não vai acontecer.”

Ela coloca as duas mãos no meu peito e me empurra para trás, seu rosto vermelho. “Eu não vou dormir com você. Você está acasalado—”

“Eu nunca dei minha marca de acasalamento!” eu explodo. “Eu guardei ela para—”

“Para mim?” Uma risada amarga e esfarrapada sai da boca dela. “Por quê? Para que eu pudesse me tornar sua companheira e ela sua esposa? Para eu ser seu segredinho sujo enquanto ela fica ao seu lado?”

Ela parece furiosa agora, sua expressão dolorida. “Nunca vou ser sua prostituta, Morris. Não vou ter o mesmo destino que a sua mãe.”

Fico pálido com as palavras dela: “desculpe?”

“Você acha que eu não sei?” ela diz. “Você acha que eu não sei o que você planejou para mim? Sei que seu pai acasalou com sua mãe e depois prendeu ela para poder ficar com uma mulher de sua escolha, uma mulher que ele considerava superior. Você acha que eu deixaria você fazer isso comigo?”

Suas palavras me deixaram profundamente abalado. “Você não sabe do que está—”

“Eu sei,” a voz dela é instável, mas firme. “Sei o que seu pai me disse. Sei o que a mulher que cuidava da sua mãe me disse. E sei o que você disse na gravação daquela noite. Não vou ser uma vítima, Morris. E não vou deixar que você me faça de idiota.”

Pegando a bolsa, ela corre para a porta.

Não tenho forças para impedi-la, olhando fixamente para o local onde ela estava.

Sei o que seu pai me disse. Sei o que a mulher que cuidava da sua mãe me disse. E sei o que você disse na gravação daquela noite.

Suas palavras estão ecoando nos meus ouvidos.

Se eu soubesse que meu pai estava gravando nossa conversa, eu teria ficado quieto. Mas eu estava desesperado para proteger Aisha, especialmente depois do que ele tinha acabado de me dizer. Eu teria dito qualquer coisa para protegê-la. Foi só quando ouvi meu pai tocar aquela gravação para Aisha que percebi suas intenções. Mas a essa altura já era tarde demais. Se eu tivesse negado qualquer coisa, não sei o que meu pai teria feito com ela.

Mas ela não sabe de nada disso. Ela nunca me deu a chance de explicar.

Afundo em uma das cadeiras, com a cabeça entre as mãos. Mas, então, a culpa não é inteiramente dela, não é?

Até meu noivado com Eve ser anunciado, eu fiquei confinado em casa. Até meu casamento ser oficializado, todos os meus movimentos foram vigiados. Se eu tivesse tentado, podia ter saído às escondidas e me encontrado com Aisha, mas quis esperar até as coisas esfriarem. Eu tinha tanta certeza de que ela entenderia que foi tudo por ela e que eu estava só tentando protegê-la. Eu tinha certeza de que ela teria fé em mim.

Eu fui tão arrogante.

E, na minha arrogância, destruí tudo.

*** **

Não costumo ficar bêbado.

Na verdade, faço questão de evitar ao máximo o consumo de álcool.

Sinto meu telefone vibrar, mas o ignoro, sentado no escuro, bebendo vinho e olhando sombriamente para a porta. Escuto o som de uma chave sendo inserida na fechadura e, depois de um momento, a porta se abre. As luzes se acendem e escuto alguém sibilar.

“Morris?!”

Olho para um Robert cauteloso e bebo meu vinho de novo, ignorando-o.

Ele fecha a porta atrás de si e joga as chaves na mesa lateral. “Por que você invadiu meu apartamento?”

“Eu não sabia para onde ir,” resmungo sombriamente. “Sua irmã tem olhos e ouvidos em toda parte. Ou ia para casa e cumprimentava a cria de Satanás ou vinha para cá.”

Robert pega a garrafa de vinho pela metade e faz uma careta. “E você roubou minha melhor garrafa. Isso vai te atingir em cheio amanhã.”

“Ela acha que sou escória,” murmuro.

“Quem, a cria de Satanás?”

“Sua chefe de marketing.”

“Aisha?” Robert pisca, senta ao meu lado e toma um gole de vinho direto da garrafa. “Sabe, fiquei meio surpreso quando você disse que a conhecia. Quer dizer, eu não deixo qualquer um se encontrar com a Aisha. Sou meio paranoico com a possibilidade de alguma empresa roubá-la debaixo do meu nariz.”

Quando não digo nada, ele me dá uma cotovelada. “Então, como vocês se conhecem?”

“Eu parti o coração dela,” esvazio minha taça de vinho com tristeza. “E antes que eu pudesse consertar as coisas, ela fugiu. E agora ela acha que sou a escória da Terra e não quer nem falar comigo.”

Robert me encara por um longo momento antes de apoiar a garrafa de vinho na mesa. “Espere, você é o desgraçado que en—” Ele se interrompe, com uma expressão preocupada no rosto. “Você pisoteou o coração dela. Não sei qual estrago você fez, Morris, mas ela nunca te superou. Nunca mais olhou para outro homem depois de você.”

Minha mão se detém e minha cabeça se levanta para encontrar o olhar de meu amigo. “O quê?”

Ele dá de ombros.

Pouso minha taça: “você está dizendo que ela é solteira? Ela não tem um namorado ou alguém na vida dela?”

Robert me lança um olhar estranho. “Confie em mim, eu saberia se tivesse um homem. Ela trabalha para mim há cinco anos, Morris. Nunca senti o cheiro de um homem nela.” Então, de repente, ele me encara: “não que você tenha o direito de perguntar sobre a vida romântica dela. Você é um merda. Eu soube do que você fez com ela.”

“Ah, foi?” pergunto secamente. “Duvido que ela tenha te contado tudo. Não é do feitio da Aisha compartilhar detalhes sórdidos.”

“Bem, ela me deu uma visão geral,” Robert faz uma careta. “E você foi um tremendo de um cretino.”

Não me importo com o que ele pensa de mim. Estou mais interessado em saber por que Aisha mentiu para mim sobre ter um homem na vida dela. Ela achou que ia me assustar?

“Quantas vezes mais ela acha que pode me abandonar?” murmuro sombriamente. “Ela vai ter que me encarar em algum momento.”

“Ela tem todo o direito,” começa Robert, antes de parar e me encarar. “Espera, como assim te abandonar? Está dizendo que ela foi embora no meio da reunião?”

“Nem chegamos à parte da reunião,” eu o informo.

“Espera aí,” Robert me lança um olhar sujo. “Você está me dizendo que me fez pagar uma fortuna por aquele maldito quarto particular no hotel mais caro que você conseguiu encontrar, só para não fazer nenhuma reunião?”

“Eu vou te reembolsar,” digo, vagamente.

“Pode apostar que vai,” Robert pega a garrafa de vinho e a bebe por um minuto inteiro. Depois de colocá-la no chão, ele balança a cabeça. “Eu nunca devia ter concordado em deixar você se encontrar com a Aisha. Ela deve estar tão chateada agora.”

“Vou investir na sua empresa se ela for minha pessoa de contato,” digo de repente.

Robert não perde o gingado: “ela é toda sua.”

“Belo amigo,” reviro os olhos para ele, mas ele me ignora.

“Mas se você fizer qualquer coisa para magoá-la, está tudo cancelado, e vou ficar com o seu investimento,” ele me avisa. “Posso ser um amigo de merda, mas ainda sou um amigo.”

Não sei se isso vai funcionar, mas preciso que a Aisha possa ficar comigo em um quarto pelo menos por tempo suficiente para esclarecer a situação entre nós. Mas uma coisa continua me incomodando. A pessoa com quem ela falou ao telefone na minha frente tinha de ser um homem. Não consigo imaginar Aisha conversando com o irmão dela com tanta delicadeza. Aquele olhar nos olhos dela é algo que eu nunca vi antes.

“Acho que você está errado,” murmuro, meu humor caindo de novo. “Ela tem alguém especial na vida dela. Eu vi ela falar com ele no telefone. Com uma voz toda suave e gentil.”

Os lábios de Robert se contraem por um momento, mas quando eu pisco os olhos, ele está só me olhando com uma expressão séria no rosto. Será que eu imaginei um lampejo de humor?

“Eu nunca escutei ela mencionar um namorado, e você sabe que eu ia sentir o cheiro nela se ela tivesse sido íntima com alguém,” Robert dá

de ombros. “Por falar em sexo, ouvi uma novidade do Frank.”

Frank é o filho mais novo dos Montgomery. De todos os irmãos de Robert, ele é o único que se importa com o irmão mais velho.

“Aparentemente, Damien ordenou que Eve desse um jeito de conceber um herdeiro. Ela tem de dormir com você de um jeito ou de outro, sendo que o outro é um sedativo muito forte que Damien deu para ela. Vai te deixar inconsciente em minutos.”

Meu sangue fica frio: “ela não faria isso. Meu lobo iria matá-la”

“Não se ele tiver desmaiado,” diz Robert com severidade. “E o sedativo que ele conseguiu para ela não é piada, Morris. É melhor você tomar cuidado com o que come naquela casa.”

“Eu vou ficar aqui—”

“Acho que não,” Robert zomba. “Não vou atrair minha irmã maluca para minha casa. Ela e Charles já me causaram problemas o suficiente.”

A mão dele vai pousar na parte cicatrizada do rosto, quase sem querer.

Sei que Eve e Charles orquestraram os eventos que levaram às queimaduras no rosto de Robert. Mas foi o pai deles que se recusou a levá-lo a um curandeiro. Quando o ferimento cicatrizou, ele chamou Robert de deformado e expulsou ele da família.

Se Robert e eu não fôssemos amigos desde a faculdade, ele podia ter me evitado também, para ficar longe da família sedenta de poder. Mas então nós dois ficamos presos no mesmo barco.

“Mas eu deixo você jantar aqui,” meu amigo oferece como um compromisso. “Quer dizer, minhas habilidades culinárias são inexistentes, então você vai ter que cozinhar para nós dois.”

“Isso não é um compromisso.” Ele me dá um sorriso presunçoso e eu responde com um olhar desagradável. “Você só quer comida de graça.”

“Sempre.”

Balançando a cabeça, eu me levanto. “Vou pegar qualquer coisa no caminho para casa. Mas sua irmã está ficando impossível. Vou acabar matando ela.”

“Se você pudesse, já teria feito,” Robert bufa enquanto eu saio. “E se

você invadir minha casa de novo, pelo menos cozinhe algo para mim!”

Talvez eu cozinhe mesmo, penso comigo mesmo. No momento, Robert é meu único acesso direto a Aisha. Se alguém pode me ajudar com ela, é ele.

Meu humor fica mais sombrio quando entro no carro. Com Aisha de volta à cena, preciso acelerar meus planos. Não posso correr o risco de perdê-la novamente. Ela pode me odiar agora, mas tudo o que fiz até hoje foi necessário para nós dois.

Volto para o estacionamento, onde meu carro de verdade está me esperando. Trocando de carro, volto para casa, comprando um sanduíche em uma lanchonete no caminho. Eve pode se achar esperta e ardilosa, mas eu nunca vou tocar nela. Esse casamento sempre vai ficar só no papel.

Ela já está me esperando quando entro em casa, com os braços cruzados sobre o peito e um olhar frio nos olhos. “E onde você esteve?”

“Vou para a cama,” passo por ela.

Ela bloqueia meu caminho, furiosa. “Eu te fiz uma pergunta, Morris!”

“E eu não te considero digna o suficiente para responder,” eu digo com severidade. “Então saia do meu caminho, ou eu mesmo vou te remover.”

Vejo a raiva cintilar em seus olhos. “Você não fala comigo desse jeito. Não se esqueça de quem—”

Minha língua está afiada demais para me conter. Talvez seja o fato de saber que perdi a mulher que amo por causa dessa criatura diante de mim. Abaixando a voz, dou um passo na direção dela, certificando-me de que ninguém pode nos ouvir. “Não me provoque, Eve. Ou, um dia, você pode se arrepender.”

O rosto dela fica branco: “você está me ameaçando?”

“Por que está tão surpresa?” pergunto com um sorriso frio no rosto. “Você achou que eu não usaria seus próprios métodos contra você?”

Ela parece chocada demais para dizer qualquer coisa e, dessa vez, quando me afasto, ela não me impede.

Quando a comida chega no meu quarto mais tarde, eu deixo ela intocada.

Esses idiotas.

Mesmo que Robert não tivesse me avisado, o cheiro da droga é tão óbvio que até um imbecil ia perceber que a comida foi adulterada.

Deixe eles jogarem seus joguinhos, penso em silêncio, olhando pela janela. O fim está próximo.

CAPÍTULO 23

Aisha

Minha cabeça está uma bagunça enquanto experimento o molho de carne.

Posso ouvir o som da televisão ligada no outro cômodo, junto com duas vozes gritando alguma coisa incompreensível. Meus lábios se curvam suavemente quando escuto o som macio de pés pisando no chão. Alguém puxa minhas calças: “mamãe?”

Olho para baixo e vejo um garotinho de cabelos escuros com grandes olhos verdes. Toby herdou o olhar sério do pai. Mesmo agora, enquanto puxa meu moletom, ele se parece tanto com Morris que meu coração dói.

“O tio Harry não está me deixando comer os doces dele.”

“Seu mentiroso!” Harry entra pela porta, indignado. “Eu juro, Aisha, ele pegou três pedaços e deixou só um para mim!”

Vejo o sorriso malicioso no rosto do meu próprio filho. Ele se esforça para escondê-lo, mas é tarde demais.

“Toby,” eu pego ele no colo com um olhar firme. “Você sabe o que acontece com os mentirosos?”

Harry olha para ele por cima do meu ombro: “os duendes noturnos comem eles todinhos.”

Toby tem só quatro anos de idade e acredita em tudo e em todos. Seus olhos ficam redondos como pires e seu lábio inferior treme. “Duendes noturnos?”

Harry concorda seriamente com a cabeça: “criaturinhas horrorosas. Elas gostam de mastigar dedos dos pés como se fossem sobremesa. Mas elas acham que só meninos mentirosos têm gosto de doce.”

Dou uma cotovelada no meu irmão mais novo, resmungando: “pare de lhe dar pesadelos.”

Toby imediatamente enterra o rosto no meu ombro. “Desculpe!”

Desculpe! Eu comi os doces! Não quero que os duendes comam meus dedos dos pés!”

“Tudo bem,” Harry parece um pouco culpado agora, coçando a nuca. “Aposto que eles acham seu gosto nojento de qualquer jeito.”

“Mamãe!”

“Harry!”

O caos na casa é interminável quando Harry pega o sobrinho e coloca ele nos ombros: “vamos pôr a mesa. Vamos comer esses duendes antes que eles comam você!”

Enquanto ele leva Toby embora, eu desligo o fogão e começo a virar a comida em um prato.

Com Harry no primeiro ano do ensino médio, ele me ajuda muito com o Toby. Quando soube que estava grávida, não tive outra opção a não ser abandonar meu estágio ou a faculdade. Então, acabei largando a faculdade. Eu estava recebendo um bom salário pelo estágio e não podia me dar ao luxo de desistir. Se Robert não tivesse me abordado no meu pior momento, e eu não tivesse desabado e contado trechos do que eu tinha passado, talvez eu não estivesse aqui hoje. Ele segurou minha mão, me ajudou durante a gravidez e me deixou trabalhar em casa nos dias em que eu estava enjoada demais para ir no escritório. E quando tive o Toby, ele me deixou levá-lo para o trabalho até eu encontrar uma creche adequada.

Se não fosse pelo Robert, eu teria passado por maus bocados. Pelo que sei, podíamos até estar nas ruas. Mas pensar que, esse tempo todo, Robert e Morris eram amigos é difícil de digerir. Como alguém tão gentil como Robert pode ser amigo de uma pessoa tão cruel como Morris?

Apoio minhas mãos no balcão de mármore, com a cabeça baixa.

Morris.

Vê-lo hoje foi como um soco no estômago.

No fundo da minha mente, eu sempre imaginei que, se nos cruzássemos novamente, eu seria dura e espirituosa e ia deixar claro que ele não tinha mais lugar na minha vida. Que eu o machucaria como ele me machucou. Mas bastou um beijo e meu próprio corpo me traiu.

Esse tempo todo, nunca deixei que ninguém me tocasse, nem mesmo olhei para outro homem. O escritório em que trabalho tem tanto metamorfos quanto humanos, e não é que eu não tenha recebido atenção ou que não tenha sido convidada para sair várias vezes. Só que bastou uma experiência para que eu me tornasse fria e amarga por dentro. Talvez tenha sido porque eu era jovem e confiei no Morris. Depois de anos de abuso nas mãos do meu pai e da minha alcateia, decidi confiar nele. Deixei que ele derrubasse minhas barreiras e, em troca, tudo o que recebi foi mágoa e humilhação. Foi quase como se ele tivesse esperado eu me apaixonar antes de mostrar sua verdadeira face.

Na minha cabeça, ele se tornou o grande vilão, o grande mal, e, no entanto, o homem que vi hoje parecia tão cansado, como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. Ele olhou para mim com olhos exaustos e cheios de esperança, e uma parte de mim, sob toda aquela raiva, se perguntou o que pode ter acontecido com ele. Fiquei surpresa por ele nunca ter dado a Eve sua marca de acasalamento. Eu tinha tanta certeza de que, comigo fora de cena, ele faria exatamente isso. Mas não me esqueci do que o pai dele me disse e do que Morris falou na gravação.

Quero me afundar no chão de vergonha e raiva. Meu corpo ainda anseia por seu toque. Mas só porque meu corpo quer alguma coisa, não significa que vai receber. Morris é como um veneno que vai me destruir.

Especialmente agora.

Olho por cima do ombro para onde se ouve o barulho de pratos tilintando.

Se ele descobrir que tem um filho, vai tirar o Toby de mim. Se ele nunca deu a Eve a marca de acasalamento, então faz sentido que eles nunca tiveram filhos. Só um casal acasalado pode ter filhos. Ele vai tirar Toby de mim para criá-lo como seu herdeiro. Não posso deixar ele nos separar, mesmo que isso signifique levar minha família para longe daqui. É uma decisão difícil, mas é a única opção lógica.

Eu nunca devia ter deixado Robert me convencer a voltar para Portland. Não posso arriscar que a existência do Toby seja descoberta. Mesmo que agora eu esteja financeiramente estável, talvez até bem de vida, Morris é o Alfa dessa cidade. Ele tem contatos e o meu segredo mais perigoso na palma da mão. Se ele decidir usar esse segredo para ficar com a custódia do meu bebê, eu estou morta e Harry também vai estar. Enquanto isso, meu filho vai ser criado em um covil de víboras

de sangue frio.

Não posso deixar isso acontecer.

Uma onda de medo toma conta de mim, fazendo meus joelhos tremerem enquanto me agarro ao balcão.

O que devo fazer?

Tenho que pegar os dois e deixar a cidade.

Essa é a única solução que me vem à mente.

Não importa o quanto isso prejudique minha amizade com Robert, é melhor assim.

De repente, coloco a mão na boca quando me dou conta de um fato doentio. E se o Robert falou do Toby para o Morris?

“Aisha?”

A mão de Harry no meu ombro me faz afundar no chão, toda a força deixando meu corpo.

“O que aconteceu?!” ele pergunta com medo. “Qual é o problema?”

Olho por cima do ombro dele enquanto ele se agacha ao meu lado, para me certificar que Toby não está na cozinha.

“Eu vi o Morris hoje,” sussurro.

Os olhos de Harry se estreitam de raiva. “O quê? Por que você não me contou antes?”

Olho para meu irmão mais novo. Ele está tão crescido, tanto em altura quanto em sabedoria. Tornou-se tão responsável ao longo dos anos. Só de pensar que algo pode acontecer com ele faz meu coração tremer.

“Não podemos deixar que ele descubra sobre o Toby,” eu digo devagar. “Ele pode tirar o Toby de nós.”

“Você acha que ele faria isso?” Harry pergunta seriamente.

“Não sei,” murmuro após alguns segundos, “mas ele pode, e talvez queira. Amanhã— talvez tenhamos que mudar de cidade de novo. Sinto muito, Harry.”

Os braços dele me envolvem em um abraço apertado, sua voz agora firme: “não tem problema. Temos que proteger o Toby. Nós vamos

para onde você achar que é seguro.”

Eu me afasto dele depois de beijá-lo no topo da cabeça. “Eu não te disse, mas um tempo atrás recebi uma oferta de emprego de uma empresa na Itália. Eles me abordaram quando fui na conferência em Orlando. Recusei a oferta, mas acho que agora eu devia aceitar. Duvido que até mesmo o Morris vá até a Europa atrás do filho. Talvez seja mais seguro lá.”

Harry concorda com a cabeça: “tudo bem. Vou avisar na creche que ele não pode sair com nenhum outro adulto além de nós.”

Hesito e, depois de um momento, digo lentamente: “acrescente o Robert à lista de pessoas com quem ele não pode sair.”

Os olhos de Harry se voltam para mim em choque, e sinto vergonha de mim mesma. Mas tenho que proteger meu filho primeiro.

“Ele é amigo do Morris. Só quero ter cuidado.”

Harry concorda de novo, com os lábios bem apertados. Para seu crédito, ele não defende Robert. Afinal, a família vem em primeiro lugar. Temos que nos manter unidos.

*** **

Deixo o Toby no jardim de infância pela manhã, depois de reforçar que ele não pode sair com ninguém além de mim ou do Harry.

O envelope na minha bolsa parece pesado enquanto me dirijo ao escritório.

Robert é sempre o primeiro a chegar, e hoje não é diferente. Ele está trabalhando em seu laptop, com a gravata jogada no sofá, as mangas arregaçadas e os olhos apertados em concentração. Ele nem sequer me nota até eu limpar minha garganta.

Quando ele me vê, pisca: “você está atrasada.”

“Estou é adiantada,” digo para ele, enfiando a mão na minha bolsa e tirando o envelope. “Eu queria falar com você antes que mais alguém chegasse.”

Seus dedos ficam parados no teclado e ele olha para mim de novo, entendimento nos olhos. “Isso é por causa da noite passada?”

Eu o estudo: “você sabe, não sabe?”

Robert fica em silêncio por um momento. “Eu não contei do Toby para o Morris. Achei que você não ia querer que ele soubesse. Pelo menos, ainda não.”

“Nunca vai ser uma boa hora.” Minhas pernas tremem de alívio. “Você sabia o tempo todo? Sobre mim e o Morris?”

“Não,” Robert responde sem rodeios. “Descobri ontem à noite, quando ele veio reclamar que você não queria falar com ele. Eu disse que ele mereceu por ter sido um idiota com você.”

Meus lábios se contraem.

“Morris é o Alfa da cidade,” digo de repente, deixando meus sentimentos de lado.

“E?” Robert dá de ombros.

“É por isso que eu estava tão relutante em me mudar para cá,” continuo. “Robert, eu adoro trabalhar com você. Você se tornou mais do que um amigo, e sabe disso. Você faz parte da minha alcateia quebrada, se é que isso faz sentido, por isso essa decisão é tão difícil.”

Seus olhos caem sobre o envelope que estou segurando, e se transformam em pequenas fendas: “não. Se isso é uma renúncia, eu não aceito.”

“Ele pode tirar o Toby de mim!” eu explodo. “Não posso deixar isso acontecer. Você devia entender—”

“Morris nunca tiraria seu filho—”

“Não o Morris que você conhece!” digo com firmeza. “Mas aquele que me humilhou e me menosprezou, que não me considerava digna nem da sujeira da sola do sapato dele, esse sim!”

Robert fica em silêncio: “o quê?”

“Ele teria se acasalado comigo e me trancado em um quarto, como a mãe dele está,” cuspo. “Eu era boa o suficiente para uma transa, mas não o suficiente para ficar ao lado dele na frente do mundo. Você não conhece o Morris que me machucou, que me expulsou da cidade, que me jogou do lado de fora da casa dele no meio da noite, com minhas roupas no chão, e me fez andar até o amanhecer para chegar em casa. Você não conhece o Morris que fez com que eu fosse demitida para que não pudesse mais alimentar meu irmão. Esse é o Morris que só eu conheço. E tenho medo do que mais ele pode fazer comigo.”

O rosto de Robert está pálido. “Aisha—”

“Essa é a minha renúncia, Robert,” coloco a carta na mesa dele, lutando para manter a calma. “Tenho que proteger meu filho. Sinceramente, eu queria que nunca tivéssemos saído de Salem. Nossa vida era ótima lá. Você, eu, Harry e Toby éramos uma alcateia lá. E agora, tenho que te deixar para trás. Sinto muito.”

Robert se levanta: “não.”

Vejo medo nos olhos quando ele dá a volta na mesa. “Escuta, eu posso te ajudar a esconder a existência do Toby. Se você não quiser que Morris descubra sobre ele, posso te ajudar a fazer isso. Mas não vá embora.”

Suas mãos pousam na parte superior dos meus braços. “Escuta, tem algumas coisas que você não sabe sobre o que aconteceu há cinco anos com o Morris. Mas você precisa saber que ele sempre te amou. O casamento com Eve não foi ideia dele, Aisha. Ele não teve escolha. Tem muito mais nessa história do que você pensa, mas Morris odeia Eve com paixão. Se você escutou ele dizer qualquer coisa, deve ter sido por uma razão. Porque o amigo que eu conheço sentiu sua falta todos esses anos e nunca parou de te procurar.”

Eu me solto das mãos dele: “é claro que você ia dizer isso—”

“Não,” Robert me guia até o sofá, me forçando a sentar e se agachando ao meu lado. “Por favor, me escute, eu nunca tinha ligado os pontos antes da noite passada. Sabe a minha irmã maluca, aquela que me segurou enquanto meu irmão jogava ácido no meu rosto? Essa é a Eve, a esposa do Morris. O Morris não queria se casar com ela. Ele não teve escolha a não ser se casar com ela e, se a família dele descobriu sobre você, eu sei que ele se deixaria forçar a essa situação para te proteger. Você não sabe nada sobre o Morris, Aisha, ou como a família dele é louca, ou das atitudes extremas do pai dele. Não conte sobre o Toby, mas escute o que ele tem a dizer. Só escute ele primeiro e, se ainda não estiver satisfeita, eu empacoto toda essa empresa e vou com você e Harry para onde quer que você queira levar o Toby. Você tem minha palavra. Não vou ficar para trás.”

Não sei no que acreditar.

Se Morris se casou com a mulher que abusou de Robert, por que Robert continuaria amigo dele? Mas se Morris realmente fez tudo isso para me proteger, por que não me contou assim que pôde? Por que me demitir do trabalho? Por que fazer tudo isso?

Minha cabeça está um ninho de rato, todos esses fios se cruzando em um padrão selvagem.

“Olhe, vou considerar sua demissão como um aviso prévio de trinta dias, certo?” Robert segura minhas mãos com as dele. “Aisha, só trabalhe com ele nesse projeto. Você tem minha palavra de que ele não vai descobrir sobre o seu filho. Vou dar um daqueles braceletes que produzimos há dois anos para o Toby. Eu uso o tempo todo. Você sabe que ela pode esconder o cheiro de um metamorfo. Assim, mesmo que o Morris veja o Toby na rua, ele não vai nem reconhecer que se trata do próprio filho.”

Fico olhando para Robert, atônita.

O bracelete de que ele está falando custa milhares de dólares. E ele vai dar para o meu filho, fácil assim?

Robert me dá um sorriso sombrio. “Eu quero me vingar da minha família, Aisha. Admito que esse é o meu objetivo final. Mas também não quero perder as três pessoas que me aceitaram na alcateia delas. Eu nunca tive uma família antes, e vocês sabem disso. Vocês três são a primeira família que já tive, e não quero correr o risco de perdê-los.”

Parte do medo dentro de mim se dissipa com suas palavras.

Não sei no que acreditar.

Tenho medo de correr o risco, mas se Robert está garantindo a segurança de Toby e está tão convencido de que Morris não tem más intenções comigo ou com a minha família, então devo confiar nele? Ele nunca me deu um motivo para duvidar dele antes.

“Tudo bem,” concordo devagar com a cabeça. “Certo. Vou trabalhar com ele, e ver o que ele tem a dizer.”

Meu lobo está ressabiado com esse acordo, a necessidade de proteger nossa prole ardendo dentro de mim.

“Então, aviso prévio?” Robert me dá um olhar esperançoso.

Eu devolvo um pequeno sorriso: “trinta dias.”

É um risco, mas acho que tenho que aceitar. Só que se Robert acha que vou contar apenas com ele, está enganado. Vou preparar uma mala de viagem para nós três e reservar passagens que podem ser alteradas a qualquer momento. Não estou disposta a apostar a vida do meu filho. Tampouco a do meu irmão.

Minha reunião com Morris é na manhã seguinte, e eu me certifico de reservar passagens para sair da cidade durante meu horário de almoço. Também escrevo um e-mail para o departamento de RH da empresa italiana e informo que estou considerando a oferta deles.

Saio do escritório mais cedo e pego o Toby, precisando ficar perto dele. A professora do jardim de infância verifica minha identidade, como sempre faz, e pego Toby no meio da hora do cochilo.

“Oi, querido,” digo enquanto beijo a testa dele, vendo seus olhos sonolentos piscarem para mim. Ele encosta o rosto no meu pescoço, respirando meu perfume, e eu escuto ele roncar. Apagou de novo. Ninguém consegue se interpor entre Toby e a hora do cochilo, nem mesmo sua pessoa favorita no mundo, que por acaso é Robert.

Eu deixo ele dormir, mas, enquanto caminho para o carro, escuto alguém chamar meu nome.

É uma voz conhecida, e eu paro.

Ao me virar, vejo Clyde Lowenstein caminhando na minha direção, com os olhos arregalados de choque. Ele corre pela estrada, cruzando a distância entre nós. “Aisha Hart, em carne e osso! Pensei que você tivesse deixado a cidade!”

“Clyde,” eu sorrio calorosamente para ele.

Vejo seus olhos se voltarem para a criança agarrada a mim: “e você ainda teve um filho.”

“Eu adotei um filho,” sorrio para ele, a mentira pronta nos meus lábios. Era o que eu já tinha planejado fazer se encontrasse alguém do meu passado. Eu não queria que a notícia chegasse no Morris.

“Ah, é mesmo?” Ele olha para o rosto de Toby, e vejo que ele não acredita em mim.

Eu apenas o encaro: “e como você está?”

“Bem,” seus olhos continuam se voltando para Toby e, de repente, ele diz: “ele não é filho do Professor Morris? Porque é a cara dele.”

Eu congelo com essas palavras.

Como ele sabia disso?

CAPÍTULO 24

Aisha

Batuco minha caneta na mesa da sala de conferências, perdida em pensamentos.

“Eu sempre soube de você e do Morris. Bem, isso se confirmou quando ele quase arrancou minha cabeça por ter te embebedado. Não se preocupe, nunca contei para ninguém.”

As palavras de Clyde estão girando na minha cabeça desde ontem à tarde. Eu não neguei o relacionamento, mas neguei que Toby fosse filho do Morris. Só que se alguém já viu o Morris, a semelhança nos rostos deles é difícil de negar.

Agora, mais uma pessoa sabe do nosso filho, e isso me preocupa.

Clyde e eu trocamos números de telefone, mas não tenho intenção de manter contato com ele. Ou será que eu deveria? Talvez, se tudo der errado, eu acabe precisando da ajuda dele.

Alguém bate na porta e eu olho para cima para ver minha assistente. “Srta. Hart, o Sr. Wolfguard está aqui para te ver.”

Meu corpo fica tenso e eu concordo com a cabeça: “deixe ele entrar.”

Quando Morris entra, ele está prestes a se aproximar quando faço um gesto para a cadeira ao lado: “ali.”

Ele me olha com estranheza, mas obedece, para minha surpresa.

“Então, por que você me ligou?”

“Supostamente, estou trabalhando com você nesse projeto,” digo de forma sarcástica. “E levo meu trabalho a sério.”

“Como vamos trabalhar juntos se você acha que sou uma pessoa tão terrível?” ele exige, cruzando os braços sobre o peito.

Eu o encaro: “desculpe, você está de mau humor?” Ele faz uma careta para mim e eu digo com frieza: “meu trabalho é coordenar com você nesse plano de investimento. Você podia ser um assassino em série e

eu não me importaria a essa altura. Só preciso concluir esse projeto.”

Minhas palavras não são muito tranquilizantes, não que tenha sido a intenção.

Sei que disse ao Robert que daria uma chance de ele se explicar, mas só de vê-lo tenho vontade de dar um soco na cara dele. Não consigo deixar de me lembrar dos momentos de angústia quando percebi que tinha perdido meu emprego por causa dele, de como meu coração se rasgou a cada passo que dei voltando para casa porque ele me jogou fora como se eu fosse o lixo de ontem, de como tive de implorar para uma professora antiga trocar meu curso, de como passei fome por dias para economizar dinheiro para comprar comida para Harry, de como não dormi. Todas essas coisas, lembranças, sentimentos, estão frescos na minha mente, e a dor ainda é crua.

E esse homem espera que eu escute? O quê, ele acha que vai pedir desculpas e eu vou desmaiar nos braços dele? A Europa está parecendo cada vez melhor a cada segundo.

“O produto no qual você estará investindo—”

“Você não vai me oferecer água ou chá?” Morris me olha fixamente.

Eu o encaro, sem conseguir me conter. “Se eu não morri de sede depois de sete horas de caminhada voltando da sua casa, quando você me expulsou, duvido que você vai morrer. Vou começar a apresentação agora.”

Eu me levanto, mas a mão dele agarra meu pulso, me impedindo, sua voz baixa: “eu não te expulsei daquela casa. Foi meu pai.”

Eu paro.

Uma parte de mim quer desesperadamente acreditar nele, mas a garota que foi tão duramente traída está com raiva. Tem tanta raiva dentro de mim, um mar de mágoa que ignorei por anos, e ela não foi a lugar algum.

“Se fosse esse o caso,” afasto minha mão, “então você podia ter vindo atrás de mim. Você fez suas escolhas, Morris. Você deve estar feliz com elas.”

Acabo de dar dois passos quando sou puxada, batendo no peito dele enquanto ele rosna: “eu pareço feliz para você?”

Surpresa, eu o encaro: “o quê?”

“De que forma eu pareço feliz para você, Aisha?” ele rosna. “Estou miserável desde o dia em que você me deixou. Você quem foi embora! Você me abandonou!”

Meus olhos se estreitam à medida que a fúria se manifesta. “Eu te abandonei? Eu? E o que exatamente, por favor, você queria que eu fizesse? Que eu morresse de fome porque você me demitiu do único emprego que eu tinha? Chorasse por você enquanto eu e meu irmão vivíamos nas ruas? Implorasse pelos restos do seu afeto enquanto você se casava com a mulher que você disse ser tão digna de você? Você é cruel, Morris, mas eu percebi isso tarde demais. Você acha que, só porque me tratou como lixo, eu ia me destruir por você?”

Minhas mãos batem no peito dele e eu o empurro para trás. “Você não me conhece. Nunca conheceu! Eu te disse antes. Eu nunca mais vou ser uma vítima! Eu me levantei. Construí uma vida para mim e para o Harry. E agora, é você que não é digno de mim. Eu nunca vou deixar você destruir minha vida, Morris. Você pode partir meu coração o quanto quiser, mas escapei do inferno para dar uma vida melhor ao meu irmão. Você achou que podia me quebrar?”

“Eu não fiz nada com o seu emprego,” ele diz de repente. “O que quer que eu tenha feito naquela noite, fiz para te manter viva.”

Ele acha que vou aceitar isso tão facilmente? Depois de todo o inferno que ele me fez passar?!

“Ah, é mesmo?” eu zombo dele. “A vida deve estar muito difícil agora, certo? Você tem seu emprego e sua esposa, e é o Alfa. Do meu ponto de vista, você tem tudo o que sempre quis. Então não aja como se estivesse sofrendo.”

“Eu nunca quis ser o Alfa,” rosna Morris. “Nunca quis a Eve, e abriria mão de toda a minha família em um piscar de olhos se pudesse. Eu só queria você. E você não podia confiar em mim nem por cinco minutos —”

“Confiar em você?!” Eu lanço um olhar irônico para ele. “Você quer falar de confiança? Se você estava tão desesperado para ganhar minha confiança, se tudo isso aconteceu como você diz, então você devia ter me contado. Devia ter feito alguma coisa—”

“Pensei que você ia me esperar!” Morris parece furioso. “Pensei que confiasse em mim o suficiente para esperar que eu te explicasse! Mas você se aproveitou do momento e fugiu!”

“E por que eu não devia ter fugido?” Eu mostro meus dentes para ele.

“Eu devia ter esperado a moeda cair? Esperado você convenientemente se lembrar daquele dia na floresta com meu pai e meu tio? Que você arrastasse meu irmão e eu para nossa execução?”

Ver o choque no rosto de Morris é gratificante. A visão aplaca um pouco da fúria que permanece dentro de mim, um pouco dessa terrível agonia que ainda me assombra à noite.

“Você acha que eu teria usado a morte do seu Alfa contra você?” Morris sussurra, horrorizado agora.

“E por que não?” eu sibilo para ele. “Você fez todo o resto comigo. Então, por que não?”

Ele fica em silêncio, sua expressão vazia. “Foi isso que você pensou de mim esse tempo todo? Que eu sou um monstro esperando para tirar vantagem de você?”

Eu não respondo.

Mesmo que eu estivesse apaixonada por ele, o que passei em suas mãos foi suficiente para fazer qualquer pessoa pensar como eu.

“Eu amei você,” digo, sustentando seu olhar. “Eu me apaixonei por você. Depois de toda a merda pela qual passei enquanto crescia, você me fez acreditar que talvez valesse a pena me amar. Você me fez acreditar que talvez houvesse alguém no mundo que amaria alguém tão inútil quanto eu. E quando comecei a acreditar em você, você me disse o quanto me considerava inútil, pequena e inferior. Você me ensinou que meu pai estava certo o tempo todo. Que eu era simplesmente alguém para se usar e jogar fora, que meu corpo era a única coisa de valor que eu tinha.”

Vejo o choque nos olhos de Morris, e uma risada amarga sai da minha boca. “O quê? Você pode dizer o que quiser, Morris, mas passei por um inferno por sua causa. Você pode dizer que não me demitiu ou que foi seu pai que me expulsou de casa, mas ainda era sua voz naquela gravação, me lembrando de todas as coisas cruéis que meu pai me fez acreditar sobre mim mesma, me lembrando que eu não era amável, que eu era simplesmente um corpo que você gostava de foder. Ainda me lembro de cada palavra que você disse. Elas tocam na minha cabeça à noite, só um lembrete do que meu primeiro amor pensava de mim.”

Dou um passo para trás, subitamente esgotada. Meu coração dói, aquela sensação oca familiar dentro de mim.

“Esta reunião terminou. Vou te enviar os documentos e a apresentação por fax.”

Eu pretendia escutá-lo nessa reunião. Disse a mim mesma que ia escutar com calma, mas toda a dor que se acumulou dentro de mim simplesmente regurgitou. E agora me sinto exausta.

Morris não me detém quando saio tremendo da sala de conferências.

Entrando ao banheiro, consigo passar pela porta antes de cair no chão de ladrilhos, minhas pernas perdendo toda a força. As lágrimas que caem são quentes e pesadas, lágrimas que guardei por tanto tempo. Soluços deploráveis são arrancados da minha boca enquanto enrolo meus braços em volta de mim mesma, com os joelhos puxados para o peito.

Cheguei tão longe na vida, conquistei tantas coisas e criei um filho sozinha, mas ainda assim me sinto pequena e insignificante. Lutei tanto a vida toda para me tornar mais do que o que meu pai gostava de me lembrar que eu era. Mas só um ato do Morris foi suficiente para me trazer de volta à realidade e, agora, não consigo me livrar dessa crença. Eu tento enterrá-la no dia-a-dia, ignoro e finjo que não existe, mas hoje, tendo que enfrentar Morris, vomitando todas aquelas verdades odiosas, voltei a ser a garotinha que fez o melhor que pôde para sobreviver e ser amada.

Minhas garras se cravam na minha pele, tirando sangue, enquanto tento me esconder do mundo.

Ele fez isso comigo!

Ele me deixou assim!

Eu estava indo tão bem! Eu estava feliz! Mas ele tinha que voltar e me mostrar a vida dele, como ela é perfeita sem mim. No fundo da minha cabeça, sei que não foi isso que ele disse, mas agora nada parece razoável. Não consigo parar as lágrimas. Não consigo parar a dor cruel que flui por mim e, como estou nesse momento, sempre vou estar sozinha.

Quando dois braços me envolvem, eu me assusto, mas depois sou puxada para um colo familiar demais.

“M-me solta!” tento gritar, mas minha voz está rouca e meus esforços são inúteis contra a força do Morris.

“Sinto muito,” ele me abraça com mais força.

“Eu te odeio!” Quero soar forte e firme, mas sinto que minhas entranhas estão sendo arrancadas, meu lobo choramingando sob o peso desses sentimentos miseráveis.

“Eu sei,” sussurra Morris, sua voz tão incrivelmente triste que faz meu coração doer. E isso também me irrita. Por que eu devia me sentir mal por ele? Ele não merece minha simpatia. Ele não merece nada de mim!

“Eu te odeio muito, muito mesmo!!” Quero que ele saiba a extensão do meu ódio, mas, além dessa proclamação quase infantil, arrancada do meu coração esfarrapado, nada mais vem aos meus lábios.

“Eu sei,” Morris enterra o rosto no meu cabelo, sua voz cansada. “Eu sei que odeia. Queria que não odiasse, mas eu entendo.”

Eu entendo.

Essa frase me quebra como nunca pensei ser possível. Meu peito parece que está explodindo.

Ele só me abraça com força enquanto as lágrimas me assolam. Eu me desprezo por ser tão fraca na frente dele, mas enquanto ele me abraça, com o mantra “Desculpe-me” constantemente em seus lábios, eu me pergunto vagamente por que não estou arrancando os olhos dele.

Não sei por quanto tempo ficamos sentados assim, mas eventualmente eu paro de chorar e fico deitada contra o peito dele, entorpecida por dentro. Morris não me solta, mas também não diz nada.

Finalmente, ele diz, com a voz rouca: “eu devia ter te contado a verdade antes de te levar na casa da minha família. Eu só te levei lá para eles não te perseguirem mais tarde ou tentarem te machucar. Achei que se convencesse meu pai que eu estava só brincando com você, ele ia te ignorar. Mas ele sabia de você desde a primeira noite que passamos juntos.”

Fico em silêncio, o som do coração dele acalmando um pouco da minha fúria.

“Se eu não tivesse dito o que disse naquela época, meu pai teria te atacado. Ele teria ido atrás do Harry. Tirado ele de você primeiro. Depois, ele teria te despojado de tudo com o que você se importava antes de te machucar. E ninguém teria sido capaz de impedi-lo, nem eu. Eu não sabia que você tinha deixado a mansão até voltar para o quarto. Todas as suas coisas tinham sumido e me disseram que você tinha pedido um carro e ido embora.”

Uma risada sem humor sai dos lábios dele, seguida de um suspiro pesado: “essa devia ter sido minha primeira pista.”

Eu nunca teria pedido um carro, penso comigo mesma, vagamente.

“Você nunca teria pedido um carro,” Morris ecoa meus pensamentos. “Não depois do que você passou. Você teria preferido andar para casa. Eu não sabia que eles realmente tinham te obrigado a voltar para casa a pé. Meu pai percebeu que você era meu segundo ponto fraco, que podia te usar para me manipular. Fiquei preso em casa até concordar com o noivado com Eve, Aisha. Nunca tive escolha. Ou eu concordava com o casamento ou corria o risco de meu pai ir atrás de você e do seu irmão. Quando consegui sair, fui vigiado por meses até o casamento. Meus telefones foram grampeados e todas as pessoas de minha confiança foram substituídas pelo pessoal do meu pai ou de Eve. Não é que eu não podia te procurar, mas eu não queria arriscar que eles te machucassem.”

Ouvir sua explicação com uma cabeça mais fria, minhas próprias emoções selvagens silenciadas, me faz fechar os olhos em frustração.

“Eu nem sabia que você tinha sido demitida até ir no restaurante para falar com você. Foi então que George me disse que teve de te demitir por ordem do Alfa. Em retrospecto, talvez se você tivesse ficado, meu pai teria encontrado jeitos diferentes de te fazer sofrer. Dois meses depois da sua partida, o prédio onde você morava foi incendiado. A origem do incêndio foi o seu apartamento.”

Meu sangue se arrepia com suas palavras.

Por que o pai dele estava tão decidido a me destruir? A esse ponto? Nunca percebi que ele me desprezava tanto assim.

“Mas eu te procurei, Aisha,” murmura Morris. “Eu nunca parei. Meu lobo nunca aceitou a Eve. E eu também não. Podemos estar legalmente casados, mas nunca partilhamos uma cama. Estou pagando o preço por isso desde então, mas não me arrependo. Ela não é você. E eu jurei que nunca tocaria em nenhuma outra mulher além de você.”

Finalmente, consigo reunir forças para acabar com isso, para me afastar dele.

Olho Morris nos olhos e vejo a esperança neles. Uma pequena parte de mim que perdeu a capacidade de confiar, que duvida de cada palavra dele, se diverte com a dor que eu posso infligir, enquanto o resto de mim está só cansado.

“Mas você ainda é casado, Morris,” minha voz é calma, cheia de um cansaço profundo. “Você pertence a outra pessoa, e eu nunca vou me degradar a ponto de me tornar amante de alguém ou um segredinho sujo.”

Eu me levanto enquanto ele me observa. “Mesmo que você esteja dizendo a verdade e eu consiga me livrar de todo esse ressentimento acumulado em mim, isso não muda a realidade. E nós dois não devíamos ficar na mesma cidade. Não quero que seu pai ou sua esposa descubram que estou aqui. Não quero ser um alvo. Construí essa vida para minha família com sangue, suor e lágrimas, e não posso deixar que alguém a destrua só porque pode.”

“Aisha—”

“Dei meu aviso prévio de trinta dias. Estou planejando deixar o país e não pretendo voltar.”

Os olhos de Morris se arregalaram e ele se levanta. “Você não pode estar falando sério!”

“Eu nunca quis voltar para Portland, Morris. Vim porque Robert me pediu. Não consegui dizer não para ele. Mas não vou ficar, não posso.”

Morris me encara por um momento antes de perguntar lentamente: “então, quando eu mais preciso de você, você vai me deixar?”

“Você não precisa de mim.” É difícil formar essas palavras, mas ainda tenho uma criança para proteger. “Alguém como eu não ajuda em nada—”

“Você não acredita realmente nisso, acredita?” A voz de Morris agora é feroz. “Com você ao meu lado—”

“Ao seu lado como o que, Morris?” Minha voz é afiada como um chicote quando encontro os olhos dele, meu próprio olhar duro. “Sua amante ou sua prostituta? Porque eu não vou ser nenhum dos dois. Enquanto você for casado e tiver uma aliança no seu dedo, não vou ser nada para você. Meu amor próprio vem antes de qualquer coisa e de qualquer outra pessoa. Não vou desistir dele por você.”

Morris fica em silêncio, com uma expressão atormentada.

“Você me ofereceu palavras, Morris,” mantenho minha voz calma. “Mas da primeira vez, se eu era tão importante para você, você devia ter lutado por mim. E eu paguei o preço por isso. Eu sofri por sua causa, Morris. Não vamos negar. E você me ensinou uma lição muito

importante. Ninguém vai lutar por mim, exceto eu mesma. Então, talvez você esteja certo. Talvez sua família e sua esposa estejam por trás de tudo o que aconteceu comigo. Talvez você tenha tido suas razões. Mas você lutou por mim? Não. Não lutou. E nunca vai lutar. Ninguém vai.”

Dou um passo para ele, com os olhos brilhando: “mas você sabe quem vai lutar por mim? Eu. Eu vou lutar por mim. Vou me proteger. E, neste momento, o único jeito de me proteger é ficar o mais longe possível de você. Agora, é a minha vez de te deixar.”

Dando meia-volta, saio do banheiro e, ao fazê-lo, mesmo com o coração doendo e o meu lobo infeliz com essa nova determinação, sinto uma sensação de alívio. Talvez não fosse assim que eu pretendia me afastar do Morris, mas pelo menos consegui partir de cabeça erguida.

Eu não estava errada.

Se Morris me amasse, ele teria lutado por mim.

Vamos ver qual é o próximo passo dele.

CAPÍTULO 25

Aisha

Envio os arquivos ao Morris como prometido.

Meu trabalho não vai ser afetado pela minha situação. Também estou muito mais calma agora. A explosão na sala de reuniões foi terapêutica, para dizer o mínimo. E o que ele me disse depois contribuiu muito para dissipar parte da raiva que estava acumulada em mim. Agora entendo por que ele fez o que fez.

Mas isso não muda o fato de que ele nunca lutou por mim.

Solto um longo suspiro antes de me recostar na cadeira e olhar para o teto.

“Se você está contando os azulejos do teto, são cento e sete, para ser exato,” vem a voz irritante de Robert.

Nem me dou ao trabalho de olhar para ele. “Você tem tempo demais nas suas mãos se está contando os azulejos do meu escritório.”

“Ouvi dizer que o Morris passou por aqui hoje.”

“Passou.”

“Ele decidiu investir. Deve ter sido uma apresentação e tanto.”

“Foi. Se chama culpa.”

O rosto de Robert aparece no meu campo de visão quando ele para atrás da minha cadeira, olhando para mim. “Como você tem tanta certeza que foi a culpa que fez ele investir na nossa empresa? Talvez você tenha feito uma apresentação convincente.”

Eu me endireito e aponto para a tela do meu laptop, com a voz seca: “porque eu digitei o endereço de e-mail dele errado quando enviei a apresentação hoje de manhã. Estou reunindo forças para consertar isso. E não chegamos a discutir nada sobre o produto na reunião. Esse investimento tem culpa escrita por todo ele.”

“E é por isso que você é minha funcionária favorita,” Robert sorri para

mim com orgulho.

“Eu disse para ele que recebi uma oferta de emprego na Europa, e que vou me mudar,” eu digo, casualmente.

O sorriso de Robert desaparece: “pensei que vocês tivessem se beijado e feito as pazes. E quem te roubou?! Você nunca me disse que tinham te recrutado!”

Pego o peso de papel na minha mesa. Harry e Toby fizeram ele para mim no aniversário do Toby, esse ano.

“Ele esclareceu algumas coisas, Robert. Mas Morris ainda quer que eu seja sua coadjuvante. É engraçado, vindo de um homem que diz me amar.”

Meu sorriso é sardônico. “Ele nunca vai lutar por mim,” minha voz fica dura. “E eu nunca vou ficar com um homem que se recusa a lutar por mim. Especialmente um que já transformou minha autoestima em pó. Eu seria uma idiota se ficasse esperando por um homem desses.”

Robert me observa e percebe: “você não confia nele.”

Levanto meu rosto para olhar para ele: “você confiaria se estivesse no meu lugar?”

Ele fica em silêncio e se acomoda na minha mesa: “não sei. Talvez eu seja tendencioso, mas não acho que você deva subestimar o que o Morris faria para ter você ao seu lado, mesmo que signifique jogar fora todo o planejamento cuidadoso que ele fez nos últimos anos. Ele não vai deixar você ir embora. Não dessa vez.”

“Veremos,” murmuro.

Não me interessa o que o Morris está planejando. Tudo o que sei é que ele não vai deixar a esposa. Não vai deixar sua vida luxuosa. E mesmo que fosse, por mim? Quem iria?

“Trinta dias, Robert,” eu o lembro gentilmente, encontrando seu olhar com firmeza.

A expressão dele se afunda: “você ainda está decidida a ir embora?”

Eu dou de ombros: “mesmo que o Morris seja tão santo quanto você diz, o que você acha que vai acontecer se a família dele souber de um filho ilegítimo? Eles vão tirar o Toby de mim à força. Eventualmente, Morris vai marcar a Eve e, quando isso acontecer, você acha que eles vão simplesmente devolver meu filho? Não, Toby vai ter o mesmo

destino que você teve. Damien esperou que sua mãe, a companheira dele, morresse de coração partido, não foi? Ele não podia matá-la, porque tinha lhe dado a marca de acasalamento em segredo. E assim que ele estava livre, ele marcou a esposa dele, teve filhos e tirou você de cena. Você acha que a família Wolfguard vai ser diferente?”

“Morris nunca—”

“Não estou falando do Morris,” eu o interrompo abruptamente. “Estou falando do pai dele, da esposa. Eles não vão deixar meu filho viver.”

Robert me olha fixamente, com o rosto pálido.

Olho para a tela do meu laptop às cegas, minha voz calma: “sou a mãe dele. Meu trabalho é protegê-lo. Você, mais do que ninguém, devia entender por que tenho de fazer isso.”

Todos os argumentos de Robert morrem em seus lábios.

“E se o Morris provar que vai lutar por você?” ele pergunta de repente, após um breve momento de silêncio tenso.

Talvez porque eu confio tão pouco em Morris, mas a ideia me parece ridícula.

“Ele não vai. Para ele, não vale a pena lutar por mim,” olho para Robert, com um sorriso irônico nos lábios. “Porque se ele lutar por mim, pode perder tudo, certo?”

Robert fica quieto por um momento. “Ou ele pode ganhar tudo: a mulher que ama, o filho e a vida dele.”

“A vida?” Lanço um olhar de interrogação para ele.

Robert cruza os braços sobre o peito, suspirando pesadamente: “eu pensei que Morris teria te contado, mas talvez, mesmo que ele tivesse contado, você não teria acreditado.”

Inclino-me para trás na cadeira: “do que você está falando?”

“Morris pode ser o Alfa, Aisha, mas o pai dele ainda detém todo o poder. Morris é só um fantoche, um testa-de-ferro, se preferir. Ele não tem ninguém em quem possa confiar. Minha irmã o atormenta porque ele se recusa a tocá-la. Tudo o que ele come, bebe ou veste é controlado por ela. Todos os seus movimentos, mesmo no escritório dele, são relatados ao pai e a Eve. Ele mal come por medo de ser drogado ou envenenado. Morris é um prisioneiro, Aisha, e não pode escapar dessa prisão porque, se ele tentar, é a mãe dele que vai

sofrer.”

Eu congelo com suas palavras.

A mãe dele?

Lembro-me de uma Teresa de olhos vermelhos, que não parava de perguntar pelo filho. Eu sei que ela é mantida confinada e vi como Chris, o pai de Morris, a tratava.

“Morris não tem permissão para ver a mãe há anos,” Robert me conta. “Quando o avô materno dele estava vivo, Chris Wolfguard fez questão de virar o velho contra o próprio neto para garantir que Morris nunca revelasse o tratamento que a mãe dele recebia. Por mais que Morris tentasse, o avô se recusava a vê-lo, e Morris só tinha permissão para ver a mãe uma vez por ano, e mesmo assim sob supervisão.

“Agora, com o avô morto, o pai dele usou Teresa como arma contra ele. Morris está tentando derrubar o pai e a minha própria família. Ele não está vivendo no luxo como você pensa, Aisha. Eu sei porque é fácil acreditar nisso, mas o homem está sofrendo desde antes de você conhecê-lo e, depois que você foi embora, a agonia dele só aumentou. Eu realmente acredito que você foi a única coisa que já fez ele feliz. Do seu lado, ele estava aprendendo a ser ele mesmo.”

É difícil fingir não ser afetada pelas palavras do Robert, cada uma delas como uma punhalada no coração. Ele tem razão. Se Morris tivesse me contado tudo isso, eu podia não ter acreditado. Mas Robert não tem motivo para mentir para mim, nem mesmo para me segurar aqui.

O Morris estava tão infeliz assim o tempo todo?

Sinto-me dividida, meu coração doendo por ele, mas também sei que não há nada que eu possa fazer. Se o pai dele descobrir sobre o Toby, ele vai ter mais dois pontos fracos de Morris para usar contra ele.

Talvez seja melhor assim.

As palavras de Robert reforçam minha decisão, só que dessa vez ele acelerou meus planos. Quando o Morris tiver sucesso com seus próprios planos de usurpar o pai e a Eve, talvez então seja possível contar para ele do filho. Posso parecer um monstro por fazer uma coisa dessas, mas quando Morris não consegue nem se proteger, como posso esperar que ele proteja o próprio filho?

Se eu tivesse considerado revelar a existência de Toby, todos esses

pensamentos teriam desaparecido depois de conhecer a realidade de Morris.

“Quanto tempo você acha que vai demorar?” murmuro, incapaz de olhar Robert nos olhos. “O que quer que você e o Morris estejam planejando.”

Quando Robert se assusta, eu dou uma risadinha seca: “você acha que eu não ia descobrir que vocês dois estão de conluio? Você sabe um pouco demais sobre o que o Morris está planejando, sendo cunhado dele e tudo mais.”

Os lábios de Robert se contraem: “afiada que nem faca.” O olhar dele vai para janela como se estivesse pensando em alguma coisa. “Sabe, quando meu pai conheceu minha mãe, ele se apaixonou por ela, eles se acasalaram e me tiveram. Mas ele nunca registrou o acasalamento. E quando conheceu a atual esposa, ele queria todo o poder da riqueza dela, além do status. A esposa dele queria que ele renegasse nós dois, mas quando você aceita uma companheira, não pode matá-la, nem desfazer o acasalamento. E meu avô paterno já sabia que eu existia. Então, meu pai me tirou da minha mãe. Ele sabia que me perder a mataria. Ela implorava todos os dias no portão da frente da casa dele para me ver, mas ele nunca deixava ela entrar. Ela morreu de um coração partido.”

As lembranças que Robert tem da mãe são poucas e esparsas, mas quando ele fala dela, é com uma enorme saudade.

“Fui criado como um animal naquela casa. Meu pai logo se casou com sua nova esposa e eles tiveram uma família feliz. Mas meu avô paterno insistia que, mesmo sendo um filho ilegítimo, eu ainda era o mais velho e, portanto, o herdeiro da posição de Alfa. Quando ele faleceu, a alcateia me queria como Alfa, mas meu pai me mandou para a faculdade. Foi lá que conheci o Morris.”

Seus dedos estão batendo no joelho, algo que ele faz quando está ficando agitado. “Morris é um homem bom, Aisha. Queria que você desse uma chance para ele. Ele ficou ao meu lado quando Charles e Eve destruíram meu rosto e quando fui expulso da família. Ele me ajudou a abrir minha primeira empresa e, apesar de ter passado por tanta coisa, ele nunca desistiu de lutar. Ele nunca parou de te procurar. Se ele tivesse me contado o seu nome, eu teria dito que você estava comigo. Mas o tonto continuou a procurar sozinho.”

Ele olha para mim com severidade. “Se ele achar que você vai deixá-lo, ele vai abandonar a Eve em um piscar de olhos e arcar com as

consequências. Ele faria isso por você. Não subestime o que ele está disposto a fazer. Sei que você está sofrendo e sei que não confia nele, mas você confia em mim, não é? Ele vai vir te buscar. Não vai suportar te perder de novo.”

Posso sentir como meu coração se apertar com as palavras dele. Tudo que eu quero é acreditar nele, mas da última vez que depusitei minha fé em alguém, fui gravemente ferida. Podem me chamar de covarde. Que seja.

Sei que Robert quer uma resposta minha, mas não tenho nada a dizer para ele.

Minha decisão já foi tomada.

*** **

Os dias seguintes são uma enxurrada de atividades enquanto eu contato a empresa e aceito a oferta deles. Sei que Robert vai brigar comigo a cada passo do caminho, então decido me desculpar mais tarde. Arrumo nossos pertences.

Ainda estou esperando a resposta da empresa, mas não vou correr riscos. Harry está quieto, a ideia de deixar Robert para trás pesando sobre ele. Mas sei que ele entende que temos de proteger Toby.

Quando estou fazendo as malas na quinta-feira à noite, recebo uma ligação de Clyde me convidando para jantar.

Eu hesito, mas tenho andado tão estressada ultimamente que um jantar relaxante com um amigo pode ajudar a aliviar a tensão.

“Você vai mesmo?” Harry se senta na minha cama enquanto eu arrumo meu cabelo. “E eu e o Toby? O que vamos comer?”

Eu lanço um longo olhar para ele antes de revirar os olhos. “Se esse é o seu jeito de me pedir dinheiro para a pizza, tire da minha carteira.”

Toby, que está pendurado de cabeça para baixo na beirada da minha cama, exige: “sorvete também!”

Eu me levanto, tocando o narizinho dele com carinho. “Nada de sorvete. Se você quiser sorvete, vai ter que ir no dentista comigo sem gritar como um demônio.”

Ele contempla minha contraproposta com bastante seriedade antes de decidir: “não quero sorvete.”

“Espertinho,” eu lanço um olhar seco para ele. “Infelizmente, ainda temos que ir no dentista porque os meninos em crescimento precisam cuidar dos dentes.” Dando um beijo na testa dele, eu saio: “deixem a porta trancada e me liguem se acontecer alguma coisa.”

O restaurante não fica longe do meu apartamento e consigo chegar lá em tempo recorde. Clyde ainda não chegou, então decido pedir algo para beber. É um lugar chique e também bastante familiar.

Minha bebida acaba de chegar quando escuto uma voz sarcástica dizer de repente: “estou surpresa de ver que esse restaurante deixa qualquer um entrar. Acho que os padrões aqui caíram.”

Olho para cima e vejo Eve Montgomery na minha frente, com escárnio e repulsa estampados no rosto.

A mulher que eu me lembro como tendo uma aparência elegante, uma arrogância calma, viu parte de sua beleza desaparecer com o passar dos anos. Acho que a feiura da alma realmente se reflete na superfície. A arrogância ainda está lá, mas posso ver que o tempo não foi gentil com ela. Ela ainda é bonita, mas sua beleza gentil se transformou em uma beleza severa. Tem linhas finas ao redor de sua boca e olhos e, sob o verniz de repugnância, vejo frustração e raiva.

“Posso te ajudar?” pergunto com calma.

Não preciso olhar para trás para ver o Morris parado ali. Ele parece visivelmente desconfortável. Não me surpreende que ele não me defenda. Não esperava que fosse.

“Eu perguntei, por que lixo como você está comendo neste restaurante?” Eve esnoba.

Eu me pergunto se era só eu que achava que ela tinha classe quando a conheci. Mas ela é a mesma pessoa que seguiu Robert e o marcou para o resto da vida.

“Eu te conheço?” eu finjo ignorância.

Os olhos dela se apertam: “não aja como se tivesse esquecido quem eu sou!”

Pisco lentamente, tomando meu drinque: “qual é mesmo o seu nome?”

Vejo os lábios de Morris se contraírem atrás dela. Que bom que ele acha graça.

Eve se aproxima de mim e eu aperto minha bebida com força para que

ela não tente pegá-la e jogar em mim. Já vi isso acontecer na TV o tempo todo. Hoje não, amiga. Não no meu vestido novo.

Os lábios de Eve se curvam: “ah, coitadinha. Você deve estar envergonhada, depois que Morris te expulsou da casa dele, e te fez voltar para casa no frio!”

A voz dela está subindo e posso ver que os outros clientes estão começando a prestar atenção na conversa. Talvez seja por isso que ela está falando tão alto. Será que ela acha mesmo que pode me envergonhar?

“Ele não teria que fazer isso se você não estivesse perseguindo o homem de outra mulher!” Eve termina com um floreio, seus olhos brilhando de malícia.

“Já chega, Eve,” diz Morris. “Se foi por isso que você me arrastou até aqui—”

“É claro que você vai defendê-la!” sibila Eve. “É por causa dela que você não quer dormir comigo!”

Ofegos scandalizados da plateia.

Minha expressão fica branca.

Essa mulher é louca? Ela acabou de contar para todo o restaurante que seu marido não a toca. Será que ela percebeu—?

“Vamos embora,” diz Morris, com raiva. “Se você só me arrastou para cá para fazer uma cena—”

Ele está agarrando o pulso dela e noto como ele evita segurar sua mão. Mas Eve não está disposta a parar. Ela se livra, meio descontrolada. É óbvio que ele não reagiu como ela esperava.

“Quero saber por que uma destruidora de lares como ela, pouco mais que uma mendiga, está sentada nesse restaurante comendo com pessoas como nós!” Eve está furiosa agora. “Onde está o gerente?!”

“Desculpe?” Reúno minhas forças e encaro ela. “Em primeiro lugar, eu não te conheço. Em segundo lugar, pare de me acusar só porque seu marido não está feliz com você. Tenho coisas mais importantes para fazer do que sair por aí roubando o homem dos outros. Isso é mais o seu estilo.”

Os olhos dela ficam afiados: “diga isso de novo.”

Eu dou de ombros.

Ela está tremendo de raiva agora e agarra Morris pelo braço, puxando ele para frente para ficar ao lado dela. “Ele me escolheu. Ele escolheu se casar comigo. E deixou você no chão porque você é um lixo. Você não é nada, Aisha. Você nunca o terá porque só eu sou digna de estar ao lado dele. Não um lixo de beco como você. É melhor você se lembrar do seu lugar!”

“Você já terminou?” pergunto com frieza. “Ou você quer contar para todo o restaurante sobre alguma outra insegurança sua?”

“Sua vadia—”

Eve não pega minha taça, mas a taça de vinho da mesa ao lado da minha. Morris pula entre nós quando ela a joga. Depois fica ali parado, coberto de vinho tinto, com a camisa branca do terno manchada. Os olhos de Eve se arregalam, mas em vez de envergonhada, ela parece furiosa. “Como você se atreve, Morris? Sabe o que eu posso fazer com você?”

A mão dela está no ar, pronta para o ataque, quando ele a agarra com a voz dura: “nem pense nisso.”

O gerente escolhe esse momento para finalmente aparecer, e Eve abaixa a mão, humilhada: “desde quando você deixa pessoas como ela comerem aqui?” Ela aponta para mim, e eu ofereço um guardanapo ao Morris para limpar a camisa dele, não que vá fazer diferença. Não é fácil tirar uma mancha de vinho tinto de uma camisa branca.

O gerente pisca, um pouco confuso: “desculpe?”

“Sou uma frequentadora assídua do local e não vou me sentar e comer na mesma sala que uma mulher do nível dela.”

No mundo dos metamorfos, o status familiar é muito importante. Por outro lado, embora os humanos geralmente se importem com a riqueza, não é na mesma medida.

O gerente olha para mim: “Srta. Hart, está tudo bem?”

Esse lugar é um dos clientes mais antigos da Sky Enterprise. Eu janto aqui de vez em quando, mas eles nunca me deixam pagar. Faz sentido que o gerente me conheça. Escondo meu sorriso atrás da minha bebida.

Ah, como os ventos mudaram!

“Você conhece essa mulher?” Eve parece surpresa.

“A Srta. Hart é uma cliente regular aqui,” explica o gerente educadamente antes de continuar. “Se tiver algum problema, podemos acomodá-la em outra parte do restaurante.”

“Esqueça!” Todo o rosto de Eve está vermelho. “Eu não quero comer em um estabelecimento de classe baixa como este. Vocês deixam qualquer um vir aqui.”

“Se eles têm dinheiro, então são bem-vindos, senhora,” o gerente está ficando um pouco irritado.

“Você já terminou?” Morris exige. “Ou quer fazer uma cena em alguma outra mesa agora?”

Eve lhe lança um olhar de reprovação e sai ventando.

Morris se detém por um momento, me olhando nos olhos: “eu cuido dela.”

“Sim,” eu dou um sorriso frio. “Porque cuidou tão bem da primeira vez.”

Ele se encolhe, mas não responde, o que me deixa quase desapontada. O Morris de que me lembro teria me dado uma réplica incisiva. Mas ele mudou.

Sem apetite, chamo o garçom para pagar a bebida e fico refletindo sobre as palavras de Robert. O gerente tenta se desculpar e recusa o pagamento, mas eu simplesmente deixo as notas na mesa e começo a juntar minhas coisas, meus pensamentos confusos. Eve pode ter se casado com Morris por teimosia, mas é evidente que ela também está infeliz nesse casamento. Ela recebeu o sobrenome dele e poder como Fêmea Alfa, mas nunca conquistou Morris, quem ela queria de verdade. Isso está claro pela frustração em seus olhos. E o comportamento dela com Morris confirmou o que Robert disse. Ela o controla, e ele parece não ter escolha.

Mas ele é o CEO de uma renomada empresa de investimentos. Como ele conseguiu fazer isso sendo observado o tempo todo? Balanço a cabeça e me levanto.

Já mandei uma mensagem para o Clyde dizendo que surgiu um imprevisto e que vamos ter de adiar. Apesar da frieza com que estou tratando o Morris, o fato é que vê-lo com a Eve me faz sentir amarga e magoada. Não gosto disso. Meu lobo está com ciúmes e raiva, e eu só

quero ir para casa antes de fazer algo de que me arrependa.

Quando saio para o estacionamento, um par de faróis de repente me cega. Protegendo meus olhos da claridade, tento ver quem é, mas tudo o que escuto é a rotação de um motor, antes que os sons de pneus cantando cheguem aos meus ouvidos.

O carro está vindo na minha direção!

Eu pulo para fora do caminho, me desviando por pouco, mas ele simplesmente dá a volta e voa de novo para mim. Agora estou no chão e o carro está perto demais para eu conseguir evitar. Fecho os olhos por instinto e escuto um baque alto, mas nada me atinge.

Meus olhos se abrem e vejo uma figura familiar entre mim e o carro. Morris está de costas para mim e inclinado para a frente. Eu tropeço para o lado e vejo as mãos dele pressionando o capô do carro. O metal está amassado, porque a força das mãos dele dobrou a tampa.

O choque me inunda enquanto olho para o horrível amassado no carro.

“M-Morris,” gaguejo, tentando desesperadamente me acalmar. “Você está machucado?”

A porta do carro se abre e Eve sai de dentro, voando para Morris, com as garras para fora. “Seu desgraçado! Eu sabia que você estava transando com ela! Eu vou matá-la e vou matar aquela sua mãe vagabunda também!”

Meus olhos se arregalam ao olhar para a mulher que tentou me atropelar. Como Alfa, Morris é mais forte e resistente do que eu, e é por isso que ele conseguiu me proteger. Mas eu não teria tido essa sorte, e essa possibilidade me aterroriza. Percebi que Eve me odiava no restaurante, mas a ponto de tentar me matar?

Então, suas palavras registram e sinto um tipo diferente de horror. De repente, me lembro do que Robert disse e me sinto enjoada. Então, era verdade! Eve manteve a mãe de Morris em cativeiro esse tempo todo. Robert disse que o pai de Morris também estava envolvido. Olho fixamente para a mulher que um dia considereei tão elegante e não sinto nada além de nojo. Quero arrancar seus olhos.

Morris está dizendo alguma coisa enquanto ela corta o rosto dele com as garras. Meu sangue queima e meu lobo se enfurece. Posso sentir o cheiro do sangue de Morris. Sem nem pensar, meu corpo está se movendo por conta própria. Entrando na frente de Morris, agarro o

pulso de Eve e empurro ela para longe.

Seus olhos se arregalam por um momento antes de ela rosnar: “como você se atreve—”

“Você tentou me atropelar!” Eu empurro ela para trás, para longe de Morris, meu lobo em meus olhos. “Cada centímetro desse estacionamento é coberto por câmeras de segurança. Tenho toda a intenção de requisitar as imagens. Fêmea Alfa ou não, você ainda tem de responder às leis humanas. Vamos ver como vai ficar para a esposa de um empresário quando a mídia receber a filmagem dela tentando atropelar uma civil.”

Eve fica pálida, como se de repente percebesse a enormidade de suas ações. Mas sua arrogância a impede de recuar. “E-eles vão se compadecer de mim! Eles vão ver que você roubou—”

“Eu não roubei seu homem, Eve,” eu rio, abruptamente. “Ele nunca te quis para começo de conversa. Isso não é culpa minha. É sua. Não se pode forçar alguém a te amar. Agora saia daqui ou o vídeo da minha tentativa de assassinato vai aparecer no noticiário da manhã.”

Eve dá um passo para trás, ao mesmo tempo irritada e incerta. “Eu posso destruir sua vida—”

“E eu também posso, agora,” mostro meus dentes em um sorriso malicioso.

Eve parece dividida e então olha para Morris: “entre no carro!”

Meu maxilar fica tenso com o tom de voz dela. Não gosto de como ela fala com o Morris.

“Não,” diz Morris, friamente. “Você vai primeiro. Eu tenho que controlar os danos.”

Eve hesita e olha entre nós dois antes de voltar para o carro. Eu vejo ela ir embora, claramente furiosa. Só depois que ela some de vista é que me viro para olhar para Morris.

“O que você estava pensando?” eu exijo. “Você podia ter se machucado!”

Meu coração ainda está batendo desconfortavelmente alto. Não por quase ter sido atropelada, mas por ver como Morris acabou de ser tratado.

“Estou bem,” ele esfrega as mãos e eu agarro os pulsos dele, olhando

para suas palmas. Um sibilo me escapa. A pele está vermelha e seus dedos estão sangrando. É um ferimento leve, mas a visão dele faz meu estômago revirar e meus olhos arderem.

“Você não devia ter feito isso,” murmuro, tentando manter a calma e me odiando pela facilidade com que vacilo ao ver a dor dele.

Ele ri levemente e isso me pega de surpresa. Levantando a cabeça, olho nos olhos dele e ele está me observando, com uma emoção estranha nos olhos.

“Qual é a graça?” eu pergunto.

Os lábios dele se curvam, sem humor. “Viver sem você foi um inferno pessoal para mim. Eu não sabia o que tinha até te perder. Você tem razão. Eu devia ter lutado por você. Então, vou começar agora. Dessa vez, farei o que for preciso para te manter aqui, ao meu lado.”

Estudo o rosto de Morris, desconfortável. “Tem certeza? Robert me contou da sua mãe e Eve acabou de confirmar. Você vai estar arriscando—”

“Eu vou lutar,” diz Morris sombriamente, virando as mãos para pegar as minhas. Ele leva minhas mãos aos seus lábios, sem desviar os olhos. “Eu vou lutar, Aisha. Mas não vou te perder.”

CAPÍTULO 26

Morris

Se eu fosse tão importante, você teria lutado por mim.

Aisha mudou.

Ela não é mais fraca. Tem uma confiança dentro dela que faltava quando ela era estudante. Agora ela é uma mulher forte e desejável, e está certa.

Nunca lutei por ela.

Eu segui o fluxo, tentando proteger o que era importante para mim, mas continuei fazendo tudo do jeito errado. Será que eu esperava que ela ia confiar em mim depois que eu lhe contasse a verdade? Não havia desdém em seus olhos no nosso último encontro, mas sim uma grande dose de desconfiança e cautela. Uma falta de fé na minha capacidade.

E ela tinha razão em duvidar de mim.

Eu devia ter percebido que Eve viu Aisha na cidade, que ela provavelmente mandou alguém segui-la. De que outra forma ela saberia como encontrar a Aisha aqui? Sua decisão repentina de vir a este restaurante devia ter me alertado.

Vou ter de providenciar para alguém seguir Aisha por um tempo e se livrar de qualquer membro do pessoal de Eve que esteja na cola dela.

As ações de Eve, no entanto, me deixaram completamente abalado. O comportamento dela vem ficando errático faz tempo, mas ela também está desesperada para manter seu status. Aisha tinha razão. Eve fará de tudo para preservar sua imagem na sociedade. E hoje apareceu uma rachadura. Ela deve estar se remoendo.

Minhas mãos ainda estão queimando e sei que é por causa do revestimento de acônito do carro. É um método de precaução que a maioria dos Alfas e suas famílias usam em seus veículos para evitar ataques.

“Morris?” A preocupação de Aisha é como um bálsamo calmante. Sob

o olhar preocupado dela, não sinto nenhuma dor.

“Hm,” eu olho para ela.

“Você precisa ver um curandeiro?”

“Sim, tinha acônito no carro.” Sei que limpar as mãos nas minhas calças vai atrapalhar mais do que ajudar.

“Você vai ficar bem?”

Estou prestes a responder quando escuto as perguntas dela. Ela vai me deixar?

“Não,” eu digo, instantaneamente, sem nem precisar pensar. “Acho que não posso ver um curandeiro agora.”

“Por que não?” Aisha exige, com a testa franzida. “Olha o estado das suas mãos, Morris!”

“Não posso dirigir,” admito. “Não com acônito nas mãos. E depois de toda essa cena, acho que nenhum curandeiro vai poder me ver.”

É humilhante admitir que, como Alfa, sou tratado como o mais baixo dos baixos dentro da minha própria alcateia, mas essa é a minha realidade. Só posso reivindicar meu poder se eu desistir da minha mãe e deixá-la entregue ao seu destino nas mãos dos meus inimigos. Mas, enquanto ela continuar sendo minha fraqueza, essa vai ser a minha vida. Ter de admitir minha impotência para a mulher que amo, a quem eu devia proteger, me esmaga. Eu estou determinado a lutar por ela, mas o meu eu atual não consegue nem mesmo um curandeiro para minhas mãos.

“Não precisamos de um curandeiro,” Aisha diz, de repente, com o maxilar travado. “Só precisamos de uma farmácia. Espere aqui. Eu já volto.”

Eu vejo ela voltar rapidamente para o restaurante e me pergunto o que ela está planejando. Olho para baixo, para minhas mãos. Eu podia simplesmente lavar o acônito, mas seria contraprodutivo. Aisha demora quinze minutos, mas quando volta, tem um olhar de satisfação sombria nos olhos. Não preciso adivinhar o que ela fez.

“Cumpru sua ameaça?” Eu me sinto sombriamente satisfeito.

Ela me mostra um pen drive, com um sorriso malicioso nos lábios. “Enquanto eu tiver isso, sua esposa vai manter distância de mim.”

Eu estremeço, seguindo-a até o carro. “Eu queria que você não chamasse Eve de minha esposa.”

A mão de Aisha está parada na maçaneta do carro e sua voz é calma: “mas ela é sua esposa.”

Não perco a mágoa na voz dela e, embora seja prova de como ela se sente por mim, não gosto que ela esteja sofrendo.

Solto um longo suspiro: “guarde o vídeo sempre com você. Vou avisar que ela não pode mexer com você de novo. Mas você também está correndo um risco, Aisha. Ela pode decidir te forçar a entregar o vídeo usando outros meios.”

Quando Aisha olha para mim por cima do ombro, eu a encaro com um olhar firme.

“Você está dizendo que ela pode ir atrás da minha família?” pergunta Aisha, com os olhos brilhando.

“Estou dizendo que ela é capaz de qualquer coisa se for para proteger a imagem que ela cultivou na alta sociedade humana,” digo, minha voz dura. “Você tem que estar preparada.”

“Entendi,” diz Aisha, agora suavemente. “Obrigada pelo aviso, mas eu sei proteger minha família.”

Ela fica dizendo “família” quando é só ela e o Harry. Não sei por que o termo parece estranho aqui. Faria mais sentido se ela dissesse só “Harry.” Uma parte de mim se pergunta se Robert não estava errado, se talvez Aisha tenha encontrado alguém. Minha mandíbula se contrai só de pensar.

Mas ela parece mais feliz, mais do que eu nunca a vi antes. Se sua confiança e felicidade recém-descobertas forem por causa de um homem, não sei como vou reagir. Esse tempo todo, pensei que se encontrasse Aisha novamente, teria a chance de consertar as coisas, mas nunca pensei que ela estaria tão longe do meu alcance. A garota que conheci era forte, mas estava sozinha e desamparada em um mundo pronto para devorá-la. A mulher diante de mim lutou para conquistar um espaço para si mesma nesse mundo. Ela não precisa de mim. Mas eu preciso dela. Não posso viver sem ela. Meu coração bate por ela desde o dia em que a conheci e seu nome está gravado na minha alma.

Aisha nos leva a uma farmácia local e eu espero do lado de fora, no parque do outro lado da rua, envolto em escuridão. Não posso arriscar

que ela seja vista comigo. Eve já tem suas suspeitas. A notícia certamente vai chegar no meu pai e na família dela. Eles não vão considerar Aisha uma ameaça se eu não for visto perto dela. Até eu ter os meios para protegê-la, duvido que eu deva correr riscos.

Eu vejo ela sair da farmácia com uma grande sacola de papel nos braços. Atravessando a rua, ela entra no parque, vindo na minha direção.

“Comprei água salina para limpar o acônito. A água normal funciona, mas deixa resíduos. Mas você já sabia disso, não é mesmo, sendo um Alfa e tudo mais?”

Ela me lança um olhar significativo e eu desvio o olhar, culpado.

“Estenda suas mãos.”

Ela solta a tampa da garrafa e começa a despejar a solução salina nas minhas mãos. Arde, mas eu quase não sinto. Ela comprou vários frascos e esvazia todos nas minhas mãos, um a um, limpando com uma gaze macia entre eles. Suas mãos são gentis e seu olhar é concentrado.

No fim, minhas mãos estão vermelhas e inchadas.

“Isso vai se curar,” murmura Aisha, “mas eu costumo usar essa pomada. Ela deixa suas mãos dormentes por um tempo.”

Estou prestes a recusar a pomada quando ela começa a massageá-la nas palmas das minhas mãos. O contato me faz prender a respiração. Ela não percebe o que sua proximidade está fazendo comigo. Ou talvez eu não tenha mais o mesmo efeito que tinha antes. Mas no silêncio do parque, posso ouvir o som de seu coração batendo em um ritmo que eu não chamaria de normal.

“Você deve ter muita experiência com os machucados do Harry,” eu digo.

A forma dela se enrijece e, então, um pequeno suspiro risonho escapa de sua boca: “claro. Sim.”

Não sei o que foi na resposta dela, mas alguma coisa me deixa curioso.

“Você tem muita experiência com acônito?”

Aisha dá de ombros, tirando um rolo de gaze da sacola de papel. “Eu não diria muita e definitivamente não na forma concentrada, mas costumava crescer onde eu morava antes. Já tive problemas com ele.

Não tem o mesmo impacto letal que a versão concentrada, mas ainda assim dói para caramba.”

“A maioria das alcateias remove acônito das proximidades,” eu olho para a floresta. “Acho que ele nunca cresceu nas florestas de Portland. O que quer que seja cultivado aqui, é em um ambiente controlado.”

Aisha zomba: “as alcateias da cidade em que eu estava não eram tão diligentes. Tob— Harry achava que eram comestíveis e gostava de cheirá-las.”

De novo, sua explicação é estranha. Lembro-me de Harry como sendo uma criança muito sensata. Pensar que ele tentaria deliberadamente brincar com uma planta tão perigosa não faz sentido para mim.

Aisha está prestes a enrolar a gaze nas minhas mãos quando eu sacudo a cabeça: “pode deixar. Minhas mãos vão se curar sozinhas agora.”

Ela hesita: “tem certeza? Essas queimaduras estão bem feias, Morris.”

Meus lábios se contraem: “você está preocupada comigo?”

“Sim,” responde ela sem rodeios, enquanto coloca a gaze na bolsa e se recosta no banco do parque, me observando. “Por que está deixando Eve fazer isso com você? Por quanto tempo você planeja aguentar tudo isso?”

Sua franqueza me deixa surpreso. Não esperava que ela fosse tão brutalmente honesta comigo. “É complicado, Aisha—”

“Tenho certeza que é.” Ela me olha fixamente. “Mas você é o Alfa da alcateia e ela te trata como se você não fosse nada. Você não pode nem consultar um curandeiro. Você não tem ‘permissão’. O que isso diz sobre seu status na alcateia? Estou preocupada com você, Morris. Nada disso é normal e o fato de você estar deixando sua família se safar—”

“Não tenho escolha, Aisha,” digo, com firmeza. “Não estou só sentado nas minhas mãos e girando os polegares. Tem um plano em andamento, mas tenho que ser cuidadoso. Meu inimigo está observando cada movimento meu. É preciso muito esforço para despistá-los, mesmo que só por algumas horas por dia.”

A expressão de Aisha se torce: “então, é verdade? Estão usando sua mãe contra você?”

“Robert?” eu pergunto.

Ela engole, desviando o olhar: “sim. Ele me contou e as palavras de Eve confirmaram tudo. Sinto muito, Morris.”

Pressiono meus lábios e falo depois de alguns minutos. “Não tem nada que eu não faria pelas pessoas que amo, Aisha. Posso suportar alguns anos de humilhação se for para salvar minha mãe.”

Suspirando, olho para minhas mãos e vejo o inchaço começar a desaparecer lentamente. “Senti muito a sua falta quando você foi embora. No começo, fiquei com raiva. Fiquei com raiva por você não ter confiado em mim, por ter me deixado para trás. É claro que eu não sabia toda a verdade. Mas teve momentos em que a minha vida ficou muito difícil, e fiquei grato por você ter ido embora. Minha mãe está quebrada desde que eu me lembro, mas se você tivesse ficado, meu pai teria te usando contra mim também. E acho que eu não teria aguentado ver você se quebrar.”

A mão de Aisha se fecha no vestido dela antes de ela relaxar os dedos. “E o que te faz pensar que ele não vai tentar de novo? Eve já sabe que estou aqui.”

“Desta vez, eu posso te proteger,” encontro os olhos dela, meu próprio olhar firme. “Como eu disse, não estou desperdiçando meu tempo. Nos últimos dois anos, não fiquei parado. Minhas realizações estão aqui diante de você. Tenho os meios para te proteger por enquanto. Ainda não posso salvar minha mãe. Tenho planos em andamento, mas o momento certo ainda não chegou.”

Aisha me lança um olhar incrédulo: “o que você quer dizer com isso?”

Eu dou um pequeno sorriso. “Planos, Aisha. Você acha mesmo que vou deixar Eve, a família dela e a minha família se safarem de tudo? Ou que vou deixar eles usarem minhas maiores fraquezas contra mim para sempre? Não. Algumas coisas precisam ser executadas com muito cuidado e esforço. Especialmente quando tem vidas envolvidas. Meu pai e Eve tiraram tudo de mim. Eles têm de responder por muita coisa, mas tenho de ser paciente.”

Aisha parece inquieta: “o que você está planejando?”

Eu apenas sorrio para ela: “você vai descobrir. Enquanto isso, eu não jantei e sei que você também não comeu.” Levantando-me, estendo uma das minhas mãos machucadas. “Vamos comer alguma coisa.”

“Eu devia ir para casa,” diz Aisha, com a voz cuidadosa. “Sei que você tem sua cota de problemas para resolver, Morris, mas não posso me envolver—”

Sinto uma pontada de mágoa, mas não a culpo. Para alguém que foi tão duramente pega no fogo cruzado dos assuntos da minha família, não é de se admirar que ela não confie em mim. Mas não pretendo desistir.

“É só comida, Aisha,” eu digo. “E fica bem na esquina daqui. Ninguém vai nos reconhecer. Confie em mim.” Posso ver a recusa na ponta da língua dela quando seu estômago ronca. Suas bochechas ficam coradas e eu sorrio: “então está decidido.”

“É só uma refeição,” reitera Aisha. “Nada mais. E só estou aceitando porque estou com fome.”

“É claro,” meu sorriso não diminui.

Meu lobo está tonto de emoção dentro de mim. Pela primeira vez em muitos anos, ele está expressando alegria. Não sei quanto à Aisha, mas meu lobo sempre a considerou sua companheira ideal. E eu concordo.

Caminhamos até a esquina do parque, onde tem uma curva. Bem na borda, tem um pequeno estacionamento. Sob um poste de luz, um caminhão de comida está montado com cadeiras e mesas de plástico. Algumas pessoas estão ocupando as mesas, umas bebendo, outras comendo hambúrgueres gordurosos e batatas fritas ainda mais gordurosas.

“Nico,” eu cumprimento o homem na janela, “dois hamburgers, dois refrigerantes e as batatas fritas mais salgadas que você tiver.”

“Po’deixar,” Nico, um homem arredondado com um bigode maior que o rosto, despeja um pacote de batatas fritas congeladas no óleo já fervente. “Você e sua senhora sentem-se ali. Tony. Tony! Pegue as bebidas para eles! Rápido!”

Sentamos em nossos lugares e um rapaz sai correndo, irritado. Ele limpa a mesa e volta correndo com nossas bebidas.

“Tony é sobrinho do Nico,” explico quando Aisha parece preocupada de ver o garoto fazendo trabalho manual. “Ele tem quinze anos. Parece mais novo do que é.”

“Ah,” Aisha o estuda antes de olhar para mim. “Então, há quanto tempo você vem aqui?”

Dou de ombros: “descobri este lugar há três anos. Tento vir aqui o mais raramente possível.”

“A comida é muito gordurosa?” Aisha levanta uma sobancelha.

Tento sorrir, mas não consigo: “tipo isso.”

“E o seu lugar favorito, aquele restaurante indiano ao qual você me levou uma vez?”

Meus olhos escurecem, meu coração pesado. “Ele fechou.”

“Sério?” Aisha parece surpresa. “O que aconteceu?”

Já se passaram cinco anos, mas ainda não falei da minha dor ou das perdas que sofri quando meu pai me tinha totalmente sob seu controle.

“Outro dia,” forço as palavras a saírem. “Não posso falar disso ainda.”

“Morris?” Aisha diz, hesitante. “Você está bem?”

Uma risada amarga escapa dos meus lábios: “não. Não, não estou. Muitas coisas aconteceram, Aisha, das quais ainda estou me recuperando. Das quais eu não posso falar, que não estou pronto para falar. Não me pergunte.”

Espero que ela insista, mas ela concorda com a cabeça: “tudo bem. Então, como você se tornou o presidente do Grupo de Investimentos Hemlock?”

Meus lábios se curvam ligeiramente: “comecei depois do casamento. Começou pequeno, investindo em produtos e empresas dos meus amigos e conhecidos no exterior. O objetivo inicial era esconder todo o meu dinheiro para que minha família não pudesse ter acesso. Fiz alguns investimentos inteligentes e eles começaram a crescer. Eventualmente, eu me afastei e contratei outra pessoa para participar das reuniões. O engraçado é que meu pai e Charles, o irmão da Eve, estão tentando desesperadamente convencer minha empresa a investir na deles.”

Aisha ri levemente: “está esnobando deles, não é? Deve ser bom.”

“Incrivelmente,” sorrio, e o som da risada dela faz a dor desaparecer. “Eles enviam proposta após proposta e eu rejeito todas elas.”

“Como você conseguiu manter sua identidade em segredo esse tempo todo?” pergunta Aisha.

“Tenho pessoas que me representam. Raramente vou ao escritório e, quando vou, é quase sempre à noite. Meus funcionários mais

confiáveis sabem quem eu sou, mas, no fim do dia, tenho acesso a todas as contas. Trabalhar nos bastidores também é perigoso, por isso estou administrando a empresa com um punho de ferro. Tenho controle total sobre tudo. A delegação é limitada.”

Aisha ergue as sobrancelhas: “você esteve ocupado.”

“Você também,” eu a estudo, atentamente. “Como você foi trabalhar para o Robert?”

“Ele me contratou para um estágio e, quando descobriu que eu estava gr— que eu estava meio doente quando fui para lá, ele foi muito compreensivo. Ele também estava começando e eu ajudei. Estamos juntos desde então.”

“Ele te considera parte da alcateia,” tomo um gole do meu refrigerante, incapaz de conter a pontada de ciúme.

“Ele é da família,” diz Aisha, com seriedade. “Ele me apoiou e apoiou o Harry em uma época em que não tínhamos ninguém e nada. Eu estava sem teto e morrendo de fome quando ele apareceu. Não comia há uma semana quando recebi a oferta de estágio. Ele também ofereceu um pacote de realocação. Se não fosse por ele, não sei se Harry e eu teríamos sobrevivido sem que eu tivesse que recorrer a métodos desagradáveis.”

Minhas entranhas se apertam: “sinto muito.”

“Eu entendo,” ela dá de ombros. “Não foi culpa sua. Você também não podia fazer nada.”

Não consigo me impedir de perguntar: “você e Robert nunca—”

Olho para ela com atenção e ela zomba: “nunca tive tempo. Eu estava ocupada e, sinceramente, o jeito como fui tratada quando estava com você— eu não queria passar por isso de novo.”

Eu me retraio com suas palavras, mas algo me chama a atenção, a mesma coisa que vem me perturbando faz tempo. “Então, aquele cara que você mencionou— você disse que tinha um namorado—”

“Não quero ficar com ninguém, Morris,” Aisha me olha nos olhos. “Incluindo você. Eu só disse isso para você me deixar em paz. Mas, embora eu entenda suas circunstâncias, não estou pronta para ficar com ninguém agora. Não acredito em mentiras como o amor. Já vi o que ele faz com uma pessoa. Não quero mais essa parte da minha vida. Então, mesmo que estejamos sentados juntos agora, não pense

que isso significa alguma coisa.”

Meu coração se afunda.

CAPÍTULO 27

Aisha

Jantar com o Morris foi uma má ideia. Podíamos estar do lado de um caminhão de comida gordurosa, sem nenhuma intenção romântica, mas quanto mais tempo passo com ele e quanto mais descubro como ele viveu esses últimos anos, mais me sinto vacilar. Já se passaram dois dias desde o jantar e, desde então, estou preocupada com Morris. Pesquisei mais da vida de Eve e ela é o epítome de uma mulher da sociedade. Ela convive com a elite e é fotografada por revistas e jornais. Tem até fotos com Morris, mas não me passa despercebido que o Morris não está tocando nela em nenhuma das fotos. Ele nem sequer passa a mão nas costas dela, o que a maioria dos casais faz.

O aviso de Morris ficou na minha cabeça. Se Eve decidir ir atrás do meu filho ou do meu irmão para me roubar esse vídeo, isso vai ser um problema. Eu posso proteger minha família, mas não estou com deles vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Vou ter que falar com Robert. Vou receber uma resposta da empresa italiana em uma semana, mas, enquanto isso, Eve vai ser um problema. Ela não vai deixar essa passar tão fácil. Depois de passar vergonha em um restaurante lotado e do próprio marido não ter ficado do lado dela, Eve vai descontar em mim. Não tenho dúvidas.

Vou ter que falar com Robert sobre isso. Talvez tenhamos que nos mudar para o apartamento dele por alguns dias. É uma das únicas opções que posso considerar no momento. Quando estou chegando no escritório, escuto a voz de Robert vindo do corredor do escritório dele. Franzindo a testa, corro para ouvi-lo gritar ao telefone: “por que você não me contou? Você podia ter ficado na minha casa, seu idiota!”

Com quem ele está falando?

A pessoa do outro lado está dizendo alguma coisa e, então, Robert rosna: “você não acha que devia acelerar seus planos agora, Morris? Você está prestes a perder tudo.”

Morris?

Silêncio e então ele continua: “não, eu não vou te dizer, mas você precisa confiar em mim. Você precisa resolver essa bagunça agora.

Acelere seus planos, Morris. A violência está crescendo. Você não está só se colocando em perigo, mas também a Aisha! Se a noite passada não foi uma indicação, então hoje de manhã devia ter sido!”

O que aconteceu na noite passada?

Nunca ouvi Robert tão furioso. Minha mão gira sobre a maçaneta e estou prestes a entrar quando escuto ele dizer: “e se eles tivessem posto as mãos nela? E se os homens que você colocou do lado de fora do apartamento dela não tivessem chegado a tempo? Você não pode brincar com a Aisha, Morris. Eu não vou deixar.”

Uma breve pausa e meu coração está batendo forte com essa nova revelação quando Robert diz: “entendo o que você quer dizer, mas você está prestes a perdê-la de novo. E você ter entrado em cena hoje vai chegar nos ouvidos da Eve e do seu pai. Não vai ser bonito. Então, acelere seus planos ou desista dela. O tempo para pensar e planejar acabou, Morris.”

Minutos depois, eu escuto ele suspirar pesadamente e um rangido familiar chega aos meus ouvidos. Ele está se sentando.

Batendo na porta, não espero ele me convidar para entrar. Abro a porta e entro. “O que aconteceu?”

Robert está esparramado em sua cadeira de escritório, os dedos massageando as têmporas.

Ele me lança um longo olhar. “Você estava escutando?”

“É um pouco difícil não escutar quando alguém diz nome,” respondo, fechando a porta atrás de mim. “Então, o que aconteceu, Robert? E não minta para mim, por favor.”

Ele se levanta: “eu não tinha intenção de mentir.” Ele olha diretamente para mim e pergunta: “quando você ia me contar sobre seu encontro com minha irmã demoníaca de dois dias atrás?”

Eu me encolho: “bem, eu ia te contar, mas você ficou preso em reuniões para o novo projeto que começamos. E eu estava ocupada—”

“Não use desculpas comigo,” diz Robert, bruscamente. “Você não me contou deliberadamente, Aisha. Achou que podia se virar com a minha irmã? Você ficou tão confiante assim a ponto de brincar com a vida e a segurança do seu filho e do seu irmão?”

A vergonha me inunda: “desculpe. Eu pensei—”

“Eve enviou homens para o seu apartamento ontem à noite. Felizmente, Morris tinha pessoas te vigiando também. Eles conseguiram interceptá-los. Hoje de madrugada, três metamorfos mascarados tentaram se infiltrar no seu apartamento de novo. O Morris interveio pessoalmente. Você ainda mantém sua decisão de não me contar nada?”

Meu rosto está pálido enquanto eu escuto. “Eu não sabia—”

“É claro que não sabia!” Robert meio que grita antes de se recostar na cadeira, cobrindo o rosto com a mão. “Às vezes, acho que você e o Morris têm o mesmo cérebro quebrado.”

Eu me retraio.

“Você vai se mudar para o meu prédio até segunda ordem,” Robert faz uma careta, olhando para mim agora. “Até eu ter certeza que o alvo nas suas costas desapareceu, você não pode ficar no seu apartamento. Na verdade, acho que já está na hora de você arranjar outro lugar.”

“Vou embora em algumas semanas—”

“Vamos atravessar essa ponte quando chegarmos lá, Aisha,” Robert responde. “Por enquanto, é importante que você se mude para um prédio com mais segurança. Lembre-se que minha família sabe onde moro e ainda não conseguiu penetrar no sistema de segurança do meu prédio. E como sou o proprietário, ele tem um dos melhores que existem. Eu te disse para se mudar para lá quando viemos para cá, mas você é tão teimosa!”

“Já entendi!” eu digo, com firmeza. “Eu cometi um erro. Vou me mudar hoje. De qualquer forma, a maioria das nossas coisas já está empacotada.”

“Não,” Robert balança a cabeça antes de estender a mão. “Dê-me suas chaves. Vou pedir para a minha empresa de mudanças liberar seu apartamento e te instalar no meu prédio até o final do dia.”

Não consigo soltar um pio de protesto, porque só de pensar que minha família estava em perigo sem que eu soubesse, fico enjoada. Pego minha bolsa e, tirando as chaves, entrego elas para ele.

“Eu também quero o vídeo da Eve,” Robert estende a mão, com expectativa. “Deixe ela trocar de alvo. Ela vai te deixar em paz.”

“Tem certeza?” Eu hesito, preocupada com ele.

“Sim,” diz Robert, sem rodeios. “Agora, me dê o pen drive.”

Suspirando, entrego o drive também.

“Então, o que aconteceu com o Morris?” finalmente pergunto enquanto ele conecta o pen drive ao laptop.

Robert me olha: “pensei que você não quisesse ter nada a ver com ele. Por que você se importa?”

“Não me importo,” eu gaguejo.

Ele se inclina para trás na cadeira, me observando. “Parece que se importa.”

“Cale a boca, Robert,” resmungo. “Só estou preocupada com ele.”

“Por quê?”

“Bem, ele passou por muita coisa,” começo, e as sobranceiras de Robert se arqueiam tanto que quase desaparecem debaixo do cabelo.

“Ah,” diz ele, zombeteiramente. “Isso faz sentido.”

“Robert!”

Ele me encara: “você não pode odiá-lo e se preocupar com ele ao mesmo tempo, Aisha.”

“Eu não odeio ele,” admito. “Eu não sabia como foi difícil para ele.”

“Então, qual é o seu plano?” Robert me estuda. “Porque ele também é meu amigo. E eu não quero que ele sofra mais. Você quer aceitá-lo de volta? Essa é uma opção para você?”

“Eu—”

A resposta devia ser não. É tão simples. E, no entanto, a palavra não sai da minha boca.

Robert me encara e depois balança a cabeça: “você não sabe, mas está planejando sair do país para evitá-lo. Se já se decidiu, não fique atrás dele. Ele já está por um fio, Aisha. Fique longe dele se você não o quer.”

Meus dentes afundam em meu lábio inferior: “você tem razão.”

“Mas eu realmente recomendo dar uma chance para ele,” diz Robert de repente. “Sei que o que você passou foi terrível, mas não foi culpa

dele. Vocês dois foram manipulados. Você não demonstrou nenhum sinal de interesse em nenhum outro homem desde o Morris. Por que não dar uma chance para ele?”

Mais uma vez, nada sai de minha boca.

Meu silêncio faz os ombros de Robert caírem e ele me dá um sorriso pálido. “Tudo bem. Eu entendo. Vá trabalhar. Eu vou te mudar antes do fim do dia.”

Saio da sala.

Durante o resto do dia, sinto uma bola de tensão dentro de mim. Não me surpreende que Morris tenha descoberto onde moro. Mas ele conhecia sua família melhor do que eu, e é por isso que colocou pessoas para me vigiar. Se ele e seus homens não tivessem ajudado quando ajudaram, o que teria acontecido com meu filho? Ou com o Harry?

Fecho a porta do meu escritório e me sento pesadamente na minha cadeira.

Ele não me disse.

Ele não me ligou e não me disse o que fez. Podia ter dito. Ele nos salvou e isso teria sido um ponto a seu favor, mas nunca disse nada.

Pressiono os lábios, enterro o rosto nas mãos e meu coração bate descompassado. Continuo tentando culpá-lo. Continuo querendo responsabilizá-lo por tudo o que passei, porque é mais fácil odiar do que perceber que ele está sofrendo mais do que eu. A parte de mim que nunca deixou de amá-lo quer ir atrás dele, quer escolhê-lo, mas a garota quebrada dentro de mim, que não aprendeu nada além do pouco valor que ela tem, quer fugir. Não vou sobreviver a um segundo desgosto. Morris foi o primeiro homem a quem confiei meu coração. Mesmo quando sei que não foi culpa dele, as palavras daquela gravação ainda tocam na minha cabeça, de novo e de novo. Mesmo que agora eu saiba por que ele disse o que disse, ouvir a voz dele dizer aquelas palavras é uma agonia que ainda não consegui deixar para trás.

Penso em ligar para o Morris, mas minha mão fica parada no telefone. Nem sei o que dizer para ele. Até organizar meus pensamentos, acho que não devo tentar falar com ele. Mas a oportunidade acaba aparecendo mais cedo do que tarde.

No dia seguinte, à tarde, eu já estou exausta. Tive que passar metade

da noite desempacotando meus pertences enquanto Harry e Toby faziam um milhão de perguntas. Robert esteve em reuniões o dia todo e, quando estou me arrumando para ir embora, passo no escritório dele para entregar um arquivo. Quando entro, vejo o telefone tocando. A princípio, eu ignoro, mas quando ele não para, verifico o identificador de chamadas.

É o Morris.

A ligação cai de novo e eu estou pensando se devo ligar de volta só para avisá-lo quando o telefone do Robert toca. Dessa vez, ele enviou uma mensagem. Sei que não devia, mas abro a mensagem e vejo que ele enviou uma localização com um “SOS” escrito abaixo. Robert sempre está com o celular. Ele deve ter esquecido. Olho para a sala de conferências. Ele vai ficar lá a noite toda.

Demoro uma fração de segundo para decidir e rapidamente encaminho a localização para o meu próprio celular. Meu lobo está desconfortável e o meu lado humano também. Pego minhas chaves e minha bolsa e saio correndo.

O local é bem distante, em uma parte mais industrial e abandonada da cidade. Olho em volta e vejo principalmente armazéns. Meu lobo está com as orelhas de pé, alerta. O pino de localização deve ser de um desses armazéns. Dirijo devagar e logo me deparo com um grande prédio que parece abandonado com sua cerca rasgada, janelas quebradas e pintura descascada. Tem dois carros pretos brilhantes no estacionamento, bem na frente da entrada. Estaciono do lado de fora do estacionamento, com receio de me entregar. Se Morris estiver lá dentro, ele definitivamente não está sozinho. E, pelo tom da mensagem que ele enviou, não acho que esteja acompanhado de pessoas que ele considera amigas.

O sol está se pondo quando me aproximo do depósito. No meio do caminho, escuto sons de carne batendo em carne e rosnados altos. Abraçando a parede, dou uma olhada para dentro. Vejo grandes lobos se enfrentando. Está escuro no armazém, mas quando olho mais de perto, percebo que todos os cinco estão atacando o maior lobo de todos, um lobo que reconheço como Morris.

Morris está gravemente ferido, mas está lutando ferozmente. Seus agressores também estão feridos, mas são persistentes e os ferimentos de Morris parecem mais perigosos. Meu lobo uiva de raiva quando um dos inimigos agarra o pescoço de Morris com os dentes, com a clara intenção de matar. Deixando minhas coisas onde estavam, corro para frente, libertando meu lobo. Mal escuto os sons de minhas roupas se

rasgando enquanto meus ossos se quebram e se reformam. Os atacantes de Morris mal têm a chance de olhar por cima dos ombros quando aterrisso no chão e cravo os dentes na barriga desprotegida do que está mais próximo de mim. A chuva de sangue e vísceras é seguida por um uivo agonizante. Ele cai e dois dos inimigos se voltam para mim.

Morris se aproveita da distração para arrancar a cauda de um deles, o que faz o lobo cair no chão, a coluna vertebral quebrada por conta do tranco. O outro rosna de raiva e pula em cima do Morris, enquanto os lobos restantes parecem não conseguir decidir quem atacar. Por fim, eles decidem cuidar de mim, provavelmente por eu ser menor.

O erro é deles. Robert me ensinou a lutar assim que percebeu que eu era um lobo e, como sou pequena, ele sempre me ensinou a lutar sujo. Eu corto os olhos de um dos lobos enquanto Morris se livra de seu atacante e vai atrás daquele que está tentando me mutilar. Quando ele acaba com esse lobo também, o inimigo restante se aproxima sorrateiramente e corta ele na barriga. Suas garras estão cravadas no estômago de Morris quando eu ataco, jogando ele para longe. Morris cai no chão, sangrando, e meu lobo fica mortalmente imóvel.

Isso é muito sangue.

Sangue demais.

Minha cabeça se volta para o último oponente restante, que agora está de pé e avançando para Morris para terminar o trabalho. Eu o intercepto, jogando ele contra a parede. Meu corpo dói. Sem pensar, mordo a carne dele, arrancando pedaços. Ele uiva, tentando me empurrar, mas perdi toda a razão, movida só pela raiva. O gosto do sangue do meu inimigo na minha boca é satisfatório, para dizer o mínimo. Ele me empurra, mas eu mergulho de volta com a persistência de uma sanguessuga, recusando-me a soltá-lo a qualquer custo.

Continuo arrancando pedaços de sua carne até ele finalmente parar de se mexer.

É então que percebo que ele está morto.

Eu tropeço para trás, meu pelo encharcado de sangue.

Olhando para o lado, vejo a forma flácida do Morris e meu coração dispara. Corro para ele, empurro ele com meu nariz, tentando provocar uma reação, mas ele não se move. Seu peito está subindo e descendo, mas sua respiração é rasa. Ele não voltou à sua forma

humana e isso é preocupante.

Eu me afasto e corro até onde minha bolsa caiu. Nua e coberta de sangue, vasculho minha bolsa em busca do celular. Com as mãos trêmulas, estou prestes a ligar para o Robert quando me lembro de que o telefone dele está no escritório. É impossível que sua reunião já tenha terminado. Meus olhos passam por cima do meu ombro.

Preciso de um curandeiro. Rápido.

Tem uma outra alternativa, uma curandeira que tentou ficar longe dos olhos das alcateias locais.

Normalmente, eu nem pensaria em chamar essa curandeira, mas também não posso deixar o Morris morrer.

Ligo para um número conhecido.

É Harry quem atende o telefone.

“Aisha?”

Respiro fundo: “preciso que você faça uma coisa por mim.”

CAPÍTULO 28

Morris

Posso sentir a energia curativa quente passando por mim enquanto me seguro no precipício da escuridão, debatendo se devo cair. Algo está me impedindo. Não a energia de cura, mas algo mais profundo. Sempre pude sentir Aisha dentro de mim, meu lobo incapaz de abandoná-la. Mas tem outra presença, algo muito mais intrincado que está me segurando no lugar, meu lobo dormindo dentro de mim, mas se recusando a partir.

Estou morrendo. Eu posso sentir.

Seria muito mais fácil.

A parte cansada da minha alma, aquela que tem lutado sem parar desde o dia em que percebi a traição do meu pai, está me tentando.

Vamos desistir agora.

Quando eu me for, o fardo de Aisha também vai diminuir. Vão deixar ela em paz para viver a própria vida. Talvez ela encontre alguém com quem passar essa vida. Ou talvez eu já esteja atrapalhando seu relacionamento atual.

Estou tão cansado.

“Morris. Morris, acorde. Você tem que acordar.”

Essa é a voz da Aisha. Parece desesperada e quebrada, e meu coração se aperta no meu peito.

Outra pessoa também está falando. É uma voz familiar, que eu reconheço. Sei que estou errado. Essa pessoa está morta. Como todos os outros que estiveram ao meu lado, ela também pagou o preço com sua vida.

“Morris.”

É a voz de Aisha de novo.

Ela parece chateada.

Meu lobo está ficando agitado com a dor dela. Ele quer ficar ao lado dela.

E eu também.

Acho que não tenho outra opção.

*** **

Meu estômago está se revirando enquanto minha consciência volta.

“Acho que ele está acordado,” murmura uma voz suave, e meus olhos se abrem quase que instantaneamente ao ouvi-la. Minha mente deve estar me pregando peças, com certeza. Não tem como—

Um rosto familiar surge em minha visão e eu olho fixamente para suas feições.

“M-Maria,” eu ofego. “Não é possível—”

Minha voz está rouca quando olho para a menina, não, a jovem, que sorri de volta para mim. Ela está mais velha agora e suas feições amadureceram.

“Como—”

“Como está se sentindo, Morris?” pergunta ela, com ar de preocupação. “Você nos deu um susto e tanto.”

Não consigo tirar os olhos dela, mal consigo ouvir a pergunta. “Como você está viva? Pensei que você estivesse morta.”

Cinco anos atrás, no massacre cometido contra meus aliados, Maria, a jovem curandeira que fazia parte deles, também foi uma das vítimas.

Maria me lança um olhar trêmulo: “isso não é importante—”

Agarro a mão dela antes que ela possa colocá-la na minha barriga e minha voz é dura: “é sim. Como você está viva? Por que não veio me procurar?”

“Maria, Harry me disse—” diz uma voz vinda de um pouco mais longe.

Meus olhos se levantam e vejo Aisha entrar no quarto. É um cômodo pequeno, mas eu o reconheço.

É o apartamento do Robert. Às vezes, eu durmo nesse quarto.

Como cheguei aqui? Por que Aisha está aqui?

“Morris,” Aisha parece aliviada. “Você me assustou. Como está se sentindo?”

É difícil desviar meu olhar de Maria, mas Aisha é a única que consegue roubar minha atenção em qualquer situação. Lembro-me da mensagem que enviei ao Robert quando fui atraído para o depósito. Não foi o Robert que apareceu, mas Aisha.

“Você está bem?” Eu tento me sentar, mas ela coloca as mãos nos meus ombros, me forçando de volta para baixo.

“Não fui eu quem foi meio eviscerada, Morris!” Os olhos dela brilham para mim. “O que você estava pensando para entrar em uma luta contra essas pessoas? E você é um Alfa! Como não conseguiu enfrentar um bando de metamorfos?!”

É Maria quem responde por mim. “Foi uma toxina no sangue dele. Eu nunca vi isso antes, mas estava te deixando mais fraco. Eu me livrei de toda ela no seu organismo.”

Então, é por isso que sinto minha força retornando. Essa é uma das razões pelas quais nenhum curandeiro pode se aproximar de mim.

“Você sabe como—” Maria começa a perguntar.

“É uma pílula que eu tomo diariamente,” eu interrompo.

“O quê?” Aisha pisca para mim. “Você está tomando uma pílula que te enfraquece? Por quê?!”

Eu não respondo. A essa altura, ela já deve saber a resposta.

Aisha me estuda e finalmente pergunta: “seu pai?”

Eu me sento, sentindo a dor queimar minha barriga. “Ele não ia tolerar um Alfa que pode matá-lo a qualquer momento, então ele me deu um veneno de ação lenta que pode enfraquecer um metamorfo.”

“E você simplesmente aceitou?” Aisha me lança um olhar incrédulo.

“Ele sabia onde minha mãe estava,” respondo com firmeza. “Quando me recusei, ele me mostrou vídeos dela sendo torturada. Eu não tive escolha.”

Sua expressão se contorce e eu desvio o olhar. Ela deve me ver como um homem fraco, tão fácil de manipular, mas, no fim das contas,

tenho de proteger aqueles que amo.

Maria parece tensa e eu estudo o rosto dela. “Eu te fiz uma pergunta, Maria. Como você está aqui? Eu vi seu corpo.”

“Corpo?” O olhar de Aisha se volta para Maria, bruscamente. “Que corpo?”

Maria abaixa a cabeça, os dedos cravados no material da calça jeans.

“Maria?” Aisha pergunta, com a voz embargada. “Do que o Morris está falando?”

“Foi depois que você foi embora,” diz Maria, tensa.

Percebo que ela tem dificuldade para falar sobre o assunto, então cubro a mão dela com a minha. “O massacre. Sempre achei que meu pai não sabia o que eu estava fazendo e com quem estava me encontrando. Eu estava tentando fortalecer minha posição na alcateia e tinha pessoas trabalhando para mim. Quando meu pai me colocou sob seu controle, ele exterminou todos em uma noite só.”

Lanço um sorriso sem humor para Aisha. “Você me perguntou o que aconteceu com o restaurante indiano onde eu te levei. Eles eram humanos que nunca me deram mais do que afeição. Seus túmulos são os mais difíceis de visitar.”

Ela empalidece.

“Eu fugi naquela noite, com outras duas pessoas,” Maria interrompe, lentamente. “Minha amiga estava hospedada na minha casa. Ela estava no meu quarto, dormindo na minha cama. Eu tinha saído para comprar uns lanches para nós. Eles devem ter pensado que eu era ela. Senti o cheiro de sangue quando virei a esquina do quarteirão e vi eles jogando gasolina em volta da minha casa. Corri para a casa da minha tia. Fiquei escondida lá por alguns dias enquanto ela investigava o que tinha acontecido.”

Ela olha para suas mãos: “reconheci um dos homens que estava segurando o galão do lado de fora da minha casa. Era um dos homens do Alfa. Minha tia juntou dois mais dois, especialmente depois das outras mortes, e me mandou para a alcateia do marido dela, fora do estado. Eu estava lá esse tempo todo.”

Fico em silêncio.

Na noite do massacre, meu amigo mais próximo, sua família e as

peessoas que eu considerava minhas foram mortas. Uma a uma, assassinadas em suas camas. A perda de Finn e dos pais dele, que me amaram desde a infância, ainda é uma ferida que não cicatrizou.

“Então, quando Harry te encontrou no mês passado—” Aisha começa, olhando para Maria.

“Eu estava visitando meus tios,” Maria concorda com a cabeça. “Tenho que partir em algumas semanas. Vou me tornar a curandeira oficial da alcateia do meu tio.”

Pela expressão de Aisha, ela também não sabia disso. É óbvio que ela quer dizer alguma coisa, mas, em vez disso, ela olha para mim. “O que aconteceu naquele depósito? Quem eram aquelas pessoas? E por que elas estavam tentando te matar?”

“Eve,” eu digo. “Matei os homens que ela mandou atrás de você. Ela não gostou disso. Eu disse que ia me divorciar dela publicamente se ela tentasse te atacar de novo. Aqueles homens eram assassinos que trabalhavam para o pai dela. Ela tinha a intenção de me matar.”

O ofego agudo de Aisha me fez sorrir, sombrio. “Ela está ficando mais desequilibrada a cada dia. A alcateia está começando a se perguntar por que ela não concebeu um filho, por que eu não lhe dei uma marca de acasalamento. Afinal, uma marca não pode ser forçada. O lobo tem de estar disposto. Ou é só uma marca de mordida no pescoço. Eve pode estar ganhando status na alta sociedade humana, mas, aos olhos da nossa alcateia e da dela, ela foi considerada indigna de carregar a marca do Alfa. É o tipo de humilhação que ela não consegue processar.”

Fico feliz em vê-la atormentada dessa forma. Ela tirou tudo de mim. Eve tem vivido na ilusão de que, apesar de tudo o que ela já me fez ou ainda está fazendo, meu lobo acabaria por aceitá-la. E, teimosa como é, mesmo vendo seus planos fracassarem, ela se recusa a desistir. Ela sabe o que a nossa alcateia pensa dela, mas está decidida a me conquistar. E quando eu a ameacei com o divórcio e matei os homens que ela enviou para o apartamento de Aisha para fazer todo tipo de coisas desprezíveis com ela, ela finalmente perdeu o controle.

Os assassinos do pai dela me emboscaram quando eu estava saindo do escritório.

Ela realmente queria que eles me matassem.

Duvido que meu pai saiba dessa tentativa. Ele vai ficar furioso, sem dúvida. Se alguma coisa acontecer comigo, meu pai não vai poder ser

o Alfa de novo e, como não tem mais nenhum herdeiro masculino além de mim, um Alfa terá de ser escolhido dentre a nossa família estendida. A escolha não vai ser dele, o que deixaria meu pai com pouco controle.

Não, meu pai não teria aprovado essa tentativa de se livrar de mim.

Mas planejo tirar o máximo proveito dela. Enquanto Eve lida com as consequências de suas ações, pretendo me concentrar em outro lugar por um tempo.

Olho para Maria, e meus olhos se enchem dela.

Cada morte pesou demais na minha alma. Esses últimos cinco anos me dilaceraram e me transformaram em pó. Ainda estou lutando, ainda estou tramando e planejando, mas, acima de tudo, nunca me recuperei da perda das pessoas que antes estavam ao meu lado.

“Fico feliz que você tenha sobrevivido,” pego as mãos de Maria nas minhas. Ela é uma adolescente agora e logo vai pertencer oficialmente a outra alcateia, sua lealdade deles. Talvez seja melhor assim. Ela parece mais confiante do que eu me lembro, mais confortável na própria pele. Os talentos dela também floresceram.

Maria me dá um sorriso trêmulo. “Eu queria falar com você, Morris, mas minha tia me impediu. Quando você se tornou Alfa, ela —não, a alcateia inteira— percebeu que alguma coisa estava errada. Todo mundo sempre soube o porquê das mortes daquela noite. E eu— eu estava com medo de voltar—”

“Eu entendo,” aperto a mão dele. “Sua tia estava certa. Se você tivesse tentado entrar em contato comigo, meu pai teria descoberto e feito de você um exemplo. Fico feliz que um de vocês tenha sobrevivido.”

Maria enxuga os olhos: “não fui só eu. Eu te disse. Outros dois escaparam comigo. A Diana e o Finn.”

Eu pulo com suas palavras: “diga isso de novo.”

“Diana ficou sabendo do que estava acontecendo, fugiu primeiro e salvou a vida do Finn. Ela me encontrou e trocamos cartas ao longo dos anos. Eles queriam te ajudar, mas não tinham como chegar em você. Também foi por isso que eu vim para cá.”

Maria está falando rápido, as palavras se misturando umas às outras. “Ela me escreveu há dois meses para me dizer que Aisha estava de volta a Portland. Ela disse que a presença dela ia agitar as águas e que

você podia precisar dela e do Finn. Era para eu te dar isso.”

Ela pega uma bolsinha ao seu lado e tira um pedaço de papel dobrado. Eu pego dela.

É um número de telefone.

“Ela disse para te dizer que eles virão quando você precisar deles.”

“Eles estão vivos?”

Minha voz está rouca e a mão de Aisha envolve a minha. Preciso do toque dela neste momento. Preciso de alguém para me firmar porque a dor daquele dia está voltando em uma onda terrível.

Meu coração está batendo dolorosamente forte no peito. Preciso de toda a minha força de vontade para não desmoronar na frente de Maria e Aisha. Eu contratei Diana como minha secretária porque ela era inteligente e discreta. Sob minha proteção, ela desenvolveu suas habilidades e até o meu pai tentou recrutá-la para o seu grupo várias vezes. Ela não foi só minha secretária, mas também minha amiga. Sua perda, como a de Finn, foi um golpe devastador.

É a mão de Aisha na minha perna que me fez olhar para cima. Seus lábios estão apertados e posso ver uma emoção dolorosa em seus olhos.

“Você precisa de um minuto?” pergunta ela, calmamente.

Balanço a cabeça, com a voz áspera: “não. Obrigado, Maria.”

“Eles também querem se vingar,” os olhos de Maria estão brilhando de lágrimas. “E eu também. Eles mataram minha mãe e minha amiga. Quero me vingar deles, Morris.”

“Vou ligar para eles,” murmuro antes de estender a mão e puxar Maria para um abraço de um braço só. “Você foi tão corajosa. E eu sinto muito pelo que você teve que passar.”

Ela hesita e depois passa o braço em volta do meu pescoço. Suas lágrimas estão quentes no meu ombro e eu fecho os olhos, tentando engolir a culpa.

Uma batida na porta me faz olhar para cima e vejo um adolescente alto. Eu o reconheço quase que instantaneamente, mas ele me ignora.

“Aisha, posso deixar a Maria na casa da tia dela agora? Está ficando tarde.”

Olho para Harry e sinto uma pontada de arrependimento quando ele evita meus olhos.

Aisha concorda com a cabeça: “pode ir, Maria. Eu te chamo se precisar de você.”

Ela se afasta de mim, enxugando os olhos: “tudo bem.”

Levantando-se, ela ajeita a bolsa, fungando. “Eu te curei completamente, Morris. Não precisa se preocupar com nada. Mas você devia descansar um pouco antes de sair da cama.”

Eu vejo ela sair e olho para o Harry, que simplesmente sai do quarto.

“Não se ofenda com o Harry,” suspira Aisha.

É um pouco difícil, mas posso entender. Se ele compartilhava dos mal-entendidos de Aisha, então ele tem todo o direito de me odiar por enquanto.

O silêncio se instala entre nós por longos minutos, e então Aisha diz: “não vou pedir desculpas por estar com raiva de você, Morris. Ou por te culpar. Mas se eu soubesse da situação em que você se encontrava, não teria te deixado sozinho. Eu teria ido atrás de você, tentado ficar ao seu lado de qualquer jeito que você precisasse.”

Suas palavras são sinceras e tem uma dor oca nelas que posso ouvir.

“Você está aqui agora,” eu olho para ela. “Quando eu mais preciso de você, você está aqui.”

Ela tenta sorrir, mas não consegue e, apesar de suas palavras, posso ver a culpa em seus olhos.

“O Alfa do clã Wolfguard vai desaparecer agora,” eu digo de repente. “E enquanto a alcateia entra em pânico, o presidente do Grupo de Investimentos Hemlock vai comprar uma casa e algumas propriedades. Você estaria interessada em sair com ele?”

Aisha pisca e então suas bochechas ficam vermelhas, “O quê?”

“Vou me divorciar da Eve,” eu a encaro com firmeza. “Já preparei os documentos há muito tempo. Vou enviá-los até o final da semana. Só preciso tirar minha mãe de lá.”

“Pergunte-me depois, então,” responde Aisha, com voz firme, mas eu estendo a mão e seguro a dela.

“Não me peça para esperar, Aisha. Eu já esperei por anos.”

Ela parece dividida: “Morris, eu não vou ser sua amante—”

“Não preciso de uma amante,” digo, com firmeza. “Preciso de uma companheira, uma esposa. Preciso de você. Não estou pedindo nada que vai passar dos seus limites. Só saia comigo. Quero passar um tempo com você.”

“Você não devia estar preocupado com outras coisas agora, Morris?” Aisha exige. “Não sei, tipo sua esposa e seu pai procurando por você?”

“Na verdade, não,” sorrio para ela. “Como eu disse, preciso de uma semana para organizar tudo. As ações de Eve aceleraram meus planos. Mas preciso falar com Robert.”

“Ele está no depósito,” informa Aisha, prontamente. “'Limpendo', de acordo com ele.”

Sinto um enorme alívio.

“Eve vai recobrar o juízo em um dia ou dois,” murmuro. “Ela vai tentar esconder essa bagunça do meu pai. Vai demorar dias para ele perceber que não estou por perto. Esse é todo o tempo de que preciso.”

Meu estômago ronca e Aisha se levanta. “Robert tem uns bifés na geladeira. Vou prepará-los para você. Você precisa de carne para se recuperar.”

Ela ainda não respondeu à minha pergunta sobre sair comigo, mas, conhecendo-a, ela não vai aceitar até eu estar oficialmente solteiro.

Ela fecha a porta atrás de si e eu me deito na cama, fechando os olhos. Meu coração está uma bagunça.

Finn sobreviveu. E Diana também.

Entendo por que eles não me procuraram, mas vou precisar deles agora. Uma parte de mim está relutante em arrastá-los de volta para essa bagunça. Não quero que eles se machuquem. Meus olhos caem sobre o pedaço de papel na mesa ao lado.

Eu devia ligar para a Diana.

Se ela quiser se vingar, agora é a hora.

Estou pegando o telefone fixo na mesa lateral quando sinto uma

vibração na minha perna.

Dou um tapinha na cama e percebo que tem um celular debaixo do meu cobertor. Eu tiro ele de lá.

É o celular da Aisha.

Demoro menos de um segundo para perceber. É o nome de Harry que está na tela, mas meus olhos são atraídos para a foto no identificador de chamadas. Tem três pessoas na foto. Aisha está com o braço em volta dos ombros de Harry e Harry está sorrindo largamente enquanto segura uma criança nos braços. Uma criança de cabelos escuros e olhos verdes claros.

Fico olhando para a foto, sem saber o que fazer.

Mas quanto mais tempo passa, mais semelhanças vejo com minhas próprias características.

A criança não parece ter mais de dois anos na foto.

Minha boca fica seca.

Meus olhos são atraídos para o texto na camiseta que ele está usando.

“O príncipe da mamãe.”

Não tem como negar.

É o filho da Aisha.

Ele tem os olhos dela. Ele tem meu cabelo.

Meu cabelo.

É o meu filho.

CAPÍTULO 29

Aisha

Eu não queria deixar o Morris, mas quando Robert chega, com uma expressão sombria, eu pego minhas coisas e saio em silêncio.

Mas meu coração está pesado de arrependimento.

Subo as escadas e a primeira coisa que faço é ver meu filho.

Toby está dormindo, seguro e quentinho, e eu me sento na beirada da cama, acariciando seus cabelos.

Eles destruíram Morris, sua família e a mulher com quem ele foi forçado a se casar. Eles o destroçaram e, mesmo que ele se recuse a cair, a riqueza da dor em seus olhos me faz querer chorar. Como posso ir embora? Como posso abandoná-lo? Como posso tirar o filho dele?

Lágrimas caem dos meus olhos enquanto acaricio o cabelo de Toby.

Eu estava errada. Agora eu sei disso. Eu fui manipulada e acreditei. Mas se eu tivesse ficado e confiado no Morris, será que meu destino teria sido o mesmo das pessoas que ficaram ao lado dele? Será que Harry e eu estaríamos enterrados em alguma cova rasa?

Solto um suspiro trêmulo e me levanto.

Saindo do quarto, fecho a porta atrás de mim e vou até a cozinha para me servir de uma bebida. Encostada no balcão da cozinha, tomo um gole de vinho tinto, olhando para o mármore do balcão da ilha.

Não posso ir embora.

Não tenho dúvidas de que Morris planeja se divorciar de Eve. Não estou duvidando nem um pouco de suas intenções. Mas sair com ele enquanto ele ainda está legalmente casado deixa um gosto amargo na minha boca. Só não sinto mais raiva dele. Vê-lo no chão do armazém, morrendo, me assustou demais. Ver sua mortalidade trouxe à tona todos os sentimentos que eu estava tentando enterrar.

Eu ainda amo o Morris.

Nunca vou deixar de amar.

Giro o vinho na minha taça, a tensão se formando dentro de mim.

Também não quero mais ir embora. Não quero abandonar o Morris.

Então, o que me resta?

Solto um suspiro trêmulo, pousando meu copo. Ele já me disse várias vezes que me ama. Mas eu não disse como me sinto. Não disse muita coisa além de desdém e raiva. Mas, agora, quero estar ao lado dele. Quero ajudá-lo a se recuperar.

Parece que eu sei o que quero.

Mas eu vou dizer só quando ele tiver terminado com a Eve. Quando esse capítulo estiver legalmente encerrado, então vou falar com ele. Quero uma segunda chance. É isso que o meu coração e o meu lobo querem.

Pego o copo e o esvazio.

Se eu encontrar a Eve, talvez arranque seus olhos.

O som da porta se abrindo me fez olhar para cima: “Harry?”

“Sim, sou eu.” Meu irmão mais novo entra na cozinha. “Acabei de deixar a Maria em casa. Ela estava chorando baldes.” Ele parece chateado: “ela está indo embora. Você sabia disso?”

“Eu mesma acabei de descobrir,” digo para ele. “Você está bem?”

Ele se senta pesadamente em um dos bancos da cozinha: “eu queria que ela não fosse embora.”

Meus lábios se curvam: “você gosta dela.”

O rosto vermelho dele revela seus sentimentos. Mas ele muda rapidamente de assunto. “Você recebeu notícias da empresa, aquela da Itália?”

Pressiono meus lábios e concordo com a cabeça.

“Então, quando vamos embora?”

Harry parece tenso e eu fecho os olhos por um instante. “Acho que não vamos embora, Harry.”

Ele endurece: “não me diga que de repente você decidiu ficar por

causa do Morris?”

“Sim,” eu me endireito ao ver a raiva em seu rosto. “É complicado, Harry. Tem muitas coisas acontecendo—”

“Mas depois de tudo o que ele fez com você—”

“Não foi ele!” eu explodo em um acesso de raiva antes de fechar os olhos em arrependimento. “Desculpe, eu não queria gritar. Não foi ele. A família dele— ele precisa de nós agora, Harry.”

“Mas—”

Meu irmão ainda tem traços da doçura de sua infância, mas ele também é um adolescente.

“Venha cá,” vou até o sofá e dou um tapinha no lugar ao meu lado. “Acho que está na hora de conversarmos.”

Não acho que tenho o direito de compartilhar os problemas do Morris com ninguém, mas Harry sofreu junto comigo naquela época. Ele merece saber. Eu espero ele se sentar do meu lado com relutância e suspiro internamente.

Vai ser uma noite longa.

Robert não aparece no escritório por dois dias. Quando ele dá as caras no terceiro dia, tem grandes hematomas nos braços e no rosto.

“O que aconteceu com você?” eu exijo.

“Levei uma surra,” responde ele, alegremente.

“Onde está o Morris?”

“Por aí,” Robert sorri para mim.

Eu o sigo para dentro do escritório. “Ele não está no seu apartamento. Eu olhei.”

“Você usou a chave reserva, não foi?” Robert se afunda em sua cadeira com um gemido. “Ele não está mais lá. Mudou-se para sua própria casa.”

“Ele voltou para a Eve?” Eu congelo e Robert me lança um olhar de nojo.

“Nem brinque com isso.”

“Não estou,” franzo a testa. “Onde ele está, então? Achei que ele ia resgatar a mãe dele.”

“Já resgatou,” Robert aponta para o rosto. “Eu não me estropeiei por diversão. Ele comprou uma propriedade e ela está lá com a cuidadora.”

“Então, o pai dele e a Eve sabem?” Posso sentir meu coração acelerar.

“Não. O pai está procurando por ele. Eve não saiu da casa deles. Está tudo uma bagunça agora, mas Morris está se preparando para dar o golpe final.”

“Que seria?” eu pergunto.

“Por que você não pergunta para ele?” Robert ergue as sobrancelhas. “Ele disse que passaria aqui hoje. E se você estava tão preocupada com ele, podia ter ligado.”

Abro a boca e depois a fecho.

Eu podia ter ligado. Não sei por que não pensei nisso.

“Eu—” Olho para o arquivo na minha mão. “Decidi não ir embora.”

Robert pisca lentamente, “Como é que é?”

“Decidi não aceitar o emprego na Itália,” repito. “Assim que tudo estiver resolvido, vou apresentar o Toby ao Morris e veremos como as coisas vão se desenrolar.”

Robert se levanta e eu levanto a mão, impedindo-o. “Não quero começar nenhuma briga.”

“Você e o Morris, hein?” Robert sorri. “Decidiu perdôá-lo, foi?”

“Não tinha nada para perdoar,” murmuro.

Robert me encara: “Aisha e Morris, sentados em uma árvore—”

“Ah, cale a boca,” eu olho feio para ele. “O que você tem, cinco anos?”

“B-E-I—”

“Você é tão infantil às vezes, Robert!” Saio do escritório antes que ele possa terminar a musiquinha.

Sua risada me acompanha por todo o caminho até meu escritório.

Uma hora depois, minha assistente bate NA minha porta, sem graça. “Isso chegou para você.”

Ela está segurando uma cesta enorme nas mãos, embrulhada para presente.

Eu me levanto, gesticulando para a minha mesa. “Coloque aqui em cima. Tem algum cartão?”

“Não,” ela balança a cabeça.

Espero ela sair para desembulhar a cesta. O conteúdo me faz piscar de surpresa. É uma variedade de alimentos que eu gosto, a maioria das minhas marcas favoritas. Tem de tudo aqui, desde barras de chocolate até laranjas. No meio, tem um grande lobo de pelúcia com a língua para fora. Ele tem um colar de coração pendurado no pescoço. O coração é incrustado com um rubi vermelho brilhante. A caixa também está na cesta e, quando vejo o nome da marca, meu coração quase salta pela boca.

Jóias Brenley.

É uma das principais joalherias desse lado do mundo, um lugar que até os ricos tendem a evitar devido aos altos custos.

Eu sei imediatamente quem enviou essa cesta.

Coloco o lobo na minha mesa, com colar e tudo, e tiro uma foto dele. Por um momento, hesito e depois envio a foto para o Morris. Sua resposta chega um minuto depois.

Esse colar devia estar no seu pescoço.

Não sei como responder. Uma parte corajosa de mim quer mandar ele mesmo vir colocar em mim, mas acho que ainda não chegamos a esse ponto. Em vez disso, eu envio uma mensagem diferente.

Como está sua mãe?

A resposta demora e, quando chega, é curta e posso sentir o cansaço oculto sob as palavras.

Está viva.

Guardo meu telefone, pensando em suas palavras. Será que ela se machucou enquanto ele tirava ela de lá? Ou ele se machucou?

Passo o resto da manhã comendo os lanches da cesta e trabalhando, sempre pensando no Morris. É difícil não pensar quando tem um lobinho olhando para mim da minha mesa. Quando chega a hora do almoço, estou bem satisfeita e pensando em trabalhar a hora inteira, quando escuto outra batida na porta.

Dessa vez, minha assistente entra com uma sacola grande de comida para viagem e outro lobo de pelúcia, muito maior do que o anterior. Ela está se esforçando ao máximo para não sorrir. “Isso acabou de chegar para você.”

“Deixe eu adivinhar,” levanto uma sobrancelha. “Não tinha cartão.”

“Não.” Ela coloca o lobo no sofá ao lado da minha mesa e pousa a sacola de comida na minha frente.

O lobo de pelúcia tem dois braceletes de diamante nas pernas.

Pego meu telefone e ligo para o Morris. Ele atende no segundo toque.

“O que você está fazendo?” eu pergunto, sem rodeios.

“Nada.”

“Morris, tem dois bichos de pelúcia no meu escritório usando joias,” franzo a testa. “Também tem comida demais. O que você está fazendo?”

“Você não gostou deles?” ele pergunta, preocupado.

“Não foi isso que eu quis dizer,” esfrego a ponte do nariz. “Eu quis dizer, o que você está fazendo? O que eu vou fazer com tudo isso?”

“Ah, isso é simples.” A voz dele é divertida. “Use as joias. Coma a comida.”

“É comida demais, Morris.”

“Ah,” ele não parece nem um pouco arrependido. “Leve para casa, então. Harry pode dividir com você.”

Morris parece estar decidido a ser difícil hoje, então encerro a ligação e estudo o conteúdo da sacola. Para minha surpresa, tem uma variedade de refeições. E também várias fatias de bolo e doces.

Balanço a cabeça, me perguntando o que ele está pensando.

Peço para o Harry vir buscar a comida extra e dou a pelúcia maior

para ele levar para casa para o Toby.

O dia seguinte não é diferente.

Morris me envia mais comidas e joias. Meu lobo fica todo satisfeito com essa atenção. Meu lado humano está reticente e, embora um pouco feliz, acha isso excessivo. Preferia que ele simplesmente aparecesse e conversasse comigo.

É no quarto dia que ele finalmente dá as caras.

Uma batida na porta pouco antes da hora do almoço me faz dizer, bruscamente, sem nem levantar os olhos da minha mesa: “o que quer que ele tenha enviado, dê para o Robert!”

“Ai.”

A voz de Morris me faz levantar a cabeça.

“Você?!”

“É isso que você tem feito com todos os meus presentes?” Morris se inclina contra o batente da porta. “Jogando no colo do seu chefe?”

Ele parece magoado de verdade, e eu sinto uma pontada de culpa: “eu levei tudo para casa.”

“Ah, então por que você disse—?”

“Onde você estava, Morris?” eu exijo, ficando de pé.

“Cuidando de algumas coisas,” ele se aproxima com um pequeno sorriso. “Você queria me ver?”

“N-não.”

Ele ainda consegue me deixar com os joelhos fracos com só um olhar.

“Eu estava preocupada.”

“Comigo?” ele parece surpreso.

“Quem mais?” Eu franzo a testa. “Robert não diz nada e você é como um fantasma.”

Ele sorri para mim, ridiculamente satisfeito por qualquer motivo. “Eu entreguei os papéis do divórcio. Também destruí o financiamento da empresa do pai dela e da empresa do meu pai. Eu andei ocupado.”

“Mas não ocupado o suficiente para me enviar joias e comida?” pergunto, lentamente.

Ele olha para o lobo sobre a mesa. Seus olhos se voltam para mim e, antes que eu possa me mover, a mão dele se estende para o meu pescoço e ele agarra a corrente pendurada ali. Ele tira o colar de coração de rubi e o estuda.

“Você está usando,” a voz dele é pensativa enquanto ele olha para mim.

Eu corro e pego o colar de volta: “é, bem.”

“Você ainda é péssima em receber presentes, não é?” Ele sorri para mim.

“Não sou, não,” eu digo sem graça.

“E os braceletes?” Morris se aproxima mais e eu mostro meus pulsos vazios antes que ele possa agarrá-los.

“Por que você me deu diamantes?”

“Porque você merece o melhor,” ele sorri para mim, feliz. Ele está com um humor estranho. Eu nunca vi ele tão feliz antes. Meu lobo ronrona em aprovação.

“Não uso muitas joias,” digo, devagar.

“Então você pode usar só o que eu te der de agora em diante.” Ele se endireita e pega minha mão. “Vamos lá. Tenho uma surpresa para você.”

Não tenho a chance de responder porque ele me puxa para fora do meu escritório, depois para a escada. Subimos até o terraço e, quando ele abre a porta, vejo uma mesa posta.

“O que é isso?” Eu me aproximo da mesa. A comida e as bebidas já estão servidas, e Morris vem atrás de mim.

“Nosso primeiro encontro. Você disse para eu te perguntar quando pedisse o divórcio. Eu não queria perder tempo.” Eu me viro e ele está a poucos centímetros de mim, sorrindo. “Então, Aisha, você quer sair comigo?”

Minhas palavras ficam presas na garganta e levo um minuto para responder. “Sim.” Minha resposta é um pequeno suspiro.

O sorriso dele se aprofunda e ele se aproxima de mim. Não o detenho quando sua mão se enrola no meu pescoço. A voz dele é rouca: “diga não se quiser que eu pare.”

A proximidade dele está me drogando. Meu coração está acelerado.

A sensação é tão certa.

Quando a boca dele desce até a minha, fecho os olhos.

O beijo é quente e exigente e cada centímetro do meu corpo reage de uma forma que estava adormecida há anos. Meus dedos se cravam no casaco dele em um desejo desesperado de estar o mais próxima possível dele. Como se sentisse minha fome crescente, Morris aprofunda o beijo, seus dedos se enrolam no meu cabelo e seguram minha cabeça no lugar enquanto ele devasta minha boca completamente.

Mas nós dois precisamos respirar, e eu sou a primeira a me afastar. Meu rosto está quente enquanto tento regular minha respiração.

Morris, por outro lado, encosta a testa na minha. “Você me beijou de volta.”

“Também estou usando o colar,” murmuro, olhando nos olhos dele.

Seus lábios se curvam: “você não vai usar suas palavras, vai?”

Eu finalmente sorrio de volta. “Não. Mas vou ficar ao seu lado na luta que vier depois do seu divórcio.”

Os olhos dele se aquecem. “E todas as outras batalhas que eu tiver que enfrentar?”

“Eu estarei lá.”

A emoção arde em seus olhos e ele os fecha. “Você é a única mulher que já foi capaz de me deixar de joelhos, Aisha. Saiba disso.”

Meu coração se enche com suas palavras, mas estou falando sério.

Desta vez, vou apoiá-lo.

CAPÍTULO 30

Morris

Eu esperava que meu pai ficasse furioso com as ações de Eve, e eu estava certo. Ela foi colocada em prisão domiciliar. Não foi difícil vaziar os detalhes do ataque contra mim para a alcateia. Algumas palavras aqui e ali e a bola começou a rolar. Enquanto meu pai e Eve tentavam controlar os danos, eu retirei todo o financiamento do Grupo Hemlock para suas empresas. Assisti eles correndo em círculo e, enquanto isso, entreguei os papéis do divórcio para Eve. Foram duas semanas frutíferas.

Mas tem uma coisa que ainda me incomoda.

Nunca dei a Aisha minha marca de acasalamento.

Então, como ela teve o meu filho? Porque não tem como negar. Aquela criança que eu vi no celular dela é minha.

Ela não o mencionou nenhuma vez. Não posso dizer que eu sei. Quero que ela confie em mim com essa informação. As coisas estão mudando entre nós e não quero cometer nenhum erro que possa me custar o coração dela. Ela precisa me contar quando estiver pronta.

Essas últimas semanas foram um turbilhão. Fiz de tudo, menos levar Aisha para minha cama. Dessa vez, a escolha tem de ser dela. Nunca me dei conta de que essa é a sensação de estar feliz e contente. Ter minha mulher ao meu lado, sorrindo para mim, me enche de uma alegria que não consigo explicar. Meu maior medo é perdê-la. Eve está sob uma vigilância tão rígida que não pode fazer nada comigo ou com a Aisha.

Meu pai e meu ex-sogro estão tão ocupados tentando impedir que suas empresas afundem que não tem tempo para se preocupar comigo. Estou aproveitando a paz.

No entanto, um convite de Aisha para jantar na casa dela me deixa atordoado. Ela não me convidaria para entrar em sua casa com o cheiro do nosso filho cobrindo o espaço, a menos que planejasse nos apresentar.

É assim que me vejo em frente a uma loja de brinquedos, pensando se devo comprar um presente para ele. Mesmo quando quero comprar, algo me impede. Isso tem de ser nos termos da Aisha. Vou ter permissão para entrar na vida do meu filho de acordo com os termos e condições dela. Minha mão solta o carrinho de brinquedo que eu estava pensando em comprar.

Não posso me dar ao luxo de ser impaciente.

De noite, armado com flores, vou até o apartamento acima do de Robert. Posso ouvir os passos do lado de dentro e imediatamente sei que não sou a única pessoa que está nervosa com esta noite. Acabo de levantar minha mão para bater na porta quando ela se abre.

Aisha está diante de mim, tensa: “pode entrar.”

Acho que ela não percebeu como sou abrupta.

“Essas são para você,” estendo as flores, meus olhos procurando por uma criança.

Não vejo ninguém.

As mãos dela estão tremendo e ela coloca as flores sobre o balcão da cozinha antes de se virar para mim. “Preciso conversar com você. Na verdade, preciso te apresentar para alguém.”

Meu coração dispara, e é difícil manter minha voz calma. “Quem?”

Ela parece tão agitada.

“Harry!” ela chama antes de olhar para mim. “Não se assuste, por favor.”

Vejo Harry sair de um dos quartos, com um menino pequeno do lado, segurando sua mão.

Meus olhos ardem de emoção ao vê-lo.

Todas as pretensões desaparecem nesse momento. Dou um passo para a criança e pego ele no colo.

“Oi,” respiro, o coração cheio a ponto de transbordar. “Olá. Qual é o seu nome?”

“Toby,” o menino parece tímido antes de esticar os braços para Aisha. “Mamãe!”

Aisha tira ele de mim e é a coisa mais difícil do mundo simplesmente desistir dele. Eu nem sequer o segurei por um minuto inteiro.

Ela segura ele no colo como se ele fosse a coisa mais preciosa do mundo. Mas seu olhar é aguçado. “Você não está surpreso.”

Pensei em mentir e fingir que estava chocado, talvez até um pouco irritado, mas não quero mentir para ela.

“Descobri quando você me levou no apartamento do Robert. Você deixou seu celular na cama e Harry te ligou.”

A compreensão inunda o rosto dela e ela fica pálida. “Por que você não disse nada?”

“Eu não queria te perder de novo, Aisha. Você quem deu à luz. Você o amou. Eu não tinha direito a ele até você permitir.”

Os olhos dela estão molhados de lágrimas e eu acrescento: “tenho perguntas, sim, mas não estou com raiva por você ter escondido nosso filho de mim. Nos últimos cinco anos, você o protegeu. Agora, é minha vez de proteger vocês dois.”

Ela fica quieta por um momento e depois coloca a criança no chão. “Harry, desça para a casa do Robert. Deixe o Toby aqui conosco.”

Harry parece relutante, mas obedece.

Ela espera ele sair antes de olhar para mim. “Você disse que tinha perguntas.”

“Eu nunca te dei minha marca de acasalamento,” digo, sem conseguir desviar o olhar do garoto que me observa com tanta curiosidade. “Então, como—?”

“Lembra daqueles bloqueadores de feromônio?” Ela se senta no sofá, exausta, e o garotinho se coloca entre suas pernas, com uma expressão tímida. “Os que eu comprei no mercado negro. Eles mexeram com meu corpo. Um curandeiro em Salem me disse que isso é raro, mas possível.”

Meu coração está batendo desconfortavelmente rápido. “Então, naquela noite, quando você foi embora, você estava grávida. Quando você soube?”

Quero estender a mão e tocar essa criança diante de mim, mas minhas mãos parecem grandes demais. E se eu machucar ele?

“Um mês depois de chegar a Salem,” Aisha acaricia o cabelo da criança. “Esse é o Toby. Eu não tinha planejado te contar, Morris. Quando te encontrei, eu decidi ir para a Itália com Toby e Harry. Depois descobri o que tinha acontecido. Não pude mais ir embora. Então, aqui estamos nós.”

Olho de volta para a criança e meu peito se aperta de emoção: “venha cá.”

Toby olha para Aisha, que concorda com a cabeça. Com uma expressão tímida, ele se aproxima de mim: “oi.”

“Olá,” eu puxo ele para o meu colo. Ele tem o nariz da Aisha, mas a minha boca e meu queixo. “Você sabe quem eu sou?”

De novo, o menino olha para a mãe em busca de confirmação antes de responder hesitante: “meu pai.”

“É isso mesmo.”

Ele olha de volta para Aisha: “mas, mamãe, o tio Harry disse que meu pai é um ogro grande e assustador que vive debaixo de um túnel.”

“É, bem, os duendes vão comer os dedos dos pés do seu tio por ele ter mentido, não é mesmo?”

A alegria enche o rosto do meu filho, e ele se desvencilha das minhas mãos, correndo para a porta, gritando a plenos pulmões: “tio Harry, mamãe disse—”

Ele consegue abrir a porta da frente e sai correndo. Quando estou prestes a impedi-lo, Aisha levanta a mão. “Harry está lá fora, escutando. Não se preocupe.”

Aisha se levanta para fechar a porta atrás dele e depois se encosta nela, me olhando com cautela. “Eu esperava uma reação mais explosiva. Raiva foi meu primeiro palpite.”

Eu a encaro: “tenho o direito de ficar com raiva?”

“Não sei,” ela vem se sentar no sofá, de frente para mim. “Eu escondi seu filho de você por todos esses anos, então talvez?”

Pego suas mãos nas minhas e olho para ela com seriedade: “obrigado, Aisha. Obrigado por proteger ele todos esses anos. Obrigado por criá-lo com o tipo de amor que nenhum de nós jamais teve. Sinto muito por não ter sido confiável o suficiente para você vir falar comigo. E sinto muito por ter te deixado sozinha para lutar como mãe solteira.”

Minha cabeça cai quando levanto suas mãos para beijá-las. “E obrigado por me dar uma família.”

Quando levanto os olhos, as lágrimas estão escorrendo pelas bochechas dela. “Você é realmente ridículo.”

Antes que eu possa perguntar o que fiz, ela já está com os braços em volta do meu pescoço. Seu cheiro é quente e familiar, e meu coração dói com uma necessidade cruel de ter ela para mim. Eu estava certo o tempo todo. Ela estava me esperando no fim desse túnel escuro, e não estava sozinha.

Eu tenho um filho.

A ideia me faz tremer de felicidade.

Um filho. Tenho um filho com a mulher que amo.

Ela me beija.

Suas mãos estão no meu rosto, e o beijo é doce e repleto de uma emoção que me abala. Meus braços a envolvem, quase que instintivamente, com o calor que se acende com esse toque. Meu desejo por essa mulher é constante. Tudo o que ela precisa fazer é respirar, e isso me faz desejá-la.

Mas o fato de ela ter iniciado esse beijo depois de me rejeitar por tanto tempo me faz querer marcar seu corpo com meu toque. Uma mão desliza por baixo da camisa dela, apertando seu seio, e ela não me impede. Engulo seus gemidos suaves enquanto belisco seu mamilo endurecido. Quero tirar as roupas dela. Quero elas no chão para que eu possa apertar seus seios, lambê-los, marcá-los.

À medida que minha boca desce, precisando de mais, sinto o desejo irresistível do meu lobo de marcá-la, de dar a minha marca de acasalamento. Eu hesito. Eu podia fazer isso, amarrar Aisha a mim dessa forma, onde quer que ela fosse. Ela sempre seria minha.

Mas a confiança entre nós ainda é muito frágil. Não quero destruí-la.

É preciso cada grama de minha força de vontade para não dar esse passo.

“Isso significa que estou perdoado?” Meus dedos traçam seus lábios, precisando de mais, mas tenho que me conter.

Aisha sorri para mim: “nunca teve nada para perdoar. Estamos juntos novamente e isso é o que importa.”

Eu seguro seu rosto com minhas mãos: “sei que é um pouco tarde, mas eu amo você, Aisha. Sempre amei. Sei que devia ter esperado até meu divórcio ser finalizado e quando a situação estivesse mais ideal, mas aconteça o que acontecer, saiba que eu te amo e vou lutar por nossa família até o meu último suspiro.”

Os lábios dela se curvam, com uma forte convicção em seus olhos: “eu sei disso. Sei disso agora.”

Foi só quando perdi a Aisha que percebi o que era perder uma companheira destinada, a quem meu lobo estava pronto para aceitar. Mas tê-la de volta em meus braços é como um bálsamo em uma ferida que nunca parou de arder.

CAPÍTULO 31

Aisha

Assisto às imagens de segurança sendo exibidas no noticiário.

A impressão que tive do Morris quando encontrei ele dessa vez foi a de um homem moderado. Mas parece que eu estava errada. Ele se tornou mais ardiloso. Quando ele disse que ia cuidar de toda essa situação, eu não sabia o que ele queria dizer. Mas, ao ver o rosto alegre de Robert sentado de pernas cruzadas no sofá do meu escritório, fico imaginando se foi Morris quem divulgou essa filmagem para o noticiário.

Todos os canais de notícias estão transmitindo a mesma imagem.

O rosto de Eve se destaca no para-brisa, com raiva nos olhos.

Até a parte em que Morris se joga na frente do carro está exposta ao mundo para todo mundo ver.

“Morris Wolfguard, o misterioso presidente do Grupo de Investimentos Hemlock, revelou sua identidade e está prestando queixa contra sua esposa pela tentativa de assassinato de sua parceira de negócios. Ele tomou a decisão de retirar o investimento das seguintes empresas... O Sr. Wolfguard, que manteve sua identidade em segredo, fez uma declaração à imprensa hoje.”

Já vi a coletiva de imprensa.

Não sei de onde Morris tirou esses hematomas, mas Robert está pressionado uma bolsa fria nos nós dos dedos desde que chegou e parece muito satisfeito consigo mesmo. Os dois têm os genes da loucura neles.

Morris deu um passo perigoso, expondo os negócios da alcateia para o mundo. É uma linha tênue que ele está traçando, mas, desde que o mundo dos Outros não seja revelado, tecnicamente ele não está infringindo nenhuma lei. Ele se apresenta como um marido paciente, cuja esposa teve vários casos antes de se enfurecer de ciúmes ao ver uma velha amiga e parceira de negócios de Morris em um restaurante. Ele também anunciou publicamente seu divórcio. Como Eve está

enfrentando várias acusações, é provável que Morris consiga se divorciar nos tribunais em tempo recorde. Ao contrário de acasalamientos, casamentos e divórcios são leis do mundo humano, então a alcateia não pode impedi-lo.

“Então, e agora?” Olho para o Robert. “O que vocês dois estão planejando fazer?”

“As ações da empresa do meu pai estão caindo desde hoje de manhã, e as da empresa do Chris também. Estabilidade financeira é muito importante quando se trata de um Alfa,” Robert sorri presunçosamente. “Damien já havia escolhido Charles como seu sucessor e, como Charles estava ajudando a administrar a empresa, essa perda vai se refletir nos dois. O mesmo vale para o Chris. Ele é tão sedento por poder e controle que nunca deixa Morris tomar decisões executivas para a empresa. Só um Alfa administra a empresa da família. O que Chris fez não é normal, mas Morris não podia questioná-lo por causa de suas próprias circunstâncias. Agora, as ações estão caindo e as alcateias estão culpando o Morris. Frank me disse que a minha alcateia, pelo menos, está culpando Charles pela incompetência em tomar decisões e, agora que revelei minha própria empresa, eles estão insistindo para que eu me torne o Alfa. Esse era o plano o tempo todo.”

Olho para ele: “e o Chris?”

Os olhos de Robert se endurecem: “ele está atrás da Teresa, a mãe de Morris. Ela era a única carta que ele tinha nas mãos. Ele pode tentar te machucar, mas Morris colocou guardas em volta do seu novo apartamento. Com você e Teresa fora das mãos dele, Chris não tem mais nenhum poder sobre Morris. Morris pode tomar todo o controle e cuidar dele de vez.”

O plano parece bem planejado, mas algo ainda me incomoda. Não consigo identificar o que é.

“Por que você não trouxe o Toby aqui?”

Dou um sorriso apertado para Robert: “não quero atrapalhar a rotina dele mais do que o necessário. Conversei com o jardim de infância. Eles designaram um professor para ficar com Toby o tempo todo. Ele é recém-contratado e ainda está se acostumando com as crianças, então eles não se importaram.”

“Entendi. A pulseira está funcionando, certo?”

Penso na pequena pulseira de aço em volta do pulso de Toby. Morris

também a testou ontem à noite, curioso para saber como ela funciona. De acordo com todos os relatos, Toby se parece e cheira como humano. É o melhor jeito de se esconder na multidão.

Morris ligou para Diana e Finn ontem à noite, para tomar providências caso alguma coisa acontecesse conosco. Eles vão cuidar do Toby e do Harry.

“Tive de dizer ao Toby que a pulseira ia esconder os superpoderes dele e que era um segredo. Ele gosta de segredos, então isso deve nos segurar por um tempo.”

Meu olhar se volta para onde trechos da coletiva de imprensa desta manhã ainda estão passando no noticiário e observo como Morris manipula a mídia. Sinto uma ponta de orgulho.

Tudo o que eu descobri com Robert, e também com Morris, mudaram minha perspectiva. Antes, eu estava determinada que Morris não era o homem que podia proteger a mim ou ao nosso filho, e que eu não ia cair nessa armadilha. Eu não faria isso comigo mesma. Eu jurei para mim mesma que não o amava.

Mas meu lobo discordou. Talvez porque ele soubesse o que tinha no meu coração. Que, sob as camadas de mágoa e medo, havia amor. Morris foi o primeiro homem a ser gentil comigo, a cuidar de mim quando eu precisava. Ele me levantou quando caí e nunca levou o crédito por isso. Ele foi cruel perto do fim por causa de suas próprias razões pessoais, mas a garota que começou a confiar nele se recusou a entender essas razões.

Ao vê-lo com Eve, senti meu sangue ferver. Eu queria arrancá-la do lado dele e, escutando ela falar com ele como se ele fosse sua propriedade, fiquei furiosa. Mas minha convicção tinha vacilado. Minha raiva e desconfiança com Morris desapareceram naqueles momentos, o amor e a preocupação vieram à tona, me fazendo questionar minha decisão. Tive de reconhecer que realmente estava abandonando o Morris quando ele precisava de mim aqui. E que essa era a decisão errada.

Nós dois mudamos e nos tornamos pessoas diferentes, mas nossos corações sempre pertenceram um ao outro. Eu achava que a vida tinha sido difícil para mim, mas ele passou por muito mais sofrimento e perda do que eu poderia ter suportado se estivesse em seu lugar. E ele esperou por mim, esperou que eu o aceitasse. Com o mundo envolto em escuridão, eu teria sido mais uma pessoa a deixar ele para trás?

Não me arrependo de ter apresentado o filho dele. E não me arrependo da minha decisão de ficar e lutar ao lado dele.

Não vou deixá-lo.

Da primeira vez, não confiei nele e fui embora, porque a ponte entre nós era grande demais para ser atravessada. Dessa vez, vou confiar nele.

Desde que tomei a decisão, meu coração está mais leve e me sinto mais satisfeita.

“Então, o que vai acontecer com a Eve agora?” Ando até a janela, olhando para fora. Vários membros da alcateia de Robert passaram por aqui, membros sêniores, para dizer que ele tem o apoio deles como o próximo Alfa. Posso ver alguns homens mais velhos entrando no prédio e meus lábios se curvam. Fico feliz que Robert esteja recebendo o reconhecimento que merece.

“Quando eu me tornar Alfa,” Robert bate com os dedos no joelho, “Eve já estará na cadeia. Ela vai ser acusada. Nenhum tipo de suborno pode mudar isso. Mas vou tirar o poder de toda a minha família. Sem dinheiro, sem financiamento, sem poder. Então, talvez, eu tenha que trazer minha nova família para a alcateia.”

Quando ele me olha, eu levanto uma sobrancelha: “e você acha que o Morris vai deixar?”

“Não romanticamente,” Robert sorri, “mas você pode entrar na minha alcateia como minha irmã por juramento. Assim o Toby também vai ter a proteção da minha alcateia até você e o Morris resolverem seus problemas. E se você acabar se acasalando com o Morris, nossas alcateias serão aliadas permanentes.”

Minhas bochechas se ruborizam: “ninguém falou de acasalamento ainda.”

“Como se você não fosse deixar ele te marcar,” ele ri. “Olhe só a Srta. Fodona, toda tímida agora. Não combina com você, Aisha.”

“Cale a boca, Robert,” eu digo. “Por que você não vai procurar algo para fazer? Você ainda tem uma empresa para administrar.”

“Estou só me certificando que você não vai ficar entediada, agora que seu namorado não está aqui para te dar uns amassos.”

Ver um homem adulto fazendo sons de beijo devia ser repulsivo, mas

eu só quero bater nele com um travesseiro.

“Mas enfim, você está pronta para o baile de gala na semana que vem? Ainda temos que ir, e é melhor você estar preparada,” o sorriso de Robert se desvanece. “Chris vai estar lá, e Charles e Damien também. Teremos que enfrentá-los de frente. Não vai ser nada bonito. Você ainda está planejando ir como minha acompanhante ou quer ir com o Morris?”

“Claro que eu vou com você,” eu pisco para ele. “Prometi que estaria ao seu lado.”

Tem alívio nos olhos dele e sei que Robert tem suas próprias inseguranças para enfrentar. É difícil encontrar alguém com a cicatriz no rosto dele. As mulheres ficam assustadas. É natural, mas nem por isso dói menos.

“Você ainda é meu par para o baile de gala, e é melhor não me deixar na mão,” eu faço uma careta. “Comprei um vestido muito bonito para combinar com sua gravata. Mas não devíamos estar evitando um lugar público como um baile de gala por enquanto? Quer dizer, com tudo o que está acontecendo, seu pai ou o Morris não escolheriam essa oportunidade para nos atacar? Ou até você?”

“É perigoso, mas tem um problema de drogas desenfreado em Portland,” Robert franze a testa. “Os metamorfos estão ficando viciados e isso vem piorando progressivamente ao longo dos anos. O Morris recebeu uma dica de que os principais membros desse cartel de drogas estarão presentes na festa de gala, então, ele e eu ainda temos que ir. E o Morris está lentamente tirando o poder da minha família e da dele. Ele quer ser visto. Ele precisa que eles deslizem na frente da alcateia. Se você quiser ficar para trás—”

“Pode esquecer,” eu lanço um olhar incisivo para ele. “Se o Morris precisa de mim lá, eu vou. Também tenho uma lista de clientes em potencial presentes. Preciso conversar com eles e entrar nas suas carteiras. Essas festas de gala são o melhor lugar para conseguir clientes de longo prazo.”

Robert me lança um olhar preocupado, mas eu finjo não ver.

Toby vai estar em casa com Harry e a mãe de Morris. É o lugar mais seguro para ele.

E vou estar armada quando for ao baile de gala. Não vou ser pega de surpresa. Pedi reforços, por precaução, a um velho amigo. Além disso, Finn e Diana também vão participar do baile com identidades falsas.

Vai ficar tudo bem.

*** **

O divórcio de Morris não é muito complicado, porque nada estava no nome dele. Todos os bens e dinheiro estavam no nome de Eve ou do pai dele. No que diz respeito à pensão alimentícia, era Eve quem recebia um salário enquanto Morris trabalhava. A tentativa deles de desabilitar completamente o Morris foi um tremendo fracasso.

Além de receber pensão alimentícia, Morris vai ficar com metade dos bens de Eve. Como o Oregon é um estado de divórcio sem culpa, as acusações de adultério, que foram comprovadas, não têm impacto no processo. Então, embora pudesse ter sido um divórcio complicado, o pai de Eve quer o mínimo de publicidade possível, e que tudo seja processado sem complicações.

É uma pequena vitória enquanto o dia do baile de gala se aproxima.

Quando a noite do evento finalmente chega, todos os nossos planos já estão em andamento.

Quando saio do chuveiro, escuto a porta da frente se abrir. Pegando um roupão, me pergunto se é o Robert. Mas é o Morris que está na minha sala de estar. Ele tem várias caixas nos braços e as coloca na minha mesa de centro.

“Morris, o que—”

Nem tenho a chance de dizer mais nada, porque ele cobre a distância entre nós, com uma fome crua em seus olhos que reconheço muito bem.

Sua mão se enrola na minha nuca e ele sussurra roucamente: “meu divórcio foi finalizado hoje.”

Fico olhando para ele, atônita. Mas o choque desaparece em instantes, quando as palavras finalmente me atingem.

Já é um esforço físico enorme não arrancar as roupas do Morris toda vez que ele vem aqui, mas agora...

Deixo meu roupão cair no chão e minhas mãos agarram o rosto dele. Nosso beijo é desesperado e selvagem, os dois tentando chegar o mais perto possível um do outro. Suas mãos percorrem minhas costas nuas, ao longo da curva da minha coluna, antes de se fixarem nos meus quadris. Seus dedos se cravam na minha pele enquanto ele me levanta,

enrolando minhas pernas na cintura dele.

Lutando para respirar, eu me afasto, mas ele apenas ataca meu pescoço.

“O baile de gala!” eu ofego, meu corpo formigando de desejo. “Sem chupões.”

Ele nem mesmo ri, me levantando ainda mais até que sua boca esteja diretamente em frente ao meu peito. Ele leva um mamilo apertado à boca, e eu gemo.

Depois de ter o Toby, meus seios ficaram mais sensíveis, mas isso é mais óbvio agora, com o Morris mordendo meu mamilo com força. A dor não me incomoda.

Eu quero mais.

Quero usar as marcas dele no meu corpo. Quero que ele me reivindique. Sempre pertenci a ele. Ninguém jamais me tocou depois dele. Nunca deixei ninguém chegar nem perto.

Morris me choca contra a parede e eu nem sinto, minhas mãos agarrando seus cabelos. O fogo dentro de mim está ardendo de fome. Não consigo pensar e, quando ele desliza a mão pelo meu quadril para tocar meu sexo, gemo baixinho.

“Preciso de você,” ofego. “Morris, faça alguma coisa ou eu vou enlouquecer!”

Ele afunda um dedo em mim sem mais perguntas e eu mordo meu grito. Sentindo aquela espessura dentro de mim, sabendo a quem ela pertence, meus lábios se separam em um gemido entrecortado.

Já estou molhada.

Tudo o que preciso é do toque dele para ficar molhada e, quando ele insere um segundo dedo, mordo sua orelha, ofegando. Ele se move para dentro de mim com tanta suavidade, mas ainda assim a textura de seus dedos é áspera, raspando contra os nervos sensíveis do meu interior.

“Mais rápido,” imploro, me agarrando a ele, com os dedos cravados em seus ombros, minha respiração entrecortada.

Ele obedece.

Seus movimentos são frenéticos, e eu gozo em segundos. Mas ele não

para. Enquanto eu orgasmo, seus dedos continuam a me foder, me levando a um segundo, a um terceiro, até que eu estou uma bagunça trêmula. E quando ele finalmente afasta os dedos, ele os chupa até secar, com os olhos fixos em mim.

Jogo minha boca na dele, saboreando a mim mesma, vendo ao que ele me reduz quando me toca.

“No sofá,” rosna Morris. “Não vamos chegar ao quarto.”

Ele se vira e me joga no sofá. Mal tenho tempo de me ajustar quando ele agarra minhas pernas pelos tornozelos, levantando elas no ar e me abrindo completamente.

Quando ele tirou as calças?

O pênis dele está em exibição, alto, grosso e orgulhoso, vazando pela cabeça, e eu o quero na minha boca. Quero chupá-lo e adorá-lo enquanto olho para ele, sua mão acariciando meu cabelo, mas sei que agora nós dois não temos paciência para esse tipo de preliminares. Ele dobra minhas pernas, deslizando seu pênis para dentro de mim, e eu grito o nome dele.

De certa forma, parece que estou voltando para casa quando ele incendeia minhas entranhas. O calor branco cega meus olhos enquanto ele entra e sai, me assaltando como um martelo, sem parar por um segundo. Estou prestes a ter outro orgasmo e, quando ele arranca o prazer de mim, continua como se estivesse determinado a me desfazer em seus braços.

Eu grito o nome dele de novo e de novo, implorando para que ele não pare, implorando para ele me foder mais forte, mais rápido. Não reconheço os gritos de desejo que vêm de mim. Quando Morris rosna, eu enrolo meus braços pelo pescoço dele. Posso sentir sua liberação e não deixo que ele se afaste.

Ele se encosta em mim por um segundo, me abraçando.

Ficamos assim por longos minutos, aproveitando esse momento, aproveitando um ao outro, antes de eu rir roucamente. “Eu diria para levarmos essa festa para o quarto, mas temos um baile de gala para participar e Robert já dever estar vindo para cá.”

“Ele vai nos encontrar lá,” Morris beija meu pescoço, “mas você tem razão.” Ele me pega nos braços. “Vamos nos lavar.”

Sinto-me risonha como uma adolescente quando ele me carrega de

volta para o banheiro já úmido. Dessa vez, o sexo é lento e mais suave. Mas estamos com o tempo apertado, então nos secamos rapidamente.

“Você nem tem roupas formais aqui,” eu o repreendo levemente. “O que você vai fazer? Dirigir de volta e depois—”

“Deixei meu smoking aqui ontem à noite.” Ele passa a mão pelo meu cabelo. “Está pendurado no armário do Harry. Enquanto isso, trouxe uma coisa para você.”

Com a toalha nos quadris, ele me arrasta até as caixas na sala.

Abro a tampa da maior delas, curiosa, e meus olhos se arregalam: “morris.”

“Quero que você vista algo que comprei para você,” ele insiste, me observando desembrulhar o vestido verde floresta que brilha e cintila a cada movimento. É de mangas compridas, deixando meus ombros descobertos.

“É um vestido de gala,” fico olhando para ele, atônita com sua beleza. “Eu comprei um vestido normal, roxo e preto. Nada tão chique.”

“Não me diga que não vai aceitar. Sei que você tem questões—”

“Eu adorei.”

Ele parece surpreso com minha gratidão fácil pelo vestido. Olhando para mim, ele resmunga: “eu tinha um argumento todo planejado.”

Eu sorrio: “isso é muito melhor do que o que eu ia usar. Obrigada.” Eu o beijo, um beijo suave nos lábios, e é divertido vê-lo tão irritado.

“Tudo bem, então,” ele limpa a garganta. “Bom. Porque eu tenho uma gravata que combina. Sei que você vai ser a acompanhante do Robert, mas—”

Ele exhibe

duas gravatas verdes.

“Você vai usar duas gravatas?” Fico olhando para ele.

“Não, uma é para o Robert. Harry disse que você comprou uma para ele para combinar com o seu vestido e que, se eu não comprasse outra, ele ia reclamar na minha orelha.”

Eu rio: “ele ia mesmo.”

Abrindo as outras caixas, vejo um conjunto de joias de esmeralda para combinar com o vestido.

Meus lábios se curvam: “então, vou usar só o que você comprou para mim?”

Morris me vira nos braços dele, sorrindo: “e, mais tarde, hoje à noite, posso tirar tudo, exceto os saltos e as joias, e transar com você a noite toda.”

“Isso é tão romântico,” eu rio, beijando-o novamente. “Você está me deixando sem graça.”

Não temos tempo a perder, então nos arrumamos e Morris nos leva para o baile de gala.

É um evento brilhante, e Robert está esperando do lado de fora por nós, a imprensa e a mídia entupindo todo o espaço.

“De braços dados?” ele oferece.

Sorrindo, pego o braço dele, e Morris pega o meu outro.

“Nós podemos tirar ele das fotos mais tarde,” ele me garante.

Quando Robert protesta, eu dou risada.

Meu sorriso se desvanece quando entramos no tapete vermelho. Dentro do baile de gala, todos os nossos inimigos estão nos esperando. Estamos entrando em uma cova de leões vestindo nada além de tecido brilhante para nos proteger.

CAPÍTULO 32

Aisha

Morris foi o centro das atenções da mídia essa semana, então faz sentido que tantas câmeras estejam voltadas para nós.

“Lembre-se de nunca deixar ela sozinha,” ele diz a Robert em voz baixa. “Finn e Diana estão por perto, misturados com a equipe de serviço. Ninguém vai detectá-los.”

“Aonde você vai?” pergunto, franzindo a testa.

“Tenho que me misturar e garantir que estou visível. Meu pai pretende contra-atacar hoje à noite, e preciso que a alcateia testemunhe. Você não pode chegar nem perto de mim, Aisha. Não vou deixar que você seja pega no fogo cruzado.”

“Não se preocupe,” Robert fala antes que eu tenha a chance de responder. “Vou ficar de olho nela.”

Morris concorda com a cabeça antes de se afastar de nós.

“E estou sendo tratada como uma criança porque...?” Olho fixamente para meu chefe.

“Porque você é a maior fraqueza do Morris agora,” diz Robert, com a voz séria, enquanto sorri e acena para alguém ao longe. “Vamos lá. Vamos socializar. O Morris vai ficar bem.”

Durante toda a viagem de carro, Morris estava ao telefone com Robert e o pessoal dele. Não o interrompi, mas fiquei bastante curiosa. Enquanto passamos pelas pessoas reunidas, pergunto ao Robert: “ouvi o Morris mencionar um clã de vampiros. Eu não sabia que tinham vampiros em Portland. Eles não evitam as áreas dominadas por metamorfos?”

“Morris tem evidências de que um clã vem se mudando para o Oregon já faz algum tempo, mas discretamente. Ele tem certeza de que eles estão por trás do cartel de drogas na cidade. Mas ainda não encontrou o líder.”

“Vampiros fabricando drogas para metamorfos?” Acho a ideia difícil

de acreditar.

“Eles são criaturas desagradáveis,” sibila Robert. “De sangue frio e ambiciosos. Eu tenho uma regra: nunca confie em um vampiro. Eles são leais apenas à própria espécie.”

Conheci alguns vampiros solitários, mas sempre mantive distância. Eles têm esse carisma que atrai os humanos, mas, assim que um humano está sob seu feitiço, tudo o que precisam fazer é injetar o agente paralisante de suas presas e ficam livres para se alimentar deles para sempre. Esses humanos acabam morrendo de ataques cardíacos, pois a maioria dos vampiros gosta de drenar suas vítimas. E eles não precisam de sangue humano, só gostam do sabor.

“Mas eu pensei que os traficantes de drogas nos clubes que o Morris investigou eram todos metamorfos?”

Robert concorda com a cabeça: “ou eles contrataram ajuda ou estão em conluio com metamorfos, o que torna ainda mais difícil encontrá-los.”

Morris vem planejando e tramando a semana toda e, embora ele tenha compartilhado informações aqui e ali, não sei realmente qual é o seu grande plano para hoje à noite. Eu me pergunto se deveria ter prestado mais atenção quando ele estava no telefone.

“O que aconteceu com o convite extra que você me pediu para comprar?” Robert pergunta de repente. “Você convidou um amigo?”

“Sim,” olho em volta distraidamente, “mas parece que ele ainda não apareceu.”

“Eu não sabia que você manteve contato com seus amigos de Portland.”

“Com alguns,” murmuro. “Um deles se mudou para a África do Sul e o outro ainda está aqui. Ele é um amigo da faculdade. Queria saber onde ele está.”

“Ele vai aparecer,” garante Robert. “Ninguém seria estúpido o suficiente para perder um evento como esse.”

Sim, mas o Clyde também é muito preguiçoso, penso comigo mesma, um pouco decepcionada. Mas com ele por perto, eu teria mais um par de olhos vigiando minhas costas.

“Vamos lá, então,” cutuco Robert. “Acho que estou vendo alguém com

quem podemos conversar.”

Passamos uma hora socializando, e Robert consegue entregar seu cartão de visitas para várias pessoas. Certamente ajuda que o Morris investiu na empresa dele. A maioria das empresas em que Morris investiu se transformou em histórias de sucesso, de modo que muitos empresários estão dispostos a investir dinheiro em Robert quando sabem que Morris não hesitou em fazê-lo.

Bebi só uma taça de champanhe, mas preciso ir ao banheiro, então me desculpo.

“Vou esperar do lado de fora,” insiste Robert.

“Tem um monte de mulheres entrando e saindo de lá,” eu olho para as portas abertas. “Não acho que um assassino esteja esperando por mim atrás da porta, então vou ficar bem.”

Ele parece relutante, e eu faço um gesto com a cabeça. “Você devia prestar mais atenção naquele casal ali. Acho que são os irmãos Brennan.”

Os olhos de Robert se arregalam e ele me lança um olhar rápido: “tem certeza de que vai ficar bem?”

“Acho que consigo ir no banheiro sozinha,” digo secamente. “Não se preocupe. Se eu vir algo mais afiado do que uma faca de manteiga, vou gritar.”

“Bom plano,” Robert já está se afastando.

Reviro os olhos. Ele é o pior guarda que Morris podia ter encontrado, mas por mim tudo bem. Odeio ter uma babá.

Como eu havia previsto, o banheiro está cheio de mulheres entrando e saindo. O toucador está vazio, e eu aproveito o silêncio para tirar os saltos, fechando os olhos. É tão difícil fingir que gosto das pessoas e conversar com elas. Minha mente só precisa de um descanso.

Quinze minutos se passaram quando decido me levantar e voltar para o salão principal.

O corredor está vazio quando saio. Posso ouvir o som dos meus saltos batendo no piso de mármore brilhante. Eu me movo rapidamente, nervosa com o som ecoante e com o fato do lugar estar vazio. Poucos minutos antes, estava cheio de gente.

Estou passando pela área de fumantes masculina, com duas portas de

vidro que dão para um pequeno jardim, quando escuto uma voz familiar.

É uma voz que não escuto há cinco anos, mas nunca a esquecerei depois de ouvi-la só uma vez.

Chris Wolfguard.

“Estou te dizendo, você não precisa se preocupar com as linhas de distribuição. Aquele meu filho tolo está batendo a cabeça contra a parede. Ele acha que sabe tudo quando ainda nem sequer arranhou a superfície. Deixe as coisas se acalmarem e podemos voltar aos negócios.”

“Seu filho pode não ser tão tolo quanto você diz,” responde uma voz mais profunda. “Ele tem perguntado sobre os vampiros registrados na cidade. Ele sabe que é o meu pessoal que está por trás da rede.”

“Bem, ele não vai encontrar a minha conexão ou a do Chris,” diz outra voz, uma que não reconheço. “E até ele encontrar, ele não vai descobrir que o líder do Clã Nelo está no comando. Você só precisa garantir o dinheiro e nós cuidamos do resto.”

Tem uma certa presunção no tom dele.

Dinheiro?

Estou ligando os pontos enquanto eles falam.

Se o pai do Morris está envolvido em tráfico de drogas, então... Minhas sobrancelhas se franzem. Morris disse alguma coisa sobre ter encontrado contas bancárias secretas que pertenciam ao pai dele. Ele não sabia de onde veio todo o dinheiro.

“Você encontrou a coleira do seu filho, Chris?” diz a segunda voz de novo, duvidosa.

Eu me sobressalto com a pergunta.

“Já está tudo sob controle. Tudo está pronto para hoje à noite.”

Nesse momento, meu celular começa a vibrar.

Meus olhos se arregalam e eu tento pará-lo antes que comece a tocar. Mas é tarde demais.

Com a bolsa na mão, tiro os saltos e corro na direção oposta, com o coração batendo forte. Consigo entrar em uma sala vazia e deslizo

para trás da porta. Não escuto ninguém me seguindo e solto um suspiro de alívio. Meu telefone já parou de tocar.

Tiro o celular da bolsa e vejo o nome de Harry na chamada perdida.

Eu ligo de volta e ele atende no primeiro toque.

“Aisha, Sila está agindo de forma muito estranha. Não sei o que está acontecendo, mas vou levar o Toby de volta para o apartamento. Você pode avisar o Morris? Tem alguma coisa errada. Ela deu um lanche para o Toby comer, e ele está meio zozinho desde então. Liguei para a Maria. Ela vai me encontrar no apartamento. Você pode vir para casa, por favor?”

Minhas mãos estão tremendo de raiva e medo.

“Já estou indo para lá. Fiquem para dentro e não deixe ninguém entrar além da Maria. Você—”

“Quem é você?” Harry diz de repente, como se estivesse falando com alguém.

“Harry?”

“Espera— espera, não!”

Escuto um som de batida e, de repente, o telefone fica sem sinal.

Olho para a tela por um segundo, chocada, e então a preocupação e o medo me inundam. Que diabos está acontecendo?

Eu me levanto e abro a porta, mas dou de cara com um peito masculino. Olhando para cima, vejo Clyde me encarando com um olhar estranho.

“Ah, Clyde, graças a Deus! Aconteceu alguma coisa com o Toby—”

É quando escuto o som de gritos.

“O que aconteceu?!” eu pergunto.

“Um incêndio,” responde Clyde. “Eu estava atrás de você.”

Olho para trás dele. Agora posso ver pessoas correndo pelo corredor.

Não tenho tempo para encontrar Morris ou Robert nesse caos.

“Tenho que ir atrás do meu irmão e do Toby. Aconteceu alguma coisa com eles. Você está de carro?!”

Clyde pisca: “é claro. Vamos lá!”

Corremos para a entrada e, enquanto o manobrista pega o carro, procuro por Morris e Robert, mas não consigo ver nenhum deles. Continuo tentando ligar, mas meus dedos estão tremendo. Felizmente, o carro de Clyde chega bem a tempo.

“Vamos lá,” diz Clyde rapidamente, pulando para trás do volante.

Tento ligar para o telefone do Harry várias vezes, mas sem resposta. Não consigo nem falar com o Morris. A linha está tocando, mas ele não atende. Ele deve ter perdido o telefone no meio do caos.

“Clyde—”

Olho para cima e, de repente, algo me ocorre: “espera aí, para onde estamos indo?”

“Para o seu apartamento. Eu peguei um atalho.”

“Eu sei disso,” eu o encaro, meu sangue esfriando, “mas como você sabe? Eu nunca te disse onde eu moro.”

Eu vejo ele piscar e, quando ele olha para mim, apenas suspira: “bem, você tinha que ser esperta, não é?”

Antes que eu possa processar, vejo a boca dele se abrir e ele revela um par de presas afiadas.

Vampiro!

Eu me afasto instintivamente, mas ele me agarra pelos cabelos, me arrastando de volta. Tento lutar contra ele, mas o carro dá uma guinada e me empurra para frente. Isso é tudo o que ele precisa para cravar os dentes no meu ombro, e o agente paralisante do veneno faz efeito em um piscar de olhos.

Meu corpo cai para a frente.

*** **

Estou escutando alguém chorar.

Meu corpo está pesado, mas consigo mexer meus dedos.

O que está acontecendo?

É difícil levantar a cabeça, mas consigo ouvir muito bem.

“Vai ficar tudo bem, Toby,” escuto a voz de Harry. “Vai dar tudo certo.”

“Mamãe!” Toby está chorando a plenos pulmões, e então escuto um som estalado, o som de carne batendo em carne.

“Cala a boca, seu pirralho inútil!”

Meu sangue ferve e eu forço a cabeça para cima, apesar da pulsação na minha cabeça. Vejo Ellie, a amante de Chris, de pé diante do meu filho, que está amarrado a uma cadeira, com o lado esquerdo do rosto brilhando em vermelho vivo.

“Sua vadia!” eu rosno. “Não se atreva a tocar no meu filho!”

“Mamãe!” Toby soluça, e Harry também tem lágrimas nos olhos quando olha para mim.

“Ah, olha só,” Ellie revira os olhos, “você está acordada. O que você vai fazer? Chorar? É por causa desse pirralho que minha vida virou de cabeça para baixo! Eu devia matá-lo aqui mesmo—”

“Então nos deixe ir embora se você odeia tanto o meu filho,” eu sibilo. “Mas se tocar nele de novo, arranco suas mãos!”

Ela dá outro tapa no Toby, sorrindo para mim. Dessa vez, o som é mais alto, e ele grita.

As lobas são muito protetoras de seus filhotes e, embora o agente paralisante ainda esteja no meu sistema, eu me forço a ficar de pé, ainda amarrada à cadeira. Ela só zomba: “sente-se antes que você caia.”

Eu a chuto na canela, com força.

Meus braços estão presos à cadeira, mas não minhas pernas.

Ela cai em choque e dor.

“Aisha,” diz Harry rapidamente. “Eu posso te desamarrar. Venha para cá—”

“Não tão rápido, lobinho,” diz uma voz vinda da porta, e minha cabeça gira para o lado para ver Clyde parado ali.

“Eu te disse para não tocar na criança,” Clyde olha para Ellie. “Saia daqui. Você é tão inútil quanto aquela mulher.”

Ele está olhando para o canto da sala, onde vejo Sila sentada no chão, com os braços em volta dos joelhos enquanto se balança para frente e para trás, soluçando baixinho.

“O que você fez com ela?”

“Não sinta pena dela,” diz Clyde calmamente. “Ela vem drogando a mãe de Morris há anos. Ela pensou que ia se redimir tirando Teresa desse lugar, mas seu vício venceu suas morais. Ela só quer outra dose.”

Meu coração começa a bater forte com essa revelação e eu volto meu olhar para ele. “Você é um vampiro. Como eu nunca percebi?”

“É claro que não percebeu,” Clyde me dá um olhar divertido. “Sou o filho primogênito do líder do Clã Nelo. Você acha que eu não posso fingir ser humano se eu quiser?”

O Clã Nelo.

É o clã de vampiros que está distribuindo as drogas na cidade, as que estão afetando os metamorfos.

Devo ter falado em voz alta porque Clyde sorri: “então você escutou a conversa. Eu suspeitava disso. Sinceramente, quando fiz aquela aula com o Morris, meu plano era só ficar de olho nele. Não imaginei que encontraria sua amante. Chris foi quem se empolgou demais, envolvendo seu pai e seu Alfa. Achei que você era interessante. Você estava lentamente se tornando o ponto fraco do Morris, mas o Chris tem uma mente tão estreita. Ele simplesmente não conseguia ver que você acabaria se tornando a maior falha na armadura do próprio filho.”

Chris ligou para meu pai em Portland?

O choque me inunda.

“Eu não achei que você fosse acabar matando seu Alfa,” Clyde mostra os dentes, impressionado. “Tentei procurar o corpo, mas Morris deve ter feito alguma coisa com ele. Mas eu matei seu pai. Foi mal. Sei que você não era muito apegada a ele. É que ele era um perdedor e me irritava.”

Não sei o que está acontecendo agora. Esse tempo todo, pensei que Clyde fosse meu amigo.

“Mas quando vi seu filho,” Clyde olha para onde Toby está fungando,

“eu não tinha nenhum plano de te perseguir. Você estava só vivendo sua vida. Mas então, ali estava o filho do Morris, e eu precisava apertar as rédeas dele. Ele me enganou, e ainda não estou feliz com isso, Aisha.”

“Infelizmente, vou ter que tirar seu filho de você. E seu irmão também não pode ficar correndo por aí, então ele vai ter que ser removido da equação. Sei que você vai ficar triste, mas Teresa Wolfguard está quase morta. Você e Toby, eu preciso de vocês dois vivos para controlar o Morris. Com ele sob nosso controle, podemos dominar o Oregon.”

Eu o encaro, o ódio se alastrando em meu coração.

Agora posso mover meus pulsos.

“O quê?” Clyde sorri para mim. “Você não tem nada a dizer?”

“Para escória como você?” eu zombo. “Por que desperdiçar meu fôlego? Você esperava que eu chorasse porque eu pensei que éramos amigos? Faça-me o favor.”

Clyde fica quieto por um momento, me estudando. Então, seu sorriso se alarga: “sempre gostei da sua coragem. Mas ela não vai salvar seu irmão e não vai evitar que você tenha o mesmo destino de Teresa. Chris vai criar seu neto para se tornar o próximo Alfa e, quando ele atingir a maioridade, você e Morris serão dispensáveis.”

Minhas garras já estão cortando a corda que prende meus pulsos.

“Quando eu disse para o Chris que ele tinha um neto, ele ficou radiante,” ri Clyde. “Mal podia esperar para cortar a garganta do Morris. Que belo pai. Esses lobos não sabem nada de lealdade. Eles se matam uns aos outros para chegar ao topo. E dizem que nós somos ambiciosos.”

Sinto uma das cordas se romper e a agarro rapidamente para evitar que ela caia.

Escuto uma comoção do lado de fora e Clyde se levanta. “Diga adeus ao seu irmão, Aisha. Vou te dar alguns minutos.”

Ele sai.

Ellie está de pé no canto, tendo se levantado há alguns minutos. Ela me lança um olhar de ódio: “minha filha devia ter se tornado a Fêmea Alfa. Todos esses anos, eu investi no Chris, e para quê? Para o filho

dele, e depois o neto, se tornarem o Alfa? Não vou deixar isso acontecer. Você não pode tirar tudo pelo que trabalhei tão arduamente, aturando aquele homem insuportável, deixando ele me tocar, deixando ele tirar minha juventude! Tudo isso foi pela minha filha! Não vou deixar que você estrague todo o meu trabalho duro!”

Ela verifica que a porta está trancada e então vejo ela tirar uma faca da manga.

Eu vejo ela levantá-la enquanto corto o último pedaço de corda, não me importando que minha garra se quebre no processo. Saltando da cadeira com um rosnado, agarro o pulso dela, torcendo para trás de suas costas. Ela solta um uivo e tenta avançar para o meu filho que está chorando, sem se importar que eu não estou mais amarrada. Vejo loucura em seus olhos, e minha mandíbula se contrai.

Vadia louca!

Corto seu pescoço com minhas garras

Os olhos dela se arregalam e ela afunda no chão, segurando a garganta, com sangue jorrando.

“Feche os olhos, Toby,” eu mando, minha voz sombria.

Ele está com medo demais para não me obedecer.

Desamarro Harry primeiro e depois meu filho. Vou até a janela, abro a folha de vidro e meu coração se afunda.

Estamos no terceiro andar da casa, a mansão da família Wolfguard.

“Harry,” olho para meu irmão. “Você tem que se transformar. Pegue o Toby e corra. Continue correndo até chegar no apartamento do Robert. Está me escutando? Não pare em lugar nenhum.”

“Você vem com a gente, certo?” ele dá um passo à frente, alarmado.

Balanço a cabeça.

“Vou ter que segurar o Clyde. Você tem que ir.”

Percebo que ele não quer me deixar sozinha, mas quando olha para o sobrinho, seus olhos se endurecem: “tudo bem.”

“Bom garoto,” eu beijo ele na testa. “Agora vai.”

Ele se transforma e eu coloco Toby nas costas dele. “Ok, bebê, você

tem que se agarrar ao tio Harry com muita força, entendeu? Não solte!”

Seus olhos estão úmidos, mas ele concorda com a cabeça.

Eu vejo eles saírem e solto um suspiro de alívio quando Harry aterrissa perfeitamente no chão.

Olho para a porta.

Estou ouvindo passos.

Quando a porta abre, eu me pergunto se essa pode ser a última vez que vejo meu irmão e meu filho.

CAPÍTULO 33

Morris

Eu esperava que algo acontecesse esta noite.

Foi por isso que mandei Toby e Harry para minha casa. Enquanto eles estiveram lá, ninguém vai poder tocá-los. Não contei para a Aisha que Harry também foi para lá. Acabei me esquecendo.

Aisha está com Robert e vai estar segura com ele.

O que eu não esperava era que Diana me enviasse uma mensagem dizendo que Aisha desapareceu do salão principal.

Encontrar Robert não é a parte difícil. Ele está conversando com dois magnatas dos negócios.

Idiota! Ele nem notou que Aisha não está do lado dele.

“Ela foi no banheiro,” diz Robert quando eu arrasto ele de lado. “Ela está bem.”

“Isso foi há vinte minutos, Robert,” rosno. “Você é um idiota? Você veio mesmo aqui para trabalhar? Eu te disse que você tinha de ficar colado do lado dela! E se algo acontecer com ela?!”

A culpa em seus olhos não me ajuda.

É o telefonema de Maria que me fez pegar o telefone. “Maria, estou um pouco ocu—”

“Recebi uma ligação do Harry dizendo que a Sila deu alguma coisa para o Toby e que ele estava agindo como se estivesse drogado. Ele me disse para ir no apartamento, mas não está atendendo ao telefone. Ele já devia estar aqui.”

O medo me invade. “O quê?”

“Ele—”

O som das explosões é simultâneo e, assim que elas começam, sinto algo me atravessar várias vezes.

Três homens me cercam.

Fui esfaqueado.

No meio do caos, escorrego para o chão, com sangue na boca, mas toda a minha preocupação e medo são pela minha família.

“Morris!” Vejo Robert lutando contra a multidão para chegar até mim.

Eles me esfaquearam em todos os meus pontos vitais e eu tenho minutos, se não menos.

Robert me arrasta para o lado, pressionando as feridas. Duas outras pessoas o cercam.

Diana está dizendo alguma coisa para Finn e desaparece. Minha visão está embaçada e eu agarro o pulso de Finn: “T-Toby. N-na minha—”

Me engasgo com mais sangue, sem conseguir falar.

“Onde está o maldito curandeiro?!” exige Robert.

“Aqui!” Diana volta correndo com um manobrista.

Tem fogo e caos por toda parte. As pessoas estão gritando. Só consigo pensar no meu filho.

O manobrista coloca as mãos em mim e Robert olha para Finn: “vou atrás da Aisha.”

“Ela saiu,” diz o manobrista, com a expressão tensa, “com um homem de aparência jovem. Eles foram seguidos por Chris Wolfguard, Charles Montgomery e um outro homem.”

“Eles estão atrás dela?!” pergunta Robert, horrorizado.

“Pelo que sei, o homem que estava com eles conhecia o homem que foi com a Aisha. Eu vi eles conversando antes.”

“A Aisha pediu um convite para mim,” diz Robert, irritado. “Ela disse alguma coisa sobre convidar um amigo da faculdade.”

“Clyde,” eu ofego. “Maldito vampiro.”

Robert pega o celular: “tem um rastreador no telefone dela. Vou ver onde ela está.”

Posso sentir a energia de cura começar a funcionar quando Diana fala, tirando o próprio celular do bolso. “Foi esse homem que saiu com a

Aisha?”

Ela mostra uma foto de Clyde para o manobrista.

“Sim, e esse aí ao lado dele foi quem seguiu os dois em um dos carros,” o manobrista concorda com a cabeça.

“Era isso que eu temia,” murmura Diana.

“Clyde Sanguinite,” a voz dela é dura. “O filho mais velho de Beruth Sanguinite, o líder do Clã Nelo. É ele que estamos investigando como o cérebro por trás do cartel de drogas.”

“T-tem certeza?” É mais fácil falar agora.

Diana concorda com a cabeça.

“Ela está indo para casa da sua família, Morris,” diz Robert com firmeza. “Acho que eles a levaram.”

Desgraçados!

“Vamos,” rosno, tentando me levantar.

“Você ainda não está completamente curado!” o manobrista grita alarmado.

“Tenho risco de vida?” eu pergunto.

“Não, mas—”

“Então vamos!”

Ninguém discute.

*** **

A casa da minha família está iluminada, quase como estivessem me esperando.

“Diana, você e o manobrista fiquem aqui,” eu digo. “Fiquem fora de vista. Se virem alguém escapando, capturem ou matem se for preciso.”

Ela concorda com a cabeça.

Finn, Robert e eu entramos.

Eles sabiam que estávamos chegando, pois meu pai me cumprimenta na porta da frente e Charles Montgomery está a poucos metros dele.

Os dois estão sorrindo. “Você está vivo. Que decepção.”

Agarro meu pai pela frente da camisa: “onde diabos estão meu filho e minha companheira?”

Ele não faz cerimônia: “seguros. Onde você nunca mais os verá. Mas pode ver sua mãe, criatura inútil que ela é.”

Meus olhos se desviam para o lado e vejo uma figura desabada no chão, com sangue ao redor.

“Ellie perdeu a paciência,” meu pai sorri. “Você sabe como ela é—”

Enfio minha mão em seu peito, com as garras para fora, e arranco seu coração.

Charles fica pálido quando deixo o corpo morto do meu pai cair no chão. “Você ficou louco?! Que diabos você fez?!”

“Você é o próximo,” digo calmamente. “Vou te perguntar de novo. Onde estão minha mulher e meu filho?”

Eu avanço para ele e ele se afasta, subitamente cauteloso. “Se você me matar, minha alcateia não vai te deixar viver.”

“A alcateia não vai se importar,” Robert rosna. “Você sequestrou o filho de um Alfa. Meu sobrinho.”

Eles não esperavam que adotássemos uma abordagem tão direta.

“Ora, ora,” passos descem a escada e eu olho para cima para ver Clyde caminhando em nossa direção, se divertindo. “Você matou o Chris. Isso sim é um problema. Mas não importa. Você será um bom substituto para ele.”

“Onde estão a Aisha e o Toby?” eu pergunto.

“Aqui,” Clyde sorri para mim, “mas receio que você não pode vê-los. Como Chris está morto, vou criar seu filhote. É melhor que ele se afeioe a mim para que possa ser útil. O Clã Nelo pretende dominar o Oregon, mas vocês, metamorfos, têm sido muito teimosos. Vocês e seus territórios. Não cederam nem um centímetro. Todos arrogantes e cheios de si. Estão vendo como se tornam fracos e patéticos quando são tratados como animais?”

Seus olhos se voltam para onde minha mãe está largada no chão.

Quero correr para ela, mas, neste momento, um movimento pode me

custar tudo.

“Você confiou demais em Sila. Sua mãe foi nossa primeira cobaia, sabia? Seu pai quem ofereceu. Nós testamos todos os tipos de drogas nela, e Sila as administrou. A pobre mulher está meio louca agora, ou está morta. Ela parece morta. A amante do seu pai é muito sensível.”

Com a presença de Clyde, Charles parece ter recuperado parte de sua confiança: “o Clã Nelo—”

Dessa vez, é Robert quem se move. Mas, em vez de matá-lo, ele agarra o irmão pela boca e arranca sua língua.

Nunca vi Robert ser tão cruel antes.

“Somos três e você é um,” rosno. “Você não pode mesmo acreditar que tem uma chance.”

“Não, acho que você errou na contagem,” Clyde me olha. “Tem vinte de nós e três de você.”

Os vampiros saem das sombras.

“Você podia me dar ouvidos,” oferece Clyde. “Seu filho ainda é um bebê. Preciso de você como Alfa por mais alguns anos. Eu até posso deixar você ver a Aisha de vez em quando. Se fizer o que dissermos, não precisarei machucá-la.”

“Você é um idiota se acha que algum dia vou te escutar,” rosno.

“Talvez,” diz Clyde com uma risada. “Ou você pode aprender do jeito mais difícil.”

O sorriso dele some: “agora.”

Charles se contorce no chão enquanto os vampiros nos cercam.

Mas antes que qualquer coisa possa acontecer, um tiro é disparado na casa, a poucos metros de Clyde.

Os olhos dele estão bem abertos, com uma expressão de surpresa. O grande buraco aberto em seu peito surpreende a todos nós. Ele cai no chão e vejo Aisha de pé na escada, com uma longa arma preta nas mãos.

Os braços dela estão cobertos de sangue, com um olhar selvagem.

“Ele nunca cala a boca,” ela murmura.

Fico olhando para ela em choque por um breve segundo. De onde ela tirou uma bala de prata?

Robert corre para ela, e eu quero fazer o mesmo, mas minha mãe não está se movendo no chão. Corro para ela e, quando a viro, tenho vontade de fechar os olhos. Ellie, aquela vadia—

“Ela tem um pulso,” eu respiro.

“Vou ligar para a Diana,” diz Finn.

Aisha desce as escadas cambaleando: “sua irmã, ela me ajudou— me deu a arma. Ela fugiu. E James também.”

Não me importo. Nesse momento, não me importo com nada.

Ela cai nos meus braços, e eu a pego: “Toby?”

“Ele está aqui,” a voz de Harry vinda da entrada me fez olhar para trás.

Diana está do lado deles. O manobrista para ao lado da minha mãe e, enquanto ele começa a curá-la, eu pego meu filho de Harry enquanto Robert tira o paletó para cobri-lo.

“Devemos ir atrás deles?” Diana pergunta, referindo-se a Lucy e James.

Concordo com a cabeça, incapaz de falar.

Com meus braços em volta de Aisha e do meu filho, sinto meu próprio corpo ceder às minhas feridas, que ainda não cicatrizaram completamente.

Desde que eles estejam bem e seguros, nada mais importa.

Eu caio no chão.

*** **

Três Semanas Depois

As drogas administradas na minha mãe alteraram permanentemente seu cérebro. Ela desenvolveu uma personalidade doce e infantil, mas me reconhece e passou a reconhecer Aisha, Harry e Toby. Maria tem esperança de que sua condição melhore com o tempo, mas mesmo esse já é um bom resultado.

Pelo menos ela está livre da tortura constante.

Com Clyde morto, expulsar o clã Nelo de Portland não foi difícil, especialmente quando as outras famílias Alfa foram informadas dos planos do clã de vampiros. Todos aqueles que tinham negócios com eles cortaram seus laços e o clã não teve outra escolha a não ser ir embora.

Beruth, o pai de Clyde, aceitou a derrota com mais elegância do que eu esperava. Ele também não iniciou uma guerra por causa da morte de seu filho, considerando o que seu clã fez com a cidade. Consegui localizar Lucy e James, mas, para minha surpresa, Lucy não parece muito triste com a morte da mãe ou do meu pai.

“Era sufocante viver com eles. James e eu queremos nos afastar dessa alcateia. Eu só queria ser uma fêmea alfa porque era isso que minha mãe queria. Mas não quero mais. Só quero esquecer essa parte de minha vida.”

Ela comprou as balas de prata assim que soube que meu pai estava trabalhando com os sanguessugas. Ela disse que era para sua própria segurança, mas quando abriu a porta para Aisha, lhe entregou a arma sem pensar duas vezes.

Lucy e eu crescemos juntos, mas nunca a considerei minha irmã. Estávamos sempre brigando um com o outro. Mas ela nunca tentou me machucar deliberadamente. Na verdade, foi ela quem acabou ajudando Aisha a fugir. E, para ser justo, ela era tão vítima naquela casa quanto eu.

Como Robert agora é o Alfa de sua própria alcateia, toda a família dele foi exilada, inclusive Eve, que agora está na prisão. Aisha se tornou parte oficial da alcateia de Robert como sua irmã por juramento.

Infelizmente, embora isso seja uma coisa boa, meu amigo agora virou um pé no saco.

“Então, quando você pretende se casar com ela?” Robert exige, com os braços cruzados sobre o peito.

“Quando ela disser que sim,” eu faço uma careta, irritado. “Agora, você pode sair do meu caminho para eu poder ver a Aisha?!”

“A porta fica aberta,” Robert está gostando um pouco demais de sua nova autoridade. “Nada de gracinhas.”

“Nós já temos um filho, seu idiota,” rosno. “Agora saia do caminho antes que eu te jogue escada abaixo. E se você quer se preocupar com

gracinhas, como você chama, vá ver os dois adolescentes dando uns amassos no jardim lá embaixo.”

Os olhos de Robert se arregalam e ele desce as escadas correndo para garantir que Harry não se deixe levar pelos hormônios. Desde que ele e Maria começaram a namorar, eles têm agido como típicos adolescentes apaixonados. Não podem ficar sozinhos por muito tempo.

Vou para o quarto de Aisha.

Ela abre a porta antes que eu possa bater. “Robert, hein?”

“Ele está gostando demais disso.” Acaricio suas bochechas e a beijo.

Seu suspiro suave me faz querer arrastá-la para casa.

“Oi,” ela sorri para mim.

A suavidade em seus olhos faz meu pênis endurecer.

“Nem pense nisso,” ela ri, mas posso sentir o cheiro de sua excitação. “Toby está tirando um cochilo.”

Olho por cima do ombro dela e vejo nosso filho esparramado na cama, com as mãos e os pés estendidos, a camiseta puxada para cima e a barriguinha exposta.

“Ele estava esperando por você, mas acabou capotando. Por que você não vem na varanda? Podemos conversar melhor lá?”

Deixo ela me puxar para a varanda e fico imaginando quando comecei a deixar Aisha me puxar. Gosto quando ela me diz o que fazer, me dá ordens como se fosse um direito seu. Isso me agrada.

“Na verdade, eu vim aqui para te dar isso.” Entrego uma chave de hotel para ela.

Ela pisca os olhos. “O que eu vou fazer com isso?”

“Quero te levar para um encontro, um encontro de verdade.” Eu puxo ela para mim, tomando-a nos meus braços. “E então quero preparar o palco e pedir para você se casar comigo. E depois quero te levar para minha casa e te dar minha marca de acasalamento.”

“Uma proposta não devia ser surpresa?” Os lábios de Aisha se contraem.

“Não,” sussurro, meus lábios roçando os dela. “Estou ficando

desesperado. Preciso de você na minha casa, Aisha. Preciso de você na minha cama. Preciso que seu cheiro cubra minha casa para que ela comece a parecer um lar. Preciso te marcar antes que eu enlouqueça.”

Suas bochechas se ruborizam com minhas palavras. “Foi você quem quis esperar até que tudo estivesse resolvido.”

“Não me importo.” Eu a beijo gentilmente, controlando meu lobo que quer mais do que só um gostinho. “Quero te fazer um pedido de casamento perfeito porque será seu primeiro e último pedido. Quero planejar o casamento dos seus sonhos. Quero que você tenha a lua de mel que sempre quis. Mas estou ficando impaciente. E você adora me provocar. Como você pode esperar que eu seja celibatário até nos casarmos?”

O sorriso dela é malicioso: “a espera vai valer a pena. Afinal, Robert vai ficar com Harry e Toby, e nós teremos a casa só para nós por uma semana.”

Só de pensar na Aisha nua na mesa da cozinha, na nossa casa vazia, em transar com ela em todas as superfícies disponíveis, me faz gemer.

“Você é uma mulher terrível. Terrível.”

Ela dá uma gargalhada e me beija novamente. “Você pode esperar, certo?”

“Por uma noite,” eu aviso. “Depois dessa noite, você é minha. Eu me caso com você no tabelião, se você quiser. E depois podemos planejar uma festa toda—”

“Você é mesmo um idiota,” Aisha ri. “Não preciso de um casamento enorme. Podemos ter um casamento civil e uma cerimônia de acasalamento. Então, vamos nos casar agora mesmo. Para o inferno com todo o resto.”

Olho para ela e meu coração se enche de amor. Tivemos nossos altos e baixos, mas ela ainda está aqui, firme. Parece que um capítulo sombrio finalmente se encerrou nas nossas vidas, e outro lindo capítulo está prestes a se abrir.

“Eu te amo,” murmuro, minha boca cobrindo a dela em um beijo profundo.

Nossas lutas estão longe de terminar, mas, de agora em diante, o que quer que enfrentemos, vamos enfrentar juntos.